

25

N1

2025

Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
UIDB/00311/2025



Governo da República
Portuguesa

Estatuto editorial / Editorial guidelines

A *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, fundada em 2001, tem periodicidade semestral (a partir de 2022) e publica artigos de investigação na área da História, sujeitos a avaliação prévia por especialistas externos. Inclui uma secção de artigos originais e outra de resenhas críticas de livros. Aceita artigos submetidos por qualquer investigadora/or e propostas de cadernos temáticos, as quais serão sempre apreciadas pelo Conselho Editorial.

A *Revista de História da Sociedade e da Cultura* visa estimular o diálogo científico entre a comunidade historiográfica internacional. A Revista está referenciada e indexada nos seguintes catálogos internacionais: Web of Science, Scopus, Dialnet, DOAJ (Directory of Open Access Journals), ERIHPlus (European Reference Index for the Humanities and Social Sciences) e Latindex (México).

The *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, founded in 2001, publishes two issues per year since 2022, including research articles in the area of History, subject to prior evaluation by external experts. It also has a section for book reviews. It accepts articles submitted by any researcher and proposals for thematic issues, which will always be assessed by the Editorial Board.

The *Revista de História da Sociedade e da Cultura* aims to stimulate the scientific debate among the international historiographic community.

The Journal is indexed in the following international catalogues: Web of Science, Scopus, Dialnet, DOAJ (Directory of Open Access Journals), ERIHPlus (European Reference Index for the Humanities and Social Sciences) and Latindex (Mexico).

Diretor / Director

José Pedro Paiva / Universidade de Coimbra - CHSC / coordchsc@fl.uc.pt

Editor / Editor Chief

Jaime Ricardo Gouveia / Universidade de Coimbra - CHSC / jaimedgouveia@uc.pt

Assistente Editorial / Editor Assistant

Carla Rosa / gapci@fl.uc.pt

Conselho Editorial / Editorial Board

Antoine Destemberg, Université D' Artois, Arras, França; Bernardo Vasconcelos e Sousa, Instituto de Estudos Medievais - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal; Eric Morier-Genoud, Universidade de Belfast, Irlanda; Gabriel Rocha, Brown University, Providence, EUA; Giulia Albanese, Universidade de Padova, Itália; Inês Amorim, Universidade do Porto, Portugal; John-Paul Ghobrial, Oxford University, Inglaterra; José Eloy Hortal Muñoz, Universidade Rei Juan Carlos, Madrid, Espanha; José Luís Cardoso, Instituto de Ciências Sociais (ICS), Universidade de Lisboa, Portugal; Luís Nuno Rodrigues, Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte), Portugal; Maria Filomena Coelho, Universidade de Brasília, Brasil; Maria João Vaz, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte), Portugal; Martial Staub, University of Sheffield, Inglaterra; Miki Sugiura, Hosei University, Tokyo, Japão; Serena Ferente, Universidade de Amsterdão; Silvia Liebel, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; Vincenz Lavenia, Universidade de Bolonha, Itália; Violet Soen, Universidade de Lovaina, Bélgica.

Propriedade / Ownership

Centro de História da Sociedade e da Cultura / <https://chsc.uc.pt/>

Endereços / Address

Arquivo da Universidade de Coimbra, Rua São Pedro, nº 2, 3000-370 Coimbra, Portugal

Normas para a submissão de artigos: <https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/about/submissions> • **Telefone/Phone:** (351) 239859900

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra – IUC

Design e paginação: Fig - Indústrias Gráficas, S.A.

Depósito legal: 168142/01 • ISSN 1645-2259

Direitos de autor / Copyright ©

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

https://doi.org/10.14195/1645-2259_25-1

25

N1

2 0 2 5

Revista de História da Sociedade e da Cultura

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Índice

Caderno Temático / Special Issue

Introduction

The Uses of the Middle Ages in the Construction of European Regional and National Identities (Nineteenth and Twentieth Centuries) 11

PEDRO ALEXANDRE GUERREIRO MARTINS AND MARIA AMÉLIA CAMPOS

Alexandre Herculano's "A abóbada (1401)": a parodied forgery and coarse replicas of a patriotic narrative about Batalha 17

PEDRO REDOL

Costume studies as a method of approaching the Middle Ages: the case of Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) and his *Estudios de Indumentaria Española* 41

ESTEFANÍA PIÑOL ÁLVAREZ

A Road to The North: Italy, the Lombards and the Barbarians Between National Historiography, Archaeology and Policy..... 67

FRANCESCO BORRI AND ANNAMARIA PAZIENZA

Sicilian Mediaevalism: The Refashioning of the Sicilian Vespers during the Risorgimento and the Modern and Contemporary Age..... 93

NICOLÒ MAGGIO

Approaches to Byzantine Heritage of Istanbul in Early Republican Turkish Newspapers 117

BILGE AR AND SABAHAH NAĞME BAŞARAN

Conclusion:

Medievalism and the South: Reflections to Conclude a Thematic Issue and Continue Research 139

TOMMASO DI CARPEGNA FALCONIERI

Artigos

“Making treasure in heaven”: family chapels as a manifestation of the social power of urban elites (Portugal, 14th-17th centuries) 159

ANA RITA ROCHA

A prevenção da varíola em Portugal nos meados do século XIX (1834-1851) 183

JOAQUIM MELON SIMÕES

As associações de defesa do património nas políticas de salvaguarda do património cultural em Portugal entre 1974 e 1985 207

SOFIA COSTA MACEDO

Escola Camões, Entroncamento: um palimpsesto de arqueologia, arquitetura e memórias 227

LEONOR MEDEIROS

Entrevista

Colonial intelligence and diplomatic relations between empires, or how to survive in a vast Indo-Persian world. Interview with Jorge Flores 257

JAIME RICARDO GOUVEIA

Recensões Críticas

TODESCHINI, Giacomo (2017). *Les Marchands et le Templo: La société chrétienne et le cercle vertueux de la richesse du Moyen Âge à l'Époque moderne*. Paris: Albin Michel, 466 pp. 269

GABRIEL MARTINEZ BONORA

DAVIES, Owen (ed.) (2023). *The Oxford History of Witchcraft and Magic*. Oxford: Oxford University Press, 325 pp. 275

JOSÉ VIEIRA LEITÃO

SKINNER, Quentin (2023). *As fundações do pensamento político moderno (vol. 2) - A era da Reforma* (trad. Judite Jóia). Coimbra: Edições 70, 428 pp. 281

TIAGO MOURA GONÇALVES

- OKA, Mihoko (ed.) (2022). *War and Trade in Maritime East Asia*. Singapura: Palgrave, 282 pp.285
CARLOS EDUARDO DA MOTA
- BLANCHARD, Jean-Vincent (2023). *Eminência. Richelieu e a ascensão de França*. Porto Salvo: Edições Saída de Emergência, 366 pp.289
ROSA MARIA SÁNCHEZ SÁNCHEZ
- SCHULTZ, Kirsten (2023). *From Conquest to Colony: Empire, Wealth & Difference in Eighteenth-century Brazil*. New Haven: Yale University Press. 355 pp.293
PEDRO TEIXEIRA
- BETHENCOURT, Francisco (2024). *Estranhos na sua terra. Ascensão e queda da elite mercantil cristã-nova (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Temas e Debates, 671 pp. 299
JOSÉ PEDRO PAIVA
- DOLADER, Miguel Ángel Motis (2024). *Procesos Inquisitoriales de Judeoconversas en Aragón (1484-1492)*. Madrid: Editorial Dykinson, 437 pp.311
V. ALEJANDRO MORALES
- CAHEN, Michel; SILVA, Cristina Nogueira da; e XAVIER, Ângela Barreto (eds.) (2024). *Slave Subjectivities in the Iberian Worlds (16th-20th centuries)*. Leiden, Boston: Brill, 322 pp.315
JÚLIA RESENDE DE PAOLI
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues (2024). *Portugal - Uma História no Feminino*. Lisboa: Casa das Letras, 648 pp.319
CÁTIA TEIXEIRA
- LÁZARO, João (2024). *Na Teia da Aranha. Debate público, mobilização e internacionalismo no movimento operário português (1865-1877)*. Porto: Edições Afrontamento, 329 pp.323
JOSÉ EDUARDO GAMA
- ELTIS, David (2025). *Atlantic Cataclysm. Rethinking the Atlantic Slave Trades*. Atlanta: Emory University, 442 pp.329
LIPTON MATTHEWS

**CADERNO
TEMÁTICO**

Introduction

The Uses of the Middle Ages in the Construction of European Regional and National Identities (Nineteenth and Twentieth Centuries)

What role did the medieval past play in the shaping of European regional and national identities? To what extent did literary and historiographical narratives about the Middle Ages produced in the modern and contemporary periods contribute to these processes? How did such phenomena take place in national contexts identified with regions such as the Mediterranean and the Balkans? These are some of the questions at the basis of this thematic issue, which we intend to answer by the (separated or interconnected) reading of these five papers.

Studies about the narratives, representations, and uses of the Middle Ages – what is sometimes defined as “medievalism” (or, as some authors prefer to call, “neomedievalism”) – emerged in the 1970s as essentially an English and German-speaking dominion. The somehow limited scope of their origins is largely explained by the well-established tradition of Romanticism studies in these countries and the inherent connection between the Romantic movement and the almost contemporary often-called “medieval revival” in arts and literature (MATTHEWS 2015: 6-8). This limitation has led to an excessive focus on depictions of the “Middle Ages” centred on Northwestern Europe and the United States, leaving other areas of the globe as peripheral to such analysis (ALTSCHUL 2023: 2). Nonetheless, this field of studies managed to expand to other geographical areas, with a special focus on the European continent, including the Mediterranean. Benefitting from some of the historical liaisons of some of these countries with the Anglosphere and access to European Union research funds, (neo)medievalisms in Portugal, Spain and Italy became the subject of an extensive number of studies, many of them published in English (MATTOSO 2011; CARPEGNA FALCONIERI 2013; CATTINI and CAO 2015; HERTEL 2015; MIGUÉLEZ CAVERO 2016; CIVANTOS 2017; ARMANDO 2017; MORENO MARTÍN 2017; LONGO 2017; D’AMICO 2017; GARCÍA-SANJUÁN 2018 and 2020; MARTINS 2020 and 2022; MIGUÉLEZ

CAVERO and MARTINS 2023). Extra-EU national contexts such as Turkey (NIEHOFF-PANAGIOTIDIS 2011; ERSOY 2013) are, however, still far from a similar trend, to which the editors of this thematic issue hope to contribute.

Still, as stated by Tommaso di Carpegna Falconieri at the conclusions to this issue, the hermeneutic tools of “*histoire croisée*” or “*entangled history*” have helped to build a comprehensive and joint view of the (neo)medievalist productions in these national settings and examine their relationship with other contexts where (neo)medievalism assumed a primordial importance in the construction of local, regional, and national identities. Like what happened in more studied European national contexts, in countries like Portugal, Spain, Italy, or Turkey, the Middle Ages also represented a significant source of artistic and literary inspiration, political legitimization and regional and nation-building processes, whose consequences persist until present times.

Two factors emphasize the need to examine these processes in these national contexts. The first is the necessity to overcome stereotyped views of the medieval period centred on Northwestern and Central Europe. In fact, the very way the concept of the “Middle Ages” was constructed against the idea of “Antiquity” led to a common identification of the medieval period with Northern civilizations, while the Mediterranean was frequently associated with the classical ones (CARPEGNA FALCONIERI 2020: 4). However, the prominent role of the Mediterranean, in terms of historical development, until the sixteenth century calls for a different outlook on such stereotypes (CATLOS 2017: 12-13). The second factor is the persistence and somehow recent resurgence of what Tommaso di Carpegna Falconieri calls “*identitarian medievalism*” in countries like Spain and Italy. Although geographically separated, these spaces have in common a rethinking of their own history in which the Middle Ages are evoked to justify distinctive historical states and national identities (CARPEGNA FALCONIERI 2020: 176-177, 190-191 and 221). Thus, the editors of this issue hope to contribute to a greater knowledge of the ways medieval peoples, political entities, institutions, documents, monuments, and artworks were used in these countries to construct and validate allegedly unique regional or national identities, in their separate and comparative perspectives.

The order of texts will follow each of these national contexts in a traditional West-East direction. Thus, the first article, by Pedro Redol, focuses on the Portuguese case. Examining a short story by the Romantic historian and writer Alexandre Herculano (1810-1877), Redol dwells into the origins of several narratives about the construction of the chapter hall of the Batalha Monastery, one of the most significant medieval buildings and probably the most important Gothic structure in Portugal. By explaining how these legendary and fictional

accounts influenced modern and contemporary historiographical assumptions about this medieval church, the text provides an important example of the ways early modern narratives about medieval architectural heritage were assimilated by Romantic nationalism, simultaneously contributing to the consolidation and dissemination of a Portuguese national identity.

The second article, by Estefanía Piñol Álvarez's, examines the Spanish and specifically Catalan case. Through an examination of the work of the art historian Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) on late medieval Catalan costumes, traditions, and art – namely the impressive collection of forty-six plates with heliographic reproductions of his drawings – Piñol Álvarez characterizes the art historian's personal motivations and problematizes the links between industrialization, national identity, and nineteenth-century Catalan (neo) medievalism. This text is especially important in a moment when the problem of Catalanism is again achieving a prominent role in Spanish politics.

Francesco Borri and Annamaria Pazienza's text focuses on the Italian case. By examining the historiographical construction and political uses of the Lombards in this national context, the authors reflect upon the important role of the medieval past not only in the Italian nation-building process but also in the shaping of this country's regional and local identities, especially in its northern parts. The text also provides significant insights into the responsibility of historians and archaeologists in the political appropriation of the Middle Ages, a process from which no ideology was exempted since the nineteenth century. Finally, it gives us a glimpse how these historiographical misassumptions contributed to the rise of modern political populisms, a process in which Italy has assumed a significant role.

The following text, written by Nicolò Maggio, takes us to the centre of the Mediterranean with a study of the development of political medievalism in Sicily during the nineteenth century. The author shows us how the medieval past was invoked during this period, on the one hand by the absolutist monarchs of the Bourbon family and, on the other hand, by the romantic intellectuals of the Risorgimento, who sought the recognition and independence of the Italian nation. After a global framing of this process, the author problematises the ways in which the revolt of the Sicilian Vespers of 1282 was studied, interpreted and invoked in that period as a symbol of the autonomy of Italy from the Bourbon and Austrian monarchs. As a historical event that marked the victory of the people of Palermo over one of the main political forces in Western Europe at the time, the Sicilian Vespers, frequently invoked by Italian historiography since the sixteenth century, later served as inspiration for the construction of an Italian and Sicilian national identity.

The final article, by Sabahat Nağme Başaran and Bilge Ar, takes us to the early decades of the Republic of Turkey. It is a study of how journalists in this country understood Hagia Sophia and Byzantine heritage in Istanbul during the 1930s and 1940s. The authors not only demonstrate the significant role of print media in the divulgation of medieval heritage, but also the challenges and problems of using this heritage to build a Turkish national identity. A significant subject that emerges in the text is the constant tension between a religiously motivated and a secular interpretation of medieval art, which in the case of the Republic of Turkey represented a serious matter of political and ideological disputes. The chapter also demonstrates the role of the state and print media in the resignification of medieval buildings, notably Hagia Sophia – which, by Recep Erdoğan's order, was again converted into a mosque in 2020.

A concluding text by Tommaso di Carpegna Falconieri that reflects upon the recent development and challenges faced by studies on (neo)medievalism in these national contexts wraps up the dossier. Although dealing with geographically and chronologically separated case-studies, this thematic issue will hopefully help to deconstruct persistent ideas about the Middle Ages in fields such as politics, teaching, heritage, and the tourism industry. This goal is especially relevant in a moment when the medieval period again serves as a tool of political legitimization for wars of aggression, xenophobic proposals, and nationalist solutions. In this context, one of the purposes of this dossier is to contribute with scientific knowledge to social and political debate that can help to solve some of these issues.

Bibliography

- ALTSCHUL, Nadia R. (2023). "Postcolonizing Neomedievalism: An Introduction", in Nadia R. Altschul and Maria Ruhlmann (eds.), *Iberoamerican Medievalisms. "The Middle Ages" and its Uses in Latin America*. Leeds: Arc Humanities Press, 1-18.
- ARMANDO, Silvia (2017). "The Role and Perception of Islamic Art and History in the Construction of a Shared Identity in Sicily (ca. 1780-1900)". *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 5-40.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2013). "'Medieval' identities in Italy: national, regional, local", in Patrick Geary and Gábor Klaniczay (eds.), *Manufacturing Middle Ages. Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*. Leiden and Boston: Brill, 319-345.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2020). *The Militant Middle Ages*.

- Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders*. Amsterdam: Brill.
- CATLOS, Brian A. (2017). "Why the Mediterranean?", in Brian A. Catlos and Sharon Kinoshita (eds.), *Can We Talk Mediterranean?*. Cham: Palgrave Macmillan, 1-17.
- CATTINI, Giovanni C.; CAO, David (2015). "Uses of the Medieval Past in the Political Culture of 19th Century Catalonia", in Flocel Sabaté and Luís Adão da Fonseca (eds.), *Catalonia and Portugal: The Iberian Peninsula from the Periphery*. Bern: Peter Lang, 445-470.
- CIVANTOS, Christina (2017). *The Afterlife of Al-Andalus. Muslim Iberia in Contemporary Arab and Hispanic Narratives*. Albany, NY: State University of New York Press.
- D'AMICO, Erica (2017). "Approaches and Perspectives on the Origins of Venice". *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 209-230.
- ERSOY, Ahmet (2013). "Ottoman Gothic: Evocations of the Medieval Past in Late Ottoman Architecture", in Patrick Geary and Gábor Klaniczay (eds.), *Manufacturing Middle Ages. Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*. Leiden and Boston: Brill, 217-238.
- GARCÍA-SANJUÁN, Alejandro (2018). "Rejecting al-Andalus, exalting the Reconquista: historical memory in contemporary Spain". *Journal of Medieval Iberian Studies*, 10, 1, 127-145.
- GARCÍA-SANJUÁN, Alejandro (2020). "Weaponizing Historical Knowledge: The Notion of Reconquista in Spanish Nationalism". *Imago temporis: medium Aevum*, 14, 133-162.
- HERTEL, Patricia (2015). *The Crescent Remembered: Islam and Nationalism on the Iberian Peninsula*. Eastbourne: Sussex Academic Press, 2015.
- LONGO, Ruggero (2017). "Idealizing the Medieval Mediterranean? Creation, Recreation, and Representation of Siculo-Norman Architecture". *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 135-170.
- MARTINS, Pedro (2020). "History, Nation, and Modernity: The Idea of 'Decadência' in Portuguese Medievalist Discourses (1842-1940)". *Journal of the History of Ideas*, 81, 3, 451-471.
- MARTINS, Pedro (2022). "Heroes and Martyrs?": National Memories and Foreign Crusaders in Portuguese Commemorations of the Eighth Centenary of the Conquest of Lisbon (1947)", in Mike Horswell (ed.), *Nationalising the Crusades. Engaging the Crusades, Volume Eight*. London and New York: Routledge, 21-44.
- MATTHEWS, David (2015). *Medievalism: A Critical History*. Cambridge: D. S. Brewer.

- MATTOSO, José (dir.) (2011). *The Historiography of Medieval Portugal c.1950-2010*, edited by Maria Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa and Maria João Branco. Lisbon, Instituto de Estudos Medievais.
- MIGUÉLEZ CAVERO, Alicia (2016). “Riding Across Time and Space: A Case Study of the Political Uses of Medieval Images in Portugal during the Estado Novo”. *Visual Resources*, 32, 1-2, 124-144.
- MIGUÉLEZ CAVERO, Alicia; MARTINS, Pedro (2023). “The Uses of the Medieval Past in Contemporary European Political Discourse: Some Reflections Arising from the Portuguese Case”. *e-Journal of Portuguese History*, 21, 1, 73-102.
- MORENO MARTÍN, Francisco J. (2017). “Visigoths, Crowns, Crosses, and the Construction of Spain”. *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 41-64.
- NIEHOFF-PANAGIOTIDIS, Johannes (2011). “To Whom Does Byzantium Belong? Greeks, Turks and the Present of the Medieval Balkans”, in Robert J. W. Evans and Guy P. Marchal (eds.), *The Uses of the Middle Ages in Modern European States. History, Nationhood and the Search for Origins*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 139-151.

PEDRO ALEXANDRE GUERREIRO MARTINS

NOVA School of Social Sciences and Humanities, Institute of Contemporary History | IN2PAST – Associate
Laboratory for Research and Innovation in Heritage, Arts, Sustainability and Territory
pedromartins@fcsh.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0001-9866-5841>

MARIA AMÉLIA CAMPOS

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras | FCT,
DL57/2016/CP1370/CT0068
melicampos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3131-7356>



Alexandre Herculano's "A abóbada (1401)": a parodied forgery and coarse replicas of a patriotic narrative about Batalha

PEDRO REDOL

Museus e Monumentos de Portugal, Mosteiro de Santa Maria da Vitória | Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Departamento de Conservação e Restauro

pedro.redol@museusemonumentos.pt

<http://orcid.org/0000-0002-1048-8092>

Texto recebido em / Text submitted on: 13/08/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 30/01/2025



Resumo. O presente artigo debruça-se sobre o conto “A abóbada (1401)”, de Alexandre Herculano, com o objetivo de analisar a origem e o desenvolvimento de uma narrativa que estabeleceu debates nacionais e internacionais em torno da historiografia da arquitetura gótica portuguesa. Começa-se por escrutinar as origens e o desenvolvimento da lenda da abóbada da sala do capítulo da Batalha, ao mesmo tempo que se discute a emergência da moderna historiografia relacionada com o mosteiro. Segue-se a análise crítica do conto de Herculano. A terceira parte avalia o impacto provocado pelos pressupostos que a narrativa de Herculano teve, até recentemente, no discurso historiográfico dedicado ao mosteiro da Batalha, alternando entre as ideias de origem “nacional” e “internacional” da sua arquitetura. Por fim, o artigo discute teorias recentes que permitem ultrapassar esta dicotomia, abrindo uma nova época à história da arquitetura gótica tardia, centrada no emprego dos conceitos de intercâmbio e transnacionalidade artística.

Palavras-chave. Nacionalismo, Intercâmbio artístico, Transnacionalidade.

Abstract. This article focuses on the short story “A abóbada (1401)” (‘The vault [1401]’) by the Portuguese author Alexandre Herculano with a view to analyse the origin and development of a narrative that established national and international debates on the historiography of the Gothic architecture in Portugal. The article starts by examining the origins and development of the legend of the vault in Batalha’s chapter house, simultaneously with a discussion of the emergence of the monastery’s modern historiography. This is followed by a critical analysis of Herculano’s short story. Part three assesses the impact that, until recently, the tenets generated by Herculano’s narrative have had on the historiographical discourse centred on Batalha’s monastery, which alternated between ideas of a “national” and a “foreign” origin of its architecture. Finally, the article discusses recent theories that allow to overcome this dichotomy, opening a new era to Late Gothic architectural history that centers in the use of the concept of artistic interchange and transnationality.

Keywords. Nationalism, Artistic interchange, Transnationality.

Introduction

Alexandre Herculano (1810-1877), a Portuguese novelist, essayist and historian, is one of the main representatives of Portuguese Romanticism and a firm defender of the establishment of Liberalism in Portugal. The short story “A abóbada” (The vault) was first published in the magazine *O Panorama*, in 1839. Herculano’s text reclaims an old account which narrates the collapse of the chapter house’s vault at the Batalha monastery (fig. 1) and the heroic reconstruction of this vault by the elderly Portuguese architect Afonso Domingues, who had been dismissed from the project to be replaced by Huguet, a foreign master builder from Ireland. The short story was reprinted four times in Herculano’s book *Lendas e Narrativas* (*Legends and Narratives*) during the author’s lifetime, and after his death it was reprinted copious times until the present. The popularity of the original short story and of the collection of which became part did not decline with time; rather it increased throughout the years. Despite its markedly nationalistic and xenophobic content, fascination for the short story was not lessened by the political changes occurred with the end of the Portuguese dictatorship and the beginning of a democratic regime in April 25, 1974, nor by the overture to Europe, as the country became part of the European Union in 1985. Today, “A abóbada” remains a reading option in the list of literary works available to 10th grade teachers and students for the Portuguese language subject. Additionally, the success of the story among wide audiences for over 150 years has led to several translations.



Fig. 1. Batalha monastery’s west façade. Photograph: Pedro Redol.

The choice of this short story as a case study among Herculano's writings stems from the fact that this narrative has played a central role not only in the origin of the modern historiography of Portuguese Gothic architecture, while it continued to be an obstacle, well into the twentieth century, to its full development. More popular and enduring forms of the short story "A abóbada" appeared in school books, theatre plays, and television series, having originated in the same context as the architectural historiography. However, these alternative forms are not the scope of this article, which will focus on the relationship between the short story and the development of academic historiography of Batalha.

Herculano's short story illustrates the pedagogical role expected from the use of History in romantic literature as a tool used for the construction of a new type of society, anchored on the values of patriotism, freedom, equality and citizenship. Concomitantly, it is also a reaction against the appropriation by British antiquarians, starting in the 1760s, of Batalha's monastery as a masterpiece of English Gothic architecture. This takes place in a wider context of contestation of British interference in Portuguese affairs, as a result of Portugal's political and economic dependence from Great Britain since the Napoleonic Wars (1807-1814). Batalha had been well-known throughout Europe in antiquarian and scholarly circles for its church and monastery had been selected as a case study for discussions of Gothic architecture's origins, which had led to the first systematic architectural survey of a Gothic building, published by the architect James Murphy in London, in 1795 (MURPHY 1795). Besides drawings, Murphy's book also included theoretical discussions about the origins of the Gothic style and it tried to prove that the monastery's design was the work of an English master builder, hired through the intercession of Philippa of Lancaster, King João I's wife. This interpretation was in direct conflict with the Portuguese pre-Romantic and Romantic nationalist narrative, which reclaimed Batalha as a paramount site in the affirmation, if not re-foundation, of the nation. In reality, the monastery was built to fulfill a pious vow made by King João I to the Virgin Mary on the eve of the Battle of Aljubarrota (1385), because from the success of this battle depended Portuguese political independence from Castile.

The short story "A abóbada" is a good example of a long-lasting tool of nationalist narrative which has influenced the overall understanding of architecture history, splitting it into two divergent categories of "national" and "international" origin until recently. The concept of nation adopted in this article to approach these opposing interpretations stems from Benedict Anderson's nation concept as "an imagined political community – and imagined as both inherently limited

and sovereign” (ANDERSON 1991: 6). These two characteristics generate the contrasting and competing ideas of artistic self-sufficiency, on one the hand, and the foreign art production, on the other hand. From the second quarter of the nineteenth century, Portugal experienced along with other western European nations the emancipation of history as an academic discipline from historical fiction, and concomitantly the emergence of the idea of art’s nationality (PORTER 1998; PASSINI 2012). Despite an ideological connection with the nationalist current in Portuguese Gothic architecture historiography, brought about by Herculano, which ceased in 1946 (see below), the dialectical opposition between ‘national’ and ‘international’ origin survived well into the twenty-first century. A theoretical *volte face* took place only in the 2010’s, when Jean-Marie Guillouët developed the concept of artistic interchange, applied to his research about the west portal of Batalha, as well as other work attributed to Huguet, such as the vaulting system of the chapter house. Guillouët’s hypothesis is an alternative to the concept of circulation of artists, works and models, adding to this the dialectical interaction with the means of hosting and reception, “a set of reflexive relations that must be analysed, as well as the product of their interactions” (GUILLOUËT 2009)¹. Guillouët uses this concept as a tool of micro-art history, indispensable to the understanding of artistic production in a medieval Europe rich in inter-regional relations, more intense since the last quarter of the fourteenth century. The idea of “national” origin as an antithesis to “international” is replaced by the concept of “transnational”, in agreement with contemporary views of European politics and identity as those of the nineteenth century national identity narratives were in agreement with the broad context in which they were developed.

The historiographical texts used in this study refer specifically to Batalha’s building phases that date between 1386 and 1480, and subsequent commissions by King Manuel I and King João III are thus omitted in this analysis. Furthermore, not all the authors that produced work about Batalha are analysed, as those considered here are not given the same emphasis. Two criteria were used to select and rank the authors mentioned in this article: first the relevance of the historians as representatives of the nationalistic narrative; and second, the impact that the results achieved by each researcher had in the updating of historiography. For example, and despite their importance, Augusto Fuschini, Karl Albrecht Haupt, Marcel Dieulafoy or Élie Lambert are not considered for this article.

¹ Preceding this idea, see RECHT 1998 and KURMANN 1998.

1. The legend of the vault and the historiography of Batalha before Herculano's short story

The legend of the vault existed prior to Herculano, who used an old-age narrative as the basis for his short story. The oldest record of a legend that describes the collapse of the monastery's chapter house vault during its construction appears in the section of the *História de S. Domingos* (*History of the Dominican Order*) written by Friar Luís de Sousa and first published in 1623. The chronicler writes:

It is said that at the time it was being built, the vault fell twice, with workers' loss of lives. But the King, wishing that the space of the room should not be marred by columns, promised the architect compensation if he prevailed in building it with no support other than that of the walls. Such a promise encouraged him to resume the work, claiming it would be more successful. But the King did not want to risk any more lives and sent from the prisons of the kingdom some men who were sentenced to great punishments to remove the timber trusses (SOUSA 1977: 648).

It is possible that Friar Luís de Sousa's report is based on reality. Indeed, the vault was closed considerably after the completion of the chapter house walls and façade facing the cloister's eastern gallery (fig. 2) (REDOL 2021: 237-254). Both walls and the façade belong to the monastery's first construction phase, which was completed under the direction of Afonso Domingues and no later than 1406 (GUILLOUËT 2011: 51-53). This earlier narrative of the vault's construction includes elements that will re-appear in later versions of the legend: the collapse that happened during the removal of the trusses; the royal decision to build a structure without intermediate supports together with the King's praise and promise of rewarding the architect, if he was successful; and finally, the use of prisoners condemned to long sentences for the removal of the trusses (REDOL 2021: 241-243).



Fig. 2. Batalha monastery's chapter hall. Photograph: Pedro Redol.

Friar Luís de Sousa's account became known to a wider audience in 1795, when the Irish architect James Murphy published his architectural survey, and which includes a translation of this account (MURPHY 1795: 45-46), repeated in a travel book by the same author published that year (MURPHY 1795a: 36-37). This legend of the vault survived in the memory of the monastic community until its extinction, as is documented by Julia Pardoe's 1827 account:

They have a singular tradition attached to this noble building [the chapter house]; twice it was built and roofed-in: and twice, when the scaffolding was removed, the walls gave way, and it became one heap of ruins – but the architect would not be thus foiled in this magnificent undertaking; a third time the walls were raised - the richly groined roof, rising spirally at its centre, once more united them; all the best energies of the spirit which had conceived, and the perseverance that had yet again produced, the work, had been exhausted in the undertaking; and Alphonse [sic] Domingues, after having surveyed, with mingled pride and dread, the lordly pile which he had reared, swore if a third time his skill had failed, he would not survive the disgrace, but would find a grave among its ruins. In vain was he dissuaded from what was universally considered an act of voluntary self-immolation;

he walked calmly to the centre of the hall - he issued his directions with an unflinching voice – portion by portion, he saw the mighty beams, which stood perhaps between him and a painful and revolting death, removed by his reluctant assistants – at length the last prop was drawn away – and many covered their eyes with their hands to shut out the miserable spectacle - but there was no necessity for the precaution – the architect stood unharmed and secure – his mighty work was above and around him – vast, magnificent and wonderful! A memorial to his undying genius! (PARDOE 1833: 262-264).

Julia Pardoe visited Batalha monastery, for the first time, in March 1827, returning several times that year while living in Leiria². The information she reported resulted from her personal observations, as well as elements provided by the monastery's friars themselves who hosted her during her visits. In the excerpt quoted above, Pardoe replaces the final episode of the prisoners with the architect's heroic act of staying under the vault during the removal of the trusses, and she identifies him. This reference to Afonso Domingues is significant and shows that the monastic community was aware of the developments of the building's historiography. In fact, the first research about the history of the monument's construction was published in 1827. The research was carried out in 1823 by Brother Francisco de S. Luís during his first period of seclusion at Batalha, where he had the opportunity to read innumerable documents housed at the monastery archive (S. LUÍS 1827: 9-10). These documents would later be transferred to Lisbon's Torre do Tombo, the Crown's archives, in the aftermath of the convent's extinction in 1834. As early as 1729, Brother Manuel dos Santos wrote in *Monarquia Lusitana* (*The Lusitanian Monarchy*): "the master of the work was called Afonso Domingues, a native of the parish of Madalena in Lisbon"³. While still quoting Brother Manuel dos Santos, Brother Francisco de S. Luís makes the first reference to one of the only two documentary records, dated December 27, 1402, which established without a doubt the existence of Afonso Domingues as being the monastery's master builder⁴. Brother Francisco de São Luís' rigour of investigation goes hand in hand with his concern to assert national values, which, in his opinion, were not safeguarded by Friar Luís de Sousa and others who had followed on his steps:

² On Julia Pardoe and the circumstances of her stay in Portugal and visits to Batalha, see ALVES 1989 and REDOL 2015.

³ Biblioteca Nacional de Portugal, Fundo Alcobacense (alc-302), fols. 1109-1110.

⁴ Published by VITERBO 1899, II: 288-289 and GOMES 2002: 57-58.

This silence, or carelessness of the chronicler, and the lightness and uncertainty with which some other writers spoke of the matter, together with the strange negligence of our natives about things of the motherland, and the latitude that the words of Friar Luís de Sousa seem to give rise to conjecture and discretion, has been the cause that the presumption and foreign pride have arrogated to themselves the glory of the first plan and craftsmanship of this superb building. In fact, no Portuguese credits the Nation, and there are many who, either by excessive fondness for foreign things, or for other even more reprehensible reasons, easily acquiesce to opinions ventured with little foundation and sustained with contempt of the Portuguese (S. LUÍS 1827: 9-10).

The writer's words are in direct response to the great interest that some English antiquarians had in Batalha during the second half of the eighteenth century. This led William Conyngham to commission the architect James Murphy to carry out an extensive graphic survey of the building and demonstrate the English identity of the monastery's first master builder⁵. Murphy would not succeed in his purpose, but that did not stop him from circulating his speculations on the subject:

According to the account of those who are supposed to have had their information from the records preserved in the Royal Archives of Lisbon, the name of the architect of the church was Stephen Stephenson, a native of England. But the Friars Cacegas and De Suisa [sic], who have written the History of Batalha with great accuracy, are silent on this head. They inform us, that the King, desirous of building a monastery superior to any in Europe, invited from distant countries the most celebrated architects that could be found. Now, as gothic architecture at that time flourished in England, it is not improbable that some of its artists might have embraced the invitation of so liberal a Prince, especially as his consort, Queen Philippa, a Princess endowed with many amiable qualities, was the eldest daughter of John of Gaunt, Duke of Lancaster, son of Edward the Third⁶ (MURPHY 1795a: 44).

It is possible that "those who are supposed to have had their information from the records preserved in the Royal Archives of Lisbon" refers specif-

⁵ On this topic, see, among others, FREW and WALLACE 1986.

⁶ From ORTIGÃO 1896: 27, one learns that in 1845, Alexandre Herculano and the Viscount of Juromenha, with the help of staff from the royal archive at Torre do Tombo searched in vain for the referred documents, in order to satisfy the curiosity of Count Raczynski, mentioned in section three of this article.

ically to those who provided information to the historian José Soares da Silva. Indeed, in one of his books, this author mentions that “the master of this [Batalha’s work] was an Irishman, who then lived in Viana de Caminha and was called David Aquete, as Antonio de Madoreira, a Dominican friar, had mentioned in one of his memoirs” (SILVA 1731: 535). Although Madoreira’s original source has not been identified, it is possible to deduce, as Brother Francisco de S. Luís did, that behind the name Aquete is the name of Huguet. Indeed in 15th century documentary sources, the name Huguet is spelled in different manners, including with and without the initial “H”, one variant being Abguete (GOMES 2002: 58). José Soares da Silva may have learned about Huguet through a Dominican scholar who had access, in the monastery’s archive, to documents that refer clearly and at length to the master builder of Batalha. Of especial relevance are the Royal charters – two granted by King Duarte and two by King Afonso V –, all part of the judicial process intended for withdrawing the benefits held by Huguet’s widow which once again would revert to the monastery. It is also possible that José Soares da Silva, like so many others (such as Murphy), could not resist seeking an explanation for the exceptional craftsmanship of the monastery in the arrival of a foreign artist, who might have come to Portugal as part of the Duke of Lancaster’s entourage, or that of his daughter Philippa, when she married King João I.

Prior to the British antiquarians’ interest in Batalha, a general acknowledgement of Afonso Domingues as the architect of Batalha can be traced to the work of Brother Manuel dos Santos and most likely to earlier documents even if they are not clearly identified. Yet, his account was not considered in critical analysis of the building itself until almost a century later, when Brother Francisco de S. Luís truly inaugurated the nationalistic current of the origins of the royal monastery’s architecture. His perspective was in reality intended to defy British pretensions to the authorship of the building’s plans, initiated by Thomas Pitt and further developed by James Murphy and William Beckford (REDOL 2016). Brother Francisco de S. Luís’ study overlaps with the beginning of Liberalism in Portugal, of which he was one of the main defenders – as later was Herculano –, and, as such, he was also a strong opponent to the long-lasting British intrusion in Portuguese political and economic affairs. His text is the first narrative of the history Batalha’s construction that used primary written sources, as well as defined a clear methodology for a critique of those sources, which continues today. However, contrary to the contemporary Gothicizing Romantic movement, the author states that:

It is not my intention to discuss the true character of the Gothic or of the Norman-Gothic architectures. Least of all it is not my intention to discuss the matter of the inferiority or preference of this architectonic style in relation to the Greek and Roman styles. I lack knowledge on the issue, and if I had it, the nature of our work would not permit such a digression (S. LUÍS 1837: 22).

The goal of his work was to identify the monastery's different construction phases – and in this Brother Francisco de S. Luís' work was pioneer. He organized the construction phases by reigns not yet by architects, as it would be the norm later, to prove the existence of a base plan. To this end, Brother Francisco de S. Luís used archival information, together with epigraphic and heraldic evidence found on the monument itself. Stylistic and archaeological analyses, although already present, are still incipient. In relation to the chapter house, he concluded only that, because it was a work belonging to the reign of King João I, the architect represented on the southeast console could only be, in his own words, “one of the oldest masters” (S. LUÍS 1837: 28).

2. Herculano and his narrative

Despite previous discussions and narratives about Batalha's vault and its construction, it was Alexandre Herculano's short story in 1839 that would have a long-lasting effect in the Portuguese national narrative and imaginary. Herculano undoubtedly knew Friar Luís de Sousa's account and could have read Julia Pardoe's version of the legend as well, but there is no evidence that this happened. However, he was certainly aware of the documentation published by Brother Francisco de S. Luís. But Herculano's reinvention of the narrative aimed at the exultation of patriotic values resulted that the short story came to greatly contribute to the development of a national consciousness, in a degree, until then, unknown among the Portuguese. At the same time “A abóbada” gave rise to a new genre of Portuguese historical fiction, in which the author, with fine critical erudition and a subtle sense of irony, elevated himself above the craft of historian. The section below discusses in detail these two aspects of Herculano's “A abóbada” and its impact on a nationalistic type of history.

The tale begins on Kings Day, 1401. For the first time, Huguet, the second documented master builder of Batalha, is presented as an anti-hero. This allows for the exaggeration of his weak physical and moral qualities (which can be understood, *lato sensu*, as a personification of the characteristics of the Brit-

ish people according to Herculano), and contrasts with Afonso Domingues' virtues, who embodies the Portuguese national values. Domingues' virtues include modesty – which does not preclude awareness of his merit and professional competence –, temperance, bravery as a warrior, and mastery in the art of building. None of these virtues is diminished by his advanced age nor by his blindness, instead they are affirmed and rendered visible by the venerable master's behaviour in spite of his physical condition. Huguet – more precisely David Ouguet in the short story – is said to be Irish, having arrived in Portugal as a knight in the Duke of Lancaster's entourage and having become head master of Batalha's construction with the patronage of Queen Philippa, wife of King John I, who had him appointed master builder after Afonso Domingues had become blind. Herculano refers to Huguet as a disciple of William of Wykeham, an explicit and ironic allusion to the hypothesis put forward by William Beckford about the authorship of the west portal of Batalha (BECKFORD 1835: 82-83). With remarkable witticism, Herculano adds to David Huguet's introduction that this information was:

Presented by an old chronicle, which, in ancient times, was housed in Alcobaça, bound in a single volume with the authentic transcripts of the Lamego assemblies, Afonso Henriques' Oath in testimony of Christ's apparition, the feudal charter submitting Alcobaça to Clairvaux, the histories of Laimundo and Beroso, and some other papers of equal veracity and importance, which the Castilians, irked by the Portuguese successes may have seized during the Philippine rule (HERCULANO 1851: 240).

Indeed, Herculano compares the “old chronicle” with forgeries made by the chroniclers from Alcobaça, who also wrote *Monarchia Lusitana*, and included Brother Bernardo de Brito and Brother Manuel dos Santos as pro-restoration or post-restoration supporters of the faction that favoured Portuguese independence in 1640 and were thus in opposition to the Castilian crown. All the documents listed were discredited by Herculano himself in non-fictional historical research. By connecting Huguet's credentials to this list it is equivalent to saying that those credentials, like the other documents, have no credibility at all, or better yet they did not exist. Herculano gives himself permission to create a parody that belittles the old Portuguese historiography, and which becomes a subtle, constant presence in his historical fiction (MURPHY 1972; MARQUES 2012: 17, 138-143). If the parody on the authenticity of the sources represents the independence that the writer of fiction claims in relation to his

role as historian, conversely, it also asserts the constant surreptitious presence of his persona as historian in his fiction⁷.

Returning to the role assigned to Huguet as a substitute for Afonso Domingues in Herculano's short story, the architect is shown accompanying the King on a visit to the recently completed chapter house. While walking through the adjacent cloister, side by side with King João I, Huguet remarks that: "in this part [...] the general design of the building, made by Master Afonso Domingues, has been followed to the letter; for it would be a grave error to destroy the harmony of this piece" (HERCULANO 1851: 249). However, it was Huguet's initiative to build a more striking vault over the chapter house, without consulting Afonso Domingues. This was considered by the King an unreasonable boldness, a disregard for the old master, and imprudent. After the vault's collapse which occurred few moments later, Domingues, despite his blindness, is eventually called in to resolve the problems created by Huguet, and to finish the vault's construction following his original project.

At the core of Herculano's narrative is a patriotic, nationalistic sentiment that will reverberate for years to come. The monastery, particularly through the words that Herculano attributed to Afonso Domingues, becomes an allegory that stands in for an independent and audacious people, unthinkable without "the love for the motherland":

To understand the premise behind the monastery of Santa Maria da Vitória, one has to be Portuguese; one has to have lived through the revolution that crowned the Master of the Order of Avis as King of Portugal; one has to have rioted with the people in front of the adulteress' palace [that is, Leonor Teles, wife of the previous monarch, Fernando I]; one has to have fought at the walls of Lisbon; one has to have been victorious at Aljubarrota. This building is not the work of kings, although I was commissioned by a king to design and build it, but one has to be native commoner, one has to belong to the Portuguese people who declared: we will not be servants to foreigners, and who proved it. Master Ouguet, a scholar in the society of brother workers, worked in the cathedrals of England, France and Germany: it was there that he rose to the rank of master builder; but his soul is not warmed by the love for the motherland; nor, were he warmed by it, is this Portuguese soil his motherland (HERCULANO 1851: 239-240).

⁷ For a discussion of Herculano's historical thought about the Middle Ages, of interest for this article, see GUERREIRO 2016: 58-66.

The hostility towards the Other, the foreigner, pervades the tale, however, veiled in moments of great emotional poignancy. This is the case when the King asks the old master builder to re-erect the vault in his own way. Initially Domingues rejects the request with the pride of an old knight, but, after a while, the King succeeds at persuading him to take over the vast and difficult reconstruction task. Later, in preparation for the removal of the trusses, the tension of the narrative increases. Imbued by the anguish and pleading procession of the prisoners of war recruited to build Huguet's faulty vault, the crowd rushed in to witness such a great prodigy or misfortune. After the trusses had been removed, the old master and knight of Aljubarrota vows to remain on a stone block, beneath the vault's central keystone, for three days, without eating or drinking. He succumbs at the end of the three days, with his dying breath uttering the words "The vault has not fallen... The vault will never fall!" (HERCULANO 1851: 305). Thus, the story reaches its climax in an apotheosis of death that transforms the protagonist into a hero and reinforces the sacredness of the monastery as an altar of the motherland, and by definition the stage for a national, didactic glorification of virtues such as honor, glory, and freedom.

In Domingues' words, "the spears used in the battle of Aljubarrota had written that 'the Portuguese servants and vassals are indeed free'" (HERCULANO 1851: 281). The values of medieval chivalry surpassed political values. The tale concludes with the juriconsult João das Regras, stating when King João I asks him to give to the Queen an account of Huguet's temporary removal: "I am working hard to make the Master of Avis a King; but I always find a king's champion" (HERCULANO 1851: 286). It is implicit, however, that politics cannot be dispensed with, nor its adjustment to conveniences, which is hardly consonant with virtue. This reflects Herculano's disappointment with the politicians of his time and embodies a set of convictions regarding the constitutional monarchy that has earned him the epithet of "moderate liberal". However, the author's belief in a progressive country prevails, as a result of a greater collective awareness of Portuguese identity, affirmed by opposition to what is defined as non-Portuguese.

3. Literary narrative and Batalha's Gothic architecture history: an entanglement

The claiming of Portuguese authorship for the monastery's architectural plan, a current that goes back to the eighteenth century's Alcobaca's chronicles, gained new impetus in the nineteenth century with Brother Francisco de S.

Luís. This work is at odds with James Murphy and other British scholars and travelers who defended an international (even British) origin for the monastery's design. Ten years after Brother Francisco de S. Luís published his work, Herculano's "A abóbada" would focus on a specific building to exalt the thesis of national authorship, albeit with critical reserve, veiledly decried through the author's irony. The exaltation of a national origin took a life of its own and developed to an extent unforeseen by Herculano, and which he did not intend. But the conditions were in place for another debate on the meaning of national or international authorship, rather than of architectural criticism itself.

The historiography of Portuguese architecture became more systematic during the 1840s, particularly due to the work by the Brazilian Viscount Francisco Adolfo de Varnhagen – creator of the concept "Manueline art" –, and especially due to the work of Count Athanasz Raczyński, a well-traveled art critic and collector, and Prussian ambassador to Portugal from 1842 to 1848 (ROSMANINHO 1993; ROSMANINHO s. d.). However, the consolidation of architectural history as an academic discipline did not happen until the early twentieth century, after half a century of dispersed studies, ranging from the most amateur to the most scholarly works. Virtually none of these works undertakes a systematic and comprehensive critique of all the available sources, nor do they yet make use of formal comparison of buildings and of architectural elements. Nevertheless, most of these studies were conditioned by the nationalist prejudice established by Herculano's much-read short story "A abóbada". Fundamentally the question that, at the time, needed to be answered was whether the work on the Batalha Monastery – and not just the famous vault – had a Portuguese or foreign origin. Given the recent purpose of achieving a collective sense of national identity, developed in the political context of a recent constitutional monarchy, the answer to the question of origin was no small matter in a building that commemorated the first decisive moment in the reaffirmation of Portuguese political independence.

During the second half of the nineteenth century, the commitment to the narrative crystallized by Herculano was not uniform, but without doubt this narrative generated the distinction between sympathizers of the nationalist and of the international theses. To endorse a national origin for Batalha's master builder is denounced by some authors – both Portuguese scholars and others – as a parochial and biased perspective. Among the Portuguese supporters of an international origin for Batalha's first master builder are the Viscount of Condeixa and Ramalho Ortigão, both representing a perspective that Portugal was a place of a cosmopolitan culture. In 1892, the Viscount of Condeixa published, in Paris and Lisbon, an ill-advised monograph on the monastery

of Batalha (CONDEIXA 1892) and, in 1896, Ramalho Ortigão published the first revision of the monument's historiography (ORTIGÃO 1896: 20-54). It is worth quoting Ramalho Ortigão who demonstrates how effectively, and for more than half a century, Herculano's narrative continued casting a shadow on Batalha's architectural critique:

Since "A abóbada" first appeared in *Panorama* until now, Batalha became invariably the great marble book, the immortal poem, the Portuguese Divine Comedy, the ultimate triumphant affirmation of our Portuguese national identity established by the people's resolve, by the sword of the Master of Avis, by Nuno Álvares Pereira's spear, and by João das Regras' pen (ORTIGÃO 1896: 22-23).

While the early historiography of Batalha is generally characterized by a level of methodological imprecision, two nineteenth century authors stand out for their more rigorous approaches that escape the reductionism of the nationalist vs. internationalist visions. Inácio Vilhena de Barbosa, a historian and archaeologist was the first author to make the connection between some of the building's construction phases and different architects who are referred in documents, and even if in an incipient way this author attempted to advance in the characterization of their work. Furthermore, Vilhena Barbosa introduced the hypotheses that Afonso Domingues may have traveled abroad, perhaps to England, before working at the Batalha monastery, and that Huguet, because of his name, may have instead been French (BARBOSA 1886: 1-40). The second author worth noting is the historian and paleographer Sousa Viterbo, who discovered the second and, to date, last document (dated from 1406) that mentions Afonso Domingues, providing evidence that Domingues and Huguet overlapped at Batalha. This information is fundamental to suggest an interchange between the two master builders and to understand the building as the result of such interaction (VITERBO 1899: 21-23).

The monastery's twentieth century historiography opens with two studies that bear witness to the considerable methodological advances that took place in the previous century, but which results have different significance. The first is a study-guide of Batalha by the historian and art critic Joaquim de Vasconcelos (VASCONCELOS 1905), and the second a book by the Scottish architect and historian Walter Crum Watson, entitled *Portuguese Architecture* (WATSON 1908). Vasconcelos' work is first and foremost a manifesto of intentions with a view to writing a monograph on the monastery of Batalha, which he never wrote. Consistent with his Germanistic background and the vast knowledge

that the author had of medieval European architecture, based both on his own research and on other authors' work, Vasconcelos starts by discussing methodological issues, followed by an annotated bibliography, and lengthy considerations on questions of collective virtue and moral symbolism. In this he follows Herculano's canon, although without mentioning the short story "A abóbada" explicitly. The methodology of architectural criticism advocated by Joaquim de Vasconcelos was, in fact, put into practice by Walter Crum Watson who is responsible for a successful renewal of the historiography of Batalha. His unbiased analysis is based upon a balanced and detailed reflection on the information provided by written sources allied with an exhaustive technical analysis of the building, equipped with appropriate vocabulary, and comparing elements of Batalha with other monuments – starting with Portuguese case studies and moving beyond – while excluding previous work hypotheses. Watson was a pioneer in attributing specific work to Domingues and to Huguet, and in the assessment he makes about the formation of the latter:

Probably the plan of the church, and perhaps the eastern chapel and lower part of the transept, are the work of Afonso Domingues, and all the peculiarities, the strange windows, the cusped arches, the English-looking pinnacles, as well as all the constructive skill, are due to Huguet, his successor, who may perhaps have travelled in France and England, and had come back to Portugal with increased knowledge of how to build, but with a rather confused idea of the ornamental detail he had seen abroad (WATSON 1908: 90).

Walter Crum Watson's legacy would lay the foundations for the historiography of Portuguese Gothic architecture in the 20th and 21st centuries, with Reynaldo dos Santos, Vergílio Correia and Mário Tavares Chicó, the most important scholars in the period between 1927 and 1959. However, efforts to reconstruct Huguet's formation from the analysis of his work would not be undertaken again until the 2010s, while Afonso Domingos training has not yet been totally clarified.

In 1927, Reynaldo dos Santos, a physician and professor at Lisbon's Medical School, but who was also a remarkable art historian, had the merit of clearly differentiating between Afonso Domingues' work and that of Huguet in the monastery of Batalha, which is now acknowledged to not have been completed during the lifetime of the former. This is particularly relevant in what concerns Reynaldo dos Santos' assessment of the legendary chapter house, particularly his research on the walls and respective openings and façades, as well as the

vault, which he definitely attributes to Huguet. “It was therefore more natural that he, and not Afonso Domingues, should be the architect depicted on the southeast corner corbel” (SANTOS 1927: 675) (fig. 3). With Reynaldo dos Santos there was a break with the explicit reference to Herculano’s narrative of “A abóbada” in the art history *milieu*.



Fig. 3. An architect depicted on a corbel in Batalha’s chapter hall. Photograph: Pedro Redol.

With Correia and Chicó, architectural history will become a university field of study in Portugal at the Faculties of Arts in both Coimbra and Lisbon. The brilliant career of Chicó benefited from the visits he made to countless Gothic buildings throughout Europe, and was also affirmed by his participation in international academic production, beginning with his time at the École Nationale des Chartes in Paris between 1937 and 1939. Both Correia and Chicó recognized the pioneering spirit and the quality of Watson’s research conclusions, an unequivocal testimony to his intellectual honesty. Vergílio Correia mentions “the irreplaceable Watson” (CORREIA 1929: 25), while

Mário Chicó, forty years after the publication of his book, reminds us that Watson is “the author of the best overall work on our monuments” (CHICÓ 1944: 5). The contribution of Vergílio Correia and, in particular, that of Mário Chicó to the archaeological and formal comparative study of Gothic buildings was fundamental in the development of the argumentation that later was to sustain the characterization of Huguet’s artistic profile and an understanding of the circulation and exchange of knowledge in the late Gothic Portuguese sites, particularly Batalha. Thus, conditions were being created to overcome a simple binary way of thinking, conditioned mainly by the enduring and irreconcilable ideas of “national” and “foreign” origin powerfully crystallized in Herculano’s “A abóbada”.

However, in 1946, the Herculanian narrative was going to have a last reappearance, in a rather unexpected manner, with the publication of *Arte Portuguesa* (*Portuguese Art*) by João Barreira, a physician and, between 1919 and 1936, professor of aesthetics and art history at the Faculty of Arts of the University of Lisbon and at the School of Fine Arts also in Lisbon. The text he dedicates to the monastery in what was considered a work of reference reduces “the origins of Batalha” to the authorship of the basic project, claiming that it was a national monument. In his book, characterized by an ornate writing style resembling more a nineteenth-century piece of work, the author overlooks all the developments and achievements that Batalha’s historiography had accomplished during the one hundred years prior to the publication of *Arte Portuguesa*, including the most recent writings. Emphasizing Herculano’s short story, Barreira says of the master builder of Batalha:

This architect who we can now call Afonso Domingues was revered by a noble literary tradition, and embodies in that name all the efforts of successive generations just as the Greeks made Daedalus the symbol of the progressive effort of several hives of artists (BARREIRA 1946: 146).

And about the King who commissioned the work Barreira adds:

João I was no longer a nobleman merely fulfilling an individual vow, the King was the Messiah of a people fulfilling the aspirations of that ethnic group defining its robust organization and asserting its zealous independence (BARREIRA 1946: 148).

One inevitably questions the motivation behind such obsolete narrative, which becomes even more remarkable considering that its author created the

concept “artistic nomadism”. Barreira applies this concept to the so-called Manueline master builders, active during King Manuel I’s rule (1495-1521), to explain their work. He believed the work of this period resulted from a combination of different contributions originated in several western European regions, and as such Barreira denationalized the architectonic work. Bearing in mind that João Barreira neither sought nor received favours from the *Estado Novo* dictatorial regime (1933-1974), which favoured the Herculanean version of events, his text on Batalha should be understood not only as a reflection of the late-Romantic ideals of the author’s generation (Barreira was born in 1866), but also as one of the components of unbalanced academic quality between his scholarly production and that of other researchers. Conversely, with enormous credit in the academic *milieu*, Reynaldo dos Santos may be considered, in the 1940s, the main representative of the State’s official ideology, through the narratives of art history, specifically those that developed the connection between Manueline artistic style and the Discoveries. Meanwhile in other social contexts, “A abóbada” enjoyed one of the most popular periods of readership as an unquestioned narrative in History themed books used in primary school until as late as 1974. The short story presented in comic book style marks the school memories of most Portuguese who perceive it as the authentic narrative of Batalha’s chapter house.

After Chicó, the twentieth-century architecture historiography of Batalha follows the path opened by his research, but without innovating much in relation to work previously produced, continuing to be grounded upon the same dual premise of an opposition between “national” and “international” approaches (rather than “foreign” at this stage). This trend includes period overviews by Jorge Henrique Pais da Silva (SILVA 1986: 47-55), Pedro Dias (DIAS 1994: 119-127) and Paulo Pereira (PEREIRA 1995: 332-433), and several monographies by José Custódio Vieira da Silva (SILVA 1997)⁸. Ralph Gottschich’s dissertation, defended at the Technische Universität of Dresden in 2001 and published in 2012 is also part of this general trend (GOTTSCHLICH 2012).

Although the importance of Huguet’s work in Batalha and his foreign origin have been recognized by the majority of architecture historians during the twentieth century, clarification of the specific characteristics of his work in connection with his career and training, including his earlier apprenticeship was carried out consistently only by Jean-Marie Guillouët in the 2010s (GUILLOUËT 2010-2012; GUILLOUËT 2011). This was achieved on the basis of broad research about the location of Huguet’s earlier apprenticeship,

⁸ Although in the same theoretical framework, the research by Vieira da Silva proposes new artistic connections to the former Crown of Aragon.

as well as about the territories he visited and where he worked on his path to Portugal. And last but not the least, his work in Batalha as a secondary master mason under the orders of Afonso Domingues was established through the analysis of the building itself⁹. This transnational approach, using the concept of “artistic interchange” opened possibilities for a dynamic understanding of the artists’ activity, previously hindered by the irreducible opposition of “national” *versus* “foreign/international” master builders that had its origin in nationalistic narratives, but above all under the influence of Herculano’s “A abóbada”.

Conclusion

The results presented in this article are brief and an in-depth investigation would be necessary to further explore what has been presented here. The short story “A abóbada” was used, during the Portuguese liberal period, as a nationalist pedagogical tool. On the one hand it fostered the restoration of an old legend, and, on the other hand, it contradicted the idea disseminated by English antiquarians that the layout of the monastery of Batalha was of English authorship. The short story celebrates the virtues and merits of the Portuguese, and in particular of the master builder Afonso Domingues, contrasting with the vices and shortcomings of the British, namely the master mason Huguet. In addition, “A abóbada” includes a set of subtleties that pass, among other aspects, for irony in the evaluation of historical sources, letting transpire, at all times, both the historian’s craft and the clear ideological consciousness that Herculano is imbued with.

From 1840 on, the atmosphere created by the short story “A abóbada” greatly influenced the incipient Portuguese critique of Gothic architecture undertaken by a number of Portuguese and intellectuals from other countries, leading to the creation of a dichotomy pertaining to the monastery’s architectonic authorship: a national party in conflict with a foreign origin party, while from the 1940s on, foreign became “international”. The development of these ideas was not a continuous, linear or a uniform process rather it comprised major breaks in the advancement of knowledge production. However, these breaks did not prevent the emergence of innovations which, in most cases, took a long time to be considered by subsequent research. The works by Vilhena Barbosa, Sousa Viterbo and Watson fall into this category. From the early twentieth century, the theoretical and methodological development of architectural

⁹ This aspect was discussed at length in REDOL and JORGE 2023.

historiography will blur the explicit references to Herculano's narrative, with some exceptions, as is the case with João Barreira. Although the analysis of Gothic architecture and, in particular, that of Batalha monastery remained polarised around the ideas of "national" and "international" origin until the early twenty-first century, this dichotomy was only fully supplanted with new approaches that allow for a more comprehensive understanding of Huguet's artistic personality, previously made impossible by the nationalist-grounded cleavage that persisted more than thirty years after the fall of the fascist regime in Portugal.

Future research should prioritise shedding light on the formation of Afonso Domingues' artistic character. Chicó had already suggested formal affinities between Domingues' work and the ambulatory of Lisbon cathedral, in which he recognises formal relationships with existing Portuguese buildings, while also making comparisons with the cathedrals of Toledo and Beauvais. It remains to corroborate the meaning of these formal comparisons through a broader investigation into the artistic interchange that it was likely to exist in such an ambitious and unusual work as was the monastery of Batalha at its foundation.

Bibliography

- ALVES, Maria Luísa Fernandez (1989). *O Portugal de Julia Pardoe: uma visão romântica e feminina*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas.
- ANDERSON, Benedict (1991). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London/New York: Verso.
- BARBOSA, Inácio de Vilhena (1886). *Monumentos de Portugal, historicos, artisticos e archeologicos*. Lisboa: Castro Irmãos.
- BARREIRA, João (1946). *Arte portuguesa: arquitectura e escultura*, vol. II. Lisboa: Edições Excelsior.
- BECKFORD, William (1835). *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha*. London: Richard Bentley.
- CHICÓ, Mário Tavares (1944). "O problema das fontes de inspiração da igreja do Mosteiro da Batalha e a cabeceira Gótica da catedral de Lisboa", in *Arquitectura da Idade Média em Portugal: dois estudos acerca da igreja do Mosteiro da Batalha*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- CONDEIXA, Visconde de (1892). *O Mosteiro da Batalha em Portugal/Le Monastère de Batalha en Portugal*. Lisboa/Paris: Manuel Gomes/Firmin-Didot & Cie.

- CORREIA, Vergílio (1929). *Batalha: estudo historico-artístico-arqueológico do Mosteiro da Batalha*. 2 vols. Lisboa: Litographia Nacional.
- DIAS, Pedro (1994). *A arquitectura gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.
- FREW, John; WALLACE, Carey (1986). “Thomas Pitt, Portugal and the gothic cult of Batalha”. *The Burlington Magazine*, 128, 1001, 579-585.
- GOMES, Saul António (2002). *Fontes históricas e artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVIII)*, vol. I. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- GOTTSCHLICH, Ralph (2012). *Das Kloster Santa Maria da Vitória in Batalha und seine Stellung in der iberischen Sakralarchitektur des Spätmittelalters*. Hidesheim/ Zurich/New York: Georg Olms Verlag.
- GUERREIRO, Pedro Alexandre Martins (2016). *History, nation and politics: the Middle Ages in modern Portugal (1890-1947)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- GUILLOUËT, Jean-Marie (2009). “Les transferts artistiques: un outil opératoire pour l’histoire de l’art médiéval?”. *Histoire de l’Art*, 64, 17-25.
- GUILLOUËT, Jean-Marie (2010-2012). “Le portail de Santa Maria da Vitória (Portugal) ou l’art européen à ses confins”. *Revue de l’Art*, 168, 31-44.
- GUILLOUËT, Jean-Marie (2011). *Le portail de Santa Maria da Vitória de Batalha et l’Art Européen de son Temps: circulations des artistes et des formes dans l’Europe gothique / O portal de Santa Maria da Vitória da Batalha e a arte europeia do seu tempo: circulação dos artistas e das formas na Europa gótica*. Leiria: Textiverso.
- HERCULANO, Alexandre (1851). “A abóbada (1401)”, in *Lendas e narrativas*. Lisboa: Viúva Bertrand e Filhos.
- KURMANN, Peter (1998). “Mobilité des artistes ou mobilité des modèles? À propos des modèles de l’atelier des sculpteurs rémois”. *Revue de l’Art*, 120, 23-34.
- MARQUES, Ana Maria dos Santos (2012). *O Anacronismo no romance histórico português oitocentista*. Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória/Edições Afrontamento.
- MURPHY, James (1795). *Plans, elevations, sections and views of the church of Batalha*. London: I. & J. Taylor.
- MURPHY, James (1795a). *Travels in Portugal*. London: Successors to Mr. Cadell.
- MURPHY, Terrance Joseph (1972). “Alexandre Herculano’s essays; parodies of reconstructions of the Portuguese past”. *Revista de Letras*, 14, 199-209.
- ORTIGÃO, Ramalho (1896). *O Culto da arte em Portugal*. Lisbon: A. M. Pereira.
- PARDOE, Julia Pardoe (1833). *Traits and Traditions of Portugal Collected during a Residence in that Country*, vol. I. London: Saunders & Otley.

- PASSINI, Michela (2012). *La fabrique de l'art national: le nationalisme et les origines de l'histoire de l'art en France et en Allemagne, 1870-1933*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.
- PEREIRA, Paulo (1995). *História da arte portuguesa*, vol. I. Lisboa: Temas & Debates.
- PORTER, Dale H. (1998). "The gold in Fort Knox: historical fiction in the context of historiography". *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, 26, 2/3, 315-350.
- RECHT, Roland (1998). "La circulation des artistes, des œuvres, des modèles dans l'Europe médiévale". *Revue de l'Art*, 120, 5-10.
- REDOL, Pedro (2015). "Julia Pardoe, uma inglesa no Mosteiro da Batalha in 1827". *Cadernos de Estudos Leirienses*, 6, 211-226.
- REDOL, Pedro (2016). "William Beckford e o Mosteiro da Batalha". *Journal of Anglo-Portuguese Studies*, 25, 79-121.
- REDOL, Pedro (2021). "A Abóbada (1401); de Alexandre Herculano: antecedentes, receção, crítica histórica e ironia". *Anais Leirienses*, 10, 237-254.
- REDOL, Pedro; JORGE, Orlindo (2023). "The royal funerary chapels of Batalha: prestige, innovation and identity (1415-1515)", in *Loci sepulcrales: places of memory and burial in the Middle Ages*. Basel: Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, 85-114.
- ROSMANINHO, Nuno (1993). *A Historiografia artística portuguesa de Raczyński ao Dealbar do Estado Novo (1846-1935)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ROSMANINHO, Nuno (s. d.), "História da arte (século XIX)", in *Dicionário de historiadores portugueses: da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*. http://dichp.bnportugal.pt/imagens/hist_arte.pdf [accessed on 02.10.2020].
- S. LUÍS, Brother Francisco de (1827). "Memoria historica sobre as obras do real Mosteiro de Santa Maria da Victoria", in *Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. X. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1-71.
- SANTOS, Reynaldo dos (1927). *Guia de Portugal: Estremadura, Alentejo e Algarve*, vol. II. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da (1986). *Páginas de história da arte*, vol. I. Lisboa: Editorial Estampa.
- SILVA, José Custódio Vieira da (1997). *O fascínio do fim: viagens pelo final da Idade Média*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, José Soares da (1731). *Memorias para a historia de Portugal, compreendendo o governo delrey D. João I*, vol. II. Lisboa: Oficina de Joseph Antonio da Silva.

- SOUSA, Friar Luís de Sousa (1977). *História de S. Domingos*. Ed. by M. Lopes de Almeida. 2 vols. Porto: Lello e Irmão Editores.
- VASCONCELOS, Joaquim de (1905). *Batalha: Convento de Santa Maria da Vitória*. Porto: Emílio Biel & C.^a – Editores.
- VITERBO, Sousa (1899). *Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes*. 3 vols. Lisboa: Casa da Moeda - Imprensa Nacional.
- WATSON, Walter Crum (1908). *Portuguese architecture*. London: Archibald and Constable and Company.

Costume studies as a method of approaching the Middle Ages: the case of Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) and his *Estudios de Indumentaria Española*¹

ESTEFANÍA PIÑOL ÁLVAREZ²

Universitat Autònoma de Barcelona

pinolestefania@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9028-1998>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/09/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 04/04/2025



Abstract. This paper reflects on the recovery of the medieval heritage that took place in Catalonia in the 19th century and its relationship with the emergence of a national consciousness. To do so, we are going to examine the case of Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903), a scholar devoted to the study of costume, born and raised in the nineteenth-century bourgeois Barcelona. In Puiggarí's work, art and costume are two inseparable elements: he used the figurative arts to deepen his knowledge of costume and, at the same time, costume was an essential tool for the study of art, since it allowed him to study its transformation over time and, on occasions, to precisely date artistic pieces.

Overshadowed by the scholars of a later generation, who were directly linked to the rise of political Catalanism at the end of the century, we aim to make Josep Puiggarí's graphic and intellectual work known, through the analysis of one of his most outstanding pieces entitled *Estudios de Indumentaria Española concreta y comparada. Cuadro histórico de los siglos XIII y XIV* (1889). This work allows us to question how this type of study is the result of the growing concern for heritage and interest in national history in nineteenth-century European industrial societies. It also invites us to reflect on the romantic conception of medieval history in this period.

Keywords. Puiggarí, historiography, Costume studies, medievalism, Catalan medieval art.

¹ This text is supported by the *Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra*, funded by the Portuguese Foundation for Science and Technology (*Fundação para a Ciência e a Tecnologia*) – UIDB/00311/2020 –, under the Using the Past – Translation Grant. The article is also linked to the author's doctoral thesis, entitled "Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) i la pintura gòtica catalana a la seva obra gràfica" and defended in 2024 at Universitat Autònoma de Barcelona. The thesis is available at TDX (Theses and Dissertations Online): <http://hdl.handle.net/10803/693152>

² PhD in History of Art. Contributor researcher at University of Coimbra, Centre for History of Society and Culture.

En el traje, además del interés artístico, compenétranse varios factores de innegable índole social y moral, á la vez que industrial y suntuaria [...]. Encierra, además, un interés peculiar suyo, de evoluciones curiosísimas, digno de la atención de filósofos, historiadores y artistas³ (PUIGGARÍ 1886: 5).

In the new reality of nineteenth century industrial Europe, the references, traditions and values of the people were blurred by the phenomenon of the rural exodus. Consequently, there was a longing to search for origins, which promoted a return to traditional models of work and to the ideal of creation in community. This search, impregnated with nationalism, took place practically simultaneously in the great European cities and converged in the same inspiration: the Middle Ages. In the case of Catalonia, the region developed an awareness of its own language and culture as distinct from the Spanish tradition, although not alien to it, a movement known as “cultural Catalanism”. However, the concept of a distinct nation emerged at the beginning of the 20th century with “political Catalanism”, by which time the historiography of Catalan art took shape as a modern academic field.

This nostalgia brought about by the monotony caused by Industrialisation resulted in the recurrent appearance of historical themes in different artistic manifestations, such as painting, theatre and novels. This led to the need for historical accuracy, which includes the representation of costume. Thus, whilst there is a long tradition of illustrated books on costume, the 19th century stands out for the proliferation of publications on clothing.

This chapter presents the figure of Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) and analyses the only published volume of his work *Estudios de Indumentaria Española* (*Studies on Spanish Costume*) (PUIGGARÍ 1890), devoted precisely to the centuries of the late Middle Ages. It begins with an appreciation of the historical and cultural context of Barcelona at the time, analysing the links between the restoration and protection of medieval heritage and the emergence of a national consciousness. This is the environment of Puiggarí i Llobet, whose contributions on historical costume are relevant both for the study of Catalan medieval art today and for the study of nineteenth-century medievalism.

³ “In costume, besides the artistic interest, there are several factors of undeniable social and moral nature, as well as industrial and sumptuary [...]. It also carries a peculiar appeal in itself, of very curious developments, worthy of the attention of philosophers, historians and artists”.

1. The return to Gothic in Barcelona

The history of Spain in the 19th century is dominated by political and social instability caused by the constant struggles between absolutism and liberalism. A significant point was the death of King Ferdinand VII in 1833, which led to the outbreak of the Carlist Wars, coinciding with the development of industry and trade, the expansion of cities, economic growth and the emergence of the bourgeoisie as a new social class. This ongoing political struggle also led to the destruction, during the 1930s, of historical and artistic heritage, through, for example, the burning of convents or the *desamortizaciones* (disentailment of Church property). The difference from previous times of war in Spain is that on this occasion an awareness of heritage was awakened, which translated into citizen-led and institutional actions in favour of its safeguarding⁴. Thus, looking to the future and a concern for the past came together in the ideas of progress and identity and were the origin of 19th century Spanish medievalism.

In Catalonia, as in other European countries, the interest in recovering the arts of the past coexisted with the need for modernity and adaptation to new industrial methods, giving rise to the Art/Industry debate⁵. This combination resulted in the emergence, towards the end of the century, of artistic movements such as Art Nouveau, which took root in Catalonia under the designation of *Modernisme*, especially thanks to the positive reception from the bourgeoisie. International exhibitions became the venues where industrial innovations were revealed and where the results of this Art-Industry fusion were displayed⁶. From the outset, the Middle Ages became the point of reference to dignify the industrial arts, since it was believed that precisely in this period that which had been lost with industrialisation could be found: an ideal way of production based on craftwork and cooperation, where the pleasure of work was essential for creation and where the beauty of objects was as important as their usefulness⁷. Besides the field of art, the Middle Ages became a religious and moral model for European nations, who looked to the period for their own myths and origins. For this reason, it may be said that the

⁴ On this matter, see VÉLEZ 2003A AND VÉLEZ 2009.

⁵ The debate emerges especially after the Great Exhibition of 1851 in London, although in Catalunya the issue was already present at the end of the 18th century (PITARCH; DALMASES BALAÑA 1982). For a recent study of the matter, see VÉLEZ 2010. One of the most prominent contemporary works, which compiles the main points of the debate in Catalunya is SANPERE I MIQUEL 1881.

⁶ The first one taking place in Barcelona was the 1888 Universal Exhibition.

⁷ Note the connection between these ideas and those of William Morris and the Arts & Crafts movement. Morris' artistic thought was adopted in Catalonia in the *Modernisme* and *Noucentisme* periods (CALVERA 2002).

most glorious time of the Middle Ages was the 19th century, as an idealised image of the period was created, in a process of *mythologisation*, which has partly survived to the present day⁸.

The national significance acquired by the mythification of the Middle Ages can be seen in the emergence of cultural movements like Romanticism, which arrived in Catalonia at the beginning of the 19th century. One of the movement's most prominent agents in the field of historiography was Pau Piferrer (1818-1848), whose writings were influenced by French Romantic authors such as Victor Hugo (1802-1885). The figure of Piferrer, and especially his work *Recuerdos y Bellezas de España*⁹ (Memories and Beauties of Spain) (1839), are essential for the Spanish historiography of art because they mark the starting point for the study of medieval archaeology, praised from both a nationalistic and Catholic standpoint¹⁰. Piferrer was also one of the champions of Catalan Nazarenism, which not only embraced the aesthetic values of Gothic art but also its moral values, in a similar manner to the English Pre-Raphaelites (MAESTRE 1979). Independent of Romanticism, but at the same time linked to it, the *Renaixença* (the Catalan Cultural Renaissance) was a literary movement for the recovery of Catalan culture and language that emerged in the heart of the region's bourgeoisie by the middle of the century. The *Renaixença* argued that Catalan had had its zenith in the Middle Ages and that, since language was the unitary axis from which the concept of nation was created, the period was necessarily a time of glory and should thus be the reference point for modern Catalan society.

In addition to these intellectual movements, a key event in understanding the interest in medieval heritage in Spain in general and Catalonia in particular was the *desamortización*, or disentanglement, enacted by Mendizábal in 1835, by means of which the Church's assets passed into the hands of the state. Subsequently, auctions were held of this heritage, which contributed to the appreciation of medieval art and encouraged the first collections among the Catalan industrial bourgeoisie. Moreover, the disentanglements also gave rise to public collection through the creation of public bodies such as the *Comisiones*

⁸ According to Peter Burke the task of "mythologizing" never ends and is done constantly in order to justify aspects of the present. Myth is opposed to history in that the former is a stereotype of the past. However, myth always contains some history, just as history inevitably contains some myth (BURKE 2019).

⁹ The reference is only for the first volume of this work, begun by Pau Piferrer, who wrote the first two, devoted to Catalonia and Mallorca, and of part of the third, also dedicated to Catalonia and completed by the Catalan historian Francesc Pi y Margall (1824-1901). However, in its entirety the work comprises ten volumes published up to 1865, with texts written by different authors and always accompanied by lithographs by Francesc Xavier Parcerisa (1803-1876).

¹⁰ On the origins of the historiography of art, see FONTBONA 2003, FONTBONA 2004 AND TARRAGÓ VALVERDE 2018.

Provinciales de Monumentos de España (Provincial Commissions of Monuments of Spain) – created in the mid-19th century, one per province – which were responsible for safeguarding, collecting and inventorying ecclesiastical property. This desire to protect and conserve artistic heritage led to the need to make it public, which materialised in the creation of public art museums and the organisation of exhibitions of ancient art, with such spaces becoming disseminators of the Gothic aesthetics (VÉLEZ 2003b).

The first exhibition of ancient art in Catalonia was the *Exposición Retrospectiva* (Retrospective Exhibition) of 1867¹¹, organised by the Acadèmia de Belles Arts de Barcelona (Academy of Fine Arts of Barcelona) on the initiative of Catalan academics such as Josep de Manjarrés (1816-1880). He was also responsible for drawing up a report analysing the works, arranging it into five sections: painting, sculpture, architecture, “sumptuary arts”¹² and curiosities (BARCELONA 1868). The text, of great interest for the history of art, is accompanied by thirty-five lithographic plates, seven of which are pictorial works, including six Gothic paintings. Furthermore, the catalogue of the exhibition survives (BARCELONA 1867). Firstly, this contains a list of lenders and works loaned, which provides a glimpse into the profile of the first collectors of Gothic art in Catalonia – these were eclectic collections, however, and it is not possible to gauge the importance of the medieval pieces within each collection. Secondly, the catalogue has a brief description of the works, which, despite generally not assisting identification, helps confirm the weight these held in the exhibition.

Among these early exhibitions of ancient art in Barcelona, the *Exposición de Artes Suntuarias* (Exhibition of Sumptuary Arts) of 1877 is also worth noting, since the section dedicated to ancient art (understood as art prior to the 19th century) was led by Josep Puiggarí and marked the starting point for the creation of the Asociación Artístico-Arqueológica Barcelonesa (Artistic-Archaeological Association of Barcelona), a private entity whose main task was to disseminate the historical and artistic heritage through the organisation of this type of exhibition¹³. The exhibition was accompanied by the *Álbum heliográfico de la exposición de artes suntuarias* (Heliographic Album of the Exhibition of Sumptuary Arts) (1878) which, with its seventy-nine photographic plates, is considered to be the first art catalogue with photographs published in Spain (BASSEGODA 2014: 44). As with the catalogue of the 1867 exhibition, many of the pieces are medieval or early Renaissance works,

¹¹ On the *Exposición Retrospectiva* of 1867 see VELASCO 2011 AND BASSEGODA 2014.

¹² *Artes suntuarias* (“sumptuary arts”) is the term used to refer to decorative arts made with luxurious materials.

¹³ On the exhibitions organised by the Asociación, see BASSEGODA 2007.

especially in the painting section, which comprises thirteen plates. These two exhibitions, which were to be followed by others devoted to clothing, the decorative arts, engraving and drawing, among others, were a turning point for the collection and dissemination of cultural heritage at the time and are, even today, the basis for the study of collecting of medieval art and Catalan Gothic painting¹⁴.

In short, the relationship between industrialisation, national consciousness and 19th-century medievalism is clear. These connections will now be analysed focusing on a specific case: the costume studies of Josep Puiggari and his method of approaching historical costume through archival documentation and documentary drawing.

2. Josep Puiggari and the study of historical costume

Josep Puiggari i Llobet was a Catalan scholar born in the heart of bourgeois, industrial Barcelona in the first half of the 19th century¹⁵. He was a lawyer by profession, but dedicated his entire life to the study of historical clothing, also taking an interest in local history and Catalan art. He published the first text of historical-artistic dissemination written in Catalan: the work *Garlanda de joyells*, (Garland of Jewels) which was published in 1879 and presented as a guide dedicated to the artistic scene of Barcelona (PUIGGARÍ 1879). One of the novelties of Puiggari's historical work is his frequent use of archival documentation, which sets him apart from the literary character of the writings of his time. In this respect, it is worth highlighting the relationship between Puiggari and the Archivo Municipal de Barcelona (Municipal Archive of Barcelona) – where he worked as sub-archivist from 1867 and rose to head archivist in 1896 – as well as with the Archivo de la Audiencia¹⁶ (the Court Archive), where he held office. In addition, the Archivo de la Audiencia was then in the palace that had been the historical seat of the Generalitat de Catalunya (Government of Catalonia), allowing him to see first-hand the pieces of medieval art held there – and where some are still found nowadays. Apart from the archives, Puiggari was always in contact with Catalan government and cultural institutions: between 1860 and 1870 he was appointed mem-

¹⁴ On the collecting of medieval art in 19th century Catalonia see BASSEGODA 2010; BASSEGODA 2013; BASSEGODA 2015; and VELASCO 2017.

¹⁵ For the first study on the figure of Josep Puiggari see BASSEGODA 2012.

¹⁶ The “Audiencias provinciales” (Provincial Courts) are the courts of justice of the provinces of Spain. The Provincial Court of Barcelona is currently located in the Palacio de Justicia de Barcelona.

ber of the Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona (Royal Academy of Letters of Barcelona), the Real Academia de la Historia (Royal Academy of History) and the Real Academia de Bellas Artes de San Fernando (Royal Academy of Fine Arts of San Fernando), in Madrid.

Puiggarí's role in the Catalan heritage undertaking is evident in the number of articles he published, dealing not only with artistic issues but also with a variety of topics, often related to popular festivals or local customs and traditions, amongst others. These articles came out in magazines published in Madrid, such as *El Museo Universal* or *La Ilustración Española y Americana*, and in Catalonia, among which *Memorias de la Academia de Buenas Letras*, *La Renaixensa*, and *L'Avenç*. Therein can be found some of Puiggarí's most interesting contributions to the historiography of medieval Catalan art: he made known the names of Catalan Gothic painters such as Bernat Martorell (1390-1452) (PUIGGARÍ 1880), unveiled unpublished documents and attributed a piece of work to the painter Lluís Borrassà (ca. 1360- ca. 1425) (PUIGGARÍ 1860), and published the contract of the iconic work *La Verge dels Consellers* (the Virgin of the "Consellers") (1443-1445) by Lluís Dalmau (ca. 1400 - ca. 1461) (PUIGGARÍ 1870).

In addition to his work as an author, Josep Puiggarí took part in campaigns for the protection and dissemination of heritage – for instance, he was a member and secretary of the Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Barcelona (Provincial Commission of Historical and Artistic Monuments of Barcelona). As such, one of the most important positions he held was that of founder and president of the Asociación Artística-Arqueológica Barcelonesa. Besides organising exhibitions, this institution oversaw the publishing of the *Boletín de la Asociación Artístico-Arqueológica Barcelonesa*, a magazine dedicated to art and archaeology, and which is nowadays essential for the study of the historiography of art in Catalonia, given its pioneering nature as a magazine specialised in art history¹⁷.

In this intellectual environment of heritage dissemination, a marked interest for costume in general – and historical costume in particular – arose. The study of garments was not a novelty of this age, however, as the first books addressing matters of clothing and tailoring can be traced back to the Renaissance. These "costume books", also called *Trachtenbücher*, have a similar structure to the garment books of the 19th century, in that, when describing the clothing, organisation is based on social class, the country or region, gender,

¹⁷ The first publication of the *Bulletin* appeared in April 1891. Five years later the name was changed to *Revista de la Asociación Artístico-Arqueológica Barcelonesa*, which would remain until its last issue, in 1913.

and others¹⁸. However, it is from the Enlightenment, and especially throughout the 19th century, that a proliferation of studies on costume can be found. They were publicised through specialised periodicals or luxurious publications with lithographs, some of which – mainly French works – reached Spain and were known to Puiggarí, as shall be seen. This was due, firstly, to the emergence of the bourgeoisie as a consumer class, which resulted in a special interest in clothing, linked to progress and the idea of civilisation¹⁹; and secondly, to the romantic movement, which fostered the need for faithful knowledge of the clothing of the past. The passion for history, within the quest for national identity, led to plays, novels, operas, paintings, and other artistic productions being set in past times, which required a solid knowledge of clothing for greater credibility. As such, 19th century costume studies emphasised geographical differences, as clothing is a social and cultural phenomenon inextricable from identity.

This background provides the context for the work *Estudios de Indumentaria Española concreta y comparada. Cuadro histórico de los siglos XIII y XIV* (Studies on specific and compared Spanish costume. A historical framework of the 13th and 14th centuries) by Josep Puiggarí, published in 1889 by the Asociación Artístico-Arqueológica Barcelonesa. The volume on the 13th and 14th centuries presented in this chapter had to be part of a greater work composed – as the author himself says in the preface – by “four or five volumes” that would see the light of day annually, “skipping their publication according to the interest and importance of each historical period” (PUIGGARÍ 1890: VI). Therefore, despite the intention to cover all periods of history, the decision to publish the volume corresponding to the late Middle Ages first instead of following, for example, a chronological order, appears to be a clear indication of the importance this historical period had in intellectual Barcelona at the end of the century. However, this project was ultimately cut short due to the economic difficulties it entailed, something the author himself criticises in the prologue of the book when he points out that several publishers had rejected the proposal for being expensive and for its illustrations being “reproductions of archaic models” (PUIGGARÍ 1890: IV). Thus, the late medieval volume was the only one edited and published, leaving another

¹⁸ Among these first books dedicated to costume, were the *Trachtenbuch* (c. 1530) by Christoph Weiditz (Germanisches Nationalmuseum, Nürnberg, Hs. 22474) or the printed work *De gli habiti antichi e moderni di tutto il mondo* (1590) by Cesare Vecellio.

¹⁹ This interest materialised in the appearance of fashion magazines, such as *L'Élégant: Journal des Tailleurs*, *Le Moniteur de la Mode* and *La Mode Illustrée*. In Spain there was *El Correo de la moda*, *El Salón de la moda* and *La moda elegante*, among others. For a historiography of costume in Catalonia, see CARBONELL BASTÉ 2016: 53-71.

nine unpublished volumes of manuscript text, now kept in the Real Academia de Bellas Artes de San Fernando (RABASF), in Madrid. These works were acquired by the institution in 1907, through a testamentary bequest by the author himself²⁰.

The text is accompanied by five graphic albums containing originals and tracings that totally or partially copy figurative artistic pieces from Antiquity to the beginning of the 19th century, so that the first (RABASF, Biblioteca, A-1852) contains drawings of works of art from the 1st to the 11th centuries; the second (A-1853), 11th to 14th centuries; the third (A-1854), 14th to 16th centuries; the fourth (A-1855), 16th century, and the fifth and last (A-1856), 16th to 19th centuries²¹. Although it is not the aim of this chapter to study the graphic albums in detail, it is worth mentioning that they are heterogeneous in terms of the number of drawings as well as their arrangement, which is often chaotic and irregular, since there are appendices that contain drawings from other centuries and, in addition, modern page numbering is combined with a division by segments and sheets made by the author himself. Finally, it should be noted that these five graphic albums are a continuation of two others (numbers A1850 and A1851) that Josep Puiggarí had sent, in 1867, to the Madrid institution, as part of a *Diccionario de indumentaria y mobiliario* (Dictionary of clothing and furniture) that the Academia was interested in acquiring²². Apparently, in the end, the payment was not completed and part of this material –possibly the written part – was returned to the author, while the Academia retained the graphic part, of which Puiggarí was able to make copies²³. This is probably why, in the five graphic albums the scholar bequeathed to the Real Academia de San Fernando, many tracings can be found that were made from the original drawings included in the first two.

Returning to the volume of the *Estudios de Indumentaria Española* that was published, the *Cuadro histórico de los siglos XIII i XIV* consists of 370 pages divided into two parts, one dedicated to each of the centuries. The note to the reader that opens the volume is a clear declaration of the author's intentions, claiming the importance of his work and its novelty in the Spanish context which had been lagging behind other European countries. It seems

²⁰ RABASF, Archivo. Legajos 4-27-2. Libros de Actas: 23 de septiembre de 1907, p. 225.

²¹ These albums were discovered by Bonaventura Bassegoda in the Real Academia de Bellas Artes de San Fernando in Madrid (BASSEGODA 2012). After that, this graphic treasure has been studied by some Catalan art historians, especially in reference to medieval art (MACÍAS 2012; MACÍAS; CORNUDELLA 2015; FAVÀ 2016; VELASCO 2017; VELASCO 2022; PIÑOL 2022; RUÍZ QUESADA 2023). Recently, it has been the main subject of our doctoral thesis (PIÑOL 2024).

²² RABASF, Archivo. Legajos 1-24-1. Libros de Actas: 27 de mayo de 1867, p. 131v y 17 de junio de 1867, p. 136.

²³ RABASF, Archivo. Legajos 1-24-1. Libro de Actas: 27 de noviembre de 1876, p. 516.

evident, then, that the intention of this Catalan scholar was to produce a work similar to that of his European counterparts, such as Auguste Racinet, Friedrich Hottenroth, Paul Lacroix or Joseph Strutt, among others. However, he wanted to go further, since, as he stated, no one until then had made use of artistic sources, which are a portrait of their time and therefore contain an undeniable degree of truthfulness (PUIGGARÍ 1890: VIII).

Due to the expensive price of the illustrations, the medieval volume had only forty-six plates with heliographic reproductions of the originals by Puiggari; very few considering the number of drawings he made throughout his life. Besides the financial constraints and the lack of institutional interest, the author points to the indifference of the public, which “does not know the value and importance of so many ethnogenic, aesthetic, moral, social and even political questions, as are contained in those amateurish, even if graphic, art displays” (PUIGGARÍ 1890: IV). In essence, a public – obviously bourgeois – that does not know how to appreciate art that is “almost millenary [...], that managed to unfold into its own full character and with all the pride of its national genius” illustrations (PUIGGARÍ 1890: IV), asserts the author, intent on claiming the individuality and particularity of Catalan Gothic art. Despite these two adversarial points, Puiggari emphasises the interest the work holds for “authors of works of imagination” (PUIGGARÍ 1890: IX), that is, artists and writers who, inspired by subjects from the past, need these studies on historical costume.

It is therefore not surprising that Puiggari begins the first chapter, dedicated to 13th century clothing, recalling – or mythologising – the great figures of that century in Europe, ranging from saints and monarchs to writers and artists, due to whom “this century certainly deserves a very honourable place in history” (PUIGGARÍ 1890: 3)²⁴. Puiggari refers to the Middle Ages using expressions such as “an age of genius” or “of collective wonder” and says it was a time built under the threefold unity of faith, feeling and action (PUIGGARÍ 1890: 4). The use of such qualifiers is not by chance, nor is it unique to the Catalan author. It is rather part of a utopian optimism that idealised medieval civilisation, seeing it as a society that lived in harmony and whose splendour was due to

²⁴ In this respect, he cites, for example, Jaime I, King of the Crown of Aragon, and his famous chronicle “*El llibre dels feits del rei en Jaume*”.

the influence of Christian morality²⁵. Thus, in these lines Puiggarí joined in the mythologisation of the European Middle Ages, which resulted from the dissatisfaction with their own age. In the text that follows, specifically devoted to art, the author, imbued with Romantic ideas, links the ethical qualities he saw in medieval times with the aesthetic qualities of its artistic production. Thus, he asserts that the art of the 13th century had the same “virility and strength, the same feeling and fervour, the same picturesque and original verve that marks that civilisation in progress” (PUIGGARÍ 1890: 5)²⁶. This notion comes up again in the second part of the volume: when referring to the Gothic art of the 14th century, Puiggarí exalts the faith of society as the main motor for artistic creation and states that “the art of that time, more than procedure, became dogma; because it lived in the conscience of the peoples, it constituted a social necessity” (PUIGGARÍ 1890: 203). Such points are reminiscent of the ideas of Nazarene purism, by relating artistic quality to Christian inspiration which in itself is inseparable from the idea of collectivity.

In the volume of the *Estudios de Indumentaria Española* dedicated to the Gothic centuries, the author cites a remarkable number of sources throughout the text. This is precious for reconstructing his personality as a historian, allowing the reader to delve into his references – especially as far as the studies of his time are concerned – as well as finding out to what type of documentation he had access to. As already mentioned, Puiggarí had a solid knowledge of medieval archival documentary sources: he used a variety of them, among which can be found ordinances, privileges, inventories, and wills. His work reveals a broad knowledge not only of documentary sources, but also of medieval literature. It should be noted that Puiggarí systematically quotes his literary and documentary sources in the original language: French, Italian, Catalan, Spanish, and sometimes, in the case of archival documents, Latin. Take, for example, the comparison he makes between some verses from canto XV of “Paradise” from Dante’s (1265-1321) *Divine Comedy* and the writings

²⁵ At the beginning of the 19th century, the writer François-René Chateaubriand (1768-1848) said that the Christian religion was “la plus poetique, la plus humaine, la plus favorable à la liberté, aux arts et aux lettres” (“the most poetic, the most humane, the most favourable to freedom, arts and literature”) (CHATEAUBRIAND 1802, vol. I: 9). On Christianity and art, see vol. III, “Livre premier”. The spiritual characteristics of Gothic art are also present in Ruskinian thought, formulated in *The Nature of Gothic* forty years before the writings of our Catalan author.

²⁶ It is interesting to note that the vocabulary the author to describe and, especially, praise the Middle Ages is markedly masculine. History has been written from the male point of view, studied by men and, consequently, having men as the main actors. As Georges Duby puts it, the Middle Ages are masculine. Women’s visibility in history has been obscured, which suggests that the sources often mirror ideology more than reality (DUBY 1988: 124-125). From this, it can be said that medievalism is also masculine, as it was built from a patriarchal ideology expressed through language.

of Giovanni Villani (1275-1348) to approach Italian costume of the 13th century in relation to Catalan clothing (PUIGGARÍ 1890: 22). Similarly, when analysing French costume, he repeatedly quotes the French medieval chronicler Jean de Joinville (1224-1317), as well as the *Roman de la Rose*. This shows that not only he had read these literary sources – by then already well known – but he had done so in the original language.

Puiggarí's knowledge of medieval Catalan and Hispanic literary sources was yet more comprehensive, since, for his costume descriptions, he even resorted to poetic texts, such as the *Poema de Yuçuf* (written in Aragonese in Arabic script, in the 14th century), or the *Poema de Fernán Gonzalez* (ca. 1250-70), the compilations of miracles of the Virgin (ca. 1250) by Gonzalo de Berceo (1198-1264) and those (1270-82) written by King Alfonso X (1221-1284), as well as the monumental Aragonese chronicles or the great encyclopaedic work *Lo Crestià* (1379-92) by Francesc Eiximenis (c. 1330-1409). Through all of these, the author analysed the entire 14th century from the point of view of religion, customs, and social relations (Puiggarí 1890: 176 ff.). Puiggarí very likely had access to these medieval works thanks to the 19th-century literary collections that compiled the great works of Spanish literature, making them known to Spanish readers. The author himself cites José Amador de los Ríos (1816-1878) and his *Historia crítica de la literatura española* (Critical History of Spanish Literature) (1861-65), when analysing works such as the poem by Fernán González or *Lo Crestià*. Moreover, despite not being directly mentioned in the text, Puiggarí must have known other series, such as the famous collection of classics *Biblioteca de autores españoles* (Library of Spanish Authors) (1846-80) edited by Manuel Rivadeneyra, the *Historia de la literatura española* (History of Spanish Literature) (1851-56) by George Ticknor (1791-1871), translated and augmented by Pascual de Gayangos (1809-1897) – where, for the first time, a translation of the *Poema de Yuçuf* was published – or even the anthology begun by Tomás Antonio Sánchez (1723-1802) and continued by Pedro José Pidal (1799-1865) with illustrations by Florencio Janer (1831-1877), *Poetas castellanos anteriores al siglo XV* (Castilian Poets Before the 15th Century) (1864), which compiles the most relevant poetic texts of medieval Castile. Similarly, Puiggarí often refers to other contemporary works on art, history, and archaeology. Among the Hispanic references, the *Historia general de España* (General History of Spain) (1850-67) by Modesto Lafuente (1806-1866) should be emphasised. This was the first great work on the history of Spain after that of Juan de Mar-

iana, from the beginning of the 18th century, also mentioned by the author²⁷.

As would be expected, Puiggarí also made use of artistic volumes that were key in the revaluation of Gothic art in the 19th century, such as the *Viage literario a las iglesias de España* (Literary Journey to the Churches of Spain) (1803-1852) by the Villanueva brothers, from which he gathered information on ecclesiastical clothing, or the work *Recuerdos y Bellezas de España* (Memories and Beauties of Spain). Of the latter, he especially uses the volumes written by José María Quadrado (1819-1896), about the provinces of Castile (1850, vols. 9, 11 and 12). Quadrado's volumes contain descriptions of monuments that the author probably only knew through these books, but which were essential for the study of the historical clothing of that region. Puiggarí's list of literary, artistic and historical references is much wider, but practical reasons prevent that all be listed here. Still, one last mention seems pertinent: the French illustrated magazines for the general reader, such as *Magasin Pittoresque* and *Le Musée des Familles* served as a model for Puiggarí to learn, especially through engravings of monuments, about French historical dress and, therefore, the European context in which to situate his studies.

Well versed in the work of his Spanish and European colleagues, Puiggarí cites in his own work numerous costume studies that served as a model for the development of his project. An analytical reading of the text reveals that one of his main referents was Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) and his *Dictionnaire du mobilier français* (1858-1875), a vast encyclopaedic project in six volumes that aimed to reconstruct and describe French medieval civilisation based on its daily product, including clothing, to which the third and fourth volumes are dedicated. The text is accompanied by a large number of xylographic illustrations and some chromolithographs that reproduce medieval works or recreate new compositions based on them, creating an entire iconographic repertoire close to the one Puiggarí would produce. Besides Viollet-le-Duc, Puiggarí briefly cites the illustrated work *Le Costume historique* (1876) by Auguste Racinet (1825-1893), which, although having a broad approach and focusing mostly on the last centuries of the Middle Ages, addresses costume beyond the geographical limits of Europe. There are also repeated references to the work of Spanish scholars who studied costume before him, notably the *Discurso histórico sobre el traje de los españoles desde los tiempos más remotos hasta el reinado de los Reyes Católicos* (Historical notes on the clothing of the Spanish people from ancient times to the kingdom of the Catholic Monarchs) (1879) by Serafin María de Soto, Count of Clonard (1759-1823),

²⁷ Puiggarí probably used the edition published in 1867, completed by Eduardo de Palacio. See MARIANA 1867.

which Puiggarí used to study Castilian medieval sources, as well as for the specific terminology related to clothing, especially that of the Arab world. Finally, the work that most inspired him was *Iconografía Española* (1855-64) by the Spanish artist and scholar, Valentín Carderera (1796-1880)²⁸. The work, published in two volumes, is one of the first repertoires of effigies of illustrious characters, which were copied by Carderera himself from ancient artistic works. These lithographic and chromolithographic prints, which were accompanied by the biography and description of the person represented, were an essential model for Puiggarí. They allowed him to discover and copy those artistic works, most of which were sculptures, that were not geographically within his reach but completed his research on Spanish clothing, as shall be seen below.

²⁸ Puiggarí and Carderera also maintained a personal relationship based on common artistic interest.



1380 90 DE UNAS TABLAS DE S. JORGE.

LÁMINA 40.

Fig. 1. Josep Puiggarí. Scene of the martyrdom of Saint George (heliograph). *Estudios de Indumentaria Española*. Lamina 40. Photography: author's archive.



Fig. 2. Josep Puiggari. Scene of the martyrdom of Saint George (tracing). RABASF Biblioteca, A-1853, "Siglo 14º", num. 28. Photography: author's archive.



Fig. 3. Josep Puiggarí. Scene of the martyrdom of Saint George (original). Inscription: “Martirio de un santo N.º 1. En casa Rocabrúna” (Martyrdom of a saint No. 1. House of Rocabrúna). RABASF Biblioteca, A-1850, fol. 50v. Photography: author’s archive.

By defending art as a fundamental tool for learning about historical costume, Puiggarí ended up making an important contribution to the History of Art. He studied artistic sources through documentary drawing, using pencil and watercolour, and often complemented it with notes with relevant information. Specifically, the volume under analysis was accompanied by forty-six plates with heliographic reproductions of Puiggarí’s drawings preserved in the Real Academia de Bellas Artes de San Fernando²⁹. The plates were sold separately as a complement to the book, which is why most of the copies

²⁹ In fact, the heliographs are not from the originals that Puiggarí sent to the Academy in 1867, but from the copies that he made of them.

found in Catalan public institutions do not include them³⁰. Puiggari's drawings are copies – complete or partial – of Catalan works of art, while the reproductions of Castilian works – especially manuscripts and tombs – were, according to the author, copied or traced from facsimiles and works by other scholars, such as Carderera. This offers an interesting detail about the profile of this art historian: despite his knowledge of languages and his rich library, he seems not to fit the pattern of the traveller-historian typical of the Romantic period.

The heliographs are organised chronologically, following a detailed list containing the plate number, the work represented, a brief description and the dating proposed by Puiggari. All the plates are faithful drawings of the original works, which are perfectly recognisable in their entirety. For example, plate 40 corresponds to the panel of the martyrdom of Saint George from the Saint George Altarpiece (ca. 1435) by Bernat Martorell (Musée du Louvre, inv. RF 1571) (fig. 1, 2 and 3)³¹. The description of this heliograph specified that the panel was part of an old altarpiece of Saint George –doubtless painted for the chapel of Saint George in the Palau de la Generalitat – and that it belonged to the “house of Rocabuna” (PUIGGARÍ 1890: 380). Thus, Puiggari was able to see and study this and other panels of the altarpiece that belonged to the collection of Francesc de Rocabruna (1811-1874), baron of Albi, which, furthermore, had been exhibited at the Exposición Retrospectiva of 1867 (BARCELONA 1867: 94; cat. 2139-2144). Interestingly, while in the exhibition's catalogue they are dated from the beginning of the 16th century, Puiggari suggested a closer date: 1380-90. It should be noted that Puiggari uses the past tense to place the panel in the Rocabruna collection, which indicates that, by 1890, when the book was published, it was no longer in the hands of the family³².

³⁰ So far, two copies with the full 46 plates have been located: one in the library of the Real Acadèmia de Belles Arts de Sant Jordi and another in the Servicio de Documentación y Acceso al Conocimiento (SEDAC), both in Barcelona, as donations from individuals. In these complete copies it is indicated that the price of the volume without illustrations was 10 pesetas, the volume with the heliographs and percaline binding amounted to 15 pesetas, or 25, if it had a fine binding in red percaline.

³¹ Here is shown the heliograph that appears in the publication, together with the tracing, and the original from which the first two were made.

³² At some point, the different panels of the altarpiece were dispersed: the main panel, depicting Saint George killing the dragon, became part of the collection of Charles Deering and after his death was deposited in the Art Institute of Chicago, where it remains (Inv. 1933.786). The panel on which this article focuses, along with three others, ended up in the hands of the Catalan antique dealer Celestí Dupont, who sold them in 1900 to Théophile Belin, who in turn sold them five years later to the Société des Amis du Louvre. For more information on the origin and trail of the altarpiece, see CORNUDELLA; MACÍAS 2011.



Fig. 4. Josep Puiggarí. Scene from the Pedralbes' altarpiece (original). Inscription: "Retablo de Pedralbes, N.º 2" (Altarpiece of Pedralbes No. 2). RABASF Biblioteca, A-1850, fol. 41v. Photography: author's archive.



Fig. 5. Josep Puiggarí. Scene from the Pedralbes' altarpiece (original). Inscription: "Retablo de Pedralbes, N.º 3" (Altarpiece of Pedralbes No. 3). RABASF Biblioteca, A-1850, fol. 41v. Photography: author's archive.

Another interesting case is plate 25, which reproduces some panels from the predella of a lost altarpiece from the Pedralbes Monastery in Barcelona (fig. 4 and 5)³³. Puiggari – who, based on the clothing of the figures, dated the work to 1330 – states that the predella was “left in a corner of the sacristy for a long time, [and is] nowadays in the hands of a diligent collector” (PUIGGARÍ 1890: 378; lamina 25). Puiggari’s drawings thus became a source of interest for current art historians: in this case, they provide the means to approach a medieval work now lost and which is known only through these drawings and others made by contemporaneous scholars³⁴. However, it should be borne in mind that Puiggari’s copies are not always a reliable source for speculating about iconography or style, since the faces, the size of the figures and other details are in his hand and not faithful copies that respect that of the medieval painter. In the same way, he often reorganised the compositions, eliminating characters, placing them in different spots or mixing various elements of the same altarpiece to create a completely new composition. Examples of this are plates 37 and 39, made from the selection of female (fig. 6) and male characters (fig. 7) of the Altarpiece of Saint Elizabeth and Saint Bartholomew (1401), attributed to the painter Guerau Gener (1369-ca.1410) and currently held in the Cathedral of Barcelona. The strategy is understandable, since the main objective was the study of the clothing and not the artistic piece itself. For this reason, and in this case, he placed the characters in line, side by side – as other costume scholars did before him – to better make comparisons between them. The characters are taken from different parts of the altarpiece: for example, the female character on the far left of the drawing is a copy of Saint Elizabeth from the central panel of the Gothic altarpiece, while the others are maidens, nuns or Elizabeth herself, but collected from various scenes in the side panels. A similar approach was undertaken with the copy of the male characters, largely taken from the scene of the apostle’s martyrdom, where Puiggari also made up those parts that cannot be fully seen in the original panel – for example, when part of a character is covered by an object – and changes the posture of the figures to show their clothing in a more suitable way. Thus, the textual and graphic analysis of this work shows that the study of costume was the way our author had to approach the history of a society and that his method of work allowed him, in fact, to create an artistic knowledge that can still be useful for art historians today.

³³ From here on, only original drawings will be presented, instead of heliographs from tracing or the tracings themselves, since only the first fully show the details, colour, and handwritten notes.

³⁴ Francesca Español made a detailed comparative analysis of these drawings with those of Pau Milà i Fontanals and those of Macari Golferichs, leading her to attribute the lost altarpiece to the Italian Gothic-style Catalan painter Pere Serra (ESPAÑOL 1999).



Fig. 6. Josep Puiggarí. Female figures from the altarpiece of Saint Elizabeth and Saint Bartholomew by Guerau Gener in Barcelona Cathedral (original). RABASF Biblioteca, A-1854, “Siglo 15º”, num. 13. Photography: author’s archive.



Fig. 7. Josep Puiggarí. Male figures from the altarpiece of Saint Elizabeth and Saint Bartholomew by Guerau Gener in Barcelona Cathedral (original). Inscription: “Retablo de S. Bartolomé en la Catedral de Barcelona” (Altarpiece of St. Bartholomew in the Cathedral of Barcelona). RABASF Biblioteca, A-1854, “Siglo 15º”, num. 13. Photography: author’s archive.

Conclusions

This article has endeavoured to show how Josep Puiggarí, through his studies on costume, was also an agent for the promulgation of heritage and an example of the desire to restore the national origins so common in 19th-century Europe. However, the author's work does not demonstrate a political nationalistic sentiment, as occurs with scholars of later generations, such as Josep Gudiol i Cunill (1872-1931) and Josep Puig i Cadafalch (1867-1956). By this time, Catalonia as a nation does not yet claim to be recognised as a state. The incipient Catalan nationalism is a cultural demand that is understood within its Spanish context. Thus, the figure of Puiggarí can be linked to cultural movements such as the *Renaixença* or the first Romanticism, but not to the political-cultural movements of the end of the century, for example, Modernism.

Beyond the interest of the texts and the artistic value of his drawings, Josep Puiggarí's studies are important because they demonstrate that History as a subject is in a state of constant constructive flux, and the ideologies and policies of each moment influence the choice of referents and the creation of certain discourses that favour the established narratives. The Catalanist but not nationalist (in the modern sense) position of Puiggarí – fully in line with the ideas of the Catalan industrial bourgeoisie of the time –, has meant that, despite the relevance of his contributions to the study of Catalan heritage, his standing did not fit into contemporary discourses on Catalan nationalism. For this reason, his works were not appreciated by those later scholars, who did not feel represented by Spanish Unitarianism. Just as the strength of mythologisation means that the current image of the Middle Ages derives from 19th-century European medievalism, it can also be said that the historiography of art in Catalonia has equally been mythologised, valuing the work of the historians of the end of the century, considered the founders of that field, and those authors who preceded them were practically forgotten. Recovering the work of Josep Puiggarí nowadays, implies reviewing the origins of the History of Art in Catalonia and making them known internationally.

Bibliography

AMADOR DE LOS RÍOS, José (1861-1865). *Historia crítica de la literatura española*. 7 vols. Madrid: Impr. De José Rodríguez.
BARCELONA (1867). *Catálogo de la exposición retrospectiva de obras de pin-*

- tura, escultura y artes suntuarias celebrado por la Academia de Bellas Artes, en junio de 1867.* Barcelona: Celestino Verdaguer.
- BARCELONA (1868). *Informe sobre el resultado de la Exposición retrospectiva celebrada por la Academia de Bellas Artes de Barcelona en 1867 dado á la misma Academia por la comisión encargada de dicha exposición.* Barcelona: Imprenta de Celestino Verdaguer.
- BASSEGODA, Bonaventura (2007). “Tres episodis de la història del col·leccionisme a Catalunya. Josep Puiggarí i les Exposicions de l'Associació Artística-Arqueològica Barcelonesa, la pinacoteca de Josep Estruch i Cume­lla i el palau Maricel de Charles Deering”, in *Col·leccionistes, col·leccions i museus. Episodis de la història del patrimoni artístic de Catalunya.* Bellaterra et al.: Universitat Autònoma de Barcelona et al., 119-152.
- BASSEGODA, Bonaventura (2010). “El col·leccionisme d'art a Barcelona al segle XIX”, in *Ànimes de vidre. Les col·leccions Amatller.* Barcelona: Dept. de Cultura, 25-36.
- BASSEGODA, Bonaventura (2012). *Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903), primer estudiós del patrimoni artístic. Discurs d'ingrés de l'Acadèmic electe Il·lm. Sr. Dr. Bonaventura Bassegoda i Hugas, llegit a la sala d'actes de l'Acadèmia el 17 d'octubre de 2012.* Barcelona: Reial Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi.
- BASSEGODA, Bonaventura (2013). “Les primeres adquisicions dels museus municipals de Barcelona fins al 1890”, in *Antiquaris, experts, col·leccionistes i museus. El comerç, l'estudi i la salvaguarda de l'art a la Catalunya del segle XX.* Barcelona: Publicacions i Edicions Universitat De Barcelona, 51-72.
- BASSEGODA, Bonaventura (2014). “L'apreciació de l'art medieval a les primeres col·leccions catalanes”, in *Mercat de l'art, col·leccionisme i museus. Estudis sobre el patrimoni artístic a Catalunya als segles XIX i XX.* Barcelona: Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona, 25-50.
- BASSEGODA, Bonaventura (2015). “El gusto por los primitivos en España”, in *Teoría y Literatura artística en España. Revisión historiográfica y estudios contemporáneos.* Madrid: Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, 29-46.
- BURKE, Peter (2019). *Myths, Memories, and The Representation of Identities.* Brighton: Edward Everett Root.
- CALVERA, Anna (2002). “The Influence of English Design Reform in Catalonia: An Attempt at Comparative History”. *Journal of Design History*, 15, 2, 83-100.
- CARBONELL BASTÉ, Sílvia (2016). *El col·leccionisme i l'estudi dels teixits i la*

- indumentària a Catalunya. Segles XVIII-XX* [doctoral thesis]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- CARDERERA, Valentín (1855-1864). *Iconografía Española: colección de retratos, estatuas, mausoleos y demás monumentos inéditos de reyes, reinas, grandes capitanes, escritores, etc. desde el siglo XI hasta el XVII*. 2 vols. Madrid: Imprenta de Ramón Campuzano.
- CHATEAUBRIAND, René de (1802). *Le génie du christianisme ou Beautés de la religion chrétienne*. 5 vols. Paris: Chez Migneret, imprimeur.
- CORNUDELLA, Rafael; MACÍAS, Guadaira (2011). “Bernat Martorell i la llegenda de Sant Jordi. Del retaule als brodats”. *Locus Amoenus*, 11, 19-53.
- DUBY, George (1988). *Mâle Moyen Âge: de l'amour et autres essais*. Paris: Flammarion.
- ESPAÑOL, Francesca (1999). “El pintor Pere Serra i Pedralbes: noves obres”. *Anuario de estudios medievales*, 29, 235-250.
- FAVÀ, Cèsar (2016). “Santa Llúcia repartint almoïna”, in *Col·lecció Antonio Gallardo Ballart. Obres d'Art Romànic i Gòtic*, catàleg de l'exposició. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, Barcelona, 68-71.
- FONTBONA, Francesc (2003). “Els orígens de la historiografia de l'art catalana”, in *Professor Joaquim Molas. Memòria, escriptura, historia*, vol. I. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 447-461.
- FONTBONA, Francesc (2004). “Historiografia de l'art catalana”, in *Història de la historiografia catalana*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 271-299.
- LAFUENTE, Modesto (1850-1867). *Historia general de España*. 15 vols. Madrid: Establecimiento Tipográfico de D. Francisco de P. Mellado.
- MACÍAS, Guadaira (2012). “Bernat Martorell. Dos compartiments d'un Retaule de santa Llúcia”, in *Catalunya 1400. El Gòtic Internacional*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, 198-201.
- MACÍAS, Guadaira; CORNUDELLA, Rafael (2015). “El Retaule de sant Jordi de Bernat Martorell”, in *El Palau de la Generalitat de Catalunya: art i arquitectura*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1, 208-219.
- MAESTRE, Vicente (1979). “El primer romanticisme artístic a Barcelona: el retorn a el medieval”. *Daedalus*, I, 42-56.
- MARIANA, Juan de (1867). *Historia General de España. Compuesta, aumentada y corregida por el padre Juan de Mariana y continuada hasta nuestros días por Don Eduardo de Palacio*. 8 vols. Madrid: M. Rodríguez y Cia.
- PIFERRER, Pau (1839). *Recuerdos y bellezas de España. Obra destinada a dar a conocer sus monumentos, antigüedades y vistas pintorescas en láminas dibujadas del natural y litografiadas por F. J. Parcerisa acompañadas de texto*

- por P. Piferrer. *Principado de Cataluña*, vol. 1. Barcelona: Imprenta de J. Verdaguer.
- PIÑOL, Estefanía (2022). “Dues taules marianes de Perot Gascó al Museo de Pontevedra. Aportacions a partir dels estudis de Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903)”. *Locus Amoenus*, 20, 55-71.
- PIÑOL, Estefanía (2024). *Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) i la pintura gòtica catalana a la seva obra gràfica* [doctoral thesis]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- PITARCH, Antonio José; DALMASES BALAÑA, Núria de (1982). *Arte e industria en España*. Barcelona: Editorial Blume.
- PUIGGARÍ, Josep (1860). “Pintura de retablos en el siglo XIV. Noticia de un desconocido pintor español de aquella época”. *El Museo Universal*, IV, 6, 43-46.
- PUIGGARÍ, Josep (1870). “Un cuadro de Luis Dalmau del siglo XV”. *La Ilustración Española y Americana*, XIV, 9, 138-139.
- PUIGGARÍ, Josep (1879). *Garlanda de joyells. Estudis é impressions de Barcelona monumental*. Barcelona: La Renaixensa.
- PUIGGARÍ, Josep (1880). “Noticia de algunos artistas catalanes inéditos de la Edad Media y el Renacimiento”. *Boletín de la Real Academia de Buenas Letras*, III, 71-103 and 265-306.
- PUIGGARÍ, Josep (1886). *Monografía histórica e iconográfica del traje*. Barcelona: Librería de Juan y Antonio Bastinos.
- PUIGGARÍ, Josep (1890). *Estudios de Indumentaria Española concreta y comparada. Cuadro histórico de los siglos XIII y XIV*. Barcelona: Asociación Artístico-Arqueológica Barcelonesa.
- RACINET, Auguste (1876). *Le Costume historique: cinq cents planches, trois cents en couleurs, or et argent, deux cents en camaïeu*. 6 vols. Paris: Firmin Didot.
- RIVADENEYRA, Manuel et al. (ed.) (1846-1880). *Biblioteca de autores españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros días*. Madrid: M. Rivadeneyra.
- RUÍZ QUESADA, Francesc (2023). “Virgem da Humildade”, in *Barcelona Gòtica. Obras do Museu Diocesano e Catedral de Barcelona*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 114-117.
- SÁNCHEZ, Tomás Antonio; PIDAL, Pedro José; JANER, Florencio (ed.) (1864). *Poetas castellanos anteriores al siglo XV*. Madrid: M. Rivadeneyra.
- SANPERE I MIQUEL, Salvador (1881). *Aplicació de l'art a la indústria. Principis a que deurian subjectarse las institucions d'aplicació en Espanya, Memòria premiada en lo Certamen celebrat per lo Centre Catalanista Provensalench en 1880*. Barcelona: La Renaixensa.

- SOTO, Serafin María de (Conde de Clonard) (1879). *Discurso histórico sobre el traje de los españoles desde los tiempos más remotos hasta el reinado de los Reyes Católicos*. Madrid: s.n.
- TARRAGÓ VALVERDE, Guillem (2018). *Teoria i historiografia de l'art a la Catalunya del segle XIX*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat.
- TICKNOR, M. George (1851-1856). *Historia de la literatura española... traducida al castellano, con adiciones y notas críticas, por D. Pascual de Gayangos... y D. Enrique de Vedia*. Madrid: Impr. De la Publicidad.
- VELASCO, Albert (2011). "L'exposició retrospectiva de Barcelona de 1867 i els inicis del col·leccionisme de pintura gòtica a Catalunya". *Lambard. Estudis d'Art Medieval*, XXII, 9-65
- VELASCO, Albert (2017). "Las colecciones de la familia Carreras. Pintura gòtica y maestros antiguos en la Barcelona de los siglos XIX y XX". *Goya: Revista de arte*, 359, 114-137.
- VELASCO, Albert (2022). "Pintures de Lluís Borrassà, col·leccionisme vuitcentista i mercat artístic recent", in *Scripta Mirabilia. Docència, recerca, transferència de coneixement. A Immaculada Socias i Batet, Historiadora de l'Art*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 610-637.
- VÉLEZ, Pilar (2003a). *El desvetllament de la consciència de patrimoni històric a Catalunya: lliçó inaugural del curs 2003-2004*. Barcelona: Amics de l'Art Romànic.
- VÉLEZ, Pilar (2003b). "Vies de difusió de l'estètica gòtica", in *L'art gòtic a Catalunya. Arquitectura II. Catedrals, monestirs i altres edificis religiosos*. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 318-321.
- VÉLEZ, Pilar (2009). *Els capdavanters del salvament, cura i estudi del patrimoni cultural de Catalunya: els "doblement acadèmics" de Bones Lletres i Belles Arts*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona.
- VÉLEZ, Pilar (2010). "Les arts industrials: bellesa, utilitat, economia". *Barcelona quaderns d'història*, 16, 131-161.
- VILLANUEVA, Lorenzo; VILLANUEVA, Jaime (1803-1852). *Viage literario a las iglesias de España*. 22 vols. Madrid: Imprenta real.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène (1858-1875). *Dictionnaire raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*. 6 vols. Paris: Bance.

A Road to The North: Italy, the Lombards and the Barbarians Between National Historiography, Archaeology and Policy

FRANCESCO BORRI¹

Università Ca' Foscari Venezia

francesco.borri@unive.it

<https://orcid.org/0000-0003-3385-2288>

ANNAMARIA PAZIENZA²

Università Ca' Foscari Venezia (Italia) | University of Nevada, Reno (USA)

annamaria.pazienza@unive.it

<https://orcid.org/0000-0002-9700-2234>

Texto recebido em / Text submitted on: 10/10/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 07/05/2025



Abstract. For a long time, Italian academic tradition viewed the cultural and historical interpretation of the Lombards as simple and uniform, shaped largely by the 19th-century author Alessandro Manzoni, a key cultural figure and author of *The Betrothed*. In his view, modern Italians were seen as direct descendants of the Romans, periodically reemerging during defining national epochs like the Renaissance and the Risorgimento. Within this framework, the Lombards were dismissed as just another group of foreign invaders. This perspective has significantly shifted in recent decades. Following the decline of Italy's 'First Republic', the rise of regional political movements, and the development of the European Union, the Lombards have been reinterpreted in more complex ways: in some cases, being viewed as regional ancestors supporting new territorial identities; in others, as early contributors to a pan-European identity. These reinterpretations parallel earlier local-national tensions after Italy's unification in 1861. Archaeological discoveries have further supported these revised views.

Keywords. Lombard Italy, Italian national discourse, history, archaeology.

Introduction

The Lombards (i.e., ancient Longobards) were a late-Antique *gens*, allegedly originating from Scandinavia, which in 568 moved from Pannonia to Italy, where they founded a kingdom lasting until the Frankish conquest of Northern Italy in 774. Academic tradition has long assumed that the cultural

¹ Assistant Professor (Medieval History)

² Marie Skłodowska-Curie Research Fellow at Università Ca' Foscari Venezia (Italia) and University of Nevada, Reno (USA).

and historiographical appropriation of the Lombards (along with the other *gentes* of early medieval Italy) was straightforward and monolithic, being directly influenced by the nationalist and highly rhetoric vision elaborated in the nineteenth century in the years preceding the Unification of Italy in 1861. In fact, interpretations of the Lombard period, arguably more so than for any other historical period, was then closely associated with more general issues surrounding Italian identity and the construction of local and national historical narratives.

Among the most influential works which shaped interpretations of the Lombard period was the one by Alessandro Manzoni (1785-1873). As a senator of the Kingdom of Italy and author of *The Betrothed*, perhaps the most widely read Italian novel, Manzoni endorsed a master-narrative according to which modern Italians were the offspring of the ancient Romans. Conquered by subsequent invading armies, but never actually vanished from the peninsula, the Romans would re-emerge in specific historical conjectures, considered as distinctively Italian – the Age of the Communes, the Renaissance and, *ça va sans dire*, the Risorgimento. It was a selective reading of history deeply rooting into the culture of the age (BURROW 2002). On their part, the Lombards were seen only as one of the many foreign oppressors and conquerors of Italy, though particularly fierce ones. They especially gathered Manzoni's interest: in his writings, which strongly influenced successive historiographical and artistic works, as well as popular culture (WOOD 2013: 113-136), they have also the function of representing the Austrians, governing most of Northern Italy before the foundation of the kingdom (GASPARRI 2001, 2003; ARTIFONI 2007; MORES 2020).

This, however, was only one among concurring discourses staged both in geographical and chronological layers. Firstly, already in the years of Italy's Unification in 1861, the Lombard past gained significance in local realities. Indeed, a harsh competition arose between the municipalities and the centre (i.e., the national State) to reaffirm their respective institutional roles in the frame of the newly unified country. In this context, especially through exceptional archaeological discoveries, the Lombards began to be seen as the initiators of a new social and political order where several local communities thought they could traced back their roots. Secondly, this reading has been layered in many ways over the last decades. The end of the so-called First Republic and the subsequent flourishing of localism reshaped the very idea of Italy and of an Italian identity. In the light of this renewal, the Lombards became feasible ancestors in populist discourses of new regionally-grounded political parties. Contextually new meanings were added at a broader level

in relationship to the European Union project. This trans-national building process brought about new emphasis on the history and culture of Lombard Italy as a fundamental link between the areas stretching from the Rhine to the Loire, i.e., the heart of Charlemagne's dominion, and the Mediterranean regions³.

By framing historiography, archaeology and politics in their cultural and historical backgrounds, the present essay will track the uses and abuses of the Lombards in Italian cultural memory and, while underlining the multifaceted and multidimensional appropriations they encountered, it will contribute to shed light on a debate still little known in international scholarship.

1. The Ghost of Rome

In the year 539, war between emperor Justinian and the Goths was raging in Italy. In the same year's summer, king Witigs sieged the invading forces of Byzantium in the metropolis of Rome, which the Byzantines had newly conquered. According to Procopius of Caesarea, the great historian of the age, the king of the Goths mustered two hundred thousand men to fight the eastern Romans. For modern historians, this figure is clearly fictional. Yet, 1937 Piero Rasi (1859-1961), teacher of Latin and Greek literature at the University of Pavia, took Procopius' witness at face value in his book *Exercitus Italicus e milizie cittadine nell'alto Medio Evo* (*Exercitus Italicus and civic armies in the Middle Ages*) (RASI 1937). According to Rasi, the army of Italy, the *exercitus* formed by the Goths, was then joined by the *militia*, which, in his interpretation, was a semi-professional group of non-Gothic fighters gathering citizens and farmers of the province. The vision of Rasi is very much isolated.

To a first extent, in the milieu where Rasi was writing, the name "milizia" recalled dark associations at the very heart of Fascist ideology, clearly mirroring the myth of the *camicia nera* and the *manganello* – the black shirt and the truncheon, the notorious attire and weapon of the early days of Mussolini's rise to power. Moreover, the year of the book's edition, 1937, was a momentous one – it came after a year from the victorious and atrocious Ethiopian enterprise when Mussolini's consensus was at its the highpoint and in the aftermath of the Duce's alliance with Hitler through the Rome-Berlin Axis (1936) then formalized by the Pact of Steel in 1939. In this tense political atmosphere, the bygone alliance described by Rasi between Goths/Germans

³ A notorious example is: CIOLA 1997. On the different usages of the Middle Ages in changing cultural contexts, see the seminal survey by DI CARPEGNA FALCONIERI 2011, and his essay 2013.

and Romans/Italians was highly welcome. In the 1930s the Catholic circles of the Institute of Roman Studies undertook an overall re-examination of the historiographical theme of the relationship between *romanitas* and Germanism. This occurred even through the re-reading of certain historical episodes, such as the Battle of the Catalaunian plains or the Siege of Rome recalled by Rasi, which were reinterpreted in the light of the joint effort of the two peoples against common aggressors (TOMASELLA 2013; ARAMINI 2020; MECELLA 2024). Also, it could have found a common ground in the scientific notions of the age, as these were the years when the poisonous Aryan ideology toxically spread in many European countries⁴. It was according to these views that Rasi's alliance could have made sense: Romans and Germans descended indeed from the same ancient tribes. Secondly, the Goths were very less divisive in the reading of Italian history since they appeared to bridge somehow between Roman and Barbarian heritages: seldom they were seen as hostile to the Italians' ancestors as the Lombards were⁵.

Many Italian intellectuals and politicians, however, came at odds with the idea that the Northern Germans and the old Italians could have forged an alliance against the Greeks (the Byzantines). For many Italian students of Classics, the Greeks kept the flame of learning, and were the cradle of culture through the Dark Ages, although many ancient Latin authors had described them as treacherous and perfidious (HUNGER 1987). The same could not be said of the Germans, who, in the Italians' perspective, were barbarians *par excellence*. The state of the art in Italian medieval studies was probably signed by the 1941 book by Gabriele Pepe *Il Medioevo barbarico in Italia*, where the title is outspoken of the role of the early-medieval conquerors of Italy (PEPE 1941; BERTO 2021: 32-64). Pepe (1899-1971), who was professor of Medieval History in Bari, was very close to the antifascist circles led by Benedetto Croce (1866-1952) and by establishing explicit parallels between the Lombard domination of Italy and the authoritarian regime of Hitler its book resounded as a warning to the risks connected to the alliance with the Germans (MORETTI 2015).

Indeed, Rasi's proposition was in friction with the widespread anti-German feelings of the majority of Italian intelligentsia, which even in the case of scholars and politicians aligned to Mussolini remained always rather impervious as Mussolini himself to the Aryan mythology. This is a major difference of the Italian culture (and historiography) comparing with the ones of Northern European countries. As an example, the influential anthro-

⁴ On this, see: ARVIDSSON 2006.

⁵ On the perception of the Goths in the Italian historiography of the period see: PAZIENZA 2022: 437-465.

pologist Giuseppe Sergi (1841-1936) believed that, in the distant past, the Etruscans had fought the Aryans back and saved the Mediterranean civilization, which, therefore, was not considered a part of the great Indo-European civilization⁶. Sergi had his own racial theory, but he dispassionately opposed the growing Nordicism. Instead, he proposed that the Mediterranean peoples were the founders of the greatest civilizations of history, such as Egypt, Carthage and, of course, Rome. Not only were the new ideas looked at with hostility, but many scholars also showed a deep-rooted scepticism in the belief that a language could say much about its speakers. Here, it could be useful to compare the Swiss scholar Adolphe Pictet (1799-1875) with the almost contemporary Enrico De Michelis (1877-1938). While the former was the great theorist and poet of the Aryan origins, De Michelis, who had a log career teaching in high schools and ethnography in different Italian universities, while writing on the very same topic in *Origine degli Indo-Europei* (*The origins of the Indo-Europeans*) complained on the great confusion between blood and language, and firstly used the expression “scientific myth” to dismiss this huge and still growing scholarship⁷.

The impenetrability of the Italian scholarship to this appalling and frightening theory of race had a specific reason: Rome and the long shadow projected by her eagle. The permanent centrality of Rome as a Christian centre and the all-present majestic remains of the imperial age constantly inspired politicians and intellectuals such as Otto III, Dante Alighieri, Edward Gibbon or Goethe. In Italy, every woman and man with some acquaintance with the Classics knew of Romulus’ asylum in the fatal hills back in the archaic days of the eighth century B.C.E. and the mongrel origin of the first Romans as narrated by Vergil (DENCH 2005). In all these centuries, being a Roman had much to do with culture, practice, and law rather than blood. If there was a race of Rome, this race was perceived as being also spiritual and not only biological. Also, Benito Mussolini, who in 1937 was prone to sign the Racial Laws, could, in a private conversation with the journalist Indro Montanelli (1909-2001) in 1934, still utter that “il razzismo è roba da biondi” – “racism is stuff for blonde people”⁸.

The heritage of Rome was, in fact, no prerogative of Italy, being almost constantly contend and challenged by neighbouring countries. Imperial capitals rose in France, Germany, Serbia, Greece, and Turkey, and, since the Middle Ages, the

⁶ SERGI 1898; POLIAKOV 1971: 104; GILLETTE 2002. On Sergi: MONTANARI 2018.

⁷ PICTET 1850-1853; DE MICHELIS 1903, quotation is from p. 88; POLIAKOV 1971: 104. On De Michelis see: QUARANTA 2019.

⁸ MONTANELLI 1996. On Montanelli: GERBI and LIUCCI 2011.

recurring obsession of Empires, Holy Empires and German Empires showed the centrality of Rome (GIARDINA and VAUCHEZ 2000; WILSON 2017). Yet, since Romanticism, it became more and more an Italian phenomenon. In the second half of the nineteenth century, the ancestors of modern nations were searched in the bearded barbarians of the past. Particularly in Germany and England, the barbarians became the subject of growing interest, both historical and literary. It may be enough to remember the construction of the *Hermannsdenkmal* the huge statue of Arminius, in the alleged place where the Germans humiliated Varus's legion in the forest of Teutoburg (WIWJORRA 2006). Thereafter, in the Italian national discourse there was no barbarian ancestor for the modern nation, as it was the case of the great majority of European states. Instead, it was almost a common ground that the Italians found their ancestors in the proud Romans of the Republic – the Scipios as we still hear in the Italian national anthem. In the words of the great Russian-French historian Léon Poliakov (1910-1997), “the grandiose myth of the eternal city, mistress of the world, casted in shadow all the remaining genealogical affiliations” (POLIAKOV 1971: 85).

It was during the *Risorgimento*, the time which saw first the intellectual project for a kingdom including the whole Italian peninsula (and the factual conquest afterward, moved by the kings of Sardinia from the House of Savoy), and Fascism that the Romans of Italy reached its high tide. Rome, both as the archetypical symbol of power and greatness and as a Christian capital, became the very centre of every ideology aiming to unify Italy. In the men of the age, the sentimental attachment to Rome was overwhelming. Writing his autobiography in 1864, the Italian patriot Giuseppe Mazzini (1805-1872) (MONSAGRATI 2008), the man that Karl Marx used to call “that everlasting old ass,” went back to his first visit of Rome in the anxious month of the Roman republic in 1849:

Rome was the dream of my youth, the mother of all my ideas, the religion of my soul. I entered it on foot that evening in early March, trembling, almost in adoration. Rome was to me, and in spite of her present degradation, she is still, the temple of humanity. From Rome will one day spring the religious transformation destined for the third time to bestow moral unity upon Europe⁹.

If in the Italian discourse of the *Risorgimento* the revival of the *romanitas* was imminent, there was a long time between Ancient Rome and the unified

⁹ MAZZINI 1864 (1986): 382, quoted in GIARDINA and VAUCHEZ 2000.

kingdom of Italy. The main question concerned the destiny of the Romans in the process of becoming Italian. What had happened to them in these long years? This, as it often happened, brought a clearly selective reading of history. Looking at the past, Italian intellectuals had to choose who were the proto-Italians and who were not. Finding ancestors in the stoic ancient Romans, these busy men of the *Risorgimento* forced themselves in a complicated historical cage. Yet, a model was offered by France, where, among others, Augustin Thierry (1795-1856) dedicated his work to the destiny of the Gauls under Frankish rule.

In the Italian discourse, the ancient Romans, destined to grow into the modern Italians, became the victims of successive aggressions and conquests of foreign populations, which limited their freedom and their genius. In certain historical circumstances as the Age of Communes, or the Renaissance, the spirit of the ancient Romans came once more to light, but they were just episodes. Generally, it was a past made of misery, decadence, and foreign oppression. These ideas were spread by a gifted group of writers working between 1815 and 1847. Generally, they wrote historical novels, very similar in pattern, settled in various epochs and featuring archetypal characters. There was a hero, defender of his community and with a vision of united Italy, better if republican, there were the foreign rulers, harsh and cruel, and often there was a traitor and a woman whose virtue is threatened by the foreign ruler, the traitor, or both of them (BANTI 2004: 54). This discourse is still present and, until few years ago, it was at the backbone of the teaching of history in most of Italy's public schools. Suggestively, is the very plot of the movie *Barbarossa*, strongly wanted by the Italian party Lega Nord, of which we will discuss in short¹⁰.

In modern times, these foreign powers could have been found in the French, the Spaniards, or the Austrians, but in the Middle Ages the matter became more complicated. While the Goths and the Carolingians were somehow digested in the Italian proto-national discourse, it was the Lombard kingdom that troubled the historians. In Italian historiography, the Lombards were mostly pictured as ravenous barbarians, just emerging from the Baltic forests and with no previous contact to civilization, bloodthirsty haters of the Roman world, destroyers of almost everything, pagans with terrible tastes and poorly dressed.

As mentioned above, Alessandro Manzoni was one the strongest proponent of the idea of an Italian population enslaved and humiliated through its

¹⁰ R. Martinelli (dir.) *Barbarossa* (01 Production, 2009). T. DI CARPEGNA FALCONIERI 2009.

history. Manzoni's legacy was hard to overcome. Writing about the Migration Period in his *Sommario della storia d'Italia* (*Summary of Italian History*), Cesare Balbo (1789-1853) (PASSERIN D'ENTRÈVES 1963) wrote:

In Italy, by contrast, we see in succession the barbarians of Odoacer, the Goths, Lombards, old Franks and new French, and old and new, ancient and modern Germans. And the old invaders, pushed away by the new, never had enough time to melt in the nation. And thus, what is usually said of the other modern nations, that their servile blood of Roman provincials, was renewed by free German blood, is not true for Italy¹¹.

Even Gian Piero Bogneri (1902-1963) (MOR 1969), who gave new impetus to the research on the Lombard period in the aftermath of the Second World War, still had Manzoni's words in his mind. His *Santa Maria "foris portas" e la storia religiosa dei Longobardi* (*Santa Maria "foris portas" and the religious history of the Lombards*) accounts for the survival of the Roman tradition under the Lombard rule through the mediation of the Papacy and the Eastern monastic missions it would have promoted (BOGNETTI 1948). In countries such as Italy, Greece and others, most remarkably Germany, there is a tale of resistance and resilience of the allegedly original inhabitants against successive waves of invasions.¹² The great positivist work of Thomas Hodgkin, which became a master narrative of Italy during the early Middle Ages, was evocatively titled, *Italy and Her Invaders*¹³.

It is suggestive to compare the role of the Lombards in the construction of Italian history with the one of the Franks in France and particularly the Visigoths in Spain. In many European countries, between the eighteenth and nineteenth centuries, the origins of the nation were explained through the migration of barbarian tribes during the Middle Ages, which in the cultural discourse of the age took the name of *Landnahme*, which Patrick Geary translated in English as primary acquisition (GEARY 2002: 34). It happened once:

the ancestors of modern nations—speaking their national language, which carried and expressed specific cultural and intellectual modes—first appeared in Europe, conquering once and for all their sacred and immutable territories and, in so doing, acquiring once and for all their natural enemies. Wonderful examples are the incoming Angles and Saxons, the

¹¹ BALBO 1846 (1985): 416, translation adapted from WOOD 2013: 122.

¹² On the German experience: BORRI forthcoming.

¹³ HODGKIN 1880-1899. On this WOOD 2013: 217-220. See also: BROWN 1997.

Croatians, and the Hungarians.

The former Roman provinces of Britannia, Dalmatia and Pannonia became the new fatherland due to an ethnic and linguistic change, which was permanent and irreversible. The following migrations in the same territory during the successive centuries were dismissed as invasions.

Yet, in Italy different stories were written and alternative models became suitable. This became clear in regional contexts where alternative discourses were mostly backed up by archaeological evidence.

2. A Homeland for the Lombards

When one turns from historiography to cultural heritage policy and archaeology, in fact, the *questione longobarda* and the role of the successive barbarian settlers for the national discourse in Italy loses its centrality, as does the very idea of Rome. This becomes apparent when the developments of Italian medieval archaeology as a discipline are considered. The beginnings of medieval archaeology in Italy date back to the second half of the nineteenth century, when early medieval graves started being dug up by amateurs as well as professional archaeologists who acknowledged them for the first time as material traces of the Lombards. The Castel Trosino and Nocera Umbra cemeteries in central Italy are two of the most notorious and large sites discovered in this pioneering phase, respectively in 1893 and 1897-98¹⁴. Brought to light by state-backed excavations, they were documented through the highest scientific standards following a positivistic approach, which was then in vogue (GELICHI 1997: 27-51; 2005: 169-184).

Like in other parts of Europe, also in Italy, therefore, medieval archaeology took its first steps as Germanic Archaeology (EFFROS 2012). Unlike other European countries, however, after the initial impetus at the turn of the century, the rising discipline very soon went off the national research agenda (LA ROCCA 1993: 13-43; 2004: 173-234) and remained a marginal field of study also in the post-war period (PAZIENZA 2022: 437-465). The editorial of the first issue of the journal *Archeologia Medievale* in 1974 makes this discontinuity very clear. In a neo-Marxist perspective, accessing and studying “subordinate classes” was chosen as the main goal for future research of the newly founded discipline (BROGIOLO 2009). No connection was made with its original debuts, and no room was left for the Lombards. After all, in the Seventies memories of

¹⁴ See below through the text.

National Socialist archaeology were still pretty vivid.

From 1937 to 1943 the German Archaeological Institute in Rome had engaged in a research programme usually referred to as the *Langobardenforschungen*. As similar projects launched elsewhere in Europe (FEHR 2002: 177-200 and FEHR 2004: 97-228), the *Langobardenforschungen* aimed at justifying the alleged German cultural and political hegemony across the continent. Siegfried Fuchs (1903-1978), a fervent National Socialist and SS-*Oberschurmführer*, was the archaeologist in charge of carrying out the programme (VIGENER 2012: 223-236). Supported by the Third Reich, Fuchs looked for, photographed, classified and finally published hundreds and hundreds of Lombard-period finds, which were preserved in various local and provincial museum collections all over Italy (FRÖHLICH 2008: 183-213).

Italian authorities showed few or no interest in Fuchs' work. The General Division of Antiquities and Fine Arts (i.e., the office then in charge for the protection of archaeological heritage) put its entire intellectual and financial resources in recovering and studying the Classic and Roman past, which was so central in the propaganda of Mussolini's fascist regime¹⁵. On the other hand, the perilous chauvinism inspiring Fuchs became apparent only later, when the war was over.

Notwithstanding the scant interest shown by governmental archaeologists, it is meaningful that precisely in the context of archaeology, and particularly in field of the conservation of archaeological heritage, a different attitude developed towards the Lombard-period finds. A national law protecting archaeological heritage was only issued in Italy in 1909 (BALZANI 2003). Before that year, landlords and diggers were the lawful owners of the materials which were unearthed on their estates, and they used to sell these to the highest bidder. The antiques market was very flourishing, and the General Division was constantly at a disadvantage due to the limited funds of the newly unified country and the demands of wealthy European private and public competitors (PAZIENZA 2006: 61-78).

In order to get the materials and prevent their sale abroad, government officials were often forced to engage in lengthy negotiations with private individuals and, from time to time, to use even some gimmicks. At least to a certain extent, the entry of archaeological finds into public collections, or conversely into the antiques market, was a matter of causality. In this respect, the story of the discovery of the Nocera Umbra cemetery is highly representative. After the first accidental findings, the government official Angelo Pas-

¹⁵ MANACRODA 1982: 443-470; MANACORDA and TAMASSIA 1985. See also BARELLA 2019: 199-233 and BRENNAN 2020: 1-13.

qui (1857-1915) was able to gain control of the site only thanks to the poor economic conditions of the landowner Vincenzo Blasi, who did not have the means to finance the excavations by his own. The cemetery was brought to light in its entirety through two archaeological campaigns in 1897 and 1898¹⁶. A first agreement between the parties foresaw the overall partition of the grave goods. Later, Blasi accepted to sell his share for a reasonable amount. However, the decision was the result of his lack of expertise and knowledge. Pasqui had minimized the actual value of the items, managing to control the purchase price, which in the end was set up at 24.000 Italian lire: a high sum, but not as high as it should have been (PAZIENZA 2009: 8-18).

Be that as it may, in the end, the grave goods from Nocera Umbra were secured to the State collections and ultimately exhibited in the Roman National Museum of the Terme di Diocleziano in Rome, in the same room where the finds from Castel Trosino had already been on display for some years (BAR-NABEI 1895: 35-39 and PARIBENI 1920: 121-123).

A trend that was already underway in Italian museum policy was mirrored. Since the very first years following the unification of Italy, museum directors and keepers had spent great efforts to prevent the losses of Lombard-period finds, and to hold them on display to the general public in their institutions. These efforts had few or nothing to do with the intrinsic value of the objects themselves. Museum directors and keepers were driven and inspired by civic pride and patriotic rhetoric. The possession by an Italian public institution of “non-Italian” archaeological materials – indeed, the Lombard-period finds were thought to be products of a foreign people – held a symbolic meaning and was thought to be instrumental to achieve at least two purposes: recalling the past of a foreign domination as a warning for future generations; and celebrating the end of that domination, which had begun precisely with the Lombard conquest of Italy in 568 C.E. and ended only many centuries later thanks to the Italian *Risorgimento* in 1861¹⁷.

This anew and partially positive attitude towards the Lombard-period archaeological finds developed further and in original ways above all at a regional and sub-regional level, where the interest in the archaeological heritage went hand in hand with the identity-formation of local communities. The post-unification period witnessed a widespread process where each town and

¹⁶ The excavation of Nocera Umbra was published only in 1918 due to the death of Angelo Pasqui. See PASQUI and PARIBENI 1918: 137-352.

¹⁷ These two arguments were fundamental for the successful acquisition for the State collections of the finds excavated at the early medieval cemetery of Testona. See the archival documentation published by PEJRANI BARICCO 1980: 12-15.

village began rethinking of its own cultural and political position in the context of the newly unified Italy. Italian historians refer to this phenomenon as “*paura dell’assorbimento*”, literally “fear of assimilation”; a phenomenon that brought about the re-emerging of localisms and parochial interests (SORBA 1998: 157-170; CARPEGNA FALCONIERI 2017: 78-101; SESTAN 1981: 21-50). As a result, antiquarian societies started flourishing everywhere across Italy. These were institutionalized venues, which were created by prominent and learned citizens with the programmatic aim of writing and promoting the particular history of their respective hometown and region. A competition – in some case even harsh – soon arose among Italian municipalities seeking to prove their importance and prominence (BARBIERA 1998: 345-357). Naturally, since these importance and prominence were thought to be grounded in the past, archaeological discoveries came to play a fundamental role¹⁸. This, in turn, resulted in a conflict between central and local authorities over the preservation and management of archaeological heritage.

The discovery of the Castel Trosino cemetery gives us an insight into such post-unification dynamics and tensions. The first graves were discovered by chance in 1893, during farming works on the lands of the parish church. Soon after, Raniero Mengarelli (1865-1944), engineer of the newly established Roman National Museum, was appointed head of the archaeological excavations. The cemetery was brought to light through a single campaign between the spring and the summer of the same year¹⁹. The take-over of the excavations by the State brought about right away the protest of the villagers, which became harsher and harsher when the grave goods were sold by the local priest for the paltry sum of 10.000 Italian lire and transferred to Rome upon decision of the Minister of Education (PAZIENZA 2009: 23-27). The mayor and other leading citizens started addressing petitions to the General Division of Antiquates and Fine Art to have the grave goods returned and in March the dispute was even discussed in the parliament. Senator Filippo Mariotti (1833-1911) (SEVERINI 2008), who had embraced the cause, used a perfect metaphor to explain the disappointment of the inhabitants of Castel Trosino. In his words, the act of taking away finds from the discovery place was like to rip the page from a book, a book telling the local history of that community. Even despite this, however, in the end, only a few objects were delivered back to the community of Castel Trosino as a representative sample of the necropolis.

The episode testifies to the new meaning attributed to Lombard-period

¹⁸ On the archaeology as a tool of cultural identity see SMITH 2001: 441-449.

¹⁹ The excavation of Castel Trosino was published in 1902 by MENGARELLI 1902: 145-380.

finds as valuable local relics. Interestingly, this new meaning also brought along a different understanding of the Lombards as historical agents. Rather than just foreign conquerors and oppressors, they became the forerunners of a new social order. In the view of local scholars, the Lombard conquest had in fact brought about the reorganization of the entire province. The fleeing population, who had left the older Ascoli, began to populate the surrounding hills, where new fortified settlements and castles were founded, including Castel Trosino itself.

The strong interconnection between historiographical thought and nationalist propaganda profoundly influenced the developments of Italian medieval archaeology. As said, in Italian nationalist historiography a parallel was established between modern Italians and the Roman local population, who had been conquered by the Lombards. Already in the aftermath of the earlier discoveries dating to the Lombard period, professional and governmental archaeologists showed little or no interest in Lombard-period finds, which they considered not really “Italian” and, therefore, little worthy of being studied systematically. Not surprisingly, it was the German scholar Siegfried Fuchs who conducted the only major research programme on Italian Lombard materials in the interwar years.

On the other hand, museum directors and keepers were able to renegotiate the centrality of these finds. First and foremost, they were interested in the use of archaeological heritage as a tool for shaping the new consciousness of Italian citizens. In their view, the exhibition of Lombard materials in public museums served the goal of remembering a painful past that was over and shouldn’t happened again. In addition, the city elites operating in the venues of local antiquarian societies were also responsible for a further renegotiation of meaning. By promoting the research into local history, they engaged in the identity-building process of their respective communities. In this process, the Early Middle Ages and the Lombards were integrated as a natural component of each micro-history, and consequently also the Lombard finds were as valued as many others.

3. Alaric’s Fever and Other Tales

The conflict between central and local authorities for the preservation and management of the archaeological heritage, as well as the key role played by this heritage in the construction of local identities and the shaping of civic pride, is still underway nowadays. Following the interlude of the Fascist dicta-

torship, in fact, the 1947 Italian Constitution not only restored the country's tradition of municipal and provincial government and local democracy, but also added the idea of the Region-based State to the unitary State (MANGIAMELI 2014: 1-33). In the process of decentralization of power from national to regional governments, which became especially marked since the 70s, areas such as healthcare, transportation and, last but not least, culture were delegated by the law to local administrators (LEONARDI, NANETTI and PUTNAM 1981: 95-117). From this moment on, the latter have renewed their stance in promoting local archaeological discoveries and in funding excavations and exhibitions. As a result, the confrontation with the representatives of the central State has re-flourished even harsher while, once again, the Lombards and the barbarians have entered the scene.

In September 2018 the mayor of Curreggio, a small village of two thousand inhabitants on the hills around Novara in Piedmont (North-Western Italy), began a dispute on behalf of his community to have returned the grave goods of a "Lombard warrior", which had been unearthed sixteen years earlier near to the baptistery of the local church. Soon after their discovery in 2002, indeed, upon order of the *Soprintendenza Archeologica* (i.e., the present-day office responsible in Italy for the protection of archaeological heritage), the grave goods had been transferred to Turin, the regional capital, to the great disappointment of the town and its representatives, who were eager to see them exhibited in the civic museum, then under construction. At the museum inauguration in March 2019, however, the materials were still in Turin and visitors had to be content with a 3D rendering of the "Lombard warrior" and his equipment²⁰.

Of some interest to the local and national press, the episode finds parallels in another contemporary dispute, which in 2015 saw the mayor of Cosenza in Calabria (Southern Italy) and the Minister of Cultural Heritage confronting each other over the legacy of Alaric, king of the Visigoths. As reported by Jordanes in his best-known work, *Getica*, after the sack of Rome, Alaric died in Cosenza, to be buried there with a marvellous treasure underneath the bed of the Busento river. The reliability of Jordanes has long been debated and today the tale of his burial is considered by most scholarship a literary trope. This notwithstanding, through the creation of a museum dedicated to him, the municipal administration decided to exploit his figure as a cultural brand for Cosenza's rebirth. The idea of the museum – dating back to 2009 but still under construction – was relaunched in 2015, when the town's

²⁰ *La Stampa*, 13.09.2018: <https://www.lastampa.it/topnews/stampa-plus/2018/09/13/news/la-battaglia-del-sindaco-il-guerriero-longobardo-conteso-deve-riconquistare-la-sua-torre-1.34044725/>.

mayor, Mario Occhiuto, decided to undertake archaeological excavations in search for the royal treasure. The news bounced around newspapers all over Europe and even the *Telegraph* talked about it. The Minister of Cultural Heritage, however, slowed down the initiative and refused to concede the permit for starting the survey due to the groundlessness of the legend and inconsistency of historical data. The stop inflamed the protest of the mayor, who saw it as a brutal attack to his person. Mario Occhiuto, though, was not the only one to experience the seductive power of Alaric's legend over the years²¹.

In 1820, August von Platen (1796-1835)'s famous poem *Das Grab in Busento*, which Giosuè Carducci (1835-1907) translated into Italian, enveloped the figure of the king and his alleged treasure into a romantic aura, i.e., that of the hero sumptuously buried far from his homeland. Since then, travellers, novelists, and adventurers have been fascinated by the legend. The famous Alexandre Dumas (1802-1870), for example, reports it in his book *Viaggio in Calabria* (*Voyage in Calabria*). In 1937 on a visit to Rome with Hitler (CARDINI and MANCINI 2022), the leading member of the Nazi Party, Heinrich Himmler, went to Cosenza, where, standing at the centre of the bridge over the Busento, addressed the Nazi salute to the river as a sign of political identity and respect to the barbarian king (ROMA 2015: 205-219). Alaric's myth was of great importance in Nazi ideology, for which the warlike virtues of the Germanic tribes and their leaders were the motive for the superiority of the Aryan race. More specifically, it was believed that Alaric's treasure included the spear that was used during Jesus' crucifixion. The Holy Lance (*Heilige Lanze*) represented an exceptionally powerful magical-archetypal object and an indispensable symbol of the Reich. In 1943, Hitler called the military offensive that would have led to the occupation of Italy *Unternehmen Alarich* (*Operation Alaric*) (SANGINETO 2009: 73-74; ROMA 2015: 206).

Alaric's myth did not stop to flourish even after the post-war period, when newly-found Indiana Jones continued their treasure hunt. News of illegal excavations periodically appear in the local press. On the Facebook page *Quelli che vorrebbero trovare Alarico e il suo Tesoro* (*Those who would like to find Alaric and his treasure*), a group counting hundreds of members, it is possible to read the most recent developments of a mania in which the relationship between

²¹ *Quotidiano del Sud*, 27.10. 2015: <https://www.quotidianodelsud.it/calabria/cosenza/societa-e-cultura/cultura-e-istruzione/2015/10/27/alarico-va-bene-la-leggendama-larcheologia-e-unaltra-cosa>; *CosenzaPost.it*, 4.11.2015: <https://www.cosenzapost.it/tesoro-di-alarico-a-cosenza-presto-le-rilevazioni-con-il-georadar-041115/>; *Il Fatto Quotidiano*, 19.11.2015: <https://www.ilfattoquotidiano.it/2015/11/19/cosenza-la-farsa-della-caccia-al-tesoro-dalarico-il-comune-non-ha-chiesto-autorizzazioni-stop-della-soprintendenza/2235312/>; *La Repubblica* 16.11.2016: https://www.repubblica.it/cronaca/2016/11/16/news/_quel_tesoro_e_una_farsa_ii_sogno_di_alarico_spezzato_dal_ministero-152101392/.

archaeology, popular culture and politics emerges in all its problematic nature (GHILARDI 2014).

One of the most original and controversial momentous witnessing pseudo-scientific appropriations of the Italian barbarian past is represented by the years after 1994, when as a consequence of a major financial scandal which brought about the end of the so-called First Republic, an archipelago of new political formations replaced the old traditional Italian parties which had dominated the scene in the second half of the twentieth century (DONOVAN 2015: 192-203). Among these new political subjects, the Lega Nord, a secessionist and populist movement, collecting the inheritance of the older Lega Veneta and Lega Lombarda, emerged. The Lega Nord's autonomist claims found fertile ground first in the older process of power devolution that had empowered Italian regions with growing duties and responsibilities since the 70s and then consolidated in the vacuum left by the fall of the First Republic. At the regional elections in 1990, it obtained 20% of the votes in Lombardy, the most populated and richest region in Italy, and 5.4% in the whole country, showing how the political landscape was rapidly changing. A few years later, at the regional elections in 1993, it obtained greater success, as to ultimately becoming a government party in the political elections in 1994 (COLARIZI 2007: 192-194 and CENTO BULL 2015: 204-214).

From the outset, the main propaganda goal of Lega Nord was to cut off Padania (the region of the Po River) from the rest of the country, and especially from the allegedly underdeveloped South. Several times throughout history, the alleged economic and political divide in Italy into a generic, rich and avant-garde North and an equally generic, lazy and economically towed South has been interpreted through an ethnic lens, that is, in a way which naturalizes differences and therefore removes them from any social and political responsibility. In supporting these claims, a common origin and a shared history was invented by the party's ideologues, who selected two historical periods when Padania would have formed a political unity independent from the rest of Italy, i.e., under the Celts of Gallia Cisalpina and under the Lombards ruling mainly over Northern Italy (BARBIERA 2010: 195-197). The discourse of Padania's distinctiveness was very much mutated by the Italian national discourse although with momentous perspectives' turns, such as by making Brennus the hero instead of the villain of the famous Gallic conquest of Rome, or appropriating myths like the Battle of Legnano, in different declinations (CAVAZZA 1994: 197-214).

During a rally, Mario Borghezio, the right-hand man of Umberto Bossi, founder of the Lega Nord, described the concept in these terms:

We, we who are Celts and Lombards, are not Levantine or Mediterranean shit. We, the white and Christian Padania, white and Christian, those of Lepanto, of the flags of the crusader heart, we who will never become Islamic, we followers of Bossi until the end!²²

According to this view, “Padania was born with the Lombards, led by Alboin, after their conquest of the north of the peninsula, which brought to the foundation of the so-called “Langobardia” [...] from Friuli to Piedmont, from the Alps to Tuscany.”²³ Also, the Lombards were not seen as a migrating group, “because they were our people who escaped from another land. They had the same ancestors, the same gods, the same habits of those who already had lived here forever”²⁴. In other words, Lombards should be considered to all intents and purposes the same people as Celts, for they moved from the North to the Italian peninsula, where the latter lived since the beginning of time and welcomed them as relatives.

Besides the political vacuum left by the fall of the First Republic, the new surge in populist parties, such as the Lega Nord and other European right-wing parties, owed much to the contextual launch in the 90s of the European Union project. This trans-national building process started in 1990, when Italy signed the Shengen agreement, through which the border checks between subscribing European States fell. Two years later, in 1992, the Maastricht treaty established the European Union and in 1999 the replacement of the Italian currency, the Lira, with the Euro began. Since its establishment in the early 90s the Lega Nord has mainly expressed a pessimistic view of the EU as a reaction to supra-national integration processes and the redistributions of power and duties which came along. In this context, even the cultural life of the European member states witnessed a re-orientation through a funding policy apt to promoting research projects and exhibitions addressing what was perceived as a possible shared common past. Thus, the so-called barbarian kingdoms and Charlemagne’s Holy Roman Empire offered a seemingly acceptable and appropriate model for a proto-European *koinè*.

A significant example of this cultural policy, whose goal was to present a “New Europe”, is the scientific programme the *Transformation of the Roma World* which was financed from 1992 to 1998 by the European Science Foundation to foster the cooperation between scholars from as many of the European Union member states as possible and promote research on European

²² For the quotation see VERENI 2009: 92.

²³ BARBIERA 2010: 196, who cites G. Oneto, “Cultura e Territorio”, *Quaderni Padani*, 34 (2001), 30 (26-30).

²⁴ BARBIERA 2010: 197, who cites Oneto, “Cultura e Territorio”, 26.

history as a whole. An idea of the numbers involved came from the second of the three plenary conferences organized in the context of the programme where ninety-two scholars from eighteen countries participated. Several edited volumes originated from the programme. By the same token, exhibitions on Charlemagne and the Franks were organized between 1996 and 1997 at different venues. These were meant at presenting early medieval period cemetery evidence and material culture to the public at large and getting common citizens more familiar with them. The *Die Franken* (WIECZOREK 1997) exhibit held in Mannheim, Berlin and Paris where the Franks were celebrated as the pathfinders of a proto-unified Europe made clear the political message behind such initiatives (WOOD 2103: 315-319).

On a smaller scale, since the 90s even in Italy the recognition of the importance of displaying the Early Middle Ages to the general public came at the forefront. In 1990 the regional government of Friuli-Venezia Giulia organized in Cividale – a highly significant location where the Lombard-period heritage can count on extraordinary still standing monuments and architecture – the first national temporary exhibit dedicated to the Lombards (MENIS 1990). Archaeological finds throughout Italy, Southern Italy included, and from central Europe were collected together for the first time. The exhibit curators portrayed the settlement of the Lombards in Italy as an evolutionary process, from the invasion to the acculturation process, and the establishment of society, which centred on written documents and the foundation of religious buildings, could finally be defined as truly Italian. Following the success of the exhibit in Cividale, a decade later another major exhibition titled *Il futuro dei Longobardi. L'Italia e la costruzione dell'Europa di Carlo Magno* (*The Future of the Lombards. Italy and the Construction of Charlemagne's Europe*), took place in Brescia in Lombardy with an even broader scope (BERTELLI and BROGIOLO 2000). For this initiative, the ambition was that of presenting the Lombards as significant agents in the construction of Italy and Europe alike and, as the channel through which classical culture transformed into the Holy Roman Empire. The organizers thus portrayed Lombard Italy not only as a peripheral and local entity and a marginal province of the Carolingian empire, but as a fundamental component of the political and cultural framework of medieval Europe and a link between the areas stretching from the Rhine to the Loire, i.e., the heart of Charlemagne's dominion, and the Mediterranean regions (VOLLONO 2016: 85-96 and MARAZZI 2017).

This new perspective on the Lombards as transnational agents emerged even more vividly in 2011 when seven monumental Italian sites dated to the Lombard period were registered in the UNESCO's World Heritage list. The

listed monuments were meant to signify the cultural, architectural and artistic synthesis that the Lombards were supposed to have achieved in Italy, drawing on the Roman and Christian legacy and combining it with Byzantine, Hellenistic and Middle Eastern influences. In the background, the urgency to adopt and emphasize the multicultural dimension which still today is a prerogative and a matter of harsh debate and tension in the construction and the maintenance of a European identity is patent²⁵.

Conclusions

Between nineteenth and mid-twentieth century, a pervasive intellectual thought conceived nations and peoples as coherent units with their own *Volkseele* and unchanging cultural makeup. With very few exceptions, like for instance Rasi's vision of a unified army of Goths and Romans, the merging between two or more peoples into a new formation was deemed mostly undesirable. According to this paradigm, historical events such as the Fall of the Roman Empire and the *Völkerwanderung* along with the archaeological finds embedding those events took on different and opposite meanings north and south of the Alps. Unlike in France and Germany, in Italian national discourses, the barbarians, and the Lombards in the first place, represented the Other on whose backdrop Italian identity was built. The Italians of the *Risorgimento* looked at their past, separating their ancestors, regarded as descendants of the ancient Romans, from the invaders who could have been Barbarians, Spaniards, or Austrians. It was a metahistorical duel which culminated in the Italians' triumph under the aegis of Savoy.

In this frame, archaeological Lombard-period finds were understood as not truly Italian, but simultaneously thought to be worthy of being excavated and exhibited in public venues as a *memento* for future generations. Seen as material relics of Italy's political disunity and foreign oppression, these finds took on a twofold meaning, that of celebrating the end of the political fragmentation of the country and of a warning for Italian citizens against the perils of a returning history. Simultaneously, at a local level, a further meaning was added. As invaders and disruptors of the old Roman order, the Lombards and their material traces became the symbol of a period of changes in which several villages and communities established the roots of their newer foundations. However, as for the town of Castel Trosino, this was especially the

²⁵ UNESCO 2011b. The Longobards in Italy. Places of Power (568-774 AD). 2011. UNESCO World Heritage List. Nomination Format. Accessed 29 March 2016. <http://whc.unesco.org/en/list/1318>.

case of those local communities that could not count on a specific Roman heritage, which continue to function as a *mythomoteur* on several occasions and places.

Yet, the Roman past of the Italians did not survive the poisoned chauvinism of National Socialist-Archaeology and the bloody downfall of fascism between 1943 and 1945. And while the huge symbolic legacy of ancient Rome went irremediably lost, also the barbarians, and the Lombards among them, dropped their meanings for Italian national history and the nascent medieval archaeology. On the other hand, they gained a place in the sun thanks to a renewed flourishing of localism in the context of new regionalist and territorial political discourses fostered by the power-devolution process in the 70s and further nourished by the end of the First Republic and the fall of the traditional political system. As the experimental cultural elaboration put forward by the Lega Nord Party on the Lombards/Celts and the Padania region shows well, the discourse on the regionalism brought out the Barbarians from the shadows of national identity-politics, but, while doing that, this new conceptualization undermined the very essence of Italian identity, which has been troubled since then.

Bibliography

- ARAMINI, Donatello (2020). "A Racist and Anti-Semitic Romanità: The Racial Laws of 1938 and the Institute of Roman Studies". *Trauma and Memory*, 8, 2, 161-196.
- ARTIFONI, Enrico (2007). "Le questioni longobarde. Osservazioni su alcuni testi del primo Ottocento storiografico italiano". *Mélanges de l'École française de Rome. Moyen âge*, 119, 297-304.
- ARVIDSSON, Stefan (2006). *Aryan Idols: Indo-European Mythology as Ideology and Science*. Tr. S. Wichmann. Chicago: Chicago University Press.
- BALBO, Cesare (1846 [1985]). *Sommario della storia d'Italia*, in Maria Fubini Leuzzi (ed.), *Cesare Balbo, Storia d'Italia e altri scritti editi ed inediti*. Turin: Einaudi.
- BALZANI, Roberto (2003). *Per le antichità e le belle arti. La legge n. 364 del 20 giugno 1909 e l'Italia giolittiana. Dibattiti storici in Parlamento*. Bologna: Il Mulino.
- BANTI, Amedeo, M. (2004). *Il Risorgimento italiano*. Rome and Bari: Laterza.
- BARBIERA, Irene (1998). "'E ai di remoti grande pur egli il Forogiulio appare". Longobardi, storiografia e miti delle origini a Cividale del Friuli".

- Archeologa Medievale*, 25, 345-357.
- BARBIERA, Irene (2010). "The Valorous Barbarian, the Migrating Slav and the Indigenous Peoples of the Mountains. Archeological Research and the Changing faces of Italian identity in the 20th Century", in W. Pohl and M. Mehofer (eds.), *Archaeology of Identity. Archäologie der Identität*. Wien: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 183-202.
- BARELLA, Nadia (2019). "Amedeo Maiuri e "l'invenzione" del parco archeologico di Cuma. Opportunismo e opportunità di un funzionario statale durante il Ventennio", in *Il Capitale Culturale. Studies on the Value of Cultural Heritage. Supplementi. L'archeologia pubblica prima e dopo l'archeologia pubblica*, 9, 199-233.
- BARNABEI, Felice (1895). "Degli oggetti di età barbarica scoperti nel sepolcro di Castel Trosino". *Notizie degli Scavi d'Antichità*, 35-39.
- BERTELLI, Carlo and BROGIOLO, Gian Piero (eds.) (2000). *Il Futuro dei Longobardi. L'Italia e la Costruzione dell'Europa di Carlo Magno. 18 Giugno – 19 Novembre 2000. Brescia-Santa Giulia. Catalogo*. Milan: Skira.
- BERTO, Luigi Andrea (2021). "Writing a Book about the Barbarians in Italy during Fascism and Reading It from the 1940s to the Early 2000s". *Mediterranean Studies*, 12, 32-64.
- BOGNETTI, Gian Piero (1948). "S. Maria foris portas di Castelseprio e la storia religiosa dei Longobardi", in G. P. Bognetti, G. Chierici and A. De Capitani D'Arzago, *S. Maria foris portas di Castelseprio*. Milano: Fondazione Treccani Degli Alfieri per la Storia di Milano, 11-511.
- BORRI, Francesco (forthcoming). "Northern Lights: Ideas of Migration in NS Germany", in K. v. Winckler (ed.), *Ideas of Migration*. Vienna.
- BRENNAN, Braian (2020). "Amedeo Maiuri: Herculaneum, Archaeology and Fascist Propaganda". *Bulletin of the History of Archaeology*, 30, 1, 2, 1-13.
- BROGIOLO, Gian Piero (2009). "Italian Medieval Archaeology: recent developments and contemporary challenges", in R. Gilchrist and P. Reynolds (eds.), *Reflections: 50 Years of Medieval Archaeology, 1957-2007*. Leeds: Maney Publishing, 155-171.
- BROWN, T.S. (1997). "Gibbon, Hodgkin, and the Invaders of Italy", in Rosamond McKitterick and Ronald Quinault (eds.), *Gibbon and Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 137-161.
- BURROW, J.W. (2002). *The Crisis of Reason: European Thought, 1848-1914*. Cambridge/MA: Harvard University Press.
- CARDINI, Franco and MANCINI, Roberto (2022). *Hitler in Italia: dal Walhalla a Ponte Vecchio, Maggio 1938*. Bologna: Il Mulino.

- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2017). “Roma antica e il Medioevo: due mitomotori per costruire la storia della nazione e delle ‘piccole patrie’ tra Risorgimento e Fascismo”, in R. Paolo Uguccioni (ed.), *Storia e piccole patrie. Riflessioni sulla storia locale*. Pesaro: Società di studi pesaresi. Ancona: Il Lavoro editoriale, 78-101.
- CAVAZZA, Stefano (1994). “L’invenzione della tradizione e la Lega Lombarda”. *Iter-percorsi di ricerca*, 8, 197-214.
- CENTO BULL, Anna (2015). “The Fluctuating Fortunes of the Lega Nord”, in A. Mammone, E. Giap Parini and G.A. Veltri (eds.), *The Routledge Handbook of Contemporary Italy*. London and New York: Routledge, 204-214.
- CIOLA, Gualtiero (1997). *Noi, Celti e Longobardi*. Venice: Helvetia.
- COLARIZI, Simona (2007). *Storia politica della Repubblica: partiti, movimenti e istituzioni, 1943-2006*. Roma: Laterza GLF.
- DE MICHELIS, Enrico (1903). *L’origine degli Indo-Europei*. Turin: Fratelli Bocca.
- DENCH, Emma (2005). *Romulus’ Asylum: Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian*. Oxford: Oxford University Press.
- DI CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2009). “Barbarossa e la Lega Nord: a proposito di un film, delle storie e della storia”. *Quaderni Storici*, 44, 859-878.
- DI CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2011). *Medioevo militante. La politica di oggi alle prese con barbari e crociati*. Turin: Einaudi.
- DI CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2013). “Medieval’ Identities in Italy: National, Regional, Local”, in G. Patrick, and G. Klaniczay (eds.), *Manufacturing Middle Ages. Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*, National Cultivation of Culture 6. Amsterdam: Brill, 319-345.
- DONOVAN, Mark (2015). “From the Democrazia Cristiana to the archipelago of Catholic and centrist parties”, in A. Mammone, E. Giap Parini and G.A. Veltri (eds.), *The Routledge Handbook of Contemporary Italy*. London and New York: Routledge, 192-203.
- EFFROS, Bonnie (2012). *Uncovering the Germanic past: Merovingian archaeology in France, 1830-1914*. Oxford: Oxford University Press.
- FEHR, Hubert (2002). “Volkstum as Paradigm: Germanic People and Gallo-Romans in Early Medieval Archaeology since the 1930s”, in A. Gillet (ed.), *On Barbarian Identity. Critical Approaches to Ethnicity in the early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 177-200.
- FEHR, Hubert (2004). “Prehistoric Archaeology and German *Ostforschung*:

- the case of the excavations at Zantoch". *Acta Polona*, 42, 97-228.
- FRÖHLICH, Thomas (2008). "The study of the Lombards and the Ostrogoths at the German Archaeological Institute of Rome, 1937-1943", in N. de Haan and M. Eickhoff (eds.), *Archaeology and National Identity in Italy and Europe 1800-1950. Fragmenta. Journal of the Royal Netherlands Institute in Rome*, 2, 183-213.
- GASPARRI, Stefano (2001). "I Longobardi fra oblio e memoria", in G. Barone and L. Capo, *Studi sul medioevo per Girolamo Arnaldi*. Roma: Viella, 237-277.
- GASPARRI, Stefano (2003). "I Germani immaginari e la realtà del regno. Cinquant'anni di studi sui Longobardi", in *I Longobardi dei ducati di Spoleto e Benevento*, Atti del XVI Congresso internazionale di studi sull'alto Medioevo. Spoleto: Editoria del Centro, 3-28.
- GEARY, Patrick (2002). *The Myth of Nations: The Medieval Origins of Europe*. Princeton: Princeton University Press.
- GELICHI, Sauro (1997). *Introduzione all'archeologia medievale. Storia e ricerca in Italia*. Roma: La nuova Italia scientifica.
- GELICHI, Sauro (2005). "Archeologia longobarda e archeologia dell'alto medioevo italiano: un bilancio critico", in S. Gasparri (ed.), *Alto Medioevo mediterraneo*. Firenze: Firenze University Press.
- GERBI, Sandro and LIUCCI, Raffaele (2011). "Montanelli, Indro". *Dizionario Biografico degli Italiani*, 75, edizione online: https://www.treccani.it/enciclopedia/indro-montanelli_%28Dizionario-Biografico%29/.
- GHILARDI, Massimiliano (2014). "Man romana mai non víoli la tua tomba e la memoria. Il mito di Alarico sedici secoli dopo, tra Osama bin Laden e Pinocchio". *Giornale di Storia*, 15, 1-13.
- GIARDINA, Andrea and VAUCHEZ, André (2000). *Il mito di Roma: da Carlo Magno a Mussolini*. Roma and Bari: Laterza.
- GILLETTE, Aaron (2002). *Racial Theories in Fascist Italy*. London and New York: Routledge.
- HODGKIN, Thomas (1880-1899). *Italy and Her Invaders*. 8 vols. Oxford: McMillan.
- HUNGER, Herbert (1987). *Graeculus perfidus – Italòs itamòs. Il senso dell'alterità nei rapporti greco-romani ed italo-bizantini*. Roma: Unione Intern. degli Istituti di Archeologia, Storia e Storia dell'Arte in Roma.
- LA ROCCA, Maria Cristina (1993). "Uno specialismo mancato. Esordi e fallimento dell'archeologia medievale italiana alla fine dell'Ottocento". *Archeologia Medievale*, 20, 13-43.
- LA ROCCA, Maria Cristina (2004). "L'archeologia e i Longobardi in Italia.

- Orientamenti, metodi, linee di ricerca”, in S. Gasparri (ed.), *Il regno dei Longobardi in Italia. Archeologia, società, istituzioni*. Roma: Fondazione Centro italiano di Studi sull’alto Medioevo, 173-234.
- LEONARDI, Robert; NANETTI, Raffaella Y.; PUTNAM, Robert D. (1981). “Devolution as a Political Process: The Case of Italy”. *Publius*, 11.1, 95-117.
- MANACORDA, Daniele and TAMASSIA, Renato (1985). *Il piccone del regime*. Roma: A. Curcio.
- MANACRODA, Daniele (1982). “Per una indagine sull’archeologia italiana durante il Ventennio fascista”. *Archeologia Medievale*, 9, 443-470.
- MANGIAMELI, Stelio (2014). “The Regions and the Reforms: Issues Resolved and Problems Pending”, in S. Mangiameli (ed.), *Italian Regionalism: Between Unitary Traditions and Federal Processes. Investigating Italy’s Form of State*. Cham: Springer, 1-33.
- MARAZZI, Federico (2017). “I Longobardi Da Una Mostra All’Altra”. *Il Giornale Di Kinetès*, 2, 11-20.
- MECELLA Laura (2024). “La fine di Roma e la questione della razza”, in M. Cuzzi, L. Mecella and P. Zanini (eds.), *Lectures dell’antico, mito di Roma e retoriche antisemite in epoca fascista*. Milano: Milano university press, 307-347.
- MENGARELLI, Raniero (1902). “La necropoli barbarica di Castel Trosino presso Ascoli Piceno”. *Monumenti Antichi dei Lincei*, 12, 145-380.
- MENIS, Gian Carlo (ed.) (1990). *I Longobardi. Catalogo della Mostra (Civildale del Friuli-Codroipo 2 giugno-30 settembre 1990)*. Milan: Electa.
- MONSAGRATI, Giuseppe (2008). “Mazzini, Giuseppe”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, 72, edizione online: https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-mazzini_%28Dizionario-Biografico%29/.
- MONTANARI, Elisa (2018). “Sergi, Giuseppe”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, 92, edizione on-line: https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-sergi_%28Dizionario-Biografico%29/.
- MONTANELLI, Indro (1996). “Mussolini mi disse: «Il razzismo è roba da biondi»”. *Corriere della Sera*, 1.07.1996. <https://www.corriere.it/solferino/montanelli/02-02-21/01.spm>.
- MOR, Carlo Guido (1969). “Bognetti, Giampiero”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, 11, edizione online: https://www.treccani.it/enciclopedia/giampiero-bognetti_%28Dizionario-Biografico%29/.
- MORES, Francesco (2020). “La questione longobarda”, in R. Delle Donne (ed.), *Agli inizi della storiografia medievistica in Italia*. Napoli: FedOA-Press, 369-381.
- MORETTI, Mauro (2015). “Pepe, Gabriele”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, 82, edizione online: <https://www.treccani.it/enciclopedia/ga->

- briele-pepe_res-b6c9143c-3056-11e5-b07d-00271042e8d9_ (Dizionario-Biografico)/.
- PARIBENI, Roberto (1920). *Le Terme di Diocleziano e il Museo nazionale romano*. Roma: E. Cuggiani.
- PASQUI Angelo and PARIBENI, Roberto (1918). "Necropoli barbarica di Nocera Umbra". *Monumenti Antichi dei Lincei*, 25, 137-352.
- PASSERIN D'ENTRÈVES, Ettore (1963). "Balbo, Cesare". *Dizionario Biografico degli Italiani*, 5, edizione online: https://www.treccani.it/enciclopedia/cesare-balbo_%28Dizionario-Biografico%29/.
- PAZIENZA, Annamaria (2006). "I Longobardi nella Chiusi di Porsenna: nuove fonti per la necropoli dell'Arcisa". *Archeologia Medievale*, 33, 61-78.
- PAZIENZA, Annamaria (2009). *I Longobardi di Tuscia, fonti archeologiche, ricerca erudita e la costruzione di un paesaggio altomedievale (secoli VII-XX)* [Ph.D. thesis]. Padova: Università degli Studi di Padova.
- PAZIENZA, Annamaria (2022). "Dimenticando i Longobardi. L'archeologia altomedievale in Italia tra le due guerre (1914-1945)". *Römische Mitteilungen*, 128, 437-465.
- PEJRANI BARICCO, Luisella (1980). "La collezione Calanadra", in *Ricerche a Testona per una storia della comunità*. Savigliano: L'artistica Savigliano, 12-15.
- PEPE, Gabriele (1941). *Il Medioevo barbarico in Italia*. Turin: Einaudi.
- PICTET, Adolphe (1850-1853). *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs. Essaye de paléontologie linguistique*. 2 vol. Paris: Cherbuliez.
- POLIAKOV, Léon (1971). *Le mythe aryen. Essai sur les sources du racisme et des nationalismes*. Paris: Calmann-Lévy.
- QUARANTA, Mario (2019). "Enrico De Michelis storico e filosofo della scienza", in A. Allegra, F. Calemi and M. Moschini (eds.), *Alla fontana di Siloe. Studi in onore di Carlo Vinti*. Napoli-Salerno: Orthotes Editrice, 533-554.
- RASI, Piero (1937). *Exercitus Italicus e milizie cittadine nell'alto Medioevo*. Padua: CEDAM.
- ROMA, Giuseppe (2015). "Intorno al mito di Alarico". *Mediaeval Sophia. Studi e ricerche*, 17, 205-219.
- SANGINETO, Antonio Battista (2009). "Alarico e la piccola borghesia", in P. Vereni (ed.), *Passato identità politica. La storia e i suoi documenti tra appartenenze e uso pubblico*. Roma: Meltemi, 65-93.
- SERGI, Giuseppe (1898). *Arii e italici: attorno all'Italia preistorica*. Torino: Fratelli Bocca.
- SESTAN, Ernesto (1981). "Origini delle società di storia patria e loro posizione nel campo della cultura e degli studi storici". *Annali dell'Istituto storico-germanico in Trento*, 7, 21-50.

- SEVERINI, Marco (2008). “Mariotti, Filippo”. *Dizionario Biografico degli Italiani*, 70, [https://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-mariotti_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/filippo-mariotti_(Dizionario-Biografico)) (accessed September 25, 2024).
- SMITH, Anthony (2001). “Authenticity, Antiquity and Archaeology”. *Nations and Nationalism*, 7.4, 441-449.
- SORBA, Carlotta (1998). “Identità locali”. *Contemporanea*, 1, 157-170.
- TOMASELLA, Giulia (2013). “1941. Romanità e Germanesimo”, in M. Nezzo and G. Tomasella (eds.), *Sotto la superficie visibile. Scritti in onore di Franco Bernabei*. Treviso: Canova, 457-471.
- VERENI, Piero (2009). “Il potere è passato. Riflessioni antropologiche sull’uso politico della storia”, in P. Vereni (ed.), *Passato identità politica. La storia e i suoi documenti tra appartenenze e uso pubblico*. Roma: Meltemi, 81-93.
- VIGENER, Marie (2012). “Siegfried Fuchs (1903–1978)”, in G. Brands and M. Maischberger (eds.), *Lebensbilder. Klassische Archäologen und der Nationalsozialismus*, vol I. Rahden and Westf: Verlag Marie Leidorf, 223-236.
- VOLLONO, Giulia (2016). “Exploring Approaches to Italian Early Medieval Archaeology in Post-Communist Europe”. *Ex novo. Journal of Archaeology*, 1, 85-96.
- WIECZOREK, Alfried (ed.) (1997). *Die Franken, Wegbereiter Europas: 5. bis 8. Jahrhundert*. Mainz: Philipp von Zabern.
- WILSON, Peter H. (2017). *The Holy Roman Empire: A Thousand Years of Europe’s History*. London: Penguin.
- WIWJORRA, Ingo (2006). *Der Germanenmythos: Konstruktion einer Weltanschauung in der Altertumsforschung des 19. Jahrhunderts*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- WOOD, Ian (2013). *The Modern Origins of the Early Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press.

Sicilian Mediaevalism: The Refashioning of the Sicilian Vespers during the Risorgimento and the Contemporary Age

NICOLÒ MAGGIO

University of Messina

nicmaggio@unime.it

<https://orcid.org/0009-0001-4541-4106>

Texto recebido em / Text submitted on: 13/11/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 06/05/2025



Abstract. The article addresses the complex issue of Sicilian medievalism as it relates to the reinterpretation of the Sicilian Vespers during the Risorgimento. From a historiographical perspective, this phenomenon is of particular interest, as it allows for an examination of how the Sicilian ruling and revolutionary classes during the uprisings of 1820, the 1830s, and 1848 reappropriated and instrumentalized the medieval past to serve their political aims. The historical works of nineteenth-century Sicilian intellectuals thus contributed to the construction of a romanticized image of medieval Sicily – variously portrayed as the island of powerful emirs, a realm of peace and religious tolerance under the Normans, or the site of miraculous popular uprisings such as the Vespers. These historiographical interpretations, imbued with strong patriotic and identity-forming overtones, have significantly shaped twentieth-century historical discourse and continue to exert influence today, both in popular historical narratives and in the broader collective imagination.

Keywords. Sicilian Vespers, Medievalism, Sicilian Independentism, 1848.

1. Sicilian mediaevalism: an introduction

This article analyzes how the phenomenon of political medievalism evolved in Sicily during the nineteenth century. The Middle Ages were refashioned both by monarchical aristocrats, who used them to support the absolutist claims of the Bourbons, and by intellectuals, poets, artists, and Risorgimento patriots, who reinterpreted them from an anti-Bourbon and separatist perspective. The article illustrates how the 1282 Vespers revolt was reimagined by Sicilian historians and politicians, who, from 1848 onward, adopted its emblems and motifs in the symbolic construction of the Sicilian nation. Later, during the Wars of Italian Independence and Garibaldi's Expedition, the Vespers came to be seen as a heroic precedent for the triumph

of the Italian nation over the Bourbons and Austrians. After 1861, it became central to the project of constructing a new Italian identity, providing a shared historical foundation for a people newly unified under a single flag. Since the 1940s, the Vespers have assumed a renewed significance in connection with Sicilian independence and separatist movements.

The Vespers, in its outcomes and consequences, was a revolutionary event of both Mediterranean and European significance. The revolt drew in the most powerful kingdoms and political entities of the time: the Kingdom of Aragon, the Papal States, the Kingdom of France, the Byzantine Empire (threatened by the ambitions of Charles of Anjou), and the pro-Swabian Ghibellines of Italy. The first phase of the War of the Vespers, between Frederick of Aragon and Charles II of Anjou, began in 1282 and concluded with the Peace of Caltabellotta in 1302. It reshaped the geopolitical landscape of the Mediterranean. This conflict marked the Aragonese entry into a broader naval, territorial, and commercial arena, and established the Kingdom of Trinacria (later known as Sicily), characterized by political and institutional autonomy – including a parliamentary monarchy and the Apostolic Legation – distinct from that of Naples, ruled by the Angevin dynasty.

The epic of an oppressed people – who, despite their numerical and military inferiority, rose up against their tyrants in defense of liberty and honor, and ultimately prevailed – resonated strongly with nineteenth-century European public opinion and culture, which was captivated by Romantic and neo-medieval myths. Within this climate of medieval revivalism, the Vespers came to be regarded as a symbolic enactment imbued with didactic intent.

The Vespers constituted a paradigmatic historical event to which one could look as a model, as they marked the birth of an independent kingdom ruled by a royal dynasty – the Aragonese of Sicily – under a form of monarchic-parliamentary government. This polity endured until 1412, when the kingdom became a viceroyalty. As such, the medieval episode readily lent itself to political instrumentalization in Risorgimento-era Sicily, particularly as a counter-narrative to the absolutist Bourbon monarchy, which sought to reduce Sicily to the status of a province subordinated to Naples.

The study of this complex historical and cultural phenomenon, which implicates diverse segments of society, can only be effectively conducted by examining a wide range of heterogeneous primary sources. These include not only historiographical and literary materials, but also material (e.g., architectural), artistic, and oral sources. Of particular note are the collections of Sicilian folk traditions compiled by Giuseppe Pitre and Tommaso Cannizzaro between the late nineteenth and early twentieth centuries. The cross-analysis of

sources of differing typologies allows for a more comprehensive reconstruction of Sicilian mediaevalism as it relates to the Sicilian Vespers, considered in all their multifaceted complexity.

2. The Three Great Myths of Medieval Sicily: The “Golden Age” of Islamic Sicily, the Epic of the Normans, and the Revolt of the Sicilian Vespers

During the nineteenth century, the Middle Ages were reinterpreted and reworked by many intellectuals, historians, writers and artists, transforming this period into a political instrument, an emblem of the aspirations of peoples rebelling against foreign domination and a symbol of the ‘small homelands’ united in the struggles of the Risorgimento. The protagonists of the revolutionary uprisings of 1820-21, the 1830s, 1848 and the wars of independence, traced the ethnic origins of the nations and peoples of the Modern Age back to the communal institutions, the encounters/clashes between victors and vanquished, and the emergence of languages and popular traditions in the Middle Ages. Moreover, the Romantics also evoked the Middle Ages as an idyllic golden age, an elsewhere in which to take refuge from the evils of modernity, war, and industrialisation: for instance, the heroic, Arthurian Middle Ages that animates the painting of the Pre-Raphaelites, or the neo-Gothic and Christian impulses of Ruskin (GIROUARD 1981; CANTOR 1991; BORDONE 1993; ISIME 1997; SERGI 2005; ALEXANDER 2007; CARPEGNA FALCONIERI, FACCHINI 2018).

This diversified phenomenon of taste, with its many aspects and variations, is known as mediaevalism, that spread throughout Europe, with original historical, artistic, architectural and political outcomes, and also penetrated Sicily.

In Italy, mediaevalism is currently being addressed through increasingly rigorous in-depth studies. However, as far as the Italian manifestations of mediaevalism are concerned, analysis seems to be confined to the central-northern area, more specifically Piedmont, Lombardy, Veneto and Emilia Romagna, where political history is linked to the reinterpretation of exemplary figures and conflicts of the Middle Ages, such as the Green Count, the free communes of the thirteenth century, and the myth of King Enzo. Nevertheless, as will be seen, a unique form of mediaevalism also developed in Sicily, which contemporary historiography must necessarily take into account in terms of the political, cultural and intellectual influences of Sicilian revolts for

independence (1820-21; 1830; 1848), and national unification and, in general, of the genesis of contemporary Sicilian and Italian identity (GRÉVIN 2021: 155-184). It is also important to point out how in Italy mediaevalism always appears to be entwined with political and Risorgimento issues and spread in different forms and ways from region to region. This is – partly but not only – due to the lack of a unified statutory tradition and also to the profound institutional and governmental differences that characterise the country. The restored Italy of the Congress of Vienna (1815) presented itself as a fragmented collection of states, each with its own historical and cultural identity. Since 1735, the Bourbon sovereigns had reigned in the south, in Sicily, Calabria, Apulia and Campania; the Austrian House of Habsburg-Lorraine held possession of Lombardy-Veneto and exercised its control over the duchies of Modena, Lucca, Parma and Tuscany; the Papal State of Pope Pius VII (1742-1823) controlled Latium, Emilia-Romagna, the Marches and Umbria and was benevolently neutral towards the Austrians. The only state that could call itself fully independent was the Kingdom of Sardinia ruled by the noble House of Savoy (BANTI: 2010; 2011). Another reason why mediaevalism did not spread in Italy with homogenous, uniform and ‘national’ characteristics was undoubtedly the persistence of the classical tradition. The monarchies present in the peninsula made constant appeal to the myth of Imperial Rome and the ideals of order, balance, perfection and universalism represented by Neoclassicism, which had one of its most dynamic hubs precisely in Italy (CARPEGNA FALCONIERI 2019; BOYLE 2023).

In this complex and variegated social and political climate, especially in the regions subject to Austrian rule or opposed to it such as Lombardy-Veneto and Savoy Piedmont, the political and instrumental use of the mediaeval past resulted in the mythologisation of the Longobard and municipal epics. This then evolved into recourse to a species of ‘Middle Ages of the cities’ that had given birth to famous personalities and symbolic events, often poised between legend and historical reality, but considered fundamental for having initiated the process of building Italian national identity as far back as the Middle Ages (DE FRANCESCO: 2013; BALESTRACCI: 2015).

In Sicily, on the other hand, in the aftermath of the Congress of Vienna and the official establishment of the Kingdom of the Two Sicilies on 8 December 1816, the Risorgimento revolts were not aimed at overthrowing an established order, as in the rest of Italy, but at reinstating and restoring it. For both the revolutionary and anti-monarchic intelligentsia and the Bourbon crown, the mediaeval models of reference were the innovations, institutions and undertakings of the Norman-Swabian and Aragonese monarchies,

both represented as the apex of the greatness of the Kingdom of Sicily, but interpreted differently depending on the requirements and political designs of one or the other party (CAVAZZA 2003; CARPEGNA FALCONIERI 2013: 319-345).

Between the eighteenth and nineteenth centuries Sicily appeared anything but closed in on itself, and was very much open to intellectual exchange and European cultural ferments, such as Enlightenment reformism and Romantic sensibilities. Mediaevalism developed in the island, acquiring specific and peculiar characteristics that made it unique within the complex and varied European historical and cultural context. As already mentioned, both the revolutionary and independentist intelligentsia and the Bourbon dynasty were committed to exalting and reshaping the glorious age of the Norman *Regnum Siciliae*, with its architectural remains and its political and military conquests, especially those achieved during the reigns of Roger II and William II. The former group included Niccolò Palmieri (1778-1837), Giuseppe La Farina (1815-1863), Duke Domenico Lo Faso Pietrasanta di Serradifalco (1783-1863) and the abbot, Paolo Balsamo (1764-1816). It looked to the representative and avant-garde institutions founded by the Hauteville family – such as the Royal Parliament (1130) – to claim Sicily's autonomy and emphasise the powers and specificities of Sicilian institutions and political traditions (PALAZZOTTO 2020: 15-77). Conversely, the Bourbon sovereigns sought and emphasised in the Norman monarchy the foundations of royal absolutism and the centralising intentions of the Hauteville government, whose continuators and heirs they professed to be. Ferdinand II of Bourbon (1810-1859), for example, is portrayed in the costume of a Norman sovereign in the works of royal historiographers (PALAZZOTTO 2006: 98). In order to emphasise his role as the neo-founder of a powerful Mediterranean kingdom, the sovereign promoted an impressive programme of neo-mediaeval construction and restoration of the chief Norman civil and religious edifices in Palermo, i.e. those most representative of the power of the crown: the Royal Palace, the Palatine Chapel and Palermo Cathedral. These monuments epitomise the absolutist, centralist and royalist policy of Ferdinand I of Bourbon, and are an expression of the Sicilian neo-Gothic style that developed on the island with particular, exotic and often arabesque forms, unique in Italy (LONGO 2017: 135-170; ARMANDO 2017: 5-40). The main promoter of this neo-Norman cultural programme was undoubtedly the abbot and royal historiographer Rosario Gregorio (1753-1809) (GREGORIO 1831-1833). Gregorio's activities and works are aimed, on the one hand at extolling the characteristic features of the Kingdom of Sicily and its autonomous institu-

tions, and on the other at celebrating the Bourbon monarchy as the sole legitimate heir to the Norman-Swabian and Aragonese crowns and highlighting the monarch's superiority over Sicilian barons and feudal lords. More specifically, Gregorio was responsible for the rediscovery and analysis of the royal sepulchres of Palermo Cathedral found during the restoration of the cathedral by Ferdinando Fuga and Giuseppe Venanzio Marvuglia (1781-1801). His descriptions were included, with some modifications, in Francesco Daniele's monumental work, *I regali sepolcri del Duomo di Palermo riconosciuti e illustrati* (1784). With the explicit aim of celebrating the Bourbon monarchy and the doctrine of royal absolutism of Norman origin, Gregorio also became an intelligent and cultured patron of paintings with a historical-mediaeval background. It was he who dictated to Mariano Rossi the iconography of the frescoes in the presbytery of the cathedral: the *Assumption of the Virgin* and *Robert and Roger, the Norman brothers who restored the church to Bishop Nicodemus*. (PALAZZOTTO 2006: 100). These operations were intended to evoke parallels between the crusader character of the Norman conquest of Sicily, the alliance forged between Robert Guiscard and Roger and the Pope and the profound Christianity with which their mission and government was imbued, and the government of Ferdinand I of Bourbon, characterised by a policy of rapprochement with the Papal State and respect for the institution of the Apostolic Legateship. But above all, while expounding the alienability of fiefs in Sicily through a careful reading of the provisions and chapters of the Aragonese age, Gregorio firmly upholds the absolutist policy of the Bourbon kingdom in opposing the baronial interpretation that Count Roger was a 'first among equals' and hence implicitly the alleged carving up of Sicily with his comrades in arms, a thesis on the contrary supported by the feudal and centrifugal Sicilian aristocracy (PALAZZOTTO 2006: 100; MAGGIO 2020: 236).

Another pivotal element through which Sicilian mediaevalism unfolds is the reconstruction of the history of Arab Sicily: the invention of the myth of Islamic Sicily can be traced back to the forger Giuseppe Vella (1749-1814), who represented it as a Mediterranean garden of delights, home to philosophers, scholars and avant-garde politicians who came to the island not as ferocious conquerors but as liberators. This portrayal emerges from the two historical forgeries of the Mediterranean Middle Ages, the *Codice diplomatico di Sicilia sotto il governo degli Arabi* (1789-1792) and the *Council of Egypt* (1793), almost a counterpoint to what was happening in Northern Europe with Macpherson's *Ossian* poems. Neither the *Codex* nor the *Council of Egypt* are devoid of precise political objectives: Vella wished to invent an imaginary

and fantastic Arabic origin for feudalism – actually introduced in Sicily by the Normans – to favour the position of the Sicilian barons, but also to underline the substantial divergences and the different historical and political experiences of Sicily compared to the Kingdom of Naples and the rest of Italy (SIRAGUSA 2019; MAGGIO 2020: 224-227).

In the Sicilian historiographic tradition, the mythical and innovative image of Arab Sicily was to be taken up by Michele Amari (1806-1889) in his *Storia dei musulmani di Sicilia* (1854-1872). Although this work is based on rigorous philological analysis and criticism of the sources, it is pervaded by an intrinsic political spirit and patriotic ideal: Amari's objective is to stress the fundamental role played by the Arabs of Sicily in the formation of the nascent Italian people, in its becoming a nation starting from the island. The work is therefore a manifesto of the unitarist and annexationist ideas that Amari arrived at after the failure of the Sicilian independence revolution of 1848, which he had initially supported with the publication of the first two editions of the *War of the Sicilian Vespers* (1843) and his direct participation in the uprisings and initiatives of the parliament of the independent kingdom. The process of nation building, in Amari's vision, was completed with the Norman conquest: the germs of Italian national unification are to be found precisely in the arrival of the Normans on the island. In fact, the conquerors from northern Europe brought with them people from southern Italy and the Lombards, 'the Italic people' following the leaders Robert Guiscard and the Great Count Roger (FALLETTA 2018). Mixing with the Sicilians, who were related to them by 'reasons of lineage' and retained their distinctive ethnic and religious characteristics, these Italic peoples gave rise to the first nucleus of the future Italian nation through this ethnic, cultural and blood union (AMARI 1854-1872; WOLF 2019: 285-312). The Arab-Norman myth was also fuelled by a large group of European travellers who came to Sicily. The Sicily of Goethe, Schinkel, Viollet-le-Duc and Dufourny, became the land of contrasts, a delightful site of the exotic and of artistic, cultural and religious syncretism, a bridge between West and East. In the descriptions and engravings of the travellers on the Grand Tour, the Zisa and Cuba palaces, the Cathedral of Palermo and the Cathedral of Monreale, are the symbolic monuments of this at once felicitous and idealised productive encounter between Islam and western Norman culture (MALLETT 2010). They inspired imaginative new constructions, such as the neo-Moorish and eclectic style villas in Palermo, of which Villa Pignatelli Aragona Cortes (later Domville), built in 1827, and Villa Serradifalco all'Olivuzza (1829) built by Duke Pietrasanta, are two of the most striking and original examples (PALAZZOTTO 2006: 104).

However, the quintessential heroic antecedent that had marked the birth of Sicilian national consciousness and paved the way for the independent Kingdom of Sicily under the Aragonese (1302-1410), was the Vespers revolt that broke out in Palermo in the courtyard of the Church of Santo Spirito on 30 March 1282. Since the late Middle Ages, this symbolic rebellion has been described, glorified and idealised in the island's historical, antiquarian and artistic culture. However, while from the sixteenth century, the Vespers episode was seen and represented from a predominantly moralising perspective as a symbol of the specificities of the Kingdom of Sicily, of the uprising of the Sicilian people against the oppressor for justice and freedom, it was only from the end of the eighteenth century that the mediaeval episode came to be reinterpreted in an antagonistic key, first in an anti-Napoleonic sense and then for anti-Bourbon purposes.

3. The Myth of the Sicilian Vespers: From the Eighteenth to the Twentieth Century

3.1 The Vespers in the Sicilian ecclesiastical historiography of the eighteenth century

Throughout the nineteenth century, the epic of the Sicilian Vespers lent itself to different interpretations depending on the political, cultural, and social context of reference (BENIGNO 2007: 131-150). Certain aspects recur, for instance, in eighteenth-century Sicilian ecclesiastical historiography, with a pro-monarchical slant derived from the scholarly tradition, but concerned with preserving the autonomy of the Kingdom of Sicily and the privileges of the island's church. prominent exponent was the royal historiographer Vito Maria Amico (1697-1762), author of *Catana illustrata* (1740-1746), and Francesco Testa (1704-1773), a jurist and historian active during the reign of Charles III of Bourbon. In *Catana illustrata*, a scholarly work of an ethnocentric character, Amico criticises Angevin rule and instead extols the Aragon dynasty of King Peter and Frederick II (III of Sicily).

With the consent of King Charles, the French wielded power in Sicily through robbery, avarice and lechery, and the Sicilians endured their abuse for seventeen years, until with admirable consensus they unanimously conspired against them with massive slaughter throughout Sicily and in a few days set them to flight (AMICO 1989-1990: 107).

In the “massacre of the French” following the revolt that broke out in Palermo “at the hour of Vespers, on the second day of Easter, in the piazza of the Spirito Santo”, Amico identifies the reasons for the unity of the Sicilian people, while Frederick III of Sicily, “designated by destiny” and by the will of the Sicilians, became the champion of the Sicilian national kingdom. The text is, moreover, also a eulogy of the historian’s birthplace, Catania, which on 12 January 1296 hosted the Royal Parliament in Castello Ursino, where Frederick was proclaimed sovereign of Sicily and where, according to Amico’s hypothesis, Giovanni da Procida himself was buried (AMICO 1989-1990: 110-112). The Vespers was represented with similar intentions by Francesco Testa, head of the ecclesiastical branch of Parliament and member of the *Deputazione del Regno*. Although close to the Crown, he opposed the reformist attempts of Charles III’s government in *Capitula Regni Siciliae* (1741-1743), while in his second work, *De vita, et rebus gestis Federici II Siciliae regis* (1775), the Palermo revolt was extolled as paving the way for the good government of Frederick II of Aragon, seen to represent an autonomous Kingdom of Sicily and a baronial class with inviolable rights and prerogatives, but nonetheless subject to the superior will of the sovereign (TESTA 1775: 16-20).

In any case, the tradition of the Vespers was vitally present in Sicily not only among the intellectual ruling class and the upper classes, but also in popular culture (PITRÈ 2019). This was demonstrated by risings and protests of the people of Palermo in response to the decision of Viceroy Domenico Caracciolo (1715-1789) – who was widely disliked – to build a city cemetery near the church of Santo Spirito, the church that had been “the chief backdrop to the Vespers, where the bones of foreign enemies and oppressors lay” (LA LUMIA 1868: 213). Caracciolo’s political choice was considered disrespectful to the memory and traditions of the Sicilians, especially since the construction was initiated on a Monday in April 1783 that coincided with the anniversary of the “famous massacre of the Vespers” (DI MARZO 1886: 10).

3.2 The revolt of 30 March 1282 during the “English Decade”

Later, during the “English Decade” in Sicily (1806-1815), there was no shortage of references to the Vespers from an anti-Napoleonic perspective in the proclamations of the British armed forces and the newspapers active on the island. For instance, in his attempt to incite the people to take arms against Napoleon’s French armies, General Stuart accused the latter of “wanting to spill the blood of the Sicilians, abuse their women, squander their substance, destroy their religion and treat them like slaves in revenge for the

Vespers” (BIANCO 1902: 10-11). A similar appeal was launched in 1810 in the *Gazzetta Britannica*, a biweekly published in Messina that circulated in the main cities of the island between 1806 and 1814: in the *Appel des Siciliens*, the Vespers revolt was couched in terms of redemption and revenge to spur the citizens of Messina to resistance against Joachim Murat (ANONYMOUS 1810; MAGGIO 2020: 312). While the French of Napoleon and Murat were the new Angevins in the nineteenth-century version of the Vespers, from 1816 the new tyrants, guilty of the same “evil seigneurie” as King Charles, were the Bourbons, starting with Ferdinand I. Through the Fundamental Law of the Two Sicilies, Ferdinand had unified the Kingdom of Naples and the Kingdom of Sicily, permanently annulling the powers of the Sicilian parliament and effectively decreeing the end of the independence of the island kingdom (that had been maintained uninterruptedly for seven centuries). Ferdinand moved the capital of the single monarchical entity from Palermo to Naples, transforming the city previously the seat of the court and the king into a provincial administrative centre in the dominions on the other side of the strait of Messina. This coup de main stirred up the old animosities of the ruling class and the barons towards the ruling dynasty, breeding new tensions and protests. The Sicilians were later to rebel for a return to the constitution of 1812 established with British support. Despite being aristocratic in character it was ahead of its time and an early example of a liberal constitution providing for the abolition of feudalism, censorship, and torture, as well as guaranteeing the autonomy of the Kingdom of Sicily and the representative power of the kingdom’s deputies (D’ANDREA 2008).

3.3 The Myth of the Vespers in Risorgimento-Era Sicily

Therefore, from the 1820s the reinterpretation of the Sicilian Vespers came to coincide with autonomist and anti-Bourbon sentiment: a special edition of the Palermo newspaper *La Fenice* dated 14 August 1820 expressed the symbolic link between the revolt of 1282 and the insurrectional and Carbonari uprisings of those years, aimed at abolishing the oppressive Bourbon regime. In an article by the liberal Sicilian exile Michele Palmieri di Miccichè, published in the Parisian newspaper *La Nation*, the Palermo risings of 1820-21 were referred to as the “nouvelles Vêpres siciliennes” (MAGGIO 2020: 316). The first works of a more distinctly historical rather than scholarly character addressing the Vespers began to appear in the 1820s and 30s. In 1821, in the *Storia compendiata del Vespro Siciliano*, the abbot Francesco Paolo Filocamo expounded the causes and consequences of the historical event, glossing

over many aspects of the legendary tradition associated with the revolt. Then, in 1836, the *Storia del Vespro* was published by Nicolò Buscemi, referred to by Agostino Gallo as one of the first Sicilians to have written about the revolt with the intention of correcting the errors and inaccuracies of Filadelfo Mugnos's *Ragguagli storici del Vespro* (FILOCAMO 1821; MAGGIO 2020: 312).

Beyond its natural historical and geopolitical confines, the Vespers was repurposed, for instance, by Casimir Delavigne in the five-act tragedy *Les Vêpres Siciliennes* (1819), which achieved great public acclaim, whereas Motte-Langon published a historical novel about the Vespers, focusing not on French oppression but on the potential of a people in revolt when it becomes “terrible and implacable” as a result of deaf and corrupt foreign rulers (DELAUVIGNE 1820; GATTO 1983-1984: 166-186).

In this way, the myth of the Vespers became the new paradigm for European peoples oppressed by the Restoration but, at the same time, it also entered the artistic culture and symbolism of Risorgimento Italy, beginning to acquire new patriotic and unitarian meanings and qualities. One example is Filippo Cicognani's tragedy, *Il Manfredi e il Vespro siciliano*, inspired by Delavigne and dedicated to Italy, in which the figure of Procida emerges as the avenger, not only of the Sicilians, but also of the death of Conradin and Manfred Hohenstaufen (CICOGNANI 1822). This tragedy also circulated in Palermo, where it was printed starting from 1821, enjoying considerable success. In 1817, on the other hand, the celebrated neo-Ghibelline Florentine playwright Giovan Battista Niccolini (1782-1861) wrote *Giovanni da Procida*, a tragedy steeped in liberal and patriotic ideals that consecrated Procida as the greatest conspirator and the mind behind the Sicilian Vespers. The backdrop to Niccolini's tragedy is the depiction of the spark of the revolt: the shameless assault of a French soldier (traditionally identified as a certain Drouet) on a young Sicilian woman, in the presence of her husband and in a sacred place, the church of Santo Spirito. The insolence of the Frenchman triggered a violent reaction from one of the Sicilians present, who grabbed a dagger and killed him, setting off the revolt against the French to the cry of “mora mora” (die, die). The aspect of a revolt triggered by defence of Sicilian women, wives, mothers and daughters – a metaphor for the mutilated Sicilian homeland – was later taken up by the Palermo historians Ferdinando Malvica and Michele Amari. Nevertheless, both criticise the downgrading of Giovanni da Procida from a “hero of the fatherland” to an avenger of “private offences”. Amari went completely against the idea of a conspiracy organised entirely and almost single-handedly by Procida to avenge a wrong to his family perpetrated by the soldiers of Charles

of Anjou (MALVICA 1831-1832: 140-143). Ferdinando Malvica criticised Niccolini's Italian and nationalist reinterpretation from a Sicilian perspective, objecting that "the Vespers was an exclusively Sicilian affair and in the interest of Sicily alone" (MALVICA 1831-1832: 143).

However, it was primarily Michele Amari who decreed the success of the Sicilian Vespers as a symbol of the liberation of the people from the tyrannical oppressors of all times. His *La Guerra del Vespro Siciliano* went through eleven editions in his lifetime, between 1842 and 1886. On the one hand, his work was founded on a strict empiricism and a rigid methodology of research that included the reading and analysis of mediaeval documentary sources, chiefly the Sicilian, Italian and Catalan chronicles of the thirteenth and fourteenth centuries. On the other hand, it was pervaded by a moralistic framework, a deep Sicilian patriotic sentiment, and a strong anticlerical and anti-Bourbon spirit indicative of the author's personal life and experience, as well as the official positions of the "Sicilian Party" in the aftermath of 1815 (LEONARDI 2020: 22). Running against the tide of much of the Romantic historiography of the time, Amari's reading of the Sicilian Vespers did not ascribe the leading role in the unfolding of events to individuals poised somewhere between mythical heroism and reality (above all, Giovanni da Procida), but to the people of Sicily. He argued that it was the Sicilians who brought about the expulsion of the Angevins from the island in the months following the revolt in 1282 and were instrumental in the evolution of the events that followed the insurrection. The people, then, became a conscious community in Amari's Vespers, identifying themselves in a body of common values and laws. The offended honour of the young Sicilian bride, victim of the bullying and arrogance of a French soldier, became the honour of the common Sicilian homeland, to be defended, reestablished and affirmed even at the cost of death. Consequently, the actions of the Angevins were detrimental not only to the economic wellbeing of the Sicilians, but also to their customs, traditions and sacred values, and a fierce and bloody revolution was needed to restore them. The wretched political actions of Ferdinand II of Bourbon become a mirror of the same "evil seignury" as Charles of Anjou (as Dante Alighieri called it in the 8th canto of *Paradise*). From the very first edition – published under the less specific and problematic title of *Un periodo delle istorie siciliane del secolo XIII*, so that he might hail the revolution "without censorship forbidding it" – Amari established parallels that appear all but forced between Ferdinand's reign and that of the Charles I (AMARI 1851: XI; LAMBOGLIA 2011: 90). Like Charles of Anjou, Ferdinand I was guilty of moving the capital of the kingdom from Palermo to Naples, nullifying the powers of the Royal Sicilian

Parliament and taking away Sicily's independence. Again, the repressive and violent actions against the Sicilians perpetrated by the Bourbon ministers of police and lieutenants, Del Carretto and Luigi De Majo, were compared to those of the vicars and executioners of the Angevin kingdom, William of Estandart and Herbert of Orleans. Michele Amari wrote in 1851:

Looking closely into the Vespers, the protagonist shrank, the people grew larger; the conspiracy and the treachery vanished; the massacre appeared as the beginning and not the end of a revolution: I found the importance in the reform of the orders of the State; in the moral and social forces that the revolution created; in the valiant men it drove forwards for twenty years between fighting and political negotiations: I saw the effects of the Vespers spread to other realms, being perpetuated in Sicily and perhaps even in the rest of Italy. (AMARI 1851: XI).

These are the main novelties of the Vespers: the people becoming the protagonists of events, being able to coalesce into the *Communitas Siciliae* in the aftermath of the revolt and to mark a turning point in events by offering the crown of Sicily to Peter III of Aragon, husband of Constance of Swabia. A ruler who was, therefore, an expression of the will of the Sicilians, legitimate and respectful of Sicilian political institutions, which he restored once the Angevins were driven from the island. The disagreements and differences of opinion between the cities that were the protagonists of the Vespers (Messina, Catania, Palermo, Corleone), between those who wanted greater autonomy and those who wanted the guarantee of a sovereign who would continue the work of the Norman-Swabian monarchy, were drowned out in Amari's version by the choral turmoil represented by the Vespers, while the Church of Rome rose to the role of major antagonist alongside its ally Charles of Anjou. Moreover, *La Guerra del Vespro* was coloured with a strong and stringent topical relevance: its call to arms was no longer aimed at instigating a generic revolt against the bad governments of the present, but at sparking a new Sicilian revolution against a specific enemy: the Neapolitans and the Bourbon crown (LAMBOGLIA 2011: 91). In view of these features, *La Guerra del Vespro Siciliano* was proposed to the generation of Sicilian revolutionaries and intellectuals of the 1840s as a "book of battle" imbued with both civil and political passion, capable of stimulating peoples to revolution, but above all of making popular insurrection legitimate and sacrosanct when conducted against despotic, vexatious governments that did not respect the secular *ordo naturalis* (AMARI 1843).

Amari's work thus became one of the "fiery libels" alongside Niccolò Palmieri's *Storia della rivoluzione del 1820* (with an introduction by Amari himself), the pictorial canvas dedicated to the uprising by Andrea d'Antoni of Palermo (1847), Ferdinando Malvica's articles published in the Palermo magazine *Effemeridi*: all undoubtedly among the works of a historical nature that had the greatest influence on the outbreak of the Sicilian revolution of 12 January 1848 (PALMERI 1847; LA MANNA 2015: 155-173). Not surprisingly, during the Sicilian revolution that led to the reconstitution of the Parliament and the birth of the independent Kingdom of Sicily (25 March 1848 – 15 May 1849), the symbols and mottoes of the Sicilian Vespers were restored, including the Triskelion with Gorgoneion placed in the centre of the Tricolour to emphasise a continuity, at once symbolic and political and legitimate, with the famous mediaeval revolt of 30 March 1282 (CRISANTINO 2010: 74-102). Amari himself exclaimed in amazement how "the similarity of the case of the Vespers with that of 1848 is incredible, not to say marvellous: few other historical facts compared with each other would prove more clearly the part that ancestry, topography, and the analogy of political institutions play in human events." (AMARI 1851: IX).

After "ten years and a revolution" the political aspirations and ideals of Michele Amari and his comrades in the Sicilian Party had changed: the watchwords of the new edition of the *Vespro Siciliano*, published in Florence in 1851, were no longer "independence and constitution" but "Italian unity and family." As Amari himself wrote in the preface to the 1853 edition, after 1848 in Europe it was no longer a matter of seeking "agreements between freedom and authority or, more precisely language, between freedom and the force that sustains authority", namely the monarchy, but of striving for a common end, the union "in a mighty bond" of Sicily like "every other Italian state"; this was the only way in which "the common fatherland, Italy" could be restored "to its ancient splendour" (AMARI 1852: X-XI).

The myth of the Sicilian Vespers also inspired Giuseppe Verdi, who on 13 June 1855 staged the great opera *Les vêpres siciliennes* at the Paris Opera House. Verdi's opera illustrates how, after the Revolutions of 1848, the Vespers revolt had become a hymn to the freedom from the foreign yoke of all European peoples indiscriminately, shedding its original political character as an exclusively or chiefly Sicilian revolt against the Angevin or Bourbon foreign oppressor (PALAZZOTTO 2021: 303-323). Indeed, the myth of the Vespers had already been exalted by the Italian poet and patriot Goffredo Mameli (1827-1849) who, in the fourth verse of his famous *Canto degli Italiani* (the Italian national anthem, also known as *Mameli's Hymn*), included

the famous rebellion of mediaeval Sicily as a revolutionary episode to stir the spirits of the Italians in the coming uprisings, and as a military episode to be celebrated as the prefiguration of a united Italy (RIDOLFI 2011: 33-39)¹.

3.4 Making Italians Through the Sicilian Vespers

In the aftermath of 1861, in Italy the Vespers lent itself to new functions and interpretations. Paintings on historic subjects have always played a pivotal role in the processes of building national identity, through the recollection and celebration of important historic events. Among the earliest and most celebrated painters to resort to the Vespers as a favourite subject was Hayez, who portrayed the bloody revolt in no less than three paintings (1822; 1835; 1844-1866), all animated by patriotic spirit and anti-Austrian sentiment (PALAZZOTTO 2021: 303-323). In Sicily, the Vespers was similarly employed in the exaltation of the glories of the Italian homeland and the symbolic representation of a newly achieved unified national identity, albeit at the expense of tensions and issues destined to linger over the years (the North-South divide, the birth of the southern question. One example is Luigi Lojacono's *Vespri Siciliani* (1860), containing an explicit reference to Garibaldi's enterprise in which Lojacono was an active participant. The paintings titled *I Vespri Siciliani* by Giuseppe Carta (1879) – in which the popular element is exalted – by Michele Rapisardi of Catania (1864-1865) and by Erulo Eruli (1891-1892), presented at the 1891 National Exhibition in Palermo, are more dramatic and symbolic and less committed and partisan than the pre-unification works, tending to cement national cohesion and the sense of unity, transmitting it didactically to the nascent Italian public (CRIVELLO 2011: 159-173; PAGANO 2013: 99-119).

Therefore, in the aftermath of national unity, in Sicilian painting the Vespers was characterised as a unifying revolt, a mediaeval revolutionary event that all Italian people could identify with in the inalienable and sacred values of freedom, of unrestrained struggle against oppression (indiscriminately), and of the defence of honour (which is family honour, hence national honour).

In this sense, the Palermo revolt of 1282 found new applications and instrumental meanings on the occasion of the sixth centenary of the Sicilian Vespers, celebrated in Palermo on 31 March 1882. Instigated by the organ-

¹ Fourth verse 'Dall'Alpia Sicilia / dovunque è Legnano, / ogn'uom di Ferruccio / hail core, halamano, / ibimbid' Italia / si chiaman Balilla, / il suon d'ogni squilla / i Vespri suonò' (From the Alps to Sicily, / Legnano is everywhere / Everyman hath the heart / and hand of Ferruccio / The children of Italy / Are all called Balilla; / Every trumpet blast / soundeth the Vespers).

isers, Francesco Crispi and Francesco Paolo Perez – who had been among the driving forces of the Sicilian uprising of 1848 and later supporters of national unification – the event assumed a strongly anticlerical, anti-Catholic and anti-French character. Indeed, in 1881 Italy had suffered the snub of the loss of Tunis to the French government; the same government had also been guilty of the Marseilles massacre, in which several Italian workers had lost their lives (ARNAUDO 1882: 1-7; MANCUSO 2012: 325-364). Crispi and Perez intended the event to perform a clear pedagogical function: directing the consensus of the people towards the construction of an Italian national identity, secular rather than religious, uniting the Italian brothers in the struggle against a common enemy: no longer the Bourbons but Jules Grévy's imperialist French government. Crispi's reading of the mediaeval revolt was echoed in a short piece written by Michele Amari for the occasion, the *Racconto popolare del Vespro siciliano*, which once again downplayed the characteristics of the conspiracy traditionally attributed solely to the 'divine' Giovanni da Procida, emphasising the free, spontaneous, secular revolt of a people united in defence of Sicilian – and hence Italian – identity and values (AMARI 1882). The speech Crispi delivered at the celebration was also symbolic: 'One tempers souls to great and generous deeds through the memory of the virtues of the ancestors. A people that forgets the splendours of patriotism is a people in decadence. The past marks the duties of the future' (DUGGAN 2000: 503).

While this was the tenor of the interpretation of the Sicilian ruling class – by then within the ranks of the unified Italian government – the perspective of the lower and working classes was different. Indeed, the experience of national unification was not positively greeted by Sicilian society. Proof of this are the Palermo riots of 1861-1862, the Seven and a Half Days Revolt (1866), the protests of the 1870s, and the Fasci Siciliani (1889-1894), leagues of workers set up to address the pressure of government taxes and levies. The risings of the 1860s and 1870s were sparked by a generation of scholars and young revolutionaries who set out to retrieve the 'warlike anger' and 'ferocity' of the Vespers to remedy the profound social, economic, political and health crisis that hit Sicily in the aftermath of 1861. The Sicilian newspapers of the time, such as the *Giornale ufficiale di Sicilia* and the Catania-based *Corriere di Sicilia*, bear witness to these parallels (MONFORTE 1997).

3.5 The Vespers in Twentieth Century Italy

Contemporary Italian politics also exploited the Sicilian Vespers to extol the homeland, memories of the Italian cities and the military strength of It-

aly going into the Second World War. Even before the Fascist period, in the Italian political and interventionist language of which Gabriele D'Annunzio was a leading exponent, the Fiume episode was referred to as the *Fiuman Vespers*. Mussolini's Fascist government (1922-1943) in turn made use of the image of the Vespers, for example by evocatively naming one of the Italian military submarines of the *Mameli* class after Giovanni da Procida, and one of the military divisions serving in Sicily against the Allies in 1943 'Centuria del Vespro'. Moreover, throughout the Fascist period, the revolt of 1282 was commemorated with pomp and ceremony every 31 March as a symbol of Fascist nationalism, on a par with other mediaeval battles, such as the Battle of Legnano (BERNARDI 2022: 485-490; FINCHLSTEIN 2022).

At this point, it is interesting to note how the legacy of the Vespers was taken up, between the mid-1940s and the twenty-first century, by a large body of Sicilian political movements and parties campaigning for Sicilian independence and autonomy. One of the most incisive was certainly the Movement for the Independence of Sicily (MIS), active between 1942 and 1951, led by Andrea Finocchiaro Aprile (1878-1964), supported by a fully-fledged paramilitary organisation, the Volunteer Army for the Independence of Sicily (EVIS), set up by the university lecturer and socialist from Catania, Antonio Canepa (1908-1945). The EVIS flag deliberately adopted the emblem of the winged Trinacria, with ears of wheat replacing the serpents of the Gorgoneion, against a blue background, with the inverted red and yellow stripes of the official flag of the Kingdom of Sicily established by Frederick III (1296) and in force until 1816. It was a clear reference to the independence and Mediterranean role that the *Regnum Siciliae* ought to play in the present (CANEPA 2021; CARRARA 2021: 1-49).

More recent, less militaristic but not less militant, is the action of the I Nuovi Vespri movement, one of the most active on the Sicilian political scene. The movement's exponents refer to the anti-Angevin revolt in name and in symbolism, adopting the flag of 1282, and in ideals, in the political action to be conducted against the new "evil seigneuries", as we read in the explanation of the name of the movement on its website:

Because of all the seditions, revolts, rebellions and uprisings that have marked the tragic and turbulent history of our island, the revolution of the Sicilian Vespers of 1282 is the one that most closely resembles the objectives and contents of these New Vespers: to put an end to the evil seignury that suffocates our lives, to drive out of our land the colonisers who have through their askari humiliated and impoverished Sicily,

betraying its conquests. (WEBSITE <https://www.inuovivespri.it/chi-siamo/> 2023)

Also, very active in Sicily is the ANTUDO movement, which has among its aims the self-government and self-determination of the Sicilian people; its symbol is inspired by the Vespers flag bearing the Trinacria and a Gorgoneion with particularly accentuated snaky locks in the centre. Also worth mentioning are the movements for the Freedom and Independence of Sicily, the direct heirs of the separatist MIS and EVIS, adopting the same motto (“un’jsula, un populu, na nazzioni”, literally: one island, one people, one nation) and symbolic Triskelion. Finally, there is the Siciliani Liberi political movement, one of the best organised and structured in Sicily, also present at the last regional elections in 2017, which has as its party symbol not the Trinacria (which appears during demonstrations and cultural events, etc.), but a stylised Sicily with two golden Swabian eagles and in the centre the colours of the Vespers flag, red and yellow (PELLERITI 2023).

Conclusion

This was the innovative reading proposed by Michele Amari, whose ‘interpretative line’ on the Vespers has been taken up by eminent historians such as Steven Runciman and Salvatore Tramontana, who have analysed and thoroughly investigated the revolt.

In the same way, the historical recasting of the Vespers, which has its driving force in Sicily, has had an international resonance, flowing into the arts, theatre, opera, and works of history throughout Europe. From a local myth it has been transformed into a supranational myth, capable of universally representing the struggles of all European peoples oppressed either by tyranny, foreign invaders, or dictatorial governments. Hence a manifesto of a people finding itself and, united for a shared purpose, becoming a nation and defining itself after reacquiring the honour, freedom and virtues that had been trampled upon and usurped by illegitimate rulers (whether French, Austrian, or Bourbon). The revolution of 1848 that broke out in Palermo – inspired by the Vespers in its forms, symbols and modes of action – in its turn sparked uprisings throughout Europe. It brought the Sicilian situation to the attention of the major European states, paving the way for political agreements and initiatives for Italian national unification (1860-1861). Therefore, far from being limited to the local, island, or Bourbon kingdom context, Sicilian

mediaevalism – of which the repurposing of the Vespers is one of the most evocative and interesting examples – took on a European dimension during the nineteenth century. This is an aspect that historiography dealing with mediaevalism must take into account.

Lastly, it should be pointed out that in Italy historiography has long been aware of the scientific, historical and cultural importance of the mediaevalism phenomenon. Today, mediaevalism is considered a discipline in its own right, well on its way to having its own scientific statute thanks to the activity of renowned Italian mediaevalists including Franco Cardini, Umberto Longo, Tommaso di Carpegna Falconieri, Francesca Roversi Monaco and Marina Montesano. This surge of interest and focus led in 2019 to the foundation of the mediaevalism study centre of the ISIME (Italian Historical Institute for the Middle Ages) on the initiative of Carpegna Falconieri, Longo, and Roversi Monaco. Nevertheless, mediaeval studies in Italy still appear to favour central-northern Italy as the object of investigation, focusing chiefly on reinterpretations of the age of the late mediaeval communes, neglecting analysis of mediaevalism in Sicily and the south. The opposite is true of historians of art and architecture, who have been engaged since the early twentieth century in analysing the phenomenon of neo-mediaeval stylistic revivals on the island and in southern Italy. In this sense, in addition to emphasising the utilisation and historical, artistic, and cultural representation of the Sicilian Vespers as a means of building local and national (Sicilian and Italian) identities, this contribution aims to stimulate greater attention from contemporary historiography towards the study of Sicilian mediaevalism. Such analysis is crucial to grasping and fully understanding the historical, political, cultural and economic changes that affected Sicily, and hence Italy as a whole, between the eighteenth and nineteenth centuries.

Bibliography

- ALEXANDER, Michael J. (2007). *Medievalism. The Middle Age in Modern England*. New Haven: Yale University Press.
- AMARI, Michele (1843). *La Guerra del Vespro Siciliano. Un periodo delle Istorie siciliane del secolo XIII*. Paris: Baudry.
- AMARI, Michele (1851). *La Guerra del Vespro siciliano*. Florence: Le Monnier.
- AMARI, Michele (1854-1872). *Storia dei Musulmani di Sicilia, I-III*. Firenze: Le Monnier.

- AMARI, Michele (1882). *Racconto popolare del Vespro siciliano*. Rome: Forzani e C. Tipografi del Senato.
- AMARI, Michele (1886). *La Guerra del Vespro siciliano*. Turin: Hoepli Editore.
- ANONYMOUS (1810). “Appel des Siciliens”, in *Gazzetta Britannica*, no. 31, March.
- ARMANDO, S. (2017). “The Role and Perception of Islamic Art and History in the Construction of a Shared Identity in Sicily (ca. 1780-1900)”. *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 5-40.
- ARNAUDO, G. B. (1882). “Il Vespro siciliano nella Letteratura”. *Gazzetta Letteraria*, Anno VI, 13, 1-7.
- BALESTRACCI, Duccio (2015). *Medioevo e Risorgimento. L'invenzione dell'identità italiana nell'Ottocento*. Bologna: il Mulino.
- BANTI, Alberto Mario (2010). *Nel nome dell'Italia. Il Risorgimento nelle testimonianze, nei documenti e nelle immagini*. Rome-Bari: Laterza.
- BANTI, Alberto Mario (2011). *La nazione del Risorgimento. Parentela, santità e onore alle origini dell'Italia unita*. Turin: Einaudi.
- BENIGNO, Francesco (2007). “Il ritorno dei Vespri: storia e politica nell'opera de Filadelfo Mugnos”. *Pedralbes*, 27, 131-150.
- BIANCO, Giuseppe (1902). *La Sicilia durante l'occupazione inglese (1806-1815)*. Palermo: Tip. E. Andò.
- BOYLE, Mary (2023). *International Medievalisms: From Nationalism to Activism*. Woodbridge: Boydell & Brewer, D. S. Brewer.
- CANEPA, Antonio (2021). *La Sicilia ai Siciliani. Un'analisi critica sul testo cardine dell'indipendentismo siciliano*. Milan: Magenes.
- CANTOR, Norman F. (1991). *Inventing the Middle Ages. The Lives, Works, and Ideas of the Great Medievalists of the Twentieth Century*. New York: Morrow.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2013). “Medieval Identities in Italy: National, Regional, Local”, in P. Geary, G. Klaniczay (eds.), *Manufacturing Middle Ages. Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*, National Cultivation of Culture, 6. Leiden: Brill, 319-345.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso (2019). *The Militant Middle Ages. Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders*. Leiden: Brill.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso; FACCHINI, Riccardo (2018). *Medievalismi italiani. (Secoli XIX – XXI)*. Rome: Gangemi Editore.
- CAVAZZA, Stefano (2003). *Piccole patrie. Feste popolari tra regione e nazione durante il fascismo*. Bologna: il Mulino.

- CICOGNANI, Filippo (1822). *Il Manfredi e il Vespro Siciliano. Tragedie di Filippo Cicognani di Modigliana*. Firenze: Tipografia di Luigi Pezzati.
- CRIVELLO, Tiziana (2011). "I Vespri siciliani in un sipario di Giuseppe Carta dipinto per l'unità d'Italia". *Oadi – Rivista per l'Osservatorio delle Arti Decorative in Italia*, 4, 159-173.
- D'ANDREA, Diletta (2008). *Nel «decennio inglese» 1806-1815. La Sicilia nella politica Britannica dai «Talenti» a Bentinck*. Soveria Mannelli: Rubettino editore.
- DANIELE, Francesco (1784). *I regali sepolcri di Palermo riconosciuti e illustrati*. Naples: Reale Stamperia.
- DE FRANCESCO, Antonino (2013). *L'antichità della nazione. Il mito delle origini del Popolo Italiano dal Risorgimento al fascismo*. Milan: FrancoAngeli.
- DELAVIGNE, Casimire (1819). *Les vèpres siciliennes / tragédie en cinq actes*. Paris.
- DELAVIGNE, Casimir (1820). *Les Vêpres Siciliennes*. Paris: Barba – Ladvocat.
- DI MARZO, Gioacchino (1886). *Diari della città di Palermo dal secolo XVI al XIX*. Palermo: Luigi Pedone Lauriel.
- DUGGAN, Christopher (2000). *Creare la nazione. Vita di Francesco Crispi*. Laterza: Rome-Bari.
- FALLETTA, Serena (2018). *Erudizione e cultura storica nella Sicilia del XIX secolo: Il carteggio tra Michele Amari e Raffaele Starrabba (1866-1900)*. Naples: Federico II University Press.
- FILOCAMO, Francesco Paolo (1821). *Storia compendiata del Vespro siciliano in cui si espongono le cause e le conseguenze di questo grande avvenimento*. Palermo: Abbate.
- FINCHELSTEIN, Federico (2022). *Mitologie fasciste. Storia e politica dell'irrazionale*. Rome: Donzelli.
- GATTO, Ludovico (1983-1984). "La guerra del Vespro prima della ricostruzione di Michele Amari", in *La società mediterranea all'epoca del Vespro. XI Congresso di storia della Corona d'Aragona*. Palermo: Accademia di Scienze Lettere e Arti, 166-176.
- GIROUARD, Mark (1981). *The Return to Camelot. Chivalry and the English Gentleman*. New Haven: Yale University Press.
- GREGORIO, Rosario (1831-1833). *Considerazioni sopra la storia di Sicilia dai tempi normanni sino ai presenti*. PalerÈmo: Reale Stamperia.
- GRÉVIN, Benoit (2021). "Nationalisme et médiévalisme", in T. Carpegna Falconieri, P. Savy and L. Yawn (eds), *Middle Ages without borders. A*

- conversation on medievalism*. Rome: Publications de l'École française de Rome, 155-184.
- ISIME (1997). *Studi medievali e immagine del Medioevo fra Ottocento e Novecento*. Roma: Isime.
- LA LUMIA, Isidoro (1868). "Domenico Caracciolo o un riformatore del secolo XVIII", in *Nuova antologia*, vol. 7, fasc. 2.
- LA MANNA, Fabrizio (2015). "La memoria della rivoluzione fallita e l'opera di Giuseppe La Farina". *Archivio Storico Messinese*, 96, 155-173.
- LEONARDI, Marco (1810-1816). *La medievistica «siciliana» e l'«età del Vespro» (1250-1302)*. *Fonti, ricostruzione storica, polemica storiografica*. Catania: Algra Editore.
- LONGO, Ruggero (2017). "Idealizing the medieval Mediterranean? Creation, recreation, and representation of siculo-norman architecture". *MAAR*, 62, 135-170.
- MAGGIO, Nicolò (2020). "Medievalismi siciliani. Il mito del Medioevo nel Risorgimento siciliano. 1. I Borbone e l'uso politico del Medioevo in Sicilia". *Materialismo Storico*, 1, 221-266.
- MALLETTE, Karla (2010). *European Modernity and the Arab Mediterranean: Toward a New Philology and a Counter-Orientalism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MALVICA, Ferdinando (1831-1832). "Giovanni da Procida – Tragedia di Gio: Battista Niccolini". *Effemeridi scientifiche e letterarie per la Sicilia*, IV, 139-150.
- MANCUSO, Claudio (2012). "Il potere del passato e il suo utilizzo politico. Il caso del sesto Centenario del Vespro siciliano". *Mediterranea – ricerche storiche*, IX, 325-364.
- MONFORTE, Vincenzo (1997). *Il Giornale "Ufficiale" di Sicilia (1848-1864)*. Palermo: Istituto siciliano di studi politici ed economici.
- PAGANO, Maria Chiara (2013). "Il mito del Vespro nell'immaginario patriottico ottocentesco". *Polo Sud*, 2, 99-119.
- PALAZZOTTO, Pierfrancesco (2006). "L'architettura neogotica nella Sicilia occidentale nella prima metà del XIX secolo: le ragioni degli artisti e il ruolo della committenza", in M. Vitella (ed.), *Il Duomo di Erice tra Gotico e Neogotico, Atti della Giornata di Studi, Erice, 16 dicembre 2006*. Erice: Edizioni Meeting Point.
- PALAZZOTTO, Pierfrancesco (2020). *Revival e società a Palermo nell'Ottocento. Committenza, architetture, arredi tra identità siciliana e prospettiva nazionale*. Palermo: Palermo University Press.
- PALAZZOTTO, Pierfrancesco (2021). "La rievocazione dei Vespri siciliani

- e del regno degli Aragona-Sicilia: l'immagine di un passato glorioso nei revivals a Palermo tra XIX e XX secolo", in A. Furiò and J. Vicente Garcia Marsilla (eds), *La Veu del Regne. Representació política, recursos públics i construcció de l'Estat: 600 anys de la Generalitat Valenciana*. Vol. III. Valencia: Universitat de València, 303-323.
- PELLERITI, Enza (2023). *De' siciliani e dei loro diritti. Percorsi fra lessico e memorie dei protagonisti nella Sicilia costituzionale della prima metà dell'Ottocento*. Roma: Aracne.
- PITRÈ, Giuseppe (2019). *La leggenda del Vespro siciliano*. Torrazza Piemonte: ArCom.
- RIDOLFI, Pierluigi (2011). "Fratelli d'Italia: parole di Goffredo Mameli, musica di Michele Novaro", in *Canti e poesie per un'Italia unita dal 1821 al 1861*. Rome: Associazione Amici dell'Accademia dei Lincei, 33-39.
- SERGI, Giuseppe (2005). *L'idea di Medioevo. Fra storia e senso comune*. Roma: Donzelli.
- SIRAGUSA, Danilo (2019). *Lo storico e il falsario. Rosario Gregorio e l'arabica impostura (1782-1796)*. Milano: Franco Angeli.
- WOLF, Kordula (2019). "Orientalismo meridionale, patriottismo e musulmani nell'Italia medievale. Riflessioni sulla visione storica di Michele Amari e sulla sua influenza storiografica". *QFIAB*, 99, 285-312.

Approaches to Byzantine Heritage of Istanbul in Early Republican Turkish Newspapers

BILGE AR

Istanbul Technical University

bar@itu.edu.tr

<https://orcid.org/0000-0002-5852-1779>

SABAHAT NAĞME BAŞARAN

Freelance researcher

sabahatnagmebasaran@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8546-4271>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/08/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 12/05/2025



Abstract. After the pronunciation of the newly founded Turkish Republic in 1923, the capital was moved from Istanbul to Ankara. Value attributions toward Istanbul, a strong symbol for the Ottoman Empire as its former capital, has changed during this period, along with the redefinition of a Turkish identity and a new Turkish state. Investments were directed to the new capital and to other designated centers of industrial development. Istanbul, on the other hand, was deliberately redefined as “the historic city”, and this became vivid through the promotion of selected Byzantine landmarks and archaeological sites. The meanings held by this architectural heritage were re-narrated and secularized, disregarding attributions to both of the former empires, medieval Christian and early modern Islamic alike. Newspapers covered an abundance of news on the Byzantine architectural and archaeological heritage of the city, hinting the new state policies towards them with the intent of creating a new image for Istanbul. Covered news included archaeological surveys, visits of scientists, opinions of prominent figures on the evaluation of this heritage, and repair works done on Byzantine monuments, including detailed reports of resurfacing Byzantine mosaics. The refunctioning of Hagia Sophia as a museum in 1935, its transformation and preliminary archaeological surveys before and during the rearrangement have capaciously found their reflection in the newspapers, appearing almost daily. This paper aims to portray the coverage of Byzantine heritage related news in the newspapers of early republican Turkey, and explain how this portrayal served to create a public opinion compatible with the state policies of the period.

Keywords. Early Republican Turkish Archaeology, Hagia Sophia, Great Palace, Chora, Istanbul.

Introduction

Archaeological activities and foundations of new museums have certainly played an important role in the re-narration of Turkish history in the newly founded Turkish Republic after 1923. “Türk Tarih Kurumu”¹ [Turkish History Foundation] was opened in 1931, students were sent abroad to get educated on archaeology, foreign scholars were invited, and departments of related disciplines were being founded in the universities. Within the hardships of economy after the Independence War (1918-1923), a considerable budget was spared for archaeological field work and studies. In search of the reflections about these activities on early republican newspapers, and how they were shared with public, a research had been conducted in 2018-19 on the news articles concerned with archaeology (BAŞARAN 2019). There are numerous studies and publications about the building of the new nation, construction of identity, and re-narration of history in early republican Turkey². While referring to the archaeological activities of this period, these publications majorly focus on the excavations of prehistoric, protohistoric sites, and especially on Hittite archaeology, mostly initiated as government incentives in search of the roots of the “Turk” in this geography as a product of nationalistic discourse. In our examination, press articles concerning the Hittites and Anatolian and Thracian archaeology were numerous, as expected. However, the astounding result of our analyses was the extreme density of the press articles about Byzantine archaeology in Istanbul, appearing more numerous than the sum of the archaeology articles from all the rest of the country (fig. 1). News about Hagia Sophia, its conversion and repairs, and archaeological activities about the Byzantine heritage in Istanbul were frequently recorded, and articles about prominent site works took their part in newspapers on a day-to-day basis. In contrast with most research on early republican Turkish archaeology, this study focuses on the importance given to Istanbul’s Byzantine archaeology during this era. The study presents an overview of these news and examines the approaches to Hagia Sophia and Byzantine heritage in Istanbul in the early republican media, investigating the motives for their prominence.

¹ Institution founded for the re-narration of Turkish history and the origins of the Turkish race in relation to the new nationalistic discourse. The congress papers in the early years of this Foundation focused mainly on prehistory and archaeology, while most of the speakers centred their theses through nationalism. According to this approach, almost all speakers defended that the origin of the Turks was in Anatolia starting from prehistoric eras.

² For a few examples see: BAYKAL 1971: 531-540; ÇETİN 2004: 347-365; KOCA 2012; DOĞAN 2008.

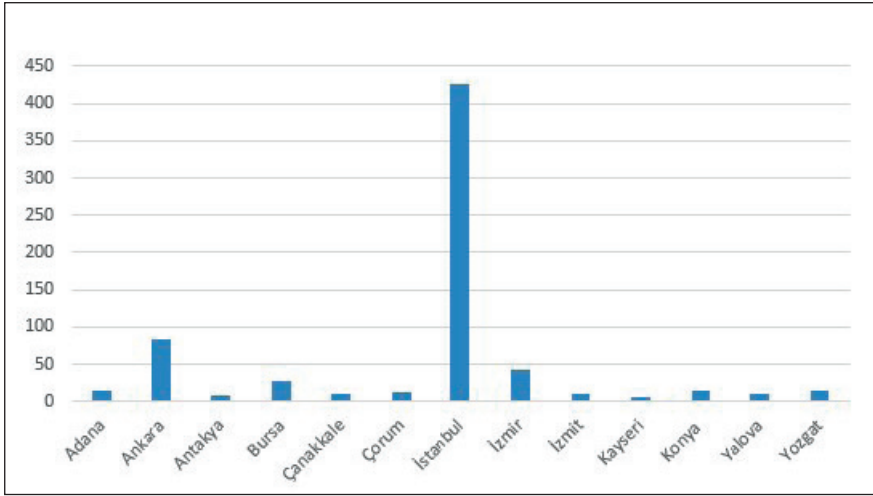


Fig. 1. The distribution of the number of news related to archaeology in relation with the mentioned cities in Cumhuriyet newspaper (1929-1946).

Our examination handles the period between 1929 and 1946. The period chosen starts when the newspapers started to be published in Latin letters after the revolution concerning the alphabet and ends with the era affected by World War II. The majority of news articles referred in the study are acquired from *Cumhuriyet* newspaper, which started to be published on 7 May 1924 with the renowned Turkish journalist Yunus Nadi Abaloğlu (1879-1945) as its first director. The choice of this specific newspaper is particularly important since it was the prominent media source that used to serve as the official organ for the state's ideals. Despite short penalty closures, it was continuously published without interruptions throughout this period, and it had the largest circulation nationwide. Examining the articles from this specific media allows an understanding on how these were used by the young republic to create the intended perception in public opinion. Other media occasionally presented opposing or critical ideas about the decisions of the state concerning Byzantine monuments, but these were very limited as a result of press censorship³, which cannot be neglected. Thus, despite occasional oppositions, compatible reflections can be followed in them.

³ Law concerning press and media was initiated in 1931 for the early Republic. In accordance with this law, the government put the press under strict control. Administration held the power to censor, shut down and recall publications. Sensational or provocative titles, any news in conflict with the Turkish regime and its ideology were not allowed. News handled in this study must also be perceived considering the impact of this law. For more information, see: EROĞLU 2012: 95-96; TOPUZ 2003: 167-168.

After the pronouncement of the newly founded Turkish Republic in 1923, the capital was moved from Istanbul to Ankara, located in central Anatolia. Value attributions toward Istanbul, a strong symbol for the Ottoman Empire as its former capital, has changed during this period, along with the redefinition of a Turkish identity and a new Turkish state. The built environment played a major role in this definition. Investments were directed to the new capital and to other designated centers of industrial development. Istanbul, on the other hand, was deliberately redefined as “the historic city”, and this became vivid through the promotion of selected Byzantine landmarks and archaeological sites. Photography albums were prepared for the international promotion of the new republic showing the emerging new centers with their modern buildings and newly built factories, whereas Istanbul, which could not be excluded, would mainly be portrayed with its historic monuments (For a recent examination: ATALAY TALEBAZADEH 2022).

1. News articles on the Archaeological Excavations in the Historical Peninsula of Istanbul

In the newspapers, articles about Istanbul are numerous. However, in accordance with the reasons mentioned above, they are not about administrative issues, but rather on archaeological excavations and on physical and functional interventions at prominent Byzantine monuments and sites. Between 1928 and World War II, there were several and continuous excavations on the historical peninsula. Even in case of interruptions due to weather conditions newspapers gave short notifications. The newspapers of the period spare an extraordinary amount of space in their columns to the Byzantine architectural and archaeological heritage of the former capital, hinting the new state policies’ utilization of them for the creation of a new Istanbul image. These include archaeological surveys, visits of scientists, opinions of prominent figures on the evaluation of this heritage, reflections of these activities in international media, and repair works done on Byzantine monuments, including detailed reports of resurfacing Byzantine mosaics (fig. 2).



Fig. 2. An article published in the Cumhuriyet Newspaper on 22.02.1934, giving information about Hagia Sophia mosaics.

Among the related news, mosaic restorations and repair works on Chora (Chora Monastery Church/Kariye Mosque) and Hagia Sophia, refunctio-ning of monuments into museums, and archaeological excavations centered around the Great Palace and Hippodrome occupy the largest space. A considerable amount of Istanbul news articles is conspicuously concerned with the Byzantine heritage of the city.

The excavations of the Great Palace have found great attention in the newspapers, documenting every step taken. The earliest articles announced that James Houston Baxter (1894-1973), a Scottish researcher from Saint Andrews University, had permission from the government to make excavations in the Ishakpaşa and Çatladıkapı neighborhoods of Istanbul (CUMHURİYET 3.5.1935).

In the early 1930s a series of excavations were carried out in search of the Hippodrome structures in Sultanahmet by local and foreign archaeol-ogists (A series of news informs about the intended Hippodrome excava-

tions of the directorate of museums and the discovery of a Byzantine bath: *CUMHURİYET* 22.1.1932; id. 20.1.1932; id. 19.6.1934). In 1935, as excavations were held in the atrium of Hagia Sophia, these were also reflected in the news. On 28 January 1935 *Cumhuriyet* announced that the German Archaeological Institute would conduct excavations under the directorate of Kurt Bittel (1907-1991), who was also directing the Boğazköy excavations. Articles on 7 and 8 February 1935 describe the finds and date them to be a predecessor of the currently standing building (Some other news on this excavation shows the frequency of its appearance in media: *CUMHURİYET* 10.2.1935; id. 11.2.1935; id. 13.2.1935; id. 14.2.1935; id. 17.2.1935; id. 19.2.1935; id. 20.2.1935; id. 27.2.1935; id. 5.3.1935; id. 11.3.1935; id. 21.3.1935; id. 25.3.1935; id. 4.4.1935; id. 14.4.1935; id. 17.4.1935; 8.5.1935; id. 10.5.1935).

A striking article about the Hippodrome titled “Ayasofyanın Altında Bir Hazine Gizlidir, Prof. Mambury, Hipodromun Meydana Çıkarılması İçin O Civardaki Bütün Binaların Yıkılmasını İstiyor” [A Treasure is Hidden Under Hagia Sophia, Prof. Mamboury Suggests the Demolition of All Buildings in the Area for Unearthing the Hippodrome] published in *Cumhuriyet* on 19 October 1936 concerns with the management of the urban area around it. In the article, Ernest Mamboury (1878-1953)⁴, a professor in Galatasaray high school at the time, made a radical suggestion for the demolition of all buildings around the Hippodrome area. (fig. 3) The article is also interesting about his criticism for the assignment of James Houston Baxter for the Great Palace excavations. Mamboury worked in his excavations, but his remarks shed light on some general opposing opinions, as he affirmed that such important excavations should not be given to Christian clergymen such as Baxter. Three days later, Aziz Ogan, the director of Istanbul Archaeological Museums, published an article explaining that Mamboury’s criticism was due to a personal conflict with Baxter, and his urban suggestion for the area was exaggerated (*CUMHURİYET* 22.10.1936). However, in the following years, the well-known urban master plan prepared for Istanbul by the French architect and urban planner Henri Prost (1874-1959) spared the area between Sultanahmet and Hagia Sophia all the way to the coast line as archaeological territory (BILSEL 2010: 101-165). In November 13th 1942, *Cumhuriyet* published an article by

⁴ Swiss professor, teacher at Galatasaray Highschool in Istanbul starting in 1909. Worked on Byzantine monuments of Istanbul and historic buildings at Ankara. For more on Mamboury’s background and contribution to the archaeology of Istanbul’s Byzantine monuments and sites (whithin and outside of historical peninsula) see also: EYICE 1953; RICCI 2022.

Alfons Maria Schneider⁵ about the unearthing of the church of St. Euphemia around the Hippodrome area. Examples of such articles are numerous and the developments of the ongoing archaeological works were published on a daily basis.



Fig. 3. First half of the article about the Hippodrome titled 'A Treasure is Hidden Under Hagia Sophia, Prof. Mamboury Suggests the Demolition of All Buildings in the Area for Unearthing the Hippodrome' on 19.10.1936.

2. News articles about the Great Palace Excavations

Two months after the articles about permits, on 4 July 1935 *Cumhuriyet* announced the beginning of Baxter's excavations with a title "Sultanahmedde İngiliz Mühassısı Hafriyata Başladı" [British Expert Started the Excavations in Sultanahmet]. Baxter's initial aim was to search for the remains of the Hippodrome, and his exploratory excavations in Arasta Street were planned to

⁵ German archaeologist, priest, professor of Byzantine and Early Islamic art and architecture (1896-1952).

last 3 months (*CUMHURİYET* 5.7.1935). Just two days later, the newspaper announced the finds of some marble pavements and a possible two-year extension to the field work (*CUMHURİYET* 7.7.1935). In a few days, some mosaic pavements were reached and an issue of funding arose for the expropriation of the buildings over the remains (*CUMHURİYET* 11.7.1935). The photos of the mosaic floor spreading over a 10 m long and 5 m wide area were published. (fig. 4) The finds were identified as the Great Palace of the Byzantines and Baxter suggested the area to be arranged as a museum of Byzantium (*CUMHURİYET* 8.8.1935). Baxter's meetings with the directorate of museums for the removal of buildings over the archaeological area (*CUMHURİYET* 9.8.1935), the protection measures for the unearthed mosaic floors (*CUMHURİYET* 29.8.1935), information about the finds, and a translation of Baxter's article in *The Times* newspaper (*CUMHURİYET* 18.12.1935) are also reflected in the news.



Fig. 4. First half of an article about the excavation of the Great Palace mosaics, published in the Cumhuriyet Newspaper on 25.07.1935.

The second campaign of the excavations started in April 1936⁶ and was completed in September (*CUMHURİYET* 9.9.1936). During the third campaign (April-August 1937)⁷, Baxter applied to the government for the initia-

⁶ Announced earlier in 15.3.1936 in *Cumhuriyet*.

⁷ For the dates: *CUMHURİYET* 19.3.1937; id. 24.5.1937.

tion of a museum on the site (*CUMHURİYET* 24.5.1937). News about the fourth campaign also mentioned the master plan of Henri Prost arranging a vast area, including the Great Palace ruins, as an archaeological sector and the demolition of unqualified buildings (*CUMHURİYET* 12.7.1938). The extension of the excavation area caused some conflict about the possible structural damage it might cause to the Sultanahmet Mosque (1616). Examinations were held by Arif Müfid Mansel (1905-1975), one of the pioneers of Turkish archaeology, and the expansion of the site was determined accordingly (*CUMHURİYET* 17.7.1938; id. 15.7.1938; id. 9.8.1938, id. 29.7.1939). However, despite the precautions, the excavation came to a halt in 1939 due to the mentioned problem. The press announced that Baxter left the excavations on 9 September 1939, most likely because of the beginning of World War II. During the years of the war, news about other excavations in the historical peninsula also decreased.

3. News Articles about Conversion of Hagia Sophia into a Museum

Articles about Hagia Sophia were frequent and occasionally occupied the newspaper's front-page, which often included photographs of the monument. The refunctioning of Hagia Sophia as a museum in 1935 plays a prominent role reflecting the tendencies of the period. There are several thorough publications on the dynamics of this function change so its details will not be the main concern in this chapter. Instead, examples from the several and very detailed news articles about the conversion process will be presented.

Hagia Sophia's transformation and preliminary archaeological surveys before and during the rearrangement have capaciously found their reflection in the newspapers. All the steps taken in this process, all the parties and scientists involved, took their part daily in the pages. Earlier discussions about a possible conversion started to appear in September 1934 (*CUMHURİYET* 4.9.1934; id. 5.9.1934; id. 9.9.1934; id. 10.9.1934⁸; id. 20.9.1934⁹). Ideas opposing the conversion were also published even during this decision period (*CUMHURİYET* 2.10.1934; *AKŞAM* 10.10.1934; *AKŞAM* 11.9.1934¹⁰). On 11 December 1934, the media announced that the administration of Hagia

⁸ News where the decision is announced with two photographs of Hagia Sophia.

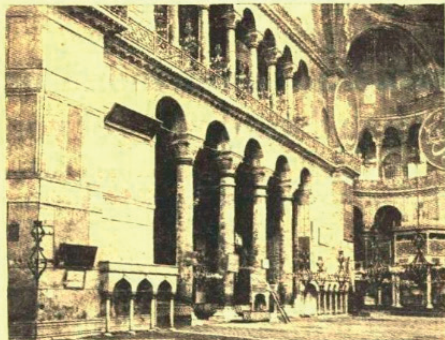
⁹ News of a committee of architects is formed for the repair and conversion arrangements of Hagia Sophia.

¹⁰ This article gives news about an opposing group's incentive saying that a scientific report is being prepared on why Hagia Sophia Mosque cannot be converted into a museum.

Sophia mosque had been transferred to the directorate of museums. Museum director Aziz Ogan explained to a reporter that all Byzantine artefacts in the city would be classified and brought to this institution, and the sarcophagi of the Byzantine emperors, now in the garden of the Archaeological Museums, would be transferred to Hagia Sophia, where they would be exhibited (fig. 5).

Ayasofya müze oluyor

Cami dün Müzeler idaresine devredildi. Burada Bizans abide ve eserleri teşhir edilecek



Dünden itibaren Bizans eserinin tahsis edilen Ayasofyanın içinden bir görünüş...

Ayasofya camisinin müze olacağını evvelce yazmıştık. Bu işin tetkikile Müzeler müdürü Aziz'in riyasetinde bir heyet uğraşıyordu. Heyet hazırladığı bir raporu Kültür Bakanlığına göndermiş, rapor Kültür Bakanlığınca muvafık görüldüğünden iki gündenberi tatbikine geçilmiştir. Bu hususta Müzeler müdürü Aziz bir muharririmize şu izahatı vermiştir:

«— Ayasofya dünden itibaren Müzeler idaresine geçmiştir. Mabed, Bizans devrine aid abide ve eserleri ihtiva eden bir müze haline getirilecektir. Bizans devrine aid şehrimizde neka'at eser varsa ilmi bir tasnife tâbi tutarak Ayasofyada teşhir edeceğiz. Bu eserlerden şehrimizde pek çok vardır. Bilhassa müze bahçelerinde mevcud asari atikaden lâhizler, bu meydana Ayasofyanın içine nakledileceklerdir. Müze idaresinin hazırladığı proje mucibince evvelâ mabedin içi tamir edilecek, düzelilecek, bundan sonra da eserlerin yerleştirilmesine başlanılacaktır. Binanın dışarısında poyraz tarafındaki sıvaları tamir edeceğiz. Bazı ecnebi gazetelerinde yazıldığı gibi esaslı tamire şimdilik lüzum yoktur.

Bir kısım eserleri de mabedin et-



Ayasofya parmaklıklarına asılan ilân rafındaki bahçede teşhir edeceğiz. Bu sebeble bahçeye beton döğenecek, etrafı çimenlerle bezeneyecektir.

Bu yeni müzeye şimdilik ayrı bir memur kadrosu yapacak değiliz. Yalnız gece ve gündüz muhafazası için diğer müzelerde olduğu gibi bekçiler koyacağız. Amerikalı mütehassıs tetkikatını şimdilik bitirib memleketine gitti. Belki ileride tekrar gelecektir. Onun tetkikatile bizim kuracağımız müze arasında münasebet yoktur.»

Fig. 5. The news about Hagia Sophia becoming a museum, titled 'Hagia Sophia is becoming a museum, the mosque was transferred to the museums administration yesterday. Byzantine monuments and artifacts will be exhibited here,' published in Cumhuriyet Newspaper on 11.12.1934.

An article from 28 January 1935 dated the opening of the museum building to 1st of February, while the exhibition of the artefacts was to begin in August of the same year. The carpets were removed, the marble floor uncovered some annexes and furniture of the mosque removed, the excavation in the atrium was reported to be still going on, and the last prayer hall was temporarily kept closed. On 2 February 1935 *Cumhuriyet*'s front page announced the opening of the museum with a photo of foreign visitors. The newspaper's following period includes numerous articles about the arrangement of exhibitions, the ticket office, the photo purchasing area, and positive, legitimizing remarks about the monument's conversion and prominent visitors of the museum (fig. 6).



Fig. 6. News titled 'Hagia Sophia was opened' on 2.2.1935.

4. News Articles about Unearthing the Mosaics of Hagia Sophia

Besides the numerous articles about its conversion, an equally great amount of newspaper pieces specifically focused on the mosaic restorations of Hagia Sophia. News about any development and new image that was brought to light from under the plaster were given on a day-to-day basis.

Activities about the mosaics of Hagia Sophia started to be recorded in *Cumhuriyet* newspaper on 3 August 1931 with a translated article from *The Times* titled “15 Asırlık Ayasofya Yeniden Gençleşecek! Amerikan Bizant-en Enstitüsü Mabedi ve Mozaiklerini Tamir Edecek” [15 Century-Old Hagia Sophia Will Become Younger! The Byzantine Institute Will Repair the Monument and its Mosaics]. Although it can be confirmed that the necessary permits were provided (*CUMHURİYET* 4.8.1931) to the Byzantine Institute of America at this date, actual work started in 1932 with the arrival of Thomas Whittemore (1871-1950)¹¹, the founder of the Institute, in Istanbul (*CUMHURİYET* 11.2.1932). Following his arrival, Whittemore made the preparations, waited for the Ramadan to end, and started the works on 17 February 1932 (*CUMHURİYET* 18.2.1932)¹². Just two days later, an article with a photograph announcing that Whittemore started putting up the scaffolding was published (*CUMHURİYET* 19.2.1932)¹³. With the news about the mosaics, Thomas Whittemore became one of the most prominent mediatic figures for a period. He had been in Istanbul during the Independence War, and he had acquaintances with Mustafa Kemal Atatürk as well. The press describes him and his work in detail. Articles dated from 14 April 1932 announce the arrival of Luigi Marangoni (1872-1950), an Italian expert on ancient artefacts, to Istanbul, to work with Whittemore. Almost every week, articles giving information about Whittemore’s work throughout the restoration process were published. These include scientific reports about the findings (*CUMHURİYET* 4.8.1932; id. 20.11.1933 ...), as well as information about the work process, such as the training of Turkish workers to become experts in mosaic restoration and work with Whittemore (*CUMHURİYET* 5.8.1932; id. 31.7.1933; id. 1.8.1933).

Whittemore’s background as a priest caused some opposition against

¹¹ Thomas Whittemore is a prominent figure of the era in relation with the restoration works of significant monuments. For more information about his background and the course of his works on especially Hagia Sophia and Chora see: KLEIN 2022; KLEIN & OUSTERHOUT 2004; TETERIATNIKOV 2004; TETERIATNIKOV 1998.

¹² News specify that Whittemore started to work “yesterday”.

¹³ In 6.3.1932 another photographed news article in *Cumhuriyet* focuses on the firm that produced the scaffolding and the visit of the American ambassador to Hagia Sophia.

his work. Marangoni had also become a target. There was some public criticism that he was using this work to provoke Christian groups and raise money (*CUMHURİYET* 20.10.1932). A *Cumhuriyet* article dated from 17 June 1932 criticized the removal of the Ottoman plaster that bore “Turkish artistic decorations” with oil paintings in order to uncover the cross and human figures of the church. According to these news, Ottoman layers of the building were damaged to uncover the Byzantine ones. These criticisms were not only targeting people or facts but also might have been the reflection of an opposition against the unearthing of the Christian identity of the monument. As the unrest became intense, newspaper articles were prepared to educate and convince public opinion that these mosaics were “no longer religious” but represented elements of the museum that should be perceived as scientific findings. One article published on 14 November 1932 by Halil Ethem Eldem (1861-1938), the Istanbul member of the parliament and an archaeologist, emphasized Whittemore’s identity as a scientist, and referred to him as one of the most skilled people in mosaic restorations, while separating his work in Hagia Sophia from Christianity. *Cumhuriyet* articles on this issue are representative of the government’s tendencies to benefit from historic monuments in a secularized manner. They also respond to other more conservative media that resisted these changes despite censorship.¹⁴ In the same issue with Halil Ethem’s explanations, Yunus Nadi published the main article titled “Ayasofya’nın Mozayıkları: İlme Hürmet Lazımdır!” [Mosaics of Hagia Sophia: Respect for Science is Mandatory!], in which he stated that Whittemore should be thanked for his hard work instead of being criticised for it.

The news about mosaic restorations were so detailed that any step Whittemore took found its way in the press. When he made a public speech, or even whenever he left the country for holidays and came back was recorded in the newspaper. Whittemore probably became one of the most mentioned people in the news about Istanbul in this period (fig. 7).

¹⁴ In terms of oppositions to mosaic restorations in other newspapers see also: *MİLLİYET* 23.10.1932.

Ayasofya mozayıkları

Mühassas M. Vitmor bu seneki muvaffakiyetli çalışmalarında elde edilen neticeleri anlatıyor



Ayasofyada meydana çıkarılan mozayıklardan birisi

Ayasofyanın mozayiklerini meydana çıkarmakta olan Amerikalı profesör Vitmor gelecek nisanda tezker faaliyetine başlamak üzere birkaç güne kadar Paris'e gidecektir. Bu münasebetle M. Vitmor dün gazetecilere şu izahatı vermiştir:

— Ayasofya camisinin mozayikleri her yıl olduğu gibi bu yıl da kış dolayısıyla sonraya bırakıldı. Birincikönümün birinden itibaren nisana kadar bu karunk günlerde camide çalışmak hem güçtür, hem de faydalı olmuyor. Şimdiye kadar olduğu gibi senenin çalışılan ayları nisandan teğininin sonuna kadardır. Bu geçen sekiz ayda narteksin tonoslarının son temizleme işleri bitirilmiştir. Narteksi kaplıyan mermerler temizlenmiş, birçok yerleri tamir edilmiştir. Narteksin büyük yüksek pencereleri yıkanmış ve birçok kırık camları tamir edilmiştir. Şunu söylemek isterim ki mermerlerin temizlenmesinde yapma bir parlaklık verilmeyip ancak anıtlardaki zengin rengin ve damarların görünmesine, korunmasına dikkat edilmiştir. Narteksin içine girilen kapıları üstündeki sekiz büyük haç simdi bütün parlaklıklarıyla görünmektedir.

Hzret-i İsa, Meryem Ana, Ceb-rail ve İmparator Altınçı Leonun mozayik resimleri aylarca dünyanın dikkatini üzerine çekmiştir. Narteksin mermerleri, mozayikleri, mozayikli resimleri ve çiçekli nakışlarla dünyanın en büyük altın şaheseridir.

Bütün ilkbahar, yaz ve sonbahar



Mühassas M. Vitmor çalıştığı yerden izahat verirken

her mevsimlerinde cumadan maada her gün sabah saat sekizden öğleye kadar ve öğleden sonra birden beşe kadar caminin kible tarafında çalışmıştır. Bunlarda çok tazyik üzerinde yürür tekerleklerle bindirilmiş teleskopvari sahanlık ile kuledeki tabakaların tonoslarına ulaşan ikinci lakele ve her yere ulaşan ve yürüten başka bir merdiven kullanılmıştır. Bunlar tonoslara ve duvarlara yetiştiriliyor ve sıvaların altında hâlâ mozayik bulunup bulunmadığı yoklanıyordu.

Kible batıdaki vestibülden bulunan mozayik resim nisanda, bu resmin tarifi yapıp basılıncı açılmak üzere hazırlanacaktır.

Fig. 7. News published on 22.11.1934 stating that Whittemore gave information about what he had uncovered that year.

Prior to any official news about Hagia Sophia's conversion into a museum, the extent of mosaic restorations hinted this possibility. This was reflected in the press. *Cumhuriyet*'s 25 December 1933 issue involved a discussion about the talks on the possible conversion of Hagia Sophia into a museum of Byzantine artefacts, indicating that it was a religious building and had always been so, thus such a conversion was out of question. However, soon after, the new function was given to the building. Following the conversion, Whittemore's activities kept being recorded in the media (*CUMHURİYET* 22.11.1934; id.

3.4.1935; id. 26.4.1935; id. 31.5.1935; id. 9.6.1935)¹⁵. Whittemore's conferences abroad about his works were also followed by the media in the form of news and translations of his conference papers¹⁶. The latest news about Whittemore and his mosaic restorations appeared on 17.5.1940 and 1.2.1941. These articles mentioned the scientific report Whittemore was preparing for the Byzantine Institute in Boston, after whose presentation he would return to Istanbul to pursue his work. However, this work was probably interrupted due to World War II. With the coming of the war, news about Hagia Sophia started to decrease and even disappeared from the newspapers.

Conclusion

Most of the news about Istanbul in the early republican period were about archaeology and historical buildings. Byzantine heritage played a prominent role within this picture. The meanings held by this architectural heritage were re-narrated and secularized, disregarding attributions to both former empires, the Byzantine and the Ottoman. Monumental religious buildings of the past, re-narrated and stripped off from their religious identity, were used as a showcase for Istanbul. They served to portray the former Ottoman capital as something from the past.

Monuments survive with the values attributed to them. A political, religious, or utilitarian value given to a building can avoid the abandonment of historic buildings and help with their maintenance, thus allowing their survival. Remnants of the Byzantine-built environment took a different role for the recently founded Turkish Republic in the new portrayal of Istanbul. In the case of Hagia Sophia, there was a continuity in terms of the values attributed to it by its changing rulers. As a Byzantine church, it was the cathedral of the empire's capital. With its conversion into the first Friday Mosque of the Ottoman capital, its religious, sacred values were kept intact. In the early republican period, its artistic and scientific values were emphasized, providing it with a new secular identity. Newspapers served, with extraordinary effort and propaganda, to shape public opinion and legitimize these new identities for historic monuments. Despite being the most prominent example, Hagia

¹⁵ *Cumhuriyet* 2.6.1935 announces the opening of the mosaic over the emperor's gate (central gate from the inner narthex to the nave), with a photograph, and describes the scene with a praise to it as "a 10th-century marvel".

¹⁶ *Cumhuriyet* 21.1.1936, 20.3.1936 include news about Whittemore's conferences in several venues in the United States. The methods Whittemore uses for the removal of plaster, his methods for determining the locations of the mosaics are presented in detail.

Sophia was not the only example of this treatment. Other monuments such as Kariye Mosque (former Byzantine monastic church of Chora) also went through this process of reassigned values and conversion. Considering the new secular identity constructed for the young republic, symbolically these new secularized functions and values were certainly no less powerful than their former religious ones.

There are some differences between the archaeological news from Istanbul and the rest of the country. Most of the news about archaeological excavations outside of Istanbul supported the search for origins of the “Turk” in the newly founded nation. Apart from the way archaeological findings were reflected in the media, no distinction was made between foreign and Turkish archaeologists in the surveys and excavations. It was not the director of the excavation that was important, but rather the findings and the conclusions reached. The news articles aimed to give to the reader the feeling that the nation’s history was coming to light and the finds were magnificent. However, in the case of Byzantine archaeological works, the identity of the excavation supervisor seemed more important. Only regarding these works did news articles occasionally reflect oppositions and suspicions about the Christian identity of some of the scientists directing them. Newspapers also served as a vessel of the state to shape the public opinion against these oppositions.

This study presented examples of numerous newspaper articles concerned with Byzantine heritage in Istanbul during the early years of the Turkish Republic and described the nature of its new narration. In this portrayal, Istanbul did not appear as the Ottoman capital anymore, nor as an administrative center. It was rather strictly portrayed as “the past”, as the historical city symbolized with a growing emphasis on Byzantine heritage. This demonstrates that Byzantine memory was more acceptable than the representation of Istanbul as the administrative symbol of the collapsed Ottoman empire.

Sources and Bibliography

Sources (Newspaper archives)

AKŞAM (11.9.1934).

AKŞAM (10.10.1934).

CUMHURİYET (3.8.1931).

CUMHURİYET (4.8.1931).

CUMHURİYET (20.1.1932). “Hafriyat Neticesiz Kaldı, Müze İdaresi de

Hipodromu Bulamadı” [Excavation Ended without Results, Directorate of Museums Couldn’t Find the Hippodrome too].
CUMHURİYET (22.1.1932). “Hipodromu Biz de Arıyoruz, Müzeler İdaresi Hafriyat Yaptırıyor” [We are also Looking for the Hippodrome, Directorate of Museums is Running an Excavation].
CUMHURİYET (11.2.1932).
CUMHURİYET (18.2.1932).
CUMHURİYET (19.2.1932).
CUMHURİYET (6.3.1932).
CUMHURİYET (17.6.1932).
CUMHURİYET (4.8.1932).
CUMHURİYET (5.8.1932).
CUMHURİYET (20.10.1932).
CUMHURİYET (14.11.1932).
CUMHURİYET (31.7.1933).
CUMHURİYET (1.8.1933).
CUMHURİYET (20.11.1933).
CUMHURİYET (25.12.1933).
CUMHURİYET (22.2.1934).
CUMHURİYET (19.6.1934). “Hipodrom Değil Hamam Enkazı! Sultanahmetteki Hafriyat Mühim Neticeler Verdi” [Its not the Hippodrome but Ruins of a Bath! Sultanahmet Excavations had Important Results].
CUMHURİYET (4.9.1934).
CUMHURİYET (5.9.1934). “Ayasofya Müze mi Olacak?” [Will Hagia Sophia Become a Museum?].
CUMHURİYET (9.9.1934).
CUMHURİYET (10.9.1934).
CUMHURİYET (20.9.1934).
CUMHURİYET (2.10.1934).
CUMHURİYET (22.11.1934).
CUMHURİYET (11.12.1934).
CUMHURİYET (28.1.1935).
CUMHURİYET (2.2.1935).
CUMHURİYET (7.2.1935).
CUMHURİYET (8.2.1935).
CUMHURİYET (10.2.1935). “Ayasofyada Meydana Çıkan Mahzenler, Hafriyat Yerinde Mermer Bir Zeminle Merdivenler Bulundu. Bunların İlerisi Ayasofya Mahzenleridir” [Basements Discovered in Hagia Sophia. In the Excavation Site a Marble Floor and Stairs Have Been Found. Beyond this

is the Vaulted Substructure of Hagia Sophia].

CUMHURİYET (11.2.1935). “Ayasofyada Büyük Revakı Meydana Çıkarmağa Çalışılıyor” [Hagia Sophia’s Grand Archade is Being Unearthed].

CUMHURİYET (13.2.1935). “Ayasofyadaki Araştırmalar” [Survey at Hagia Sophia].

CUMHURİYET (14.2.1935). “Ayasofya Araştırmaları Durdu” [Survey at Hagia Sophia Stopped].

CUMHURİYET (17.2.1935). “Ayasofyadaki Araştırmalar” [Survey at Hagia Sophia].

CUMHURİYET (19.2.1935). “Ayasofyada Bulunan Taşlar” [Stones Found in Hagia Sophia].

Cumhuriyet (20.2.1935). “Ayasofyada Büyük Esami Levhaları Yerlerinden İndirildi, Müzenin İçinde” [Large Plates Have Been Taken Down in Hagia Sophia, Inside the Museum].

CUMHURİYET (27.2.1935). “Ayasofyada Hazırlık ve Hafriyat” [Preparation and Excavation at Hagia Sophia].

CUMHURİYET (5.3.1935). “Ayasofyada Bulunan Eserler” [Artefacts Found in Hagia Sophia].

CUMHURİYET (11.3.1935). “Ayasofyada Bulunan Eserler” [Artefacts Found in Hagia Sophia].

CUMHURİYET (21.3.1935). “Ayasofyada Bulunan Mozayik Döşeme ve Çeşme” [Mosaic Floor and Fountain Found in Hagia Sophia].

CUMHURİYET (25.3.1935). “Ayasofya Hafriyatı, Mozaik Döşemeli Zemin Meydana Çıktı” [Hagia Sophia Excavation, Mosaic Floor is Unearthed].

CUMHURİYET (3.4.1935).

CUMHURİYET (4.4.1935). “Eski Ayasofya Kilisesinin Merdivenleri” [Stairs of the Old Hagia Sophia].

CUMHURİYET (14.4.1935). “Ayasofyada Bulunan Eserler” [Artefacts Found in Hagia Sophia].

CUMHURİYET (17.4.1935). “Ayasofyadaki Eserler, Hemen Hergün Yeni Bir Parça Çıkıyor” [Artefacts in Hagia Sophia, Almost Every day a New Piece is Found].

CUMHURİYET (26.4.1935).

CUMHURİYET (3.5.1935). “Asariatika Aramak İçin İzin Alındı” [Permission is Given for Searching Archaeological Finds].

CUMHURİYET (8.5.1935). “Ayasofyada Hafriyat” [Excavation at Hagia Sophia].

CUMHURİYET (10.5.1935). “Ayasofya’da Hafriyat” [Excavation at Hagia

Sophia].
CUMHURİYET (31.5.1935).
CUMHURİYET (2.6.1935).
CUMHURİYET (9.6.1935).
CUMHURİYET (5.7.1935).
CUMHURİYET (7.7.1935).
CUMHURİYET (25.7.1935).
CUMHURİYET (11.7.1935). “İstanbul’da Yeraltı Araştırmaları ‘Justinianin
Evi’ Tamir Edilecek” [Subterranean Research in Istanbul, ‘Justinian’s
House will be Repaired].
CUMHURİYET (8.8.1935).
CUMHURİYET (9.8.1935). “Sultanahmeddeki Hafriyat” [Excavation at Sul-
tanahmet].
CUMHURİYET (29.8.1935). “Bulunan Mozaikin Muhafazası” [Conserva-
tion of the Mosaics].
CUMHURİYET (18.12.1935).
CUMHURİYET (21.1.1936).
CUMHURİYET (15.3.1936).
CUMHURİYET (20.3.1936).
CUMHURİYET (9.9.1936).
CUMHURİYET (19.10.1936).
CUMHURİYET (22.10.1936). “Hafriyat İşinden Çıkan İhtilaf, Müzeler
Müdürü, Prof. Mamberiye Cevab Veriyor” [Conflict in Excavation, Di-
rector of Museums Replies to Prof. Mamboury].
CUMHURİYET (24.5.1937).
CUMHURİYET (12.7.1938).
CUMHURİYET (15.7.1938).
CUMHURİYET (17.7.1938).
CUMHURİYET (9.8.1938).
CUMHURİYET (29.7.1939).
CUMHURİYET (17.5.1940).
CUMHURİYET (1.2.1941).
MILLİYET (23.10.1932).

Bibliography

ATALAY TALEBAZADEH, Ganimet (2022). “Fotoğraflarla Türkiye Al-
bümünde (1937) Kültür Varlıkları ve Çağdaş Mimarlık” [Cultural Ass-

- ests and Contemporary Architecture at the Album of Turkey in Pictures (1937)]. MSc. Dissertation, Istanbul Technical University.
- BAŞARAN, Sabahat Nağme (2019). “1929-1946 Tarihleri Arasında Cumhuriyet Gazetesinde Yayımlanmış Arkeoloji İçerikli Haberlerin bir Değerlendirmesi” [An Evaluation of Archaeology News Published in Cumhuriyet Newspaper Between 1929 and 1946]. MSc. Dissertation, Istanbul Technical University.
- BAYKAL, Bekir Sıtkı Baykal (1971). “Atatürk ve Tarih” [Atatürk and History]. *Belleten*, XXXV, 140, 531-540.
- BILSEL, F. Cana (2010). “Henri Prost’un İstanbul Planlaması (1936-1951): Nazım Planlar ve Kentsel Operasyonlarla Kentin Yapısal Dönüşümü” [Istanbul Urban Planning of Henri Prost (1936-1951): Urban Transformation of the City through Master Plans and Urban Operations], in F. C. Bilsel and P. Pinon (eds), *İmparatorluk Başkentinden Cumhuriyet’in Modern Kentine: Henri Prost’un İstanbul Planlaması 1936-1951* [From the Imperial Capital to the Modern City of the Republic: Henri Prost’s Planning of Istanbul 1936-1951]. Istanbul: Istanbul Araştırmaları Enstitüsü, 101-165.
- ÇETİN, Zafer (2004). “Tales of Past, Present, and Future: Mythmaking and Nationalist Discourse in Turkish Politics”. *Journal of Muslim Minority Affairs*, 24, 2, 347-365.
- DOĞAN, Kasım (2008). “Cumhuriyet Dönemi Kimlik İnşası” [Constructing Identity in Republican Period]. PhD. Dissertation, Sakarya University.
- EROĞLU, Bahar Yalın (2012). “İkinci Dünya Savaşı Dönemi (1939-1945) Türk Siyasetinin Köşe Yazıları Üzerinden İnşası: Cumhuriyet Gazetesi Örneği” [Constructing Turkish Diplomacy from News Articles during World War II (1939-1945): Cumhuriyet Newspaper Example]. *e-Journal of New World Sciences Academy*, 7, 2, Article No.4C0137, 95, 96.
- EYICE, Semavi (1953). “Ernest Mamboury (1878-1953)”. *Belleten*, XVII, 67, 393-411.
- KLEIN, Holger (2022). “From Robert College to the Byzantine Institute: The American Contribution to the Rediscovery, Study, and Preservation of Byzantine Monuments in Istanbul, ca. 1830-1950”, in O. Delouis and B. Pitarakis (eds.), *Discovering Byzantium in Istanbul: Scholars, Institutions, and Challenges, 1800-1955*. Istanbul: Istanbul Araştırmaları Enstitüsü, 186-235.
- KLEIN, Holger and OUSTERHOUT R. G. (eds.) (2004). *Restoring Byzantium: the Kariye Camii in Istanbul and the Byzantine Institute Restoration*.

- New York: Miriam and Ira D. Wallach Art Gallery, Columbia University.
- KOCA, Zeynep Omay (2012). “Cumhuriyet Döneminde Arkeolojiye Bakış (1923-1940)” [Approaches to Archaeology in Republican Period (1923-1940)]. MSc. Dissertation, Istanbul University.
- RICCI, Alessandra (2022). “Ernest Mamboury, the Late Antique Residential Complex at Rhegion (Küçükçekmece, Istanbul) and its Architecture”, in I. Uytterhoeven and A. Ricci (eds.), *The Palimpsest of the House. Re-assessing Roman, Late Antique, Byzantine and Early Islamic Living Patterns*. Istanbul: Koç University Press, 235-262.
- TETERIATNIKOV, Natalia B. (1998). *Mosaics of Hagia Sophia, Istanbul – The Fossati Restoration and the Work of the Byzantine Institute*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.
- TETERIATNIKOV, Natalia B. (2004). “The Byzantine Institute and Its Role in the Conservation of the Kariye Camii”, in H. Klein and R. Ousterhout (eds.), *Restoring Byzantium: the Kariye Camii in Istanbul and the Byzantine Institute Restoration*. New York: Miriam and Ira D. Wallach Art Gallery, Columbia University, 43-60.
- TOPUZ, Hıfzı (2003). *Türk Basın Tarihi: II. Mahmut’tan Holdinglere* [History of Turkish Press: From Mahmud II to the Holdings]. Istanbul: İletişim Yayınları.

Medievalism and the South: Reflections to Conclude a Thematic Issue and Continue Research

1. Historiography and medievalism: *Tempora mutantur et nos mutamur in illis*

I start with a verse from a song by the Spanish band Jarabe de Palo titled *Depende* (1998): “De según cómo se mire todo depende” (in English, “Everything depends on the way you see it”). The text grasps a sense of our way of living in the modern world, in which the problem of the “point of view” is inescapable. That happens because we live a time when culture intersects and it is fundamental to express it in a relativist way, without being axiomatic: women and men change in space and time, interpretations change. Even historiography reflects upon itself and is in continuous change. The possibility of approaching human facts without affectioning to preconceptions and clichés but considering the various points of view, and continuing research without fear of correcting oneself, is at the centre of contemporary historiography, namely the one that addresses the central subject of this thematic issue, that is, medievalism.

The term “medievalism,” once rare and poorly understood even among scholars, has in recent years gained considerable traction, moving well beyond the walls of the Ivory Tower. The term has the peculiar status of designating both the contained and the container: both the manners in which the Middle Ages have been represented in successive times and cultures, and the discipline that investigates “the Middle Ages after the Middle Ages.” Medievalism as a discipline has its own history, which is now quite well understood. Born in the USA, Great Britain, Germany, France, and Italy almost simultaneously during the Seventies, has undergone an unrivalled acceleration during the last twenty years (MATTHEWS 2015: 5-8; CARPEGNA FALCONIERI 2018; CARPEGNA FALCONIERI 2020b; LONGO 2020). Nowadays, medievalism is studied in several countries, with a significant presence in Portugal, Spain, eastern Europe, and Brazil, and with projections also in the Far East. Specifically referring to Portugal, I remember how in 2013, visiting Lisbon for an Erasmus exchange, my lectures, which focused on medievalism, aroused interest due to the unusual outlook on medieval studies they suggested. A rich set of studies started to flourish immediately after: in 2015 the journal *Práticas da História* from the Universidade Nova de Lisboa was launched; in 2016 Pedro Martins discussed his doctoral thesis on *The Mid-*

dle Ages in Modern Portugal (MARTINS 2016); in the following year, in her handbook Maria de Lurdes Rosa affirmed that medievalism is a branch of medieval studies (ROSA 2017: 158 ff). The international conference “Using the Past: The Middle Ages in the Spotlight,” held on Zoom in December 2020, established itself in an eminent position next to other great conferences on medievalism in those years, sharing an international and multidisciplinary approach and being able to boost an extensive debate. Finally, the present thematic issue, edited by Maria Amélia Campos and Pedro Martins, which is one of the outputs arising from that conference, represents at the same time an arrival point and the chance to energize this field of study even further. Along with the Portuguese, we can well say that the scholars of the entire Iberian Peninsula are aligned with the general trend, produce important results and open new research leads such as, to cite a recent example, the study of medievalist lettering in nineteenth and twentieth-century Catalonia (RAMAZZA 2022)¹.

But why is medievalism so multidisciplinary and directed toward the comparative study of cultures? Indeed, I think about medievalism as a form of relationship. This very concept is already intrinsic in the name, because of its ending, *-ism*. This suffix associates medievalism with classicism, but also, for instance, with feminism: *-ism* may denote an abstract term, but it also means a popular movement or tendency (CARPEGNA FALCONIERI, in press). As noted, medievalism is basically “the Middle Ages after the Middle Ages.” Therefore, it can pertain to anything, as long as the existence of a link with the Middle Ages is recognised. It can correspond to an actual passion for the Middle Ages, whether philologically reconstructed, or dreamed and re-enacted: the Middle Ages become an era full of images of castles and knights, ladies and dragons, magic, and a sense of wonder. Medievalism corresponds to the visceral relationship – positive or negative – that has tied western societies to the idea of Middle Ages since at least the end of the eighteenth century, with some older precursors.

Medievalism is so kaleidoscopic, that it is not wrong to consider it as a plural concept, i.e., as medievalisms. The only common denominator is the assumption that somewhere, the Medieval exists, that it can be a source of inspiration and it can be used. The underlying Medieval can truly exist – this is what David Marshall labels as *genealogical medievalism*, David Matthews as *found medievalism*, and Andrew Elliot as *overt medievalism* – or it can be

¹ Other bibliographical references to studies produced in this geographical setting can be found in issue’s introduction and in the bibliography of the Spanish edition of my work *Medioevo militante* (CARPEGNA FALCONIERI 2015).

non-existent, and completely made up – this is what Matthews calls *made medievalism*, and Elliot *banal medievalism* (MARSHALL 2007: 3-5; MATTHEWS 2015; ELLIOTT 2018b)². The same thing can also be said in another way: among some scholars writing in English, the distinction between “medievalism” and “neo-medievalism” has arisen. The former concept refers mainly to a placement of medievalism in the field of Medieval Studies, while the latter places it in the contemporary postmodern world, in which representations of the Middle Ages have no connection with medieval history. This macro-distinction is fundamental. Essentially, it implies that there are two different types of scholars dealing with the study of medievalism: those who approach it in *lato sensu* historical terms and those who approach it in actualizing anthropological and sociocultural terms.

The contents of these kaleidoscopic medievalism and neo-medievalism can be paratactically listed, without order or hierarchy, from epic to cartoons, from political history to videogames. But can we somehow find an order? The conference “Using the Past: The Middle Ages in the Spotlight” was organized by dividing the talks into sessions which corresponded both to macro areas of analysis and to keywords: “Myth and History,” “Academia & Media,” “Contemporary Politics,” “Contemporary Society,” “Collective Memory,” “Academic Medievalism,” “Literature,” “Tourism,” “Reception,” “Recreation,” “Portuguese Medievalism,” “Heraldry,” “Music,” “Art”.

The abundance of possible approaches to medievalism is striking if we compare the conference sessions and the issue’s thematic subjects to the sessions of the vast conference “The Middle Ages in the Modern World,” which was held in Rome in 2018 (the corresponding volume was published in 2020 by the École française de Rome), or to those of the earlier “MAMO” conferences, or even to some other conferences held in the last years³. Thus, we also discover the existence of, for instance, an environmental medievalism, or one connected to gender studies, or even one linked to the Jewish history. The *locus classicus* for these possible encyclopaedic classifications remains the small yet precious article, *Ten Ways to Dream of the Middle Ages* (also known

² For a discussion see also MARSDEN 2018.

³ The “MAMO” conferences were held in Saint Andrews in 2013, Lincoln in 2015, Manchester in 2017 and, as mentioned, Rome in 2018. The edition planned for London in 2020 has been postponed to an undetermined date due to the Covid-19 pandemic, and was then held from 24 to 26 June 2025. Other conferences on medievalism were held in Luxembourg (“Mittelalter zwischen Faszination und Fortschritt. Bestandsaufnahmen und Bedeutungssuche am Beispiel,” Esch-sur-Alzette, Université du Luxembourg, 12-13 November 2018), virtually in Poitiers (“Les médiévistes face aux médiévalismes: rejet, accompagnement ou appropriation?,” Centre d’études supérieures de civilisation médiévale, 29 March - 2 April 2021) and Rome (“Il medioevo e l’Italia fascista: al di là della ‘romanità’ – The Middle Ages and Fascist Italy: Beyond „Romanità”, Istituto storico germanico, 9-11 June 2021).

as *Dreaming of the Middle Ages* and *Ten Little Middle Ages*), published in 1985 by Umberto Eco. This paper, later reprinted in various editions and in many languages, has become the world's most famous essay on medievalism (ECO 1985)⁴. The awareness of the vastness and versatility of medievalism has allowed the publication of the *Dictionnaire du Moyen Âge imaginaire*, in which more than 120 encyclopaedic entries are included (BESSON et al. 2022).

So, we approach medievalism from different, even widely divergent, points of view. These points of view should somehow be rendered more interconnected and homogeneous — but is this even possible? The problem is significant. An article by Richard Marsden focuses exactly on this question:

The study of medievalism transcends existing disciplinary boundaries. It is an arena in which scholars of art, history, literature, music, religion, political science, and sociology have come together, all bringing to bear the methods and approaches associated with their own particular disciplines. Since the Nineties, the field has witnessed an explosion of new publications and approaches. However, in the main, the result has so far been a dispersed and eclectic series of case studies. This is because each contributor tends to bring his or her own subject expertise to bear on examples that happen to sit within their own disciplinary territory (MARSDEN 2018: 6).

How can we turn this problem into a resource? Medievalism – connecting, as it does, many different disciplines and social practices – requires an approach that is at once comparative and intertextual. That is to say: the different disciplinary points of view can enter into circulation, be shared, offer different interpretive keys, and make them available to others. Contemporary historiography can provide some hermeneutic tools to be used by historians or anyone who would like to deploy them. In particular, they are the concepts of *histoire croisée*– *entangled history* (WERNER 2003 and 2006; GEARY and KLANICZAY 2013), *regimes of historicity* (HARTOG 2003), *palimpsest* (GENETTE 1982), *invented traditions* (HOBSBAWM and RANGER 1983)⁵, *broadened historiography* (CARPEGNA FALCONIERI 2018), *refashioning* (OHNUKI-TIERNEY 2002), and *patchwork* (ECO 1985: 67-68)⁶.

⁴ For other “ways to dream of the Middle Ages” that have been meanwhile added see also CARPEGNA FALCONIERI 2020a; on this topic see also FEDRIGA 2018 and ROVERSI MONACO 2023.

⁵ About the invention of traditions in Spain: MURADO 2013.

⁶ All these tools are widely presented in CARPEGNA FALCONIERI 2024.

2. Alterity and political medievalism: the point of view from the South

The hermeneutic tool that takes us to the heart of our volume is that of *alterity*. The Middle Ages are something that we perceive as different from us in space and time: the past is a foreign country. Dialectic, controversy, distance, rejection, regret, nostalgia, exoticism, otherness, alterity: whatever we want to call it, this inequality between “us” and “them” is a fundamental interpretation of the idea of Middle Ages, that is, of medievalism. It is not a coincidence that medievalism closely resembles orientalism. The criterion at the basis of the famous concept of invention of the East by the West for its colonial purposes conceived by Edward W. Said is applicable – *mutatis mutandis* – to medievalism. John Ganim has already observed this in his book *Medievalism and Orientalism* (GANIM 2005). “It is only by interrogating European assumptions about time and historical progress that we can properly understand Western visualizations of non-Western cultures” (MARSDEN 2018: 5). Reflecting on alterity allows us to analyse the interactions between medieval motifs and postcolonialism (DAVIS and ALTSCHUL 2009).

The concepts of *alterity* and *orientalism* also allow us to talk about the South, since the South is also nothing more than a point of view – it does not exist on its own, but only in relation to other geographical and cultural positionings. Can one make politics with a compass? Absolutely. The cardinal points, East, South, West, North, are also political ideas. And is this political language permeated by medievalist representations? Also in this case, the reply is affirmative. Beyond representations of the East and West, also those of the North and South are well researched in the context of medievalism studies. Regarding the North, I remember a seminar cycle held in French and Belgian universities in 2015-2017 and a conference in Strasbourg in 2022, whose proceedings have recently been published⁷. The perspective of considering the North regarding the South in terms of relations and difference is already present in two essays of what is one of the most important Italian works on medievalism, *Il Medioevo al passato e al presente* (DOMENICHELLI 2004; BOLOGNA 2004). The present issue thus ranks in a field of studies in cheer development. It stands next to the volume *National Narratives and the Medieval Mediterranean*, whose introduction states: “Our volume sets out to examine some of the ways in which political vested, that is to say, national

⁷ The results of the Franco-Belgian seminar have been published in GAUTIER et al. 2021. On the same journal *Deshima* the proceedings of the conference held in Strasbourg were also published: DAGNINO and NISTRI 2023.

interests in the modern world have laid claim to the material traces of the Middle Ages in the Mediterranean sphere” (BOWES and TRONZO 2017: 1)⁸. It is also thematically close to the studies on Provence in its nineteenth and twentieth-century rebirth, which, as has been well noticed, are largely centred on North-South dialectics and on the specificity of the *langue d’oc* culture regarding the *langue d’oïl* (FACCHINI 2014; GRÉVIN 2021: paragraph 24). More recently, Italy has developed a field of studies on Sicilian medievalism, which also examines the close connections with Islamic and Aragonese cultures (LONGO 2017; MAGGIO 2020, 2021 and 2022; PALAZZOTTO 2020 and 2021).

It is well known that the belief that one’s nation originated during the Middle Ages and that many of its fundamental features date back to that period is widespread, with different declinations, in virtually all European countries. It is an ideological construction that, based on history, had a formidable impact from the beginning of the 19th century to World War II. Still present in some parts of Europe and in certain political circles, it has been extensively investigated by studies on medievalism especially in the last 30 years (THIESSE 1999; GEARY 2017; GRÉVIN 2021). The belief that there have been ethnic-cultural continuities from the deep Middle Ages to the present day, and that these should necessarily come to be structured into state entities, is an offshoot of Romantic culture. Next to Great Britain, where the aesthetic taste for the Middle Ages is then being formed, the main place of origin of this nationalist medievalism are the German territories that had been part of the Holy Roman Empire until 1806. Germany is the land of choice for such a process. A few years later, the phenomenon spread to France and then throughout Europe. From then on, throughout the nineteenth century and until at least World War II, the substantive key to medieval history is, practically everywhere, nationalist. Through the Middle Ages, the origin of the nation (this actually brand new mode of relationship between a state and the people inhabiting its territory) is explained, and the Middle Ages are continually called upon to reinforce national sentiment in contemporary times.

Currently, historians are closely following the process of reusing the nineteenth-century cultural categories that created nationalism by instrumentally grounding it in the Middle Ages. That these theories are totally to be revised is the result of the historiography on medievalism of the past three decades. The fundamental interpretive axis of these studies, with a progressive orienta-

⁸ This publication, with articles centred on Spain, Tunisia, Egypt, Israel, Sicily, Venice, and Cyprus, can be considered as complementary to our book.

tion, is to argue that the nation is (like gender) a cultural construction, which does not possess anything biological and deterministic, but rather changes through hybridizations and caesuras. The fundamental hermeneutical keys are those-which we have already mentioned-of “invented traditions,” “imagined communities,” and “histoire croisée”.

Especially early medievalist historians (including P. Geary, S. Gasparri, G. Klaniczay, G. Sergi, I. Wood, W. Pohl and the so-called Vienna School) have worked on these concepts by referring them to the first centuries of the Middle Ages, questioning the nineteenth- and twentieth-century historiography that grounded contemporary nationalism from conceptions such as those of the integrity and continuity of ethnicity over time and the right of the first comer or conqueror, and noting on the contrary the continuous and ever-changing construction of ethnic identities. Simply put, Tacitus’ Germans, Alaric’s Goths, and the Germans of the 20th century are not the same people.

The political function of this historiographical season has been relevant and even shareable, especially in the 1990s and 2000s, when there has been a return of harsh nationalism and interethnic conflict in Eastern Europe. However, it too is markedly ideological: while perfect continuity was postulated, now discontinuity would be understood as the only explanation of historical processes, thereby failing to reflect the figure of the complexity of history. Several scholars currently modulate this historiography by reasoning that there are not only traditions and invented traditions, but that intermediate forms must be considered, those that are identified in cultural refashioning, often unconscious. Continuities and discontinuities coexist.

Political medievalism of the 19th and 20th centuries declines in different ways from place to place, according to modes of expression that are, however, modular, so much so that it can be studied, today, in a comparative and cross-cultural way. Our issue analyses some modes through which political medievalism has expressed itself in five countries from Southern Europe: Portugal and Spain, together with Italy, Serbia, and Turkey. Somehow, we find inside a mirror game in which each mirror reflects one upon another creating a labyrinth, because we are talking about a concept, “imagined middle ages,” in a geographical area whose consonance is in part fruit of that imagination, that of “the South.” Since there are no doubts that the geographical position of territories practically remained the same during the historical-human time (obviously not during the geological one), the notion of belonging to a certain individual area of geographical culture is however mutable and may rapidly change. For example, the city of Rome, which in Antiquity was the “centre of the world,” since the Middle Ages became part of the meridional periphery of

a septentrional region, which is Europe. In the same way, Portugal, which in medieval times lived North-South dialectics (which in this issue can be found, for the example, in the relationship between Christians and Muslims and in the analysis of the interpretations of the Gothic style by the nineteenth-century historian Alexandre Herculano), in the early modern period projected itself towards West, so that its “South” became something different from the Italian or Provençal “South”. Thus, which are the elements of convergence in the representations of the Middle Ages in these countries? Are there substantial differences in the way scholars in these countries and those from other contexts in the West describe medievalism today?

There are two typical common elements in meridional medievalism (particularly the one described in this issue). The first must be, again, read in the context of *alterity*: in all the considered countries, an identitarian medieval period was constructed, identifying the fault lines which would be materialized during the Middle Ages: Latinity versus Germanicity in Italy, Christianity versus Islam (and vice versa) in Portugal, Spain, Serbia, and Turkey. The issue covers a chronological arch of two centuries, mostly examining nineteenth-century narratives in the Iberian Peninsula and Italy, twentieth-century ones in Turkey and contemporary ones in Serbia, where today we can see the recovery of nationalist medievalizing elements derived from Romanticism, so that, in a circular way, the reader returns to the nineteenth century. The values of alterity attributed to these historical contexts are solidly expressed under the sign of antagonism, but they do not miss significant theorizations of cultural convergence – as we can find in the assertion of a Byzantine heritage, although secularized and decontextualized, in Turkish culture after 1923, the year in which the Republic was founded. In this case, we can observe the idea of cultures that converge and blend; this is a concept that can be also found in the studies focused on other areas of the South – of which the main reference in the contents of this issue is Sicily (ARMANDO 2017)⁹.

The rhetorical codes used in the Turkish Republic between the 1920s and 1940s – during which Byzantine archaeological sites were valued and Hagia Sofia became a museum – allow us to recognize the second common element of medievalisms in these different countries, namely the conscience of the weight of a common Roman heritage. All territories covered in this issue were part of the Roman Empire. The idea of Rome always returns, in various forms: as nostalgia and sense of decadence (a strong sentiment in Iberian and

⁹ See also the edition of an essential source for the study of the Arab-Sicilian Middle Ages in the nineteenth century: FALLETTA 2018. Michele Amari was the author of *Storia dei Musulmani di Sicilia* (AMARI 1854-1872).

Italian culture) or as desire of return.

And what can be said regarding the thematic choices of this issue, in comparison with other experiences of medievalism studies? The examined sources are many and different, analysed through the lenses of some of the great disciplinary fields: literature, historiography, art, and architecture. The main historiographical sensibility which underlies every article is, however, always the same, being essentially focused on the acknowledgment of the political character of the medievalist phenomenon, particularly in connection with the construction of collective identities at the regional or national level. This, we can say with conviction, is typical of the studies produced in southern Europe. Therefore, there is not only a meridional medievalism, but also a privileged approach that primarily addresses politology and which clearly recognizes the fact that medievalisms are frequently born or affirm themselves to construct discourses for intervention in the public sphere. That is, the choice of a political analysis emerges in order to give a clear explanation to artistic, literary, and generally aesthetic motives, which are never regarded as ends in themselves but instead are considered instrumental in representing an ideology.

Such a predilection for the study of political medievalism, which also constituted the keystone of the conference “Using the Past: The Middle Ages in the Spotlight,” is confirmed in the already cited volume *National Narratives and the Medieval Mediterranean* and in the book *Middle Ages without Borders*. The introduction to this work identifies the areas of major interest for medievalism as a political and identitarian phenomenon and distinguishes these areas from those in which – while political readings are also obviously present – the interest in medievalism as an artistic and cultural phenomenon prevails:

Many of the French-language contributions [...] are largely historiographic in conception, while those in Italian tend to focus on the sphere of memory. Both, meanwhile, often show a marked interest in political uses of the medieval past. Compared to those continental patterns, the contributions in English, whether from the British Isles, America, Australia, or other parts of the world, are frequently more cultural-historical in character and attend to specific medieval survivals and afterglows. (CARPEGNA FALCONIERI et al. 2021: paragraph 6)¹⁰.

¹⁰ A miscellaneous book balanced by the presence of many different modes of examining medievalism (including also the political one) is BILDHAUER and JONES 2017. Rome recently hosted the conference “Using the Past for the Present: Medieval Narratives in Modern Political and Religious Discourse” (John Cabot University, 28-29 March 2025).

The same politological approach is also observable in the scholars of Eastern Europe, where the problem of nationalism is still very present: beyond the interesting Serbian case, which is examined in an article of this issue, we should remember how the contemporary Russo-Ukrainian clash ideologically uses different readings of medieval history, which are modified and instrumentalized by both parts (SNYDER 2003; IVANIŠEVIĆ et al. 2003; BAK et al. 2009; BRUSA 2017; CARPEGNA FALCONIERI 2020b: 173-193; GRÉVIN 2021: paragraphs 3 and 9; SNYDER 2022).

To reaffirm the peculiarity of the choice of essentially questioning the political meanings of medievalism, I do not need to further emphasize the differences with other historiographies. Ultimately, all study of medievalism knows a beautiful circularity of themes and approaches, a circularity that is facilitated more and more. Among the elements of interpretative cohesion in the various historiographical schools, I identify the proximity and permeability between medievalism and the history of historiography¹¹. A second common element between the various modes of studying medievalism is the notion, practically shared by all, that the phenomenon of medievalism always corresponds to forms of updating the past and, therefore, should always be studied as a contemporary social phenomenon. In short, the readings of medievalism made in the South, notwithstanding the predilection for politics and the different phenomenology of the case studies, use common methodological and hermeneutical instruments. This demonstrates once more that not only the subject but also the discipline which we call medievalism are pan-European and pan-western: one can really speak of “Middle Ages without borders.”

Conclusions to the conclusions

I had the honour to introduce the conference “Using the Past: The Middle Ages in the Spotlight” and now I have the honour to conclude this issue. Clearly, in December 2020 all of us would have preferred to speak from Batalha, where the battle of Aljubarrota fought in 1385 is commemorated, instead of having to stay at home in front of a screen; but even in that odd situation we found something charming. Indeed, we might say that during the conference we were living in a condition close to Fantasy. We were a gathering of women and men meeting and talking about medievalism by only showing our faces

¹¹ On that subject see works like CANTOR 1993; AMALVI 1996; and CARPEGNA FALCONIERI and FACCHINI 2018.

through computers connected to the web. Through them we looked at each other, asked questions, searched for answers: in other words, we used the contemporary version of magic mirrors. This metaphor should not be alien to us: the mirror is, and has been, a symbol used specifically to describe the link between the Middle Ages and their representations, which is exactly what medievalism is¹². The mirror, whether magical or simply a computer screen, places us in a situation of reciprocal communication. It connects us. The word that underlies my speech is precisely *connection*.

Indeed, by dealing with medievalism, we are changing the point of view, we are effecting what ancient Greeks used to call *metanoia*. Today, medievalism is crucial because it keeps calling into question the relations between medieval history and its contemporary receptions more than any other form of historical knowledge. It is medievalism, namely the observation and the criticism of the contemporary political manipulation of the Middle Ages, that has launched the wide debate on White supremacism, especially in the academic environment of the United States (ELLIOTT 2018; KIM 2019)¹³. This confrontation has led many of the hitherto oblivious participants in the “Festival of Champagne” of Kalamazoo (as Jacques Le Goff loved to say), to open their eyes to a historical reality – the use of the Middle Ages by the political Far Right – that Continental Europe has long recognized, and to face a problem which, precisely because it is historiographic, should be seen not as a scholarly but as political, not as confined to the past but as current. Themes that are very popular in medieval history, like gender roles, cannot ignore their medievalist inflection; ignoring that would mean locking up the conversation into the Ivory Tower when it is rather the people in the *piazza* below who want to be involved (JONES et al. 2020). The study of medievalism is, after all, a specific example of the pressing cultural demand that has claimed Public History in recent years (CARPEGNA FALCONIERI 2022). In short, we are concerned with an aggregating field of study. In a world that is exploding in so many ways, we are creating an open cultural *koinè*.

Bibliography

AMALVI, Christian (1996). *Le goût du Moyen Âge*. Paris: Boutique de l'histoire.

¹² Just recall the first book released on this topic in Italy (BORDONE 1993), or FAZIOLI 2017.

¹³ See also *Race, Racism and the Middle Ages*, special series of *The Public Medievalist*, 2017, online: <https://www.publicmedievalist.com/race-racism-middle-ages-toc/> (cons. 4 June 2025)

- AMARI, Michele (1854-1872). *Storia dei Musulmani di Sicilia*. Firenze: Le Monnier.
- ARMANDO, Silvia (2017). “The Role and Perception of Islamic Art and History in the Construction of a Shared Identity in Sicily (ca. 1780–1900)”. *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 5-40.
- BAK, János M.; JARNUT, Jörg; MONNET, Pierre; SCHNEIDMÜLLER, Bernd (eds.) (2009). *Gebraucht und Missbrauch des Mittelalters, 19.-21. Jahrhundert/Uses and Abuses of the Middle Ages: 19th-21st Century/Usages et Mésusages du Moyen Âge du XIXe au XXIe siècle*. München: Wilhelm Fink.
- BESSON, Anne; BLANC, William; FERRÉ, Vincent (eds.) (2022). *Dictionnaire du Moyen Âge imaginaire. Le médiévalisme, hier et aujourd’hui*. Paris: Vendémiaire.
- BILDHAUER, Bettina; JONES, Christopher (eds.) (2017). *The Middle Ages in the Modern World: Twenty-first Century Perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- BOLOGNA, Corrado (2004). “Miti di una letteratura medievale. Il Sud”, in Enrico Castelnovo e Giuseppe Sergi (eds.), *Arti e storia nel Medioevo. 4. Il Medioevo al passato e al presente*. Torino: Einaudi, 327-387.
- BORDONE, Renato (1993). *Lo specchio di Shalott. L’invenzione del medioevo nella cultura dell’800*. Napoli: Liguori.
- BOWES, Kim; TRONZO, William (2017). *National Narratives and the Medieval Mediterranean*. Special issue of *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62.
- BRUSA, Antonio (2017). “Cronaca dell’invenzione di una tradizione: i miti di fondazione dell’Ucraina, dalla preistoria al medioevo”. *Historia Magistra*, 9, 23, 33-52.
- CANTOR, Norman (1993). *Inventing the Middle Ages: The Lives, Works and Ideas of the Great Medievalists of the Twentieth Century*. London: Harper Perennial.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2015). *El presente medieval. Bárbaros y cruzados en la política actual*. Barcelona: Icaria.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2018). “Medievalismi: il posto dell’Italia”, in Tommaso di Carpegna Falconieri, Riccardo Facchini (eds.), *Medievalismi italiani (secoli XIX-XXI)*. Roma: Gangemi, 9-28.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2020a). “Altri cinque modi di sognare il medioevo”. *Bullettino dell’Istituto storico italiano per il medio evo* 122, 407-433.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2020b). *The Militant Middle*

Ages. Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders. Amsterdam: Brill.

- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2022). "Medievalismo e Public History", in Enrica Salvatori (ed.), *Il Medievista come Public Historian*. Roma: Istituto storico italiano per il medioevo, 41-53.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (2024). "Medievalism: some historiographical insights into the mirror and its reflection". *Journal of Interdisciplinary History of Ideas*, 13, 25, <https://ojs.unito.it/index.php/jihi/article/view/9365/8989> (cons. 5 June 2025).
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di (in press). "Il Medievalismo nel secolo degli -ismi", in Romedio Schmitz-Esser and Markus Wurzer (eds.), *Il medioevo e l'Italia fascista*. Roma: Viella.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di; FACCHINI, Riccardo (eds.) (2018). *Medievalismi italiani (secoli XIX-XXI)*. Roma: Gangemi.
- CARPEGNA FALCONIERI, Tommaso di; SAVY, Pierre; YAWN, Lila (eds.) (2021). *Middle Ages without Borders: A Conversation on Medievalism. Medioevo senza frontiere: una conversazione sul medievalismo. Moyen Âge sans frontières : une conversation sur le médiévalisme*. Rome: École française de Rome. <https://books.openedition.org/efr/18532> (cons. 5 June 2025).
- CASTELNUOVO, Enrico; SERGI, Giuseppe (eds.) (2004). *Arti e storia nel Medioevo. 4. Il Medioevo al passato e al presente*. Torino: Einaudi.
- DAGNINO, Roberto; NISTRI, Elisa (eds.) (2023). *Usages du Nord dans la communication politique. La construction du Nord et du Sud à la croisée entre champ politique et culturel en Europe (XIXe – XXe siècles)*. Université de Strasbourg, 31 mars-1er avril 2022, *Deshima. Arts, lettres et cultures des pays du Nord*, 17.
- DAVIS, Kathleen; ALTSCHUL, Nadia (eds.) (2009). *Medievalisms in the Postcolonial World: The Idea of 'the Middle Ages' outside Europe*. Baltimore: John Hopkins University.
- DOMENICHELLI, Mario (2004). "Miti di una letteratura medievale. Il Nord", in Enrico Castelnovo e Giuseppe Sergi (eds.), *Arti e storia nel Medioevo. 4. Il Medioevo al passato e al presente*. Torino: Einaudi, 293-325.
- ECO, Umberto (1985). "Dieci modi di sognare il medioevo", in Umberto Eco, *Scritti sul pensiero medievale*. Milano: Bompiani, 1093-1108. English translation: "Dreaming of the Middle Ages", in *Travels in Hyperreality*. New York: Harvest, 61-72.
- ELLIOTT, Andrew B. R. (2018a). "Internet Medievalism and the White Middle Ages". *History Compass*, 16, 3. <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/hic3.12441> (cons. 5 June 2025).

- ELLIOTT, Andrew B. R. (2018b). "Medieval: 'First World' Medievalism and Participatory Culture", in Tommaso di Carpegna Falconieri, Pierre Savy, e Lila Yawn (eds.), *Middle Ages without Borders: A Conversation on Medievalism. Medioevo senza frontiere: una conversazione sul medievalismo. Moyen Âge sans frontières : une conversation sur le médiévalisme*. Rome: École française de Rome, 5-40. <https://books.openedition.org/efr/18532> (cons. 5 June 2025).
- FACCHINI, Riccardo (2014). "Il neocatarismo. Genesi e sviluppo di un mito ereticale (secoli XIX-XXI)". *Società e Storia*, 143, 33-67.
- FALLETTA, Serena (2018). *Erudizione e cultura storica nella Sicilia del XIX secolo: Il carteggio tra Michele Amari e Raffaele Starrabba (1866-1900)*. Napoli: Federico II University Press.
- FAZIOLI, K. Patrick (2017). *The Mirror of the Medieval: An Anthropology of the Western Historical Imagination*. New York: Berghahn Books.
- FEDRIGA, Riccardo (2018). "Guazzabugli, rabberciamenti e interpretazioni. Perché abbiamo così bisogno del medioevo?". *viaBorgogna* 3, 9, 18-29.
- GENETTE, Gérard (1982). *Palimpsestes. La Littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil. English translation: *Literature in the Second Degree*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- GANIM, John (2005). *Medievalism and Orientalism*. London-New York: Palgrave Macmillan.
- GAUTIER, Alban; WILKIN, Alexis; PARSIS-BARUBÉ, Odile; DIERKENS, Alain (2021). "Winter is Medieval. Représentations modernes et contemporaines des Nords médiévaux". *Deshima. Arts, lettres et cultures des pays du Nord*, 15, 119-178.
- GEARY, Patrick J. (2017). "Writing the Nation: Historians and National Identities from the Nineteenth to the Twenty-first Centuries", in Bettina Bildhauer, Chris Jones (eds), *The Middle Ages in the Modern World: Twenty-first Century Perspectives*. Oxford: Oxford University Press, 73-86.
- GEARY, Patrick J.; KLANICZAY, Gábor (eds.) (2013). *Manufacturing Middle Ages. Entangled History of Medievalism in Nineteenth-Century Europe*. Amsterdam: Brill.
- GRÉVIN, Benoît (2021). "Nationalisme et médiévalisme", in Tommaso di Carpegna Falconieri, Pierre Savy and Lila Yawn (eds.), *Middle Ages without Borders: A Conversation on Medievalism. Medioevo senza frontiere: una conversazione sul medievalismo. Moyen Âge sans frontières : une conversation sur le médiévalisme*. Rome: École française de Rome. <https://books.openedition.org/efr/18772> (cons. 11 Jan. 2023).

- HARTOG, François (2003). *Régimes d'historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil. English translation: *Regimes of Historicity. Presentism and Experiences of Time*. New York: Columbia University Press.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (eds.) (1983). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- IVANIŠEVIĆ, Alojz; LUKAN, Walter; SUPPAN, Arnold (eds.) (2003). *Klio ohne Fesseln? Historiographie in östlichen Europa nach den Zusammenbruch der Kommunismus*. Frankfurt am Main: P. Lang.
- JONES, Christopher; KOSTICK, Conor; OSCEMA, Klaus (eds.) (2020). *Making the Medieval Relevant. How Medieval Studies Contribute to Improving our Understanding of the Present*. Berlin-Boston: De Gruyter.
- KIM, Dorothy (2019). *Digital Whiteness & Medieval Studies*. Leeds: Arc Humanities Press.
- LONGO, Ruggero (2017). "Idealizing Medieval Mediterranean. Creation Recreation and Representation of Siculo Norman Architecture". *Memoirs of the American Academy in Rome*, 62, 135-170.
- LONGO, Umberto (2020). "'Tra un manifesto e lo specchio'. Piccola storia del medievalismo tra diaframmi, maniere e pretesti". *Bullettino dell'Istituto storico italiano per il medio evo*, 122, 383-405.
- MAGGIO, Nicolò (2020). "Medievalismi siciliani. Il mito del Medioevo nel Risorgimento siciliano". *Materialismo storico. Rivista di filosofia, storia e scienze umane*, 8, 1, 221-266. <https://journals.uniurb.it/index.php/materialismostorico/article/view/2357/2112> (cons. 11 Jan. 2023).
- MAGGIO, Nicolò (2021). "Medievalismi italiani: una questione nazionale". *Materialismo storico. Rivista di filosofia, storia e scienze umane*, 10, 1, 218-250. <https://journals.uniurb.it/index.php/materialismostorico/article/view/2148/1931> (cons. 11 Jan. 2023).
- MAGGIO, Nicolò (2022). "Medievalismi siciliani: il mito dei Vespri nella cultura storiografica, politica e militare siciliana tra i secoli XIX e XXI". *Nuova Antologia militare*, 3, 505-560.
- MARSDEN, Richard A. (2018). "Medievalism: New Discipline or Scholarly No-man's Land?". *History Compass*, 16, 2 <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/hic3.12439> (cons. 5 June 2025).
- MARSHALL, David W. (2007). *Mass Market Medieval: Essays on the Middle Ages in Popular Culture*. Jefferson, NC: McFarland.
- MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro (2016). "History, Nation and Politics: The Middle Ages in Modern Portugal (1890-1947)". Doctoral dissertation, Universidade Nova de Lisboa.

- MATTHEWS, David (2015). *Medievalism: A Critical History*. Woodbridge: D.S. Brewer.
- MURADO, Miguel Anxo (2013). *La invención del pasado: Verdad y ficción en la historia de España*. Madrid: Debate.
- OHNUKI-TIERNEY, Emiko (2002). *Kamikaze, Cherry Blossoms, and Nationalisms: The Militarization of Aesthetics in Japanese History*. Chicago: University of Chicago Press.
- PALAZZOTTO, Pierfrancesco (2020). *Revival e società a Palermo nell'Ottocento. Committenza, architetture, arredi tra identità siciliana e prospettiva nazionale*. Palermo: Palermo University Press.
- PALAZZOTTO, Pierfrancesco (2021). “La rievocazione dei Vespri siciliani e del regno degli Aragona-Sicilia: l'immagine di un passato glorioso nei revivals a Palermo tra XIX e XX secolo”, in Antonio Furió e Juan Vicente García Marsilla (eds.), *La Veu del Regne. Representació política, recursos públics i construcció de l'Estat: 600 anys de la Generalitat Valenciana*. Valencia: Universitat de València, 303-323.
- RAMAZZA, Elisa (2022). “Ripensare i confini: l'incursione degli architetti modernisti nel lettering di ispirazione medievale”. *Locus Amoenus. Revista del Departament d'Art i Musicologia*, 20. <https://revistes.uab.cat/locus/article/view/v20-ramazza/460-pdf-it> (cons. 5 June 2025).
- ROSA, Maria de Lurdes (2017). *Fazer e pensar a história medieval hoje: Guia de estudo, investigação e docência*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ROVERSI MONACO, Francesca (2023). “Medioevo ‘medievale’ fra stereotipi e storiografia”, in Roberta Capelli (ed.), *Fortune del medioevo: studi sul medievalismo*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 23-40.
- SALVATORI, Enrica (ed.) (2022). *Il Medievista come Public Historian*. Roma: Istituto storico italiano per il medioevo.
- SCHMITZ-ESSER, Romedio; WURZER, Markus (eds.) (in press). *Il medioevo e l'Italia fascista*. Roma: Viella.
- SNYDER, Timothy (2003). *The Reconstruction of Nations. Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus*. New Haven: Yale University Press.
- SNYDER, Timothy (2022). “Kyiv's ancient normality (redux)”. *Thinking about...* <https://snyder.substack.com/p/kyivs-ancient-normality-redux> (cons. 5 June 2025).
- THIESSE, Anne-Marie (1999). *La création des identités nationales. Europe XVIIIe-XXe siècle*. Paris: Seuil.
- WERNER, Michael (2003). “Penser l'histoire croisée : entre empirie et réflexivité”. *Annales. Histoire, Sciences sociales*, 58, 1, 7-36.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte (2006). “Beyond Comparison: Histoire Croisée and the Challenge of Reflexivity”. *History and Theory*, 45, 1, 30-50.

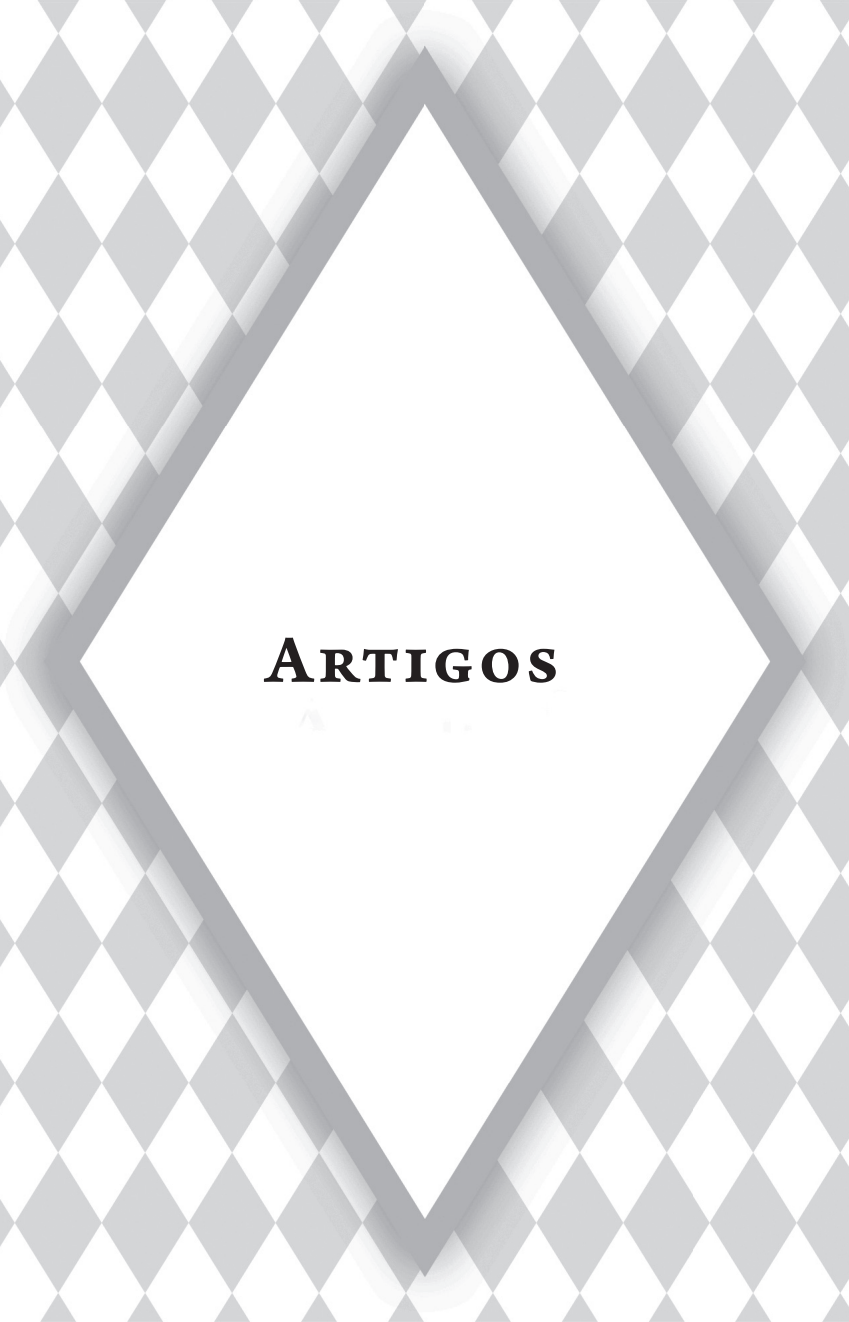
TOMMASO DI CARPEGNA FALCONIERI

Università di Urbino Carlo Bo

tommaso.dicarpegnagabriellifalconieri@uniurb.it

<https://orcid.org/0000-0001-8692-1764>





ARTIGOS

“Making treasure in heaven”: family chapels as a manifestation of the social power of urban elites (Portugal, 14th-17th centuries)¹

ANA RITA ROCHA

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de História Contemporânea | IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território | Instituto de Estudos Medievais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

anarita.srocha@fcsh.unl.pt

<http://orcid.org/0000-0003-4709-5927>

Texto recebido em / Text submitted on: 09/05/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 18/11/2024



Abstract. This article aims to analyse the family chapels founded by the urban elites of four Portuguese cities – Évora, Lisbon, Porto and Santarém – between the fourteenth and seventeenth centuries. Beginning by presenting a sociological characterisation of the founders and their families, according to their social and professional status, this will be followed by a definition of the profile of these individuals, based on the relationship they established with their ancestors and successors at the time of their souls’ suffrage. Lastly, the family chapels will come in to focus as a manifestation of the lineage’s memorialisation and an exhibition of the founders’ economic and social power, further to the investment they made in ornamentation and architecture. As such, an understanding of how the urban elites used these institutions in the context of the processes of social climbing they aimed for and how the chapels reflect the awareness of the power they achieved.

Keywords. Entails, family chapels, urban elites, social power, social ascension.

Introduction

On 16 March 1488, João de Sousa, a knight of the King’s Household and resident in Santarém, established a contract with the friars of the local monastery of S. Francisco, through which he founded a chapel, entrusting part of his estate and that of his late wife, Isabel de Rebelo. To fulfil his wish, the institution granted the founder and his entire generation the chapel located next to the sacristy, on whose altar the image of St Sebastian would be placed,

¹ This paper was funded by *VINCULUM – Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)*. This project has received funding from the European Research Council (ERC) under the European Union’s Horizon 2020 research and innovation programme (grant agreement No. 819734).

becoming its invocation from then on. João de Sousa's objectives and reasons for founding the chapel are clear: "comssyrando elle como lhe era necessario fazer tesouro no ceo pera que aproveitasse a sua allma e daquelles a que he teudo rogar em especiall polla aalma d'Isabell de Rabeello sua molher que Deus aja" ("considering how necessary it was for him to make treasure in heaven so that it might profit his soul and those for whom he is obliged to pray especially for the soul of Isabel de Rebelo his wife, may God rest her soul."). The evocation of family members, in particular his ancestors and wife, was one of his main concerns. In fact, the souls of his wife, parents, and other deceased, not named, for whom he was obliged to pray, would be entrusted to God by the friars during the Masses of suffrage and near the grave where they were lain – and where João de Sousa himself would be buried (ANTT, Feitos da Coroa, NA 274: fls. 121v-123v).

This case exemplifies the strategies of social ascension and consolidation of the Portuguese urban elites of the Ancien Régime, often resorting to the foundation of entails (both *morgados*² and chapels) as a way of achieving the desired social mobility and, furthermore, as evidence of their power (ROSA 2012: 598; COELHO 2017 and SERRA 2018). In the specific case of chapels, through which the founders sought to suffrage their souls and frequently those of their relatives – both past and present – these institutions also played a fundamental role in the construction and definition of family and/or the identity of lineage, which, according to Maria de Lurdes Rosa, was "understood as a condition for the exercise of power" (ROSA 2012: 405). The chapels thus became a representation of the power of their founders, as well as that of the entire family, helping to identify the place they occupied in the society within which they were integrated.

Several foreign researchers have shown, particularly since the 1980s, that chapels could be a symbol of ostentation for their founders, usually the nobility. Wealthy social groups, however, sought to imitate aristocratic behaviour as a factor within and consequence of their social mobility (PRO RUIZ 1989: 589-591). At the same time, studies were carried out on the establishment of chapels in monastic and parish churches in England by wealthy founders, who, not only contributed to the salvation of their souls and those of their families, but also benefited the parish and local communities through an improved liturgy and the investment in liturgical objects, decoration and architecture (BURGESS 1985, 2011, 2018 and BROWN 1995). In line with these ideas, some authors focussed on the role of these institutions as instruments

² In Portuguese, corresponding to the Spanish *mayorazgo* and the English entail.

of social promotion and family solidarity, becoming places of memorialisation and the perpetuation of lineage (SORIA MESA 2002 and ROTH 2007). Studies have also been carried out that emphasise the importance that chapels had for the founder's family, acquiring a very strong social component of prestige and familial conciliation (HERREROS MOYA 2012: 121-123). This reinforces their contribution, as pious foundations, to the construction of an identified lineage and intangible heritage, ensuring the memory and perpetuation of noble families (SOLIGNAT 2012).

In Portugal, certain studies have presented similar conclusions, particularly for the Late Middle Ages. In the early 1990s, Manuela Santos Silva argued that the chapels founded by the families of the urban elite were "a social mechanism of great importance, designed to preserve the prestige and fortune of certain families for eternity" (SILVA 1993: 117). Whilst this idea is also proposed by Filipe Themudo Barata and Hermínia Vilar, they, however, warn against extending the interpretation of chapels as "places of exaltation and reaffirmation of a lineage" to non-privileged urban groups (BARATA & VILAR 1993: 133). More recently, Maria de Lurdes Rosa demonstrated that the establishment of chapels "was an obligatory parameter of social ascension, a proof of success and integration into the social elite" (ROSA 2012: 598).

Based on these given assumptions and historiographical production, the aim of this article is to analyse the family chapels founded in four Portuguese cities – Évora, Lisbon, Porto and Santarém –, between the fourteenth and seventeenth centuries. Firstly, these medium-sized and large cities were selected as case studies for their specific characteristics: all of them had a great importance in the kingdom since the twelfth century and throughout the Middle Ages and Early Modern Period had a very significant presence of elite individuals linked to the royal court, municipal power and trade networks, especially during Portugal's period of expansion. In general, aspects such as proximity or, to the contrary, distance from the royal court, the development of a predominantly bourgeois and mercantile society, the affirmation of municipal power and the emergence of the municipal oligarchy were decisive in the movement to establish *morgados* and chapels in these urban centres. Secondly, surpassing the time limits traditionally defined in academic research, the study of the period from the fourteenth to the seventeenth centuries allows to understand the evolutionary processes that Portuguese society went through, particularly in the transition from the Middle Ages to the Early Modern Period and during overseas expansion, which had a very clear influence on the establishment of entails.

This paper is the first result of a larger study on the link between the practice of entailment and power in its many dimensions, which analyses the

establishment of *morgados* and chapels by members of the urban elite as a means of social ascension in Ancien Régime Portugal (1300-1700)³. For this reason, the documentary sample selected is the result of the research carried out in the context of that study and was drawn up based on the documents collected by the VINCULUM project and described in its database, in association with the entails to which they relate⁴.

A variable number of entails were selected for each city, including the chapels analysed in this study. A common questionnaire was applied to all the cities, selecting the entails for study according to the socio-professional status of the founders and administrators. Those who belonged to the social category of urban elites, but also those who, coming from lower or higher classes, aspired, respectively, to social ascension or the maintenance of a status already achieved were favoured. Similarly, particular attention to the family names of the founders and administrators was paid, choosing entails belonging to recognised families for which there is a greater abundance of documentary and bibliographical data, and who were involved in processes of social advancement. Besides, the *morgados* and chapels with the greatest number of documents described in the database and with the types of documents considered most relevant and complete – entail or chapel foundation deeds, wills, codicils, donation deeds, dowry deeds, among others – were chosen. The application of these criteria resulted in the selection of 84 entails for Évora (out of 161 entails located in this city and described in the database), 150 entails for Lisbon (out of 1853), 60 entails for Porto (out of 94) and 20 entails for Santarém (out of 64).

Although not all these institutions were considered in this study, they were all analysed and contributed to its conclusions. In total, more than 280 documents have been collected through which members of the urban elite founded *morgados* and/or chapels, although there are no known foundation deeds for all the entails selected. These documents are divided into different types, including wills, entail foundation deeds, chapel foundation deeds, dowry deeds, donation deeds, contract and bond deeds, among others. The main type of document is wills, which together with codicils account for more than 73% of the total, followed by entail and chapel foundation deeds, which account for more than 17%. The other types have a smaller weight in the overall sample but are no less relevant. This is the case of the contract and

³ This study is part of the project *VINCULUM – Entailing Perpetuity: Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)* and will lead to the publication of a book on entailment and power.

⁴ The VINCULUM project database is available online at the following address: <https://www.vinculum-database.fcsh.unl.pt/> (consulted on October 24, 2024).

bond deeds, by which the founders entered into a contract with the monks or nuns of the monastery in which they founded their chapels. In all these documents, data was collected on the social category of the founders, the relationships they established with their relatives, past, present and future, at the time of their death, the motives for founding an entail and the investments the founders made in their chapels, with the aim of demonstrating their economic and social power.

Given the goals initially proposed and the questions posed to the documentary sample, this work will be based on the societal characterisation of the founders and their families, their profile in terms of ancestral and progenitorial relationships, and an evaluation of the family chapels. With this in mind, an output of a deeper understanding of how the urban elites used these institutions in the context of the processes of social ascension and the reflection of the power they achieved in the public consciousness shall be presented.

1. Sociological characterisation of the founders: urban elites in Portugal during the Ancien Régime

The chapels were founded between 1300 and 1700 by members of families belonging to the elites of the cities of Évora, Lisbon, Porto and Santarém. It is important to provide a sociological characterisation in order to understand who their founders were and how their social status was reflected in the chapels they established. As Maria de Lurdes Rosa observed, “the foundation of perpetual suffrage institutions is, above all, a practice of the wealthier and more cultured elites (linked to administration and the exercise of ‘liberal’/mercantile professions)” (ROSA 2012: 360), as, moreover, this author’s research has proven.

The elites corresponded to the most powerful and wealthy groups in a society or, as Luís Miguel Duarte called them, the “best in the land” (DUARTE 2001). Generally speaking, they were landowners, nobles, merchants, craftsmen and clergymen, among other roles. In common, and above all, they had the exercise of power in its multiple dimensions – it was this that was the basis of their fundament, allowing them to thus impose themselves and endure (DUARTE 2001). Ângela Beirante reinforces this idea by suggesting that the urban oligarchy (the “power elites”) can be defined as “the group of city dwellers who combine wealth and prestige with the exercise of public functions in close connection with the monarchy” (BEIRANTE 1995: 565). They were those who held power and decision-making capacity in the context of the city or town where they were based.

Based on these assumptions, the chapels that make up the sample within this study were mostly founded by high-ranking royal officials, members of municipal oligarchies, significant landowners, merchants, and other individuals who aspired to rise to nobility. In fact, many of these founders who came from lower social categories had already achieved nobility, forming part of the various aristocratic layers of Portuguese society, from petty to great nobility. They all moved within the socio-political and economic context of the cities under study, in which the presence of all these social groups can be observed, with varied visibility dependent on their own historical evolution and other specific conditioning factors.

A significant number of chapels were founded by high-ranking royal officials who moved through the court and gravitated towards the king, particularly in the cities of Lisbon, Évora and Santarém. Thus, from the fourteenth-fifteenth centuries, senior officials linked to the chancellery and writing offices, royal treasury, justice, *Contos do Reino* and, from the sixteenth century onwards, the administration of the Empire, including governors of overseas territories can be found amongst their number.

From the various founders considered in the sample, the following stand out: Doctor Martinho do Sem, co-founder of a chapel in Santarém in the first decades of the 1400s, who held the position of *chanceler-mor* (chancellor) to King João I (ANTT, Chanc. D. João II, L. 20: fl. 39), Nuno Martins da Silveira, who established a chapel in Évora in 1431 when he was *escrivão da puridade* (personal clerk) of Prince Duarte (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fl. 150), and Gil Eanes da Costa, *vedor da Fazenda do Rei* (overseer of the Treasury), founder of a chapel in the monastery of Nossa Senhora de Almôster (Santarém) in 1560 (ANTT, Morgados e capelas, NA 190: fl. 21). In Lisbon, the officials attached to the administration of the Empire have particular importance, such as Vasco Fernandes César, *guarda-mor das Naus da Índia, Mina e suas Armadas*, in 1556, when he founded a *morgado* and chapel together with his wife, Inês Gonçalves Batavias (ANTT, Chanc. D. João III, Priv, L. 3: fls. 214-222), and Duarte de Albuquerque, captain and governor of Pernambuco, who created a chapel, with his wife, in the monastery of Santíssima Trindade in 1625 (ANTT, Conv. Sant. Trindade de Lisboa, L. 104: fl. 107).

A significant number of chapel founders in the four cities exercised their power at the level of local government, making up the ranks of the municipal oligarchy, where strategies for social ascension and consolidation were more evident. In this respect, Évora, Lisbon and Porto are paradigmatic, while there are very few examples for Santarém. In these larger cities, it is possible to recognise families (and their members) associated with local power, occu-

pying the main municipal positions for generations.

Families such as Lobo, Espinho, and Fuseiro were involved in the municipal government of Évora at the end of the Middle Ages, and some of their members established important chapels in the city's religious institutions⁵. The most exemplary cases are those of Fernando Lopes Lobo and Lopo Dias de Espinho. Fernando Lopes Lobo, who established a chapel in the monastery of S. Francisco of Évora in 1422 (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fls. 101-102v), came from a family that received the title of baron of Alvito in the fifteenth century. Furthermore, as well as being a knight, he may have served as a criminal and/or civil judge at the beginning of the century (COELHO 2017: 135-136 and SERRA 2018). The same position of civil judge was held in the transition from the fourteenth to the fifteenth century by Lopo Dias de Espinho, who founded a chapel divided between the monastery of S. Francisco and the church of S. Pedro of Évora in 1422 (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fls. 91-92v).

In Lisbon, during a similar period, families such as Carregueiro, Palhavã, and Nogueira were particularly important in municipal government, to which some of the family chapel founders considered in this study belonged⁶. Although the documentation does not always reflect this, it is known, for example, that João Eanes Palhavã, founder of a chapel in the convent of S. Domingos in 1306, identified as a citizen of Lisbon (ANTT, Cap. Coroa, L. 4: fls. 76-77), and Afonso Eanes Carregueiro, institutor of a chapel in the same monastery in 1347 (ANTT, Hosp. São José, L. 8: fls. 1v-5v), were merchants and progenitors of two important lineages of municipal administrators (FARELO 2007: 151; FARELO 2008: 481-487 and 649-654). The Nogueira family, in turn, are represented, among others, by Teresa Nogueira, founding a chapel in S. Domingos of Lisbon in 1427 (ANTT, Hosp. São José, L. 14: fls. 164v-166v). She was the daughter of Afonso Eanes Nogueira, the great protagonist of this family's nobility, and married to Diogo Fernandes de Almeida, *rico-homem* (a member of the highest nobility) and member of the King's Council (ROSA 2012: 779; SILVA 2012: 102-105).

An analysis of the institutors belonging to municipal oligarchies would not be complete without a reference to Porto, where a remarkable number of members of families traditionally associated with the exercise of local or mu-

⁵ These families and their role in Évora's municipal administration are analysed in detail by Joaquim Bastos Serra (SERRA 2018).

⁶ Miguel Gomes Martins, Mário Farelo, and Gonçalo Silva, among others, have studied these families and their role in Lisbon's municipal power structure (MARTINS 2007; FARELO 2007; FARELO 2008; SILVA 2012).

nicipal power founded important chapels. Families such as Baldaia, Figueiroa, Pamplona, Valadares, and Carneiro played important roles in the municipal administration, particularly in *vereação* (councillorship), as well as having considerable economic power (BRITO 1997; GAGO 2019: 63-74). Among the many examples that could be cited, is the citizen João de Figueiró (or Figueiroa), who was unequivocally identified in the documents instituting his chapel in the monastery of S. Francisco of Porto in 1525 as a municipal official, occupying the position of *escrivão dos órfãos* (clerk of the orphans) in this city (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-93: fls. 135-136v). He was also a knight of the King's Household, showing that his family, from the mercantile bourgeoisie, had achieved nobility (BRITO 1997: 397-398).

The bourgeoisie was, in fact, the originating social group of a significant number of founders of the chapels considered in this study, due to the prominent place their members occupied within the urban elites in the cities under study. To a varying extent, institutors who were dedicated to the liberal professions and mercantile activities are found in all of the cities. In Évora and Santarém, some founders held the academic titles of graduate or doctor, and in some cases the activity they carried out in the urban context is known. At the end of the Middle Ages, in Santarém, members of the Sem family are known, namely Gil do Sem and his son, Martinho do Sem, already referenced, both holders of a doctor's degree and with connections to the royal court (ANTT, Cap. Coroa, L. 5: fls. 458-460v; GOMES 1995: 136-138). In Évora, the graduate Gabriel Gonçalves, a lawyer who established a chapel in 1622, stands out (ANTT, Arq. do Arq., Livs. Registo, L. 12: fls. 3-6v).

In Lisbon and Porto, as could be expected, the literate founders were even more numerous. In sixteenth-century Lisbon, the institution of a chapel by the king's *físico-mor* (chief physician), Mestre (Master) Diogo Lopes Franco (ANTT, Arq. do Arq., Livs. Registo, L. 29: fls. 203-206v), and another by Mestre João, a physician (ANTT, Hosp. São José, L. 51: fls. 300-302) are particular highlights. However, in both cities, the main roles belonged to the merchants. Documented among the institutors since the fourteenth century, they gained special importance from the sixteenth century onwards in the context of Portuguese expansion, trading products from the various parts of the Empire. It was these very lucrative activities that allowed them to accumulate enough capital to invest in land, which they came to entrust in family chapels, flaunting the power they had achieved. Dietmar Roth also observed that some merchants from Vélez Blanco (Almería, Spain) entailed their properties, for the benefit of their descendants, to consolidate their social ascension (ROTH 2007: 233).

In Porto, as already seen, some of the families of the urban patriciate ascended from commerce, an activity which, in some cases, they maintained (BRITO 1997: 303-310). Among these founders were Fernando Álvares Baldaia, a merchant who founded a chapel in the monastery of S. Domingos in 1469 (ADP, Conv. S. Domingos – Porto, K/19/6-1: fls. 1-2), and João Martins Ferreira, who established a chapel in the same monastery in 1492, as *moço fidalgo* (a member of the lower nobility) from the house of the late *infante* Fernando, Duke of Viseu (ADP, Prov. Com. Porto, K/21/2-43: fls. 13-19). However, this founder began his social career as a merchant, which allowed him to accumulate both wealth and social prestige enough to become one of the most important men in the city's municipal government and, apparently, achieve nobility (MOUTA 2022).

The merchants in Lisbon were even more numerous and, over time, references to the commercial companies they owned multiply, showing a far-reaching and particularly lucrative trade. Among these merchants, Lopo Afonso Cardim, who established a family chapel in the monastery of S. Francisco of Lisbon in 1475 – highlighting his membership of the convent's merchants' confraternity and, consequently, his integration into the networks of sociability and solidarity of Lisbon's merchants (ANTT, Hosp. São José, L. 2: fls. 222v-223) – can be cited as a prime example. Finally, in 1674, when Amaro de Cerqueira founded a chapel in the church of S. Nicolau, he identified himself as a merchant and referred to his commercial activities in the Empire and elsewhere in Europe (ANTT, Hosp. São José, L. 31: fls. 18v-28v).

These examples illustrate the variety of socio-professional situations found among the medieval and modern urban elites who established chapels in the cities under study. Many of the founders analysed had already achieved nobility, while others continued to make efforts in this direction, accumulating wealth, which they entrusted, in part, to this goal. However, all showed, through their chapels, the social power they had, or indeed hoped to gain in the near future.

2. The founders' profiles: between the memory of the past and the organisation of present and future

When founding a chapel, or at least when considering passing on from this mortal coil, the institutors often invoked their ancestors, including them among those whose souls they instructed to be celebrated with suffrages, meanwhile looking to the future by involving their successors in the con-

struction and maintenance of their new pious institution. These attitudes towards death varied from founder to founder, allowing their profiles in terms of the relationship they established with their ancestors and successors to be traced, but furthermore in the manifestation and awareness of social power.

In this sense, the image of the institutor was built on the basis of the main beneficiaries of the suffrages. They could choose to save the souls of their ancestors, their own or indeed those of their nuclear family. Maria de Lurdes Rosa, who tried to trace the profile of the founders of chapels in late medieval Lisbon based on the recipients of suffrage, distinguished three large groups: those who offered suffrage for their ancestors, usually along with themselves; those who wished for the suffrage of their own souls and the members of their nuclear family; and those who included both groups along with themselves. In this way, the founders could be “more defined according to the past, organising the future”, others “who organise the present and the future” and, finally, founders “who organise the past, the present and the future” (ROSA 2012: 402-403).

In the cities of Évora, Lisbon, Porto, and Santarém, the elites opted more often to offer suffrage for their ancestors or to invoke them together with their nuclear families, in a trend that runs through the entire period under study (1300 to 1700). In fact, remembering ancestors was a significant demonstration of power and strengthening of family/lineage, playing an important role in the processes of ascension and social consolidation of groups with greater possessions. According to Ângela Beirante, “having a large number of relatives is synonymous with social prominence and a certificate of power” (BEIRANTE 1995: 584).

Mention of ancestors usually appeared in the wills of founders, particularly in the description of the pious charges, but also at the time of selecting the burial site with the relatives, which presupposed the celebration of suffrage ceremonies. The choice of recipients of suffrage mostly highlighted the founder’s parents. In these cases, the wording is very simple and does not extend much further than indicating that the ordained Masses should be celebrated for the soul of the founder himself and his father and/or mother. This was Fernando Lopes Lobo instruction in Évora in 1422. Among the various ceremonies ordered, this testator had a silent Mass said every Sunday for his soul and those of his parents (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fl. 101). These celebrations could sometimes also be extended to siblings, as João Carneiro de Moraes, the founder of a chapel on the Boavista estate in Porto, did in 1676. He instructed Masses for his father, João Vicente Carneiro, for Antónia Felgueira, and for his brother Estêvão, bishop of Brazil, as well as for his own soul

(ADP, Prov. Com. Porto, K/22/4/5-60.3: fl. 279). In this way, the founder was linked, beyond life, to a prominent figure in the Empire's ecclesiastical hierarchy, whose status contributed to strengthening the family's social power.

In other circumstances, founders broadened the range of family members whose souls were to be included, bringing grandparents and even uncles into their prayers. In 1639, in Évora, Baltasar Mendes dos Reis, having already instructed Masses for his and his parents' souls, left his books to the priests of the convent of Nossa Senhora da Graça in exchange for fifteen Masses to be sung as well for the souls of his four grandparents and five brothers (ANTT, Arq. do Arq., Livs. Registo, L. 29: fls. 46v and 50).

In some cases, it is clear that a debt of gratitude to those who had left the founder property was owed, recognising that it was thanks to their ancestors that they had achieved their current status. Also in the fifteenth century, Gil Martins do Poço, *contador do rei* (king's accountant), instructed Masses to be said each year in the church of Santa Justa and in the monastery of S. Domingos in Lisbon for the souls of his grandparents and parents, who left him their property, and also for his wife. The strong bond with his ancestors was thus extended into eternity, as Gil Martins chose to be buried in the grave where his father already lay, next to his grandfather's grave (ANTT, Most. S. Domingos de Lisboa, L. 54: fls. 113-113v).

All these founders, presented only as an example of a wider reality present in the four cities, were situated at the confluence of past, present, and future, where the past, together with the social relevance of their ancestors, was used to organise the present and the future. The chapels and anniversaries provided continuity for the family, "projecting into the past (through suffrage of the souls of the progenitors and burial with them) and perpetuating it in the future (through an administrator of their lineal blood)" (BEIRANTE 1995: 584).

Some of the founders of urban chapels in medieval and modern Portugal opted to suffrage only their own souls and members of their nuclear families (spouse and children), breaking the link with the past and the relatives preceding them. The profile of this type of founder assumed himself to be the creator of the lineage, at a time when he had achieved social ascension. He may have also sought affirmation in relation to other, more important branches of the lineage, which would already be responsible for the suffrage of the souls of ancestors (ROSA 2012: 405).

Although the references to the suffrage of the souls of the nuclear family are usually relatively brief, some examples are longer and allow us to understand the founders' intentions, such as the case of the lady Maria de Vilhena.

She created a *morgado* in the outskirts of Santarém in 1483, including the celebration of Masses wherever the administrator happened to be on feast days, showing how the memory of the spouse could play the role of “structuring” the present and, above all, the future. In fact, this founder – the widow of Fernando Teles, son of Aires Gomes da Silva, lord of Vagos, and Beatriz de Meneses, *aia* (nurse) to King Afonso V (ROSA 1995: 39) – placed an enormous weight on the memory of her late husband, which was to be then maintained by their descendants. Upon the death of Fernando Teles, Maria ordered her children and other successors to sing three Masses each year with responsory for the dead and prayers for her husband’s and her own soul. She also explained that she had established the *morgado* “por ho nome do dito senhor seu pay [Fernando Teles] sempre ficar em memoria e lembrança” (“so that the name of their father [Fernando Teles] would forever remain in memory and remembrance”) (ANTT, Leitura Nova, L. 18: fls. 290v, 292 and 294). The memory of Fernando Teles was transformed by his wife into a “factor in structuring the lineage”, as observed by Maria de Lurdes Rosa (ROSA 1995: 41).

In this context, the chapels and the pious charges associated with them made manifest the identity of the family and, specifically, the power and social status that the lineage had achieved or hoped to achieve. At the same time, they had a strong social component, contributing to the prestige and protection of the family, as seen in Córdoba (HERREROS MOYA 2012: 122). All these aspects were further reinforced when the founders built family chapels and tombs in which they displayed the symbols of their social and economic power.

3. Family chapels as a material realisation of the memorialisation of lineage and a manifestation of social power

Medieval and modern chapels could play a preponderant role in linking the founders to the past, as well as to the future, through their antecedents, particularly when they took on a material dimension and became the pantheon of the lineage. Thus, they became actual places of family worship, full of symbolism and an outward demonstration of their social and economic power. For the elites, funerary chapels were of added importance and were one of the landmarks characterising their establishment within the urban patriciate, as Rafael Sánchez Saus showed (SÁNCHEZ SAUS 1991: 299).

Serving these purposes, between the fourteenth and seventeenth centu-

ries, the chapels founded and erected by the elites in the religious institutions of the main cities and towns of the kingdom multiplied, often serving as family pantheons. As such, the chapel transcended its spiritual dimension and took on a physical and material expression, housing the bodies of the founders and their families, as well as the respective identity and devotional signs that would guarantee the identification of their lineage and represent their societal power.

Generally, these chapels could take one of two forms, closely linked to their funerary functions. Firstly, and relatively often, these institutions were the continuation of extant chapels, where the founders' ancestors had previously commissioned the celebration of their pious charges and where they had chosen to be buried. Secondly, chapels could be created *ex nihilo* by a founder who chose to start a new cycle, separating himself from his ancestors and choosing a place of worship and burial for himself and his descendants, becoming the aggregating link in the lineage.

As seen with the profiles of the founders, in a large number of cases the institutors opted to be close to their ancestors for eternity, either by having their souls suffraged in their chapels or buried in the graves of the lineage. The choice was most commonly made regarding entwining with parents. In the four cities, several examples of founders who chose to be buried next to their parents were found, in chapels or graves where the forebears already lay. Among many others, this was the case of the bachelor Gomes Eanes Aranha, who had his body buried in the same grave where his mother lay, in the monastery of S. Domingos in Porto, in 1464 (ADP, Conv. S. Domingos – Porto, K/19/6-1: fl. 6v); Inês Rodrigues de Góis, who ordered her bones to be taken to her father's chapel and laid in her mother's grave, in the monastery of S. Francisco of Santarém, in 1478 (ANTT, Feitos da Coroa, NA 274: fl. 20v); Constança Salvado, widow of Mestre João Vasques, who asked to be buried with her father in the monastery of S. Domingos in Évora in 1522 (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fl. 178); and that of Francisco Velasco de Gouveia, whose *morgado*, established in 1651, had its core in a chapel in the cloister of S. Domingos in Lisbon, where his father and mother lay and where he and his brothers would be buried (ANTT, Arq. do Arq, Livs. Registo, L. 56: fl. 114).

However, in many cases, the family extended beyond solely the parents, and the founders chose to be buried with other relatives and ancestors or to have their remains moved to the new chapels they founded. This was a recognition of the power of the lineage and the role of predecessors in the process of ascension and social consolidation achieved by the current founders. Here, grandparents and even great-grandparents played a fundamental role, being

a regular presence in the family chapels. Connecting with his ancestors was one of the aims of Lourenço Martins do Avelar, the *alcaide-mor* (chatelain) of Santarém, when he established a chapel in the local monastery of Santa Clara in the fourteenth century and had his body buried in a chapel attached to that of his grandfather, great-grandfather and great-grandmother (ANTT, Feitos da Coroa, NA 274: fls. 68-68v). The most curious thing about this testamentary passage is that Lourenço Martins turned his institution into an actual family chapel and burial place for the lineage, as he ordered the union of both funeral chapels, tearing down the wall that separated them and installing iron railings with doors. In seventeenth-century Lisbon, Diogo Mendes de Castro established a chapel in the sacristy of the church of Nossa Senhora da Luz for his burial, that of his wife and heirs, as well as all the people they selected. What was initially intended to be a chapel for the nuclear family and their descendants quickly became a chapel for the lineage, as he ordered his heirs to add the bones of their ancestors to it, making the sacristy a “causa nossa própria (...) na qual se não sepultara outra pessoa alguma” (“our own cause (...) in which no other person will be buried”) (ANTT, Hosp. São José, L. 25: fls. 237-237v). Both chapels truly took on the dimension of places of memory and perpetuation of lineage (ROTH 2007: 234), where ascendants and descendants were gathered in a sacred space full of symbols announcing their social status.

Continuing on the topic of ancestors and descendants in the same space, as well as pious charges, there are some physical chapels in which successive foundations and the burial of several individuals with family ties are documented, including collateral or even more distant relatives. The same site thus housed a “cascade” of chapels that were independent of each other, but intrinsically linked by the social position of the same family or lineage. The religious institutions in the cities of Lisbon and Porto were particularly favoured locations for the foundation of these chapels, offering an insight into how the different pious institutions coexisted in a common space and jointly contributed to the social affirmation of the lineages and their members within the community to which they belonged.

Examples of overlapping chapels, pious charges, and graves from the beginning of the fourteenth century can be found in Lisbon. As early as 1306, João Eanes Palhavã and his wife Sancha Pires ordered Masses at the monastery of S. Domingos in Lisbon, where they wanted to be buried, specifically in the chapel that Maria Soares had ordered to be built and where she lay with her husband, Martinho Pires Palhavã, and their daughter (ANTT, Cap. Coroa, L. 4: fls. 76-76v). However, contrary to what was common or expected,

there were no blood ties between members of either couple. In fact, João Eanes Palhavã was *criado* (someone who was raised and educated by someone else) of Maria Soares and her husband, from whom he received the nickname “Palhavã”. He was also executor of the former’s will and heir to her fortune⁷. In appreciation of everything they had received from the couple who raised him, João Eanes Palhavã and his wife re-founded their chapel in S. Domingos, continuing to benefit from the oversight of Martinho Pires and Maria Soares even after their deaths (MARTINS 1997-1998: 62-63). In this case, artificial kinship took precedence over genetic lineage but assumed the same value and functions both in life and in death. As Ana Cláudia Silveira pointed out, in line with the conclusions this work has been drawing, “the choice of a common place to establish their graves appears to be a factor of lineage cohesion, reflecting an attempt to affirm the unity, prestige and power of the family” (SILVEIRA 2007: 198).

In Porto, the “Capela dos Carneiros”, as the chapel of S. João Batista in the monastery of S. Francisco came to be known, is exemplary of the paradigm. Founded and built by João Carneiro, a schoolmaster at the Cathedral of Braga, in 1525 or 1532⁸, this chapel became part of successive pious charges or chapels belonging to members of the Carneiro family and others (BRITO 1997: 352-353). Among these, the chapel of João Domingues and Maria Eanes da Rua was even established a few years earlier, in 1523, and was eventually integrated into that of S. João Batista (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-93: fls. 88v-90; BRITO 1997: 353 and 361). Subsequently, the pious charges of Vasco Carneiro and his wife, Beatriz de Figueiroa (1541) (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-96: fls. 58v-60); Ana Bravo and Manuel Carneiro, her husband and son from the previous couple (1558) (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-96: fls. 50-56v); Luís Carneiro, João Carneiro’s brother, and his wife, at an uncertain date; António Carneiro, his son and the founder’s nephew (1575) (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-96: fls. 89-107); Milícia de Novais Carneiro, her daughter, Vitória Carneiro, and Beatriz de Almeida, all at an unknown date, were added⁹. With

⁷ On the Palhavã family and specifically on these characters, see MARTINS 1997-1998 and SILVEIRA 2007.

⁸ Following other authors, Pedro de Brito states that João Carneiro’s will was written on 20 March 1532 (BRITO 1997: 353), while Lúcia Rosas gives the date as 2 December 1525 (ROSAS 2013: 464).

⁹ The charges and chapels annexed to the chapel of S. João Batista are listed in ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-96: fls. 1-12v. However, this list has some errors, namely the identification of Vasco Carneiro and Beatriz de Figueiroa as the parents of João Carneiro, the founder (fl. 6), when in fact they were his brother and sister-in-law and the son of Vasco Carneiro, the Elder (BRITO 1997: Quadro CARNEIROS I). An abbreviated list of these charges was presented by Ivo Carneiro de Sousa, who repeats this misidentification (SOUSA 1982: 54-55).

all these charges and burials that were accommodated in the chapel of S. João Batista, in which various members of the same lineage added “something of their own, contributing to a family task” (SOUSA 1982: 55), the Carneiro’s memory and the ostentatious social power they enjoyed in the city of Porto were assured. This was also a demonstration of the group solidarity and contributed to the chapel’s assets increase, as demonstrated in the town of Vélez Blanco (ROTH 2007: 228).

If, in the examples presented above, chapel founders chose to join their ancestors physically and spiritually, a similar number of founders broke with the past and began a new pious and funerary cycle, choosing their nuclear family and their descendants as their eternal companions. Among the many chapels of this group, the examples of Nuno Martins da Silveira and Leonor Gonçalves de Abreu (monastery of S. Domingos of Évora, 1431); and Jorge de Albuquerque (monastery of Santíssima Trindade of Lisbon, 1649) can be cited. Despite some similarities, each one has some characteristic aspects that should be emphasised.

The first chapel, with the invocation of the Saviour, in which the founders and all their sons, daughters, grandchildren, great-grandchildren and all direct descendants would be buried, stands out for the family hierarchy that Nuno Martins da Silveira made a point of imposing. While he and his wife would be buried in a monumental tomb, his descendants could only be buried in *campa rasa* (an ordinary or shallow grave) (ANTT, Feitos da Coroa, NA 276: fl. 150v). This bears witness to the presence of a “hierarchical space, destined firstly to perpetuate the glory of the founders, and then the belonging of the successors to the lineage, but in a position of submission” (ROSA 1995: 143).

Finally, Jorge de Albuquerque, a member of *Conselho Ultramarino* (Overseas Council), knight of the Order of Christ and son of Fernando de Albuquerque, governor of the *Estado da Índia* (State of India, the Portuguese empire in Asia), acquired a chapel in the monastery of the Santíssima Trindade in Lisbon for himself, his wife, Ana de Noronha, and their heirs. But he specified that, while he would be buried on the Gospel side, where his arms and epitaph would be displayed, his wife would be buried on the Epistle side, which would bear her own arms and epitaph, and that they would thus be close enough so that, after their deaths, their bodies would remain “companheiros como na vida o fomos, pelo muyto que sempre lhe [a D. Ana de Noronha] quiz” (“companions as we were in life, for the affection I have always felt for her [Ana de Noronha]”) (ANTT, Conv. Sant. Trindade de Lisboa, L. 105: fls. 312v-313). Jorge de Albuquerque thus ensured his own identification – and likewise his wife’s and both of their lineages’ – through their

respective epitaphs and arms, which also identified their families as belonging to the city's elite.

4. The ostentation of power: the ornamentation and architecture of family chapels

Many of the chapels considered in this study bore their familial coat of arms and had valuable ornaments, vestments, and artistic and architectural works that distinguished them within a church, making them a true showcase of the power of their founders and their families. The presence of decorative elements points to the organisation of “a dignified physical space for the suffrage of the souls themselves, which also expresses the cohesion of the lineage through the artistic language of the space in which it is inserted”, contributing “not only to a religious insertion in the local liturgy, but also to the constant reminder of the power and importance of the chapel's owners” (ROSA 2012: 606).

The wealthier founders spared no expense in donating silverware and vestments, which lent a more ceremonial feel to liturgical celebrations. The objects donated could also include liturgical books, which were necessary for the celebration of the liturgical offices, although references to such objects are very rare. In the universe of documents considered in this sample, the generous donation of Filipa Coutinho to the chapel she established in 1478 in the monastery of S. Francisco of Porto mentions books. Her donation comprised a satin vestment, hangings and frontals for the altar, corporals with a pall and a small ark, a chalice with silver cruets and also her own missal and a breviary, which were to be placed on an “iron rack” (a lectern?) for the use of the friars and clergymen (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-95: fl. 404). Unfortunately, this information reveals nothing regarding the “piety, religious culture, and liturgical knowledge” of the lady herself, revealing only what may have been a requirement by the ecclesiastics and confirming that missals were the most donated books (ROSA 2012: 505-506).

In fact, among the most frequently bequeathed ornaments were pieces of jewellery, vestments, and other fabrics, sometimes originating from distant lands – take the case of Mécia Mendes de Aguiar, widow of Gonçalo Gil Barbosa, who spent around six years in India. In her will of 1532, she instructed that her chapel be given various objects to be used in Masses, such as vestments, frontals, a hanging, a chalice and cruets, as well as “outros pannos de seda da India” (“other silk cloths from India”) (ANTT, Morgados e capelas,

Vínculos, Santarém 17, fls. 22-23). It is hard not to associate this reference with her husband's time in India, where he made his fortune, and from where he may have brought the cloth. This donation seems to be a demonstration of the luxury that this family enjoyed and the place that it came to occupy, thanks largely to the service of the founder of the lineage in the territories of the Empire (REIS 2022: 120-130). Approximately a century later, in 1635, in Lisbon, a visitation to the chapel of Catarina da Rocha, located in the convent of the Santíssima Trindade in Lisbon, reveals, among an extensive list of ornaments, several pieces that had come from Milan, as there were none of the same quality anywhere else (ANTT, Conv. Sant. Trindade de Lisboa, L. 105: fls. 114-114v). These investments are, above all, a reflection of the economic power and connections of the founders.

Likewise, the power and devotion of the founders were reflected in the commissioning of artistic works, such as paintings and sculptures, for the decoration of their chapels. Stone or alabaster images and altarpieces depicting the saints of the chapel's invocation or of the founders' greatest devotion, as well as scenes from the life of Christ, were particularly common. The examples are varied and illustrate the ornamental richness of the chapels of the urban elites in medieval and early modern Portugal. In 1388, Catarina Fernandes had an alabaster image of Santa Maria placed in the chapel she founded with her husband, Lopo Fernandes, in the monastery of S. Francisco of Porto, while Inês Rodrigues de Góis, in 1478, commissioned "huña imagem de pedra bem lavrada de Sancta Maria" ("a well-cut stone image of St Mary") for her chapel in the monastery of S. Francisco of Santarém (ADP, Conv. S. Francisco – Porto, K/20/6-93: fl. 76v and ANTT, Feitos da Coroa, NA 274: fl. 20v). One of the most surprising artistic donations, however, was made by Bárbara Pires de Figueiroa, widow of Afonso Luís Ribeiro, a citizen of Porto, and a member of an important family in the city's urban patriciate (BRITO 1997: 104). This widow gave the chapel of Nossa Senhora da Conceição, which she established in 1568 in the church of S. Pedro de Miragaia (Porto), an altarpiece depicting the Descent from the Cross and the Resurrection, which she had commissioned in Flanders (ANTT, Arq. do Arq., Livs. Registo, L. 54: fl. 80).

While all these objects reflected the economic and social power of the founders to some degree, other elements made it possible for any observer to quickly identify the commissioners of the chapel and/or tomb, as well as their association with prestigious families. In this sense, the arms of the lineage, other heraldic signs, and inscriptions or epitaphs conveyed a very clear message. It was thus common for founders to have their coat of arms visi-

bly placed in chapels, as was the case with Nuno Martins da Silveira, whose arms topped the arch through which one entered the chapel and were also displayed next to his tomb (ANTI, Feitos da Coroa, NA 276: fl. 153v).

A common practise was for such heraldic representations – displayed in one of the most emblematic and important places for the family – to serve as a “correct” reference model for any other uses that the chapel’s administrators had to make of the lineage’s coat of arms (ROSA 1995: 110 and 114-115). Inscriptions could have a similar function, in part, by identifying the founder of the chapel and possibly his family origins. They could also include the profession, social status, or even notable achievements. In 1572, Isidro de Almeida, a military man who specialised in mines and fires, had a tomb made for himself in the chapel he was then establishing in the convent of S. Bento de Campolide (Lisbon), on which he would have inscribed his name, the “good fortune” he had at the siege of Mazagan (1562) and his current journey in Africa (ANTI, Fam. Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129: fls. 5-5v)¹⁰. This was a slightly more original way of signalling the founder’s social importance, standing out among his peers for his feats of arms.

All these objects, works of art and heraldic signs were surrounded by sumptuous architecture to some degree, another factor that revealed the status of those who commissioned it. Naturally, as time moves on, documentary descriptions become more generous, revealing further artistic details, in some cases of great richness. First, iron (or wooden) railings and doors became common in the Middle Ages. Their function was to close off the chapel and, consequently, separate it from the rest of the church, demarcating a private space within a public arena, as also observed in medieval English parish churches (BURGESS 2011: 100). This was previously shown as the aim of Lourenço Martins do Avelar, in the fourteenth century, when he joined his chapel to those of his grandfather and great-grandfather, enclosing them with iron bars (ANTI, Feitos da Coroa, NA 274: fl. 68v). Likewise, in 1530, Lopo Soares, member of the King’s Council, had the wooden railings that surrounded his parents’ graves and the place where he and his heirs would be buried, in the convent of Nossa Senhora da Graça in Lisbon, replaced with iron, referring several times to their function of protecting and delimiting the space (ANTI, Hosp. São José, L. 153: fls. 26-27). This chapel also had other important architectural details: it was vaulted and its choir was decorated inside and out. These features can be found in other examples, to which can be added the tribunes with small windows in the chapel of Duarte de

¹⁰ On Isidro de Almeida, see NÓVOA 2016: 149-150.

Albuquerque Coelho, governor of Pernambuco, and Joana de Castro, in the convent of Santíssima Trindade in Lisbon (1625) (ANTT, Conv. Sant. Trindade de Lisboa, L. 104: fls. 107v-108v). This couple was, in fact, quite meticulous in describing the architecture of their chapel, located in the convent's main chapel, to the extent that they appointed Pedro Nunes Tinoco, the royal architect, to carry out the work (ANTT, Conv. Sant. Trindade de Lisboa, L. 104: fl. 109v). This reference fully demonstrates the social power and influence they enjoyed at court and in the city of Lisbon in the first decades of the seventeenth century, serving as a paradigm of the urban elites of the Ancien Régime and the role their chapels played in their processes of ascension and social affirmation.

Conclusion

Between the fourteenth and seventeenth centuries, the chapels founded by members of the urban elite in the cities of Évora, Lisbon, Porto, and Santarém were part of these individuals' strategies for social advancement and promotion. Coming from the groups that held economic and political power in the communities where they were based, they all aspired to achieve nobility or at least maintain the status they had achieved thanks to their own actions or those of their ancestors. At this juncture, the foundation of a chapel could contribute to the realisation of these goals, becoming a material manifestation of their career and social position.

These institutions also played a fundamental role in building family identity, which reinforced the exercise and control of power. For this reason, the founders sought to connect, beyond death, with their ancestors, who would have guaranteed or contributed to the social and economic promotion of their lineage. The evocation of parents, grandparents, great-grandparents, and other relatives through the suffrage of their souls – together with that of the founder – served this purpose, demonstrating that the founder stood at the intersection of past memory and the organisation of the present and future. For various reasons, however, the founder may choose to break with their antecedents and only suffrage their own soul and that of their nuclear family, starting a new cycle of preparing for the present and the future. The importance of the family could also be seen in the physical dimension of the chapels, which often became burial places for their members, both ascendant and descendant. It was, above all, in this dimension that the power of the founders was projected, visible in the people with whom they chose to spend

eternity, in the heraldic representation, in the ornamentation and architecture of the space.

In this sense, analysing the family chapels founded by Portuguese urban elites in the medieval and modern periods shows that the wealthiest social groups used these institutions to affirm their lineage and the power and social influence they enjoyed, by evoking their ancestors, affirming their present and future family, and investing in ornaments, architecture, and identity symbols. All these elements reflected the founders' awareness of their economic, political, and social power and the prominent place they and their lineage occupied within the urban societies of which they were a part.

Archival references and bibliography

Archival references

Arquivo Distrital do Porto (ADP). Convento de São Domingos – Porto, K/19/6-1.

Arquivo Distrital do Porto (ADP). Convento de São Francisco – Porto, K/20/6-93, K/20/6-95, K/20/6-96.

Arquivo Distrital do Porto (ADP). Provedoria da Comarca do Porto, K/21/2-43, K/22/4/5-60.3.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Arquivo do Arquivo, Livros de Registo, Livros 12, 29, 54.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Capelas da Coroa, Livros 4, 5. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Chancelaria de D. João II, Livro 20.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Chancelaria de D. João III, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Privilégios, Livro 3.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Família Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Feitos da Coroa, Núcleo Antigo, n.º 274, 276.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Hospital de São José, Livros 2, 8, 14, 31, 51.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Leitura Nova, Livro 18.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Morgados e capelas, Núcleo Antigo, n.º 190.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Morgados e capelas, Víncu-

los, Santarém, n.º 17.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos, Convento da Santíssima Trindade de Lisboa, Livros 104, 105.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Ordem dos Pregadores, Mosteiro de São Domingos de Lisboa, Livro 54.

Bibliography

BARATA, Filipe Themudo & VILAR, Hermínia Vasconcelos (1993). “Os Protegidos de Mercúrio – Em Torno de Famílias e Fortunas de Mercadores no Portugal Medieval”, in Maria José Ferro Tavares (coord.), *A Cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares. Actas II*. Lisbon: Universidade Aberta, 129-149.

BEIRANTE, Maria Ângela (1995). *Évora na Idade Média*. Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian and Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

BRITO, Pedro de (1997). *Patriciado urbano quinhentista: as famílias dominantes do Porto (1500-1580)*. Porto: Arquivo Histórico – Câmara Municipal do Porto.

BROWN, Andrew (1995). *Popular Piety in Late Medieval England. The Diocese of Salisbury (1250-1550)*. Oxford: Oxford University Press.

BURGESS, Clive (1985). “‘For the Increase of Divine Service’: Chantries in the Parish in Late Medieval Bristol”. *The Journal of Ecclesiastical History*, 36, 46-65.

BURGESS, Clive (2011). “Chantries in the Parish, or ‘Through the Looking-glass’”. *Journal of the British Archaeological Association*, 164, 1, 100-129.

BURGESS, Clive (2018). *‘The Right Ordering of Souls’. The Parish of All Saints’ Bristol on the Eve of the Reformation*. Woodbridge: The Boydell Press.

COELHO, André Madruga (2017). *Poder e estatuto em Portugal no final da Idade Média. Os Lobo entre a cavalaria e a baronia*. Lisbon: Edições Colibri.

DUARTE, Luís Miguel (2001). “Os melhores da terra (um questionário para o caso português)”, in Filipe Themudo Barata (ed.), *Elites e redes clientelares na Idade Média. Problemas metodológicos. Actas do Colóquio*. Lisbon: Edições Colibri and CIDEHUS, 91-106. <https://books.openedition.org/cidehus/5130> (consulted on May 7, 2024).

FARELO, Mário (2007). “Ao serviço da Coroa no século XIV: o percurso de uma família de Lisboa, os «Nogueiras»”, in Luís Krus, Luís Filipe Oli-

- veira and João Luís Fontes (eds.), *Lisboa Medieval – Os rostos da Cidade*. Lisbon: Livros Horizonte, 145-168.
- FARELO, Mário Sérgio da Silva (2008). *A oligarquia camarária de Lisboa (1325-1433)*. Lisbon: FLUL (PhD thesis in Medieval History).
- GAGO, Alice João Palma Borges (2019). *Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)*, vol. 1. Lisbon: FCSH (PhD thesis in History, speciality of Historical Archivistics).
- GOMES, Rita Costa (1995). *A corte dos reis de Portugal no final da Idade Média*. Lisbon: Difel.
- HERREROS MOYA, Gonzalo J. (2012). “Así en la tierra como en el cielo. Aproximación al estudio de las capellanías en la Edad Moderna: entre la trascendencia y la política familiar. El caso de Córdoba”. *Historia y Genealogía*, 2, 111-144.
- MARTINS, Miguel Gomes (1997-1998). “A família Palhavã (1253-1357): elementos para o estudo das elites dirigentes da Lisboa medieval”. *Revista Portuguesa de História*, 32, 35-93.
- MARTINS, Miguel Gomes (2007). “Para mais tarde regressar. Percursos na administração municipal da Lisboa medieval”, in Luís Krus, Luís Filipe Oliveira and João Luís Fontes (eds.), *Lisboa Medieval – Os rostos da Cidade*. Lisbon: Livros Horizonte, 278-287.
- MOUTA, Fernando (2022). *João Martins Ferreira, mercador-cavaleiro*. Porto: CITCEM.
- NÓVOA, Rita Luís Sampaio da (2016). *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI*. Lisbon: FCSH (PhD thesis in History, speciality of Historical Archivistics).
- PRO RUIZ, Juan (1989). “Las capellanías: familia, iglesia y propiedad en el Antiguo Régimen”. *Hispania Sacra*, 41, 585-602.
- REIS, Pedro Miguel Guerreiro Pereira dos (2022). *Depois da Índia. Regresso, morte e posteridade de Gonçalo Gil Barbosa*. Lisbon: FCSH (Master dissertation in Medieval History).
- ROSA, Maria de Lurdes (1995). *O morgadio em Portugal, séculos XIV-XV. Modelos e formas de comportamento linhagístico*. Lisbon: Estampa.
- ROSA, Maria de Lurdes (2012). *As «Almas Herdeiras». Fundação de Capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal, 1400-1521)*. Lisbon: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ROSAS, Lúcia (2013). “A fundação de capelas no Convento de S. Francisco do Porto: devoção e memória”, in Natália Marinho Ferreira-Alves (ed.), *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CE-

PESE, 459-472.

- ROTH, Dietmar (2007). “Mayorazgos, capellanías y lugares de memoria como perpetuación del ascenso social de la oligarquía de un centro administrativo de señorío. El ejemplo de Vélez Blanco (1588-1788)”, in Francisco Andújar Castillo and Julián Pablo Díaz López (coord.), *Los señoríos en la Andalucía Moderna. El Marquesado de los Vélez*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 213-234.
- SÁNCHEZ SAUS, Rafael (1991). “Aspectos de la religiosidad urbana bajo-medieval: las fundaciones funerarias de la aristocracia sevillana”, in José Enrique López de Coca Castañer and Ángel Galán Sánchez (eds.), *Las ciudades andaluzas (siglos XIII-XVI): actas del VI Coloquio Internacional de Historia Medieval de Andalucía*. Málaga: Universidad de Málaga, 299-311.
- SERRA, Joaquim Bastos (2018). *Governar a cidade e servir o rei. A oligarquia concelhia em Évora em tempos medievais (1367-1433)*. Évora: CIDEHUS. <https://books.openedition.org/cidehus/3288> (consulted on May 7, 2024).
- SILVA, Gonçalo Melo da (2012). *Espiritualidade e Poder na Lisboa dos finais da Idade Média: a Colegiada de São Lourenço e os seus Patronos (1298-1515)*. Lisbon: FCSH (Master dissertation in Medieval History).
- SILVA, Manuela Santos (1993). “Contribuição para o Estudo das Oligarquias Urbanas Medievais: A Instituição de Capelas Funerárias em Óbidos na Baixa Idade Média”, in Maria José Ferro Tavares (coord.), *A Cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares. Actas II*. Lisbon: Universidade Aberta, 113-127.
- SILVEIRA, Ana Cláudia (2007). “Entre Lisboa e Setúbal: os Palhavã”, in Luís Krus, Luís Filipe Oliveira and João Luís Fontes (eds.), *Lisboa Medieval – Os rostos da Cidade*. Lisbon: Livros Horizonte, 197-213.
- SOLIGNAT, Anne-Valérie (2012). “Les fondations pieuses de la noblesse auvergnate à la Renaissance. Entre exaltation du pouvoir seigneurial et charge financière pour les vivants”. *Histoire & mesure*, XXVII-1. <https://doi.org/10.4000/histoiresmesure.4389> (consulted on May 7, 2024).
- SORIA MESA, Enrique (2002). “Las capellanías en la Castilla moderna: familia y ascenso social”, in Antonio Irigoyen López e Antonio L. Pérez Ortiz (eds.), *Familia, transmisión, y perpetuación (siglos XVI-XIX)*. Murcia: Universidad de Murcia, 135-148.
- SOUSA, Ivo Carneiro (1982). “Legados Pios do Convento de S. Francisco do Porto: As fundações de missas nos séculos XV e XVI”. Offprint of *Boletim do Arquivo Distrital do Porto*, 1, 3-63.

A prevenção da varíola em Portugal nos meados do século XIX (1834-1851)

Smallpox prevention in Portugal during the mid-19th century (1834-1851)

JOAQUIM MELON SIMÕES

Universidade Nova de Lisboa, Instituto de História Contemporânea/IN2PAST

joaquimsimoes2@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2396-7527>

Texto recebido em / Text submitted on: 09/05/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 27/02/2025



Resumo. O propósito deste artigo é de aferir o estado da vacinação em Portugal no segundo quartel do século XIX, mais concretamente na fase de implantação da nova monarquia constitucional, numa análise das formas como se processavam os mecanismos de prevenção da varíola. O estudo é desenvolvido, procurando enquadrar as políticas e práticas vacínicas portuguesas no contexto europeu, a partir de documentação produzida pelo Conselho de Saúde Pública, entidade responsável pelas políticas sanitárias na época. A pesquisa centrou-se nas publicações dos *Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino entre 1838 e 1842*, e no trabalho efetuado por Neves e Melo, diretor da *Instituição Vacínica* e coordenador das políticas de vacinação em Portugal, entre 1846 e 1851. Na sequência da investigação efetuada, conclui-se que as práticas vacínicas em Portugal estavam bastante aquém das realizadas em estados europeus mais desenvolvidos, apesar do esforço realizado pelas autoridades sanitárias portuguesas para melhorar a situação.

Palavras-chave. Varíola, Vacinação, Portugal, Meados do Seculo XIX, Saúde pública.

Abstract. The purpose of this article is to assess the state of vaccination in Portugal in the second quarter of the 19th century, specifically during the consolidation of the new constitutional monarchy, by analysing the ways in which smallpox prevention mechanisms were implemented. The study endeavours to frame Portuguese vaccination policies and practices in the European context, based on documentation produced by the national Public Health Council, the body responsible for health policies at the time. The research centred on the publications of the *Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino* between 1838 and 1842, and on the work carried out by Neves e Melo, director of the *Instituição Vacínica* and coordinator of vaccination policies in Portugal between 1846 and 1851. It was concluded that vaccination practices in Portugal were well below those in more developed European states, despite the efforts made by the Portuguese health authorities to improve the situation.

Keywords. Smallpox, Vaccination, Portugal, Mid1800s, Public health.

Introdução

Não é extensa a produção historiográfica recente sobre as temáticas da vacinação no Portugal oitocentista. Um dos maiores contributos para esta historiografia foi apresentado por Maria Rita Garnel, na sua reflexão sobre as políticas de saúde pública contemporâneas, onde expôs e problematizou as estratégias estatais de combate à varíola ao longo do século XIX (GARNEL 2016: 103-112). Carlos Lousada Subtil e Margarida Vieira centraram a sua pesquisa nos primórdios da vacinação em Portugal, colocando o foco na ação da Instituição Vacínica durante a sua primeira década de vigência, num artigo sintético mas incisivo (SUBTIL e VIEIRA 2011). Nestes dois trabalhos, os autores providenciaram um enquadramento rigoroso da legislação aprovada pelos sucessivos governos liberais em matéria de políticas de vacinação. Outra investigação de relevo, Sandrine Pinto, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita analisaram a influência de Edward Jenner em Portugal e fizeram um levantamento das instituições que promoveram a imunização no país até ao final do século XIX (PINTO et al. 2018). Na sua obra de fôlego sobre as problemáticas da higiene do corpo, Jorge Crespo dedicou várias páginas à implantação dos métodos da prevenção da varíola em Portugal e do impacto ténue destas na população (CRESCO 1990: 211-215). Porém, o seu foco não foi além da década de 1830. Em coletâneas de referência, a temática foi tratada de forma muito sucinta, sem acrescentar conteúdo significativo (CASCÃO 1993; SERRÃO e MARQUES 2002).

A historiografia contemporânea oferece uma panorâmica geral sobre as políticas de vacinação ao longo do século XIX, contextualizando a evolução normativa destas mesmas políticas. A etapa inicial da atividade da Instituição Vacínica também foi devidamente analisada pelos autores mencionados. Contudo, não existe um escrutínio detalhado da aplicação dos mecanismos de prevenção da varíola no período posterior à guerra civil de 1832-34. Falta uma aferição das dinâmicas da prática vacínica em três fases conjunturais distintas: enquanto a Instituição Vacínica foi gerida pela Academia Real de Ciências (1832-1844), enquanto a Instituição Vacínica esteve a cargo do Conselho de Saúde Pública do Reino (1844-1868), depois do desmantelamento da Instituição e do Conselho em 1868.

Em pesquisa relativa ao papel do Conselho de Saúde Pública na implementação das políticas sanitárias portuguesas, encontrou-se documentação que permitiu aprofundar o estudo das duas primeiras fases conjunturais enunciadas: um relatório sobre o estado de vacinação no país em 1840, apresentado e discutido nos *Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino*, e fon-

tes muito precisas, arquivadas na Torre do Tombo, sobre o labor da autoridade sanitária enquanto Luís Maria das Neves e Melo foi o diretor da Instituição Vacínica. O aprofundamento desta pesquisa levou à realização do artigo, no sentido de reforçar a produção historiográfica conhecida sobre as temáticas da vacinação no Portugal Oitocentista, com incidência no segundo quartel do século XIX.

O artigo divide-se em cinco partes, começando por um enquadramento do impacto da varíola a um nível global ao longo da história, sublinhando depois as formas como os diferentes estados e países europeus lidaram com este tipo de doença na primeira metade do século XIX, centrando, a seguir, o foco no caso português. No capítulo 4, procurou fazer-se uma síntese crítica do relatório vacínico proposto pelo Conselho de Saúde às várias autoridades sanitárias centrais e distritais do país, e que contém dados fundamentais sobre as práticas de imunização e os surtos de varíola ocorridos na década de 1830. Na secção seguinte, perscrutou-se o trabalho desenvolvido por Neves e Melo na liderança da Instituição Vacínica, com enfoque na proposta de lei que o cirurgião redigiu no intuito de modernizar os mecanismos estatais de prevenção da varíola.

1. Origem, desenvolvimento e erradicação da varíola

As primeiras manifestações da varíola deram-se, muito provavelmente, no Egipto, milhares de anos antes do nascimento de Cristo, existindo evidências da sua presença na África Ocidental e na Ásia Menor depois da queda do Império Romano (FENNER et al. 1988: 210-214). Embora não se saibam as origens exatas da doença na Europa, esta deve ter-se disseminado nos séculos XI e XII, com o regresso dos soldados que participaram nas Cruzadas da época, na região do Levante (SNOWDEN 2020: 141). Nos séculos seguintes, a doença implantou-se no continente europeu, impondo-se como uma das moléstias mais temíveis. A infeção variolosa era, efetivamente, assustadora, em incursões que deixavam os corpos febris e transformavam os rostos em campos de erupções de pústulas purulentas e fétidas (SCHAMA 2024: 42-43).

Na primeira metade do século XVIII, começaram a efetuar-se com algum resultado as primeiras medidas de inoculação preventiva da doença em vários locais da Europa, e foi nesta fase que surgiram os primeiros defensores da vacinação contra a varíola como Giacomo Pylarini, Emanuele Timoni e a ativista precursora Mary Wortley Montagu (SCHAMA 2024: 42-43). Foi com o trabalho de Edward Jenner que a prática da prevenção da varíola evoluiu para um

método eficiente, demonstrado na sua obra publicada em 1798: *Inquiry into the Causes and effects of Variolae Vaccinae* (ACKERKNECHT 2016: 114). Através da inoculação de varíola bovina e humana em pessoas saudáveis, o médico inglês confirmou o potencial da vacinação como fator imunizador da moléstia, aperfeiçoando e sistematizando o processo no seu tratado (SNOWDEN 2020: 153-154). A sua descoberta inovadora foi, então, confirmada pelos pares ingleses e norte-americanos, garantindo um impacto célere a nível mundial do novo método proposto (ROSEN 2015: 104). A epistemologia da vacina foi, rapidamente, adotada pela maior parte dos países europeus e pelos Estados Unidos da América, e divulgada pela expedição filantrópica de Balmis-Salvany no continente americano e nas Ilhas Filipinas (FENNER et al. 1988: 247).

A aplicação sistemática da vacinação contra a doença teve como ponto de partida o contributo de Jenner e desenvolveu-se com êxito nas centúrias seguintes, levando à erradicação da varíola transmitida de forma natural em 1980 (SNOWDEN 2020: 130). No entanto, todo o processo que levou a este triunfo civilizacional foi conturbado no plano científico, social e político. As pesquisas de Jenner foram criticadas quando vieram a público, de uma forma construtiva por médicos com objeções válidas, de uma forma destrutiva por inoculadores que defendiam interesses instalados, e por defensores intransigentes de convicções religiosas (ROSEN 2015: 104). A institucionalização da vacina demorou décadas a ser consagrada no plano normativo em inúmeros países europeus no século XIX, e, quando essa consagração aconteceu, nasceram os primeiros movimentos anti-vacínicos organizados, polarizadores da opinião pública (BALDWIN 1999: 263-276). No século XX, a emergência da microbiologia contribuiu para industrializar e aperfeiçoar a produção de linfa necessária a uma melhoria na qualidade dos meios de prevenção da varíola (FENNER et al. 1988: 278-280). Contudo, esta melhoria apenas funcionou como catalisador de uma verdadeira purga da doença variolosa no mundo quando a Organização Mundial da Saúde lançou um programa de vacinação global em 1966 (HOLMBERG et al. 2017: 5-6). Catorze anos depois, as previsões de Edward Jenner concretizaram-se.

2. A vacinação europeia numa época de indefinição técnica

No século XIX, a história da vacinação europeia pode dividir-se em duas fases: 1) a disseminação da prevenção contra a varíola (1800-1880), 2) o advento da revolução bacteriológica (1880-1900) (ROSEN 2015). Qualquer dos dois períodos foi marcado por focos de resistência às ações de inoculação

e, também, por vagas de contestação ao propósito vacínico (WOLFE 2002: 430-431). As dinâmicas de vacinação desta época foram-se implementando de forma diversa no continente europeu, tendo funcionado como meios de consolidação das políticas de saúde pública na sociedade e de institucionalização da figura do agente sanitário (HOLMBERG et al. 2017: 3-4). Até ao advento da microbiologia, as ações de vacinação centravam-se, sobretudo, na prevenção da varíola, tendo como quadro de referência os princípios advogados por Jenner (SNOWDEN 2020: 154-155). Na sequência da maior parte das descobertas bacteriológicas fundamentais ocorrida entre 1878 e 1887 e do aperfeiçoamento da ciência laboratorial, os processos de imunização foram depois aplicados a outras doenças (ACKERKNECHT 2016: 143).

Na Europa oitocentista, as abordagens à ameaça variolosa variavam bastante conforme ocorreu nos casos da Finlândia, da Suécia, da Grã-Bretanha, da França, dos estados alemães e da Espanha. Na Escandinávia, a Finlândia e a Suécia apresentavam vicissitudes próprias no campo da supervisão vacínica (NELSON e ROGERS 1992: 370-371). Na Finlândia, as políticas de prevenção foram conduzidas por uma sociedade promotora do bem-estar social, até o estado finlandês assumir esse papel em 1825 (PITKANEN et al. 1989: 100). Em 1850, as ações de vacinação começaram a ser empreendidas no terreno pelas parteiras (NELSON e ROGERS 1992: 373). No entanto, apesar da proficiência revelada e dos altos índices de vacinação nas crianças, a gestão da pasta pelo estado finlandês tinha falhas que foram retificadas, depois, por legislação que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola em 1883 (UKONAHÖ et al. 2022: 1181). Na Suécia, a administração da saúde pública esteve a cargo do Collegium Medicum até 1813 e a partir dessa data pelo Sundhets Collegium (NELSON e ROGERS 1992: 371). Seriam estas duas entidades administrativas que desenvolveriam as políticas suecas de vacinação até à revolução bacteriológica, sendo ainda durante a vigência do Collegium Medicum que se implementariam leis reguladoras da vacinação compulsória. No ano de 1853, seriam promulgadas mais instruções normativas no sentido de reforçar a obrigatoriedade da vacina da varíola, e de promover mesmo a revacinação em algumas camadas da sociedade, mais concretamente no corpo do exército. Tanto na Suécia como na Finlândia, as políticas de vacinação eram delegadas nas províncias através de departamentos regionais.

Na Inglaterra e no País de Gales, as políticas de vacinação eram ainda pouco objetivas durante a década de 1830, o que contribuiu para que se registassem surtos de varíola com características de intensidade e violência semelhantes às epidemias do século XVIII (HARDY 1983: 112). Até 1840, o estado inglês apenas se envolveu na questão, disponibilizando um estabe-

lecimento vacínico em Londres, um centro logístico para vacinadores voluntários (HENNOCK 1998: 154). A partir de 1840, criaram-se *Boards of Guardians* sob a égide da *Poor Law Comission*, unidades administrativas cuja função era de nomear pessoal médico qualificado para prover vacinação gratuita à população. Apesar destas medidas, a prevenção da varíola continuou a ser pouco eficiente por fatores burocráticos e por atitudes de negligência ou procrastinação da população (HARDY 1983: 114). Depois de 1850, a Sociedade Epidemiológica adotou a causa da vacinação e do seu labor surgiu o *Vaccination Act* de 1853, de caráter obrigatório, que requeria a imunização de todas as crianças com menos de três anos de idade (HENNOCK 1998: 55). Nos anos seguintes, a Sociedade Epidemiológica trabalhou com as autoridades centrais de saúde pública britânica – o *General Board of Health* e o *Privy Council* – para uma melhor implementação das políticas vacínicas que continuariam com falhas e limitações até à década de 1870.

Nos outros estados da Grã-Bretanha, a situação em meados do século XIX era um pouco diferente (HARDY 2008: 3). Na Irlanda, tal como em Inglaterra e Gales, as políticas de vacinação eram determinadas por uma colaboração entre o estado e os especialistas técnicos. Contudo, segundo Deborah Brunton, elas foram implementadas de forma menos impositiva, e a vacinação apenas se tornou parte integrante do serviço médico prestado pelas autoridades de saúde irlandesas em 1851. Tal aconteceu onze anos depois do *Vaccination Act* irlandês, através do qual se tinha tentado, sem sucesso, tornar a imunização obrigatória (GEARY 2021: 30). Só em 1863, foi produzida legislação capaz de dotar a prevenção da varíola de mecanismos eficazes. Na Escócia, devido à ausência de legislação concreta, as ações de vacinação ficavam a cargo de corporações especializadas e não de órgãos executivos geridos pela administração pública, tendo sido muito importante o papel do *Royal College of Physicians de Edimburgo* (MACDONALD 1997: 295). Esta situação manteve-se até à década de 1860, numa região onde a prevenção da varíola foi, de um modo geral, bem aceite pela sociedade (HARDY 2008: 4). Nessa altura, as autoridades escocesas verificaram que seria necessária a obrigatoriedade da vacina para evitar que se repetissem os surtos mortíferos registados em alguns locais (MACDONALD 1997: 320).

Em França, o segundo quartel do século XIX seria um período de desaceleração nas ações de prevenção de varíola, após uma fase de grande dinamismo no início da centúria (LA BERGE 1986: 101-106). A sucessão de acontecimentos políticos e a incursão violenta da cólera no país relegaram as políticas de vacinação para segundo plano na década de 1830. As ações mandatórias de imunização regular incidiam, principalmente, nos soldados

do exército e nos estudantes das universidades. Nos meados do século XIX, a coordenação das políticas vacínicas estava a cargo da Academia Real de Medicina, encarregada de gerir o Comité Central Vacínico do país. Esta entidade estava disseminada por 25 cidades de França, com comissões chefiadas por médicos em cada urbe. A França, embora fosse uma das nações mais avançadas do seu tempo em capacidade técnica nos campos da medicina e da saúde pública, adiou até ao final do século a aprovação de uma legislação efetiva em matéria de vacinação (BALDWIN 1999: 264-266). Este adiamento deveu-se a questões políticas complexas, a indecisões constantes no seio dos governos e a descoordenações entre o parlamento e o senado.

Na Alemanha, até à unificação da Prússia com os outros estados alemães na década de 1860, o panorama era diverso (BALDWIN 1999: 263). Cada estado tinha as suas dinâmicas próprias no que respeitava às políticas de vacinação. Antes de 1849, o pelouro da saúde pública prussiano era repartido pelo Ministério do Interior e pelo Ministério da Igreja, Educação e Assuntos Médicos, assumindo este último a pasta na segunda metade do século (HENNOCK 1998: 50). As questões sanitárias eram tratadas, então, a três níveis – central, distrital e de comarca. Nos outros estados, a gestão da saúde pública comportava as suas particularidades, mas existia uma tradição enraizada do exercício da polícia médica pelos diversos governos (BALDWIN 1999: 260-261). Antes da unificação, também se verificava uma grande variedade na aplicação de medidas obrigatórias para a prevenção da varíola. Em meados do século XIX, de um modo geral, as normativas eram rigorosas na Baviera. Baden e Westphalia adotavam procedimentos semelhantes desde o início de 1800. Com regulação promulgada em 1835, a Prússia impunha a vacinação a quem se candidatasse ao emprego público e à assistência pública. Contudo, permitia que as crianças frequentassem a escola sem estarem imunizadas. Na Baviera e no estado prussiano, como em França, os corpos do exército tinham de ter a vacinação em dia. Em Espanha, o governo apenas começaria a empenhar-se em políticas concretas de imunização a partir de 1871, data da fundação do *Instituto Nacional de Vacuna* (MARÍN 2004: 79-81).

No segundo quartel do século XIX, as políticas de vacinação europeias, centradas na contenção e tratamento dos surtos de varíola, entraram num período de indefinição. As nações mais avançadas no plano científico hesitavam nas estratégias a seguir. De um modo geral, preconizou-se a imunização voluntária, complementada a espaços com medidas compulsórias pontuais, incidindo em determinadas franjas da sociedade. A questão da revacinação foi discutida, mas não sobressaiu uma perspetiva clara sobre o problema (LA BERGE 1986: 107). Na década de 1850, começou a produzir-se legislação

efetiva, inerente à prevenção de surtos variolosos, mas logo depois surgiriam os primeiros movimentos anti-vacínicos na Grã-Bretanha (WOLFE 2002: 430) e na Alemanha (BALDWIN 1999: 303). Porém, na primeira metade do século XIX, este fenómeno ainda não era relevante. Nos países mais desenvolvidos da Europa, o segundo quartel de 1800 foi de hesitação nas políticas de vacinação a seguir. E o que acontecia, então, num país periférico, em vias de industrialização, como Portugal?

3. A Instituição Vacínica num país em mudança

Em Portugal, o período compreendido entre 1834 e 1851 corresponde a uma fase de consolidação do liberalismo e da monarquia constitucional, depois de uma guerra civil que aboliu o regime absolutista (SERRÃO e MARQUES 2002: 9-11). Foi tempo marcado por tumultos e tensões partidárias durante o qual se produziu legislação inovadora em diversas áreas e se deram os primeiros passos para a modernização do país. Com o advento da Regeneração na década de 1850, Portugal ganhou a estabilidade política e financeira necessária para melhor desenvolver as suas infraestruturas económicas e sociais (RIBEIRO 1993: 121-126). Duas das áreas renovadas pela ação de políticos liberais esclarecidos foram a saúde pública e a ciência médica, com um reforço do ensino técnico e das políticas sanitárias (FERREIRA 2015: 779-780).

No campo da medicina, as escolas régias de cirurgia de Lisboa e Porto, fundadas em 1825, seriam elevadas à categoria de escolas médico-cirúrgicas, aptas a certificar médicos e cirurgiões devidamente qualificados (PITA 2021: 371). Os diplomas fundamentais para esta modernização do ensino médico seriam promulgados em 1836 e 1840, consagrando uma formação na linha do método anatómoclínico seguido na França e na Alemanha (GARNEL 2013: 8-9). No campo da saúde pública, foi publicada a Lei da Saúde de 1837 que criou o Conselho de Saúde Pública do Reino, um organismo semiexecutivo que reestruturaria e coordenaria os quadros de polícia médica de Portugal, em articulação constante com o Ministério do Reino (Decreto-lei de 03/01/1837). Esta entidade, operando num contexto favorável ao desenvolvimento de legislação sanitária ambiciosa, prestaria serviços importantes ao país até ser extinta em 1868 num momento de retrocesso político e normativo (FERREIRA 2015: 777-778). Foi neste contexto de renovação das infraestruturas médicas e sanitárias portuguesas, que se desenvolveram as dinâmicas próprias da Instituição Vacínica.

Em 1812, a Instituição Vacínica seria criada pela Academia Real de Ciências de Lisboa, no intuito de garantir oito sessões de vacinação por mês, em ações de prevenção contra a varíola (GARNEL 2016: 104). Estas sessões eram efetuadas na capital, mas também se podiam enviar remessas de vacinas para as províncias, desde que fossem solicitadas. A entidade era gerida, através de uma comissão, pelo médico Bernardino António Gomes, tendo a contrato dois cirurgiões para os dias das sessões (PINTO et al. 1981: 74). As primeiras crianças a serem inoculadas pela Instituição Vacínica foram os órfãos da Casa Pia (SUBTIL e VIEIRA 2011: 168). No primeiro ano, a organização conseguiu levar a vacina à maior parte das regiões do país, tratando 2.116 indivíduos. Nos anos seguintes, a missão da organização sofreria reverses. “Depois de um começo auspicioso, o número de inoculações foi diminuindo, e, ao entrar a década de 1820, podia considerar-se negligenciável” (GARNEL 2016: 104-105). A entidade continuou sob gestão da Academia Real das Ciências até 1835, quando passou a ser tutelada pelo Governo Civil de Lisboa em articulação com o Ministério do Reino (Portaria 24/02/1835).

Em 1842, dar-se-ia uma reestruturação da Instituição Vacínica, que passaria a ser composta por um médico-presidente, três cirurgiões vacinadores, um amanuense e um porteiro (Decreto-lei 01/12/1842). Estas alterações seriam de curta duração. Em 1844, a entidade era anexada ao Conselho de Saúde Pública do Reino, sendo o médico-presidente substituído por um dos vogais do mesmo Conselho (GARNEL 2016: 105-106). O vogal responsável tinha ao seu cargo três cirurgiões que aplicavam a vacina de forma gratuita todos os meses no Hospital da Misericórdia. As ações de vacinação também podiam ser implementadas nos vários concelhos e distritos do país pelas entidades competentes. Esta responsabilidade pela gestão da Instituição Vacínica manter-se-ia até à extinção do Conselho em 1868 (Decreto-lei de 03/12/1868).

4. A varíola nos anos da cólera

Uma iniciativa do Conselho de Saúde Pública em 1840 permitiu perceber de forma geral as incursões de surtos variolosos na década anterior e aferir das políticas muito deficitárias de vacinação da época (*Annaes do Conselho* 1840: 22-23). No mês de abril, a instituição lançou uma circular com um inquérito direcionado aos facultativos de todos os distritos e aos membros da Instituição Vacínica, procurando averiguar do estado da vacinação no país e do problema da revacinação. O inquérito era constituído pelas seguintes questões centrais: 1) Quando apareceram os últimos surtos de varíola no

concelho? 2) Há quanto tempo não apareciam surtos de varíola no concelho? 3) Os surtos de varíola que apareceram eram epidêmicos ou esporádicos? 4) Que impacto tiveram os surtos nas faixas etárias e nos sexos? 5) Quantos indivíduos vacinados foram atacados pela varíola? 6) Qual o impacto da varíola nos indivíduos vacinados, considerando também as faixas etárias e os sexos? 7) Quanto tempo houve entre a vacinação e o momento em que contraíram a varíola?

Os resultados do inquérito foram apresentados em forma de relatório nos *Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino*, pelo vice-presidente Santos Cruz. No preâmbulo do texto, o vice-presidente justificou a iniciativa por três razões: pelo dever da instituição em zelar pela atividade vacínica no país, pela necessidade em obter mais dados para a redação, por parte do Conselho, de uma normativa reguladora sobre a prevenção da varíola em Portugal, para verificar os efeitos da revacinação no país, na sequência do debate internacional sobre esta questão. Santos Cruz estava a par das investigações mais recentes sobre o impacto da vacinação nas sociedades europeias e sabia que o tema da revacinação estava bem presente na comunidade científica francesa. Nessa altura, a Academia Real de Medicina francesa abriu um concurso para o melhor ensaio sobre a vacinação “dealing with its preventive qualities, duration of protection, and the question of revaccination” (LA BERGE 1986: 107).

O relatório era dividido em duas partes. Uma primeira parte consistia nas respostas que dezoito delegados distritais recolheram dos facultativos locais e uma segunda apresentava a informação recolhida pelos responsáveis da Instituição Vacínica no distrito de Lisboa (*Annaes do Conselho* 1840). No norte do país, registaram-se vários surtos esporádicos de varíola e alguns epidêmicos sem gravidade, especialmente na região de Bragança onde a vacinação era inexistente em metade dos concelhos. No centro, ocorreram várias epidemias variolosas na Guarda, Leiria e Viseu, sem grande expressão, sendo a prática da vacinação pouco efetiva ou recente nesta zona de Portugal. No sul, registaram-se somente duas epidemias de baixo impacto no distrito de Faro em 1833 e 1839, e alguns surtos esporádicos nas regiões do Alto e Baixo Alentejo. Nas Ilhas dos Açores e da Madeira foi possível aplicar os inquéritos nos distritos de Angra e do Funchal. Registaram-se algumas epidemias pouco relevantes nestes arquipélagos e constatou-se que na Ilha da Terceira se vacinaram com regularidade 900 a 1200 pessoas por ano. Em todo o país, quem estava vacinado não teve varíola, excetuando uma rapariga de 21 anos que sofreu bastante com a doença em Viseu. No que respeita ao distrito de Lisboa, a Instituição Vacínica apresentou um quadro estatístico detalhado, referente à vacinação em 1837, 1838 e 1839. Nesses três anos, a entidade vacinou 2.166

indivíduos e revacinou 144, no total de 2.310 inoculações. O secretário da instituição não constatou qualquer surto epidémico no mesmo período nem a presença da doença em quem foi imunizado. Sobre a questão da eficácia da revacinação, não foram obtidos dados conclusivos em distrito algum.

No entanto, a informação contida neste documento de âmbito nacional não abrangeu todo o território do país (SILVEIRA 1997). Faltaram inquirir dois distritos, os de Horta e Ponta Delgada, e na maior parte das províncias administrativas os delegados não conseguiram sufragar todos os concelhos (*Annaes do Conselho* 1840). Em Castelo Branco, só responderam facultativos de 6 dos 14 concelhos, na Guarda foram consultados 22 dos 30 concelhos, em Coimbra faltaram os dados de 7 concelhos e em Aveiro faltou saber o que se passava noutros 15. Apenas foi possível ter uma noção quantitativa da inoculação em 2 distritos, Lisboa e Angra do Heroísmo, mas sem qualquer categorização etária rigorosa. Em todo o dossier apresentado nos *Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino* sobressai uma omissão curiosa: nas poucas estatísticas apresentadas não se distinguiram adultos de crianças, algo que já era corrente fazer-se nas ações de imunização na França e na Prússia (LA BERGE 1986: 103; HENNOCK 1998: 49).

No Portugal da década de 1830, os surtos de varíola não foram significativos num período em que a cólera fez as suas primeiras incursões mortíferas na Europa. A epidemia de 1832 vitimou 102.739 pessoas na França e 23.000 na Grã-Bretanha (JORLAND 2010: 267). Em Espanha, um surto violento fez à volta de 300.000 mortes nos anos de 1833 e 1834 (FERNÁNDEZ SANZ 1995: 440). No território português, a cólera entrou em 1833, provocando uma grande devastação com perdas de, aproximadamente, 40 mil vidas humanas (ABREU 2023: 152). Perante o espectro do chamado monstro asiático e da sua incursão brutal em Portugal, a varíola, em manifestações esporádicas ou de baixa intensidade, configurava-se como um mal menor.

5. A Instituição Vacínica sob a direção de Luis Maria das Neves e Melo

Como foi referido anteriormente, o Conselho de Saúde Pública português passou a gerir a Instituição Vacínica em 1844. A 9 de junho de 1846, o vogal cirurgião do Conselho, Luís Maria das Neves e Melo, tomou posse como diretor da entidade (Arquivo Nacional Torre do Tombo [doravante ANTT], Min.Reino, Mç. 2441: Processo 161). Passaria a chefiar a Instituição Vacínica num momento muito delicado para o país, no rescaldo da revolta

popular da *Maria da Fonte*, que colocou em estado de alerta a região norte do país no primeiro semestre do ano (SERRÃO e MARQUES 2002: 607-609). O descontentamento de grande parte da população do distrito do Minho deveu-se à implementação de uma série de leis políticas e sanitárias que proibiam os enterros nas igrejas e, sobretudo, impunham mais impostos ao povo (CAPELA 1997). Para acabar com os tumultos, o governo português teve de fazer concessões, retirando as medidas então pensadas para a saúde pública (FERREIRA 2015: 777-780). Foi neste contexto complexo, de alguma hostilidade às políticas sanitárias do estado, que Neves e Melo – com certa relutância – assumiu o cargo de diretor da Instituição Vacínica (ANTT, Min.Reino, Mç.2441: Processo 161). O acumular de mais um cargo não lhe traria grandes vantagens pecuniárias. O vogal cirurgião, como a generalidade dos funcionários públicos da altura, tinha um vencimento insuficiente, o seu ordenado sofria deduções e era alvo de impostos vários (SERRÃO e MARQUES 2004: 195).

Na década de 1840, sucederam-se vários surtos de varíola em todo o país e a questão da vacinação mandatória nas crianças começou a ser debatida no país (CASCÃO 1993: 437). Ciente do problema, Neves e Melo redigiu, em finais de 1847, um projeto-lei que visava criar um regulamento para a vacinação em Portugal (ANTT, Min.Reino, Mç.2441: Projecto-lei de 31/12/1847). No preâmbulo ao projeto, o vogal cirurgião falava da necessidade de dar um novo impulso à Instituição Vacínica e à divulgação dos processos de inoculação em todo o país, evocando o tempo da criação da mesma instituição em 1812 e da mobilização que a entidade conseguiu gerar ainda nessa época, quando chegou a imunizar 20 mil pessoas em 1817 (CASCÃO 1993: 437-438). Nesse texto introdutório, Neves e Melo sublinhava o problema do número de vacinados ter andado sempre muito distante do número de recém-nascidos em Portugal, considerando os preconceitos e a dificuldade de acesso aos locais de inoculação como fatores que contribuíam para a resistência da população em vacinar-se. Para o vogal cirurgião, esses preconceitos eram de várias ordens. No seu entender, a falta de instrução, bem evidente fora das capitais de distrito e das cidades mais populosas, contribuía para a pouca aderência ao serviço vacínico (ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850). Por outro lado, Neves e Melo lamentava que muitos chefes de família não estivessem convencidos dos benefícios inerentes à prevenção da varíola, suspeitando que essas dúvidas tinham sido criadas e alimentadas por médicos portugueses, antagonistas dos métodos de vacinação de Jenner, que contestaram o seu valor científico quando as ações de imunização começaram a ser promovidas em Portugal (ANTT, Min.Reino, Mç.2441: Relatório

de Vacinação de 15/12/1847). É provável que Neves e Melo estivesse a referir-se, entre outros, a Araújo Carneiro, um médico que publicou um opúsculo em 1808 contra os trabalhos de Jenner, tentando desacreditar o impacto da vacinação na Grã-Bretanha¹ (*Grande enciclopédia* 3: 97-98).

As resistências à vacinação pelos segmentos menos instruídos da sociedade eram transversais a nível europeu, manifestavam-se de igual modo nos países mais ou menos desenvolvidos, mais ou menos industrializados, ao longo do século XIX. Considerando as observações do vogal cirurgião Luís Maria das Neves e Melo sobre o processo de prevenção da varíola na cidade de Lisboa, é plausível especular sobre um fator secundário para a negligenciação da vacina, capaz de influir nos comportamentos da população: o problema da mobilidade. A dificuldade em aceder aos postos de inoculação – por falta de meios ou pelas complexidades da longa distância – poderia constituir um efeito dissuasor da imunização, um fator de reforço negativo das atitudes mentais de recusa do ato vacínico preventivo. Será que esta hipótese do problema da mobilidade, identificada por Neves e Melo em Portugal, também se colocaria nos outros países europeus? Numa leitura geral da bibliografia presente neste trabalho, esse fator não é visível.

O regulamento proposto pelo vogal cirurgião em 1847 assentava na ideia de uma rede de vacinação nacional gerida pela Instituição Vacínica como entidade anexa ao Conselho de Saúde Pública, nos moldes já instituídos, mas com uma orgânica mais ampla e precisa (ANTT, Min.Reino, Mç. 2441: Projecto-lei de 31/12/1847). Uma estrutura de serviços constituída por um certo número de vacinadores efetivos e extraordinários, a serem determinados pelo governo. A estrutura teria a sua sede em Lisboa com a implantação de três centros de vacinação em locais ideais para atender a população da capital. Neves e Melo defendia a necessidade de se criarem mais dois centros de imunização além do já existente junto ao edifício onde o Conselho trabalhava. A rede seria composta, também, por comissões vacínicas em cada capital de distrito com mais de dois facultativos a trabalhar na localidade. Nas outras cidades e concelhos, seriam nomeados vacinadores correspondentes – os cirurgiões dos municípios. Em concelhos sem facultativos, seria encarregado das tarefas de imunização um sangrador, um cirurgião leigo aprovado pelas autoridades sanitárias. A falta de cobertura médica continuava a ser um problema no país, uma deficiência estrutural dos serviços de saúde que já tinha sido identificada pelo estado português em 1813 e que continuava longe da resolução meio século depois (BRAGA 2001: 143-144).

¹ Araújo Carneiro foi logo a seguir refutado pelo médico Abrantes de Castro na Revista *O Investigador Português*, na edição de dezembro de 1811.

No projeto-lei redigido por Neves e Melo, havia uma hierarquização clara de funções e competências. O Diretor da Instituição Vacínica era o líder da rede proposta, exercia chefia direta sobre tudo o que respeitava a questões de vacinação no distrito de Lisboa e supervisionava o trabalho dos presidentes das comissões vacínicas distritais, cujo responsável máximo era o delegado de saúde do círculo administrativo. Neves e Melo aproveitou as dinâmicas de funcionamento do próprio Conselho de Saúde Pública para melhor sistematizar o trabalho da Instituição Vacínica em todo o país. Nas paróquias, os regedores locais ficaram encarregados de registrar todas as crianças batizadas, enviando depois esses registos para o Diretor da Instituição Vacínica no distrito de Lisboa e para os delegados de saúde nos outros distritos. Dessa forma, ficaram estabelecidas as condições para fiscalizar os chefes de família que eram obrigados “a fazer vacinar os seus filhos dentro dos primeiros seis meses de vida, ou quando para isso sejam competentemente avisados” (ANTT, Min. Reino, Mç. 2441: Projecto-lei de 31/12/1847, fl.6). Quem não cumprisse a lei teria de pagar uma multa de 120 a 360 reis². Neves e Melo introduziu assim a figura da vacinação obrigatória no regulamento, com a intenção de pressionar a população a cumprir os seus deveres no que respeitava à prevenção da varíola. No regulamento, o vogal cirurgião definia, também, como competências das autoridades do serviço vacínico, a recolha e tratamento estatístico do trabalho efetuado com as devidas observações no campo e a gestão das reservas de pus “para satisfazer qualquer requisição” (ANTT, Min.Reino, Mç. 2441: Projecto-lei de 31/12/1847, fl.10).

O projeto-lei apresentado por Neves e Melo era ambicioso, moderno e tinha em conta as principais preocupações da época no que respeita às políticas de vacinação europeia: a questão da introdução da figura jurídica da compulsão na sociedade, a urgência em contabilizar anualmente a natalidade para controlar os níveis de inoculação nas crianças e a necessidade de estruturar de forma legal e orgânica uma entidade de salvaguarda da saúde pública no campo da vacinação (BALDWIN 1999; LA BERGE 1986). O governo reconhecia o zelo e o engenho de Neves e Melo, mas o projeto-lei não era implementado (ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850). É possível aventar uma razão plausível para a recusa do estado em levar avante a legislação apresentada: o difícil contexto interno com um país a viver as consequências de tumultos populares violentos e de uma guerra civil de curta duração (SERRÃO e MARQUES 2002: 615-616). Neste tempo conturbado, promulgar uma lei que obrigasse, sob pena de multa, os chefes de família a

² A moeda portuguesa na altura.

mandar vacinar os seus filhos, poderia conduzir a uma nova *Maria da Fonte*, insurreição popular que, em parte, foi uma resposta a políticas sanitárias coercivas (CAPELA 1999). Será preciso esperar mais de 50 anos até se publicar uma legislação nos moldes propostos por Neves e Melo, através de uma reforma normativa dos serviços sanitários portugueses, desenvolvida entre 1899 a 1911, num processo legislativo moroso que só ficou concluído no início da Primeira República (GARNEL: 108-110).

O trabalho do vogal cirurgião como diretor da Instituição Vacínica estendeu-se do verão de 1846 ao verão de 1851. Nesta fase, ele coordenaria, diretamente, as ações de inoculação em Lisboa, obtendo os seguintes números:

Tabela 1. Crianças vacinadas no distrito de Lisboa entre 1846 e 1850³⁴.

Ano	Número de crianças vacinadas
junho de 1846 a dezembro de 1847	1143
1848	1226
1849	8578
1850	851
Total	11798

No plano nacional, Neves e Melo conseguiu dinamizar as estruturas de saúde pública do país no ano de 1849, ao ponto de atingir resultados em dez distritos⁵:

³ ANTT, Ministério do Reino, 1ª Direcção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860) – Relatório de Vacinação entre 17/06/1846 e 30/11/1847, Maço 2441; ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 23/05/1849 para o ano de 1848; ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850; ANTT, Min.Reino, Mç. 2450 (processo 50) e Mç 2451 (processo 212): Estatísticas relativas à vacinação em 1850.

⁴ O número de crianças vacinadas foi maior em 1849, devido às ações de imunização fora da capital. No entanto, não foi possível saber o número de vacinações em 10 concelhos do distrito de Lisboa.

⁵ Tabela apresentada sem contar com os valores registados no distrito de Lisboa, e referidos na tabela anterior.

Tabela 2. Crianças vacinadas por distrito em Portugal (1849)⁶.

Distrito	Crianças vacinadas
Aveiro	2550
Braga	290
Coimbra	347
Horta	399
Leiria	1525
Portalegre	1400
Santarém	2171
Viana do Castelo	493
Vila Real	123
Viseu	794
Total	10092

Enquanto geriu a Instituição Vacínica, Neves e Melo teve sempre de lidar com o problema da insuficiência de relatórios estatísticos relativos às ações de imunização por parte dos delegados de saúde encarregados de organizar as mesmas nos vários distritos do reino (ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850). Muitos destes funcionários sanitários não conseguiram, por várias razões, enviar os mapas estatísticos necessários a uma aferição rigorosa das iniciativas de prevenção da varíola. Entre estas razões estavam a falta de hábito em reportar informação estatística, a falta de tempo para fazer os mapas e, em alguns casos, a ausência de brio profissional. Nos seus ofícios ao governo, Neves e Melo salientava que todos os delegados tinham sido instruídos a fazer observações e estatísticas das ações de vacinação nos distritos que geriam, enaltecendo o labor daqueles que se esforçavam por cumprir ao máximo tais instruções. No entanto, o diretor da Instituição Vacínica também afirmava que as deficiências na produção estatística dos delegados se deviam a falhas na própria Lei da Saúde de 1837, então vigente (Decreto-lei de 03/01/1837). Nesta legislação os auxiliares dos responsáveis distritais, os administradores dos concelhos, eram funcionários leigos, subdelegados sem qualquer qualificação técnica e que tinham tendência a descuidar os seus deveres de apoio ao superior hierárquico no distrito. Os administradores dos concelhos falhavam muitas vezes na sua função de reportar aos delegados as relações de vacinados ao nível concelhio, os dados

⁶ ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850.

relativos às ações de imunização dos facultativos municipais nos concelhos (ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850). Em várias situações, eram os médicos dos partidos que não cumpriam os deveres estipulados, pelas mesmas razões apontadas aos delegados.

Em meados do século XIX, a prática da ciência estatística não estava, em Portugal, ainda bem disseminada pela classe médica, como acontecia na Grã-Bretanha, onde já existiam sociedades científicas dedicadas a este ramo da matemática⁷ (PORTER 1999: 68-70). Contudo, o estudo estatístico ia sendo divulgado na imprensa técnica da época, por pioneiros como Bernardino Gomes e os irmãos Bizarro, em artigos aplicados aos campos da epidemiologia e da alienação mental (SANTOS 2016: 90-93). Neves e Melo, não sendo um destes pioneiros, estaria na vanguarda como um dos primeiros ativistas da estatística como ferramenta fundamental para o desenvolvimento da medicina social no país.

A partir da investigação coordenada por Luís Espinha da Silveira, foi possível saber qual a população etária menor de sete anos de idade nos distritos de Lisboa e Santarém, no ano de 1849 (SILVEIRA 2001). Com os dados obtidos, e considerando o Relatório Vacínico de 1849, calculou-se a taxa de cobertura vacinal para os dois distritos mencionados, cujos resultados se apresentam na tabela 3:

Tabela 3. Taxa de cobertura vacinal para o ano de 1849⁸.

População menor de sete anos no distrito	Crianças vacinadas	Cobertura vacinal
Lisboa – 59.978	8578	14,30%
Santarém – 28.760	2171	7,55%

Tendo em conta estes números, efetuou-se um exercício comparativo com outras taxas de cobertura vacinal obtidas no mesmo ano em França. De acordo com o relatório apresentado pela *Academie Nationale de Medecine*, vacinaram-se 548.475 infantes das 858.428 crianças recém-nascidas em 1849 (ACADEMIE NATIONALE 1851: 78). Significa isto que as ações de imunização alcançaram uma taxa de cobertura vacinal de 64%, verificando-se o fosso enorme entre um país com infraestruturas sanitárias desenvolvidas e uma nação ainda numa fase de edificação dos serviços de saúde pública e de sistematização dos mesmos. No plano das intenções, para os responsáveis do

⁷ A *Statistical Society of London* e a *Epidemiological Society of London*.

⁸ SILVEIRA 2001; Relatório Vacínico 1849.

Conselho de Saúde Pública, a prioridade em 1849 seria de tornar a vacinação regular cada vez mais abrangente, através de uma rede de facultativos-vacinadores praticantes da ciência estatística (ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850). Para a direção da *Academie Nationale de Medecine*, o êxito das medidas de inoculação residia em obter valores de imunização superiores a 50% em cada *département* do território francês (ACADEMIE NATIONALE 1851: 9-10). Os membros da direção consideravam índices de vacinação na casa dos 38% como censuráveis e, nessas situações, entendiam os médicos responsáveis por tais resultados como negligentes.

Embora os números obtidos em Portugal estivessem bastante aquém do que se praticava nos países europeus com infraestruturas sanitárias mais sólidas, registou-se uma evolução no número médio de vacinados no distrito de Lisboa sob a gestão de Luis Maria Neves e Melo, sinal de uma discreta melhoria das práticas vacínicas ao nível local:

Tabela 4. Vacinação no distrito de Lisboa⁹.

Período de vacinação	Número de vacinados	Vacinação média por ano
1837-1839	2166	722
1847-1850	11338	2834

No verão de 1851, o vogal cirurgião tirou uma licença no intuito de tratar da sua debilitada saúde (ANTT, Min.Reino, L.1614). No espaço de meses, o membro do Conselho de Saúde Pública faleceu e foi mais tarde substituído no cargo pelo também vogal da autoridade sanitária, Mateus Moacho (Diário do Governo nº43 de 19/02/1852; Diário de Lisboa nº14 de 17/01/1861). Neves e Melo, embora tenha prestado um contributo meritório às causas da saúde pública em Portugal, foi, com alguma estranheza, ignorado pelos principais dicionários e enciclopédias de finais do século XIX e da primeira metade do século XX¹⁰. Além de vogal do Conselho de Saúde Pública e diretor da Instituição Vacínica, Neves e Melo possuía uma dupla qualificação. Diplomou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra, tendo lecionado nessa instituição como professor substituto extraordinário de várias cadeiras, o que

⁹ ANTT, Ministério do Reino, 1ª Direcção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860) – Relatório de Vacinação entre 17/06/1846 e 30/11/1847, Maço 2441; ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 23/05/1849 para o ano de 1848; ANTT, Min.Reino, Mç.2446: Relatório de Vacinação de 05/11/1850; ANTT, Min.Reino, Mç. 2450 (processo 50) e Mç 2451 (processo 212): Estatísticas relativas à vacinação em 1850; Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino (1838-1842).

¹⁰ *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* 1936-1957; PEREIRA e RODRIGUES 1904-1912; SILVA 1858-1972.

torna ainda mais intrigante a sua ausência em coletâneas gerais portuguesas de referência¹¹ (*História da Ciência na UC – Biografia de L. M. das Neves e Melo*).

Conclusão

Entre 1834 e 1851, as dinâmicas de prevenção da varíola em Portugal ficavam muito aquém das praticadas em países europeus com infraestruturas sanitárias mais desenvolvidas. No entanto, em duas décadas registou-se uma evolução a dois níveis, em matéria de políticas de vacinação e no plano das ações de prevenção da doença. Nos finais da década de 1830, o governo português era quase um espectador que se limita a fazer um balanço do estado de abandono em que se encontra a prevenção da varíola no país, através da nova autoridade sanitária instituída, o Conselho de Saúde Pública do Reino. Dez anos depois, o mesmo Conselho assumia já a gestão da Instituição Vacínica em Lisboa, desenvolvia esforços de coordenação da prevenção da varíola em todo o país e propunha um projeto-lei moderno para a regulamentação desta mesma prevenção. Ou seja, em matéria de políticas de vacinação, verificou-se uma evolução positiva da atuação do estado português entre 1840 e 1850. No plano das ações concretas de prevenção da varíola, assistiu-se a uma melhoria muito ténue, apenas visível no distrito de Lisboa. Nos finais da década de 1830, as taxas de cobertura vacinal no país eram quase irrisórias e a situação pouco se altera no espaço de dez anos.

Em 1850, o estado português dispunha de uma instituição reguladora da saúde no país que estava atualizada em termos científicos, com capacidade de planear medidas efetivas de reforço da prevenção da varíola, mas sem condições políticas nem infraestruturas específicas para as implementar. O Conselho de Saúde Pública português atuava, assim, no contexto de indefinição técnica, característico das nações mais avançadas da Europa em matéria de vacinação. Projetavam-se leis que permitiriam uma generalização da prática vacínica e da anulação de surtos variolosos, mas estes projetos ficavam depois estagnados num mar de hesitações governamentais. Legislação bem estruturada era votada ao fracasso por falta de interesse das mais altas instâncias do estado, ou por ausência de uma vontade política unânime com autoridade para a promulgar. Tal acontecia na Grã-Bretanha, na Prússia e em países com

¹¹ Foi docente de seis cadeiras durante os anos em que liderou a Instituição Vacínica, na categoria de Doutor Adido: Química Inorgânica, Agricultura, Economia Rural, Veterinária e Tecnologia, Mineralogia, Geologia e Arte das Minas.

menos infraestruturas e recursos humanos como Portugal.

Em trabalhos recentes, assistiu-se a uma emergência de determinadas temáticas no âmbito de uma História da Vacinação Contemporânea como a relação dos estados soberanos com a produção industrial das vacinas, a globalização da imunização, o papel da sociedade e do indivíduo nos processos vacínicos (HOLMBERG et al. 2017: 8-11). O tópico da ação individual, da influência que certas personalidades exercem na implantação da vacina, é um tema que se afigura pertinente para aprofundar o estudo da vacinação oitocentista em Portugal. O papel de Neves e Melo revelou-se importante na implementação das dinâmicas de prevenção da varíola na década de 1840. Pesquisas futuras que incidam sobre as figuras de relevo ligadas à Instituição Vacínica, como Bernardino Gomes, Alexandre Campos e Luís César Bourquin, podem vir a ser proveitosas no campo da produção historiográfica (PINTO et al. 2018: 36-37).

Fontes e Bibliografia

Fontes impressas e manuscritas

Academie Nationale de Médecine (1851). *Rapport sur les vaccinations pratiquées en France pendant l'année 1849*. Paris: Imprimerie Nationale.

Annaes do Conselho de Saúde Pública do Reino (1838-1842). Lisboa: Conselho de Saúde Pública do Reino, Edição Completa, Tipografia Lisbonense.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Processo 161, Maço 2441.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Relatório de Vacinação entre 17/06/1846 e 30/11/1847, Maço 2441.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Relatório de Vacinação de 15/12/1847, Maço 2441.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Projecto-lei de 31/12/1847, Maço 2441.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Relatório de Vacinação de 23/05/1849 para o ano de 1848, Maço 2446.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Relatório de Vacinação de 05/11/1850, Maço 2446.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, 1ª Direção, 2ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860), Estatísticas relativas à vacinação em 1850, Maço 2450 (processo 50) e Maço 2451 (processo 212).

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, Secretaria-Geral, 2ª Repartição, Registo Geral, Correspondência expedida para várias entidades, Saúde pública (1837-1877), Livro 1614.

Legislação

Decreto 01/12/1842 – Decreto reduzindo a despesa da Instituição Vacínica. <https://legislacaoregia.parlamento.pt/> (consultado no ano de 2021).

Decreto-Lei de 03/01/1837, Diário do Governo nº 9, de 11/01/1837 – Regulamento do Conselho de Saúde Pública do Reino.

Decreto-Lei de 03/12/1868, Reorganização do Serviço de Saúde Pública do Reino, <https://legislacaoregia.parlamento.pt/> (consultado no ano de 2021).

Diário de Lisboa nº14 de 17/01/1861. <https://digigov.cepese.pt/pt/homepage>, (consultado durante o ano de 2024).

Diário do Governo nº 43 de 19/02/1852. <https://digigov.cepese.pt/pt/homepage>, (consultado durante o ano de 2024).

Portaria de 24/02/1835 – Sobre a Instituição Vacínica. <https://legislacaoregia.parlamento.pt/> (consultado no ano de 2021).

Bibliografia

ABREU, Laurinda (2023). “Cólera em Portugal na segunda metade do século XIX: os lazaretos terrestres”. *Revista Portuguesa de História*, 54, 145-174.

ACKERKNECHT, Erwin H. (2016). *A short history of medicine*. Baltimore: John Hopkins University Press.

BALDWIN, Peter (1999). *Contagion and the State in Europe, 1830-1930*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRAGA, Isabel Drumond (2001). *Assistência, saúde pública e práticas médicas em Portugal. Séculos XV-XIX*. Lisboa: Universitária Editora.

CAPELA, José Viriato (1999). *A Revolução do Minho de 1846*. Porto: Edições Afrontamento.

- CASCÃO, Rui (1993). “Demografia e Sociedade”, in J. Mattoso (ed.), *História de Portugal*, vol. V. Lisboa: Circulo de Leitores, 425-439.
- CRESPO, Jorge (1990). *A História do Corpo*. Lisboa: Difel.
- FENNER, Frank; HENDERSON, Donald Ainslie; ARITA, Isao; JEZEK, Zdenek; LADNYI, Ivan D. (1988). *Smallpox and its Eradication*. Geneva: World Health Organization.
- FERNÁNDEZ SANZ, Juan José (1995). “Las epidemias de cólera del siglo XIX vistas por Pérez Galdós”, in *Actas del V Congreso de Estudios Galdosianos*, vol. 2, 437-451.
- FERREIRA, Francisco António Gonçalves (2015). *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GARNEL, Maria Rita Lino (2013). “Da Escola Régia de Cirurgia à Faculdade de Medicina de Lisboa”, in *A Universidade de Lisboa, Séculos XIX-XX*, vol. II. Lisboa: Tinta da China, 539-650.
- GARNEL, Maria Rita Lino (2016). “Prevenir, cuidar e tratar: O Ministério e a saúde dos povos (1834-1957)”, in P. T. de Almeida e P. S. e Sousa (org.), *Do Reino à Administração Interna*. Lisboa: INCM.
- GEARY, Lawrence (2021). “Vaccination in Ireland: The evolution of a process”. *History Ireland*, 29, 6, 28-31.
- Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (1936-1957). 40 volumes. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Limitada.
- HARDY, Anne (1983). “Smallpox in London: Factors in the decline of the disease in the Nineteenth Century”. *Medical History*, 27, 111-138.
- HARDY, Anne (2008). [Review of *The Politics of Vaccination: Practice and Policy in England, Wales, Ireland, and Scotland*, by Deborah Brunton]. Reviews in History. <https://reviews.history.ac.uk/> (consultado no ano de 2024).
- HENNOCK, E.P. (1998). “Vaccination Policy against SmallPox 1835-1914: A Comparison of England with Prussia and Imperial Germany”. *Social History of Medicine*, 11, 1, 49-71.
- História da Ciência na UC – Biografia de Luís Maria das Neves e Melo*. https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/MELO_luis-mariadasnevese (consultado no ano de 2024).
- HOLMBERG, Christine; BLUME, Stuart; GREENOUGH, Paul (2017). “Introduction”, in C. Holmberg; S. Blume; e P. Greenough (org), *The politics of vaccination: A global history*. Manchester: Manchester University Press, 1-16.
- JORLAND, Gérard (2010). *Une société a soigner – Hygiène et salubrité publiques en France au XIX siècle*. France: Éditions Gallimard.

- LA BERGE, Anne (1986). *Mission and Method: The Early Nineteenth-Century French public health movement*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MACDONALD, Fiona A. (1997). "Vaccination Policy of the Faculty of Physicians and Surgeons of Glasgow, 1801 to 1863". *Medical History*, 41, 291-321.
- MARÍN, Ricardo Campos (2004). "El difícil proceso de creación del Instituto de Vacunación del estado (1871-1877)". *Asclepio*, LVI, 1, 79-110.
- NELSON, Marie Clark; ROGERS, John (1992). "The right to Die? Anti-vaccination Activity and the 1874 Smallpox Epidemic in Stockholm". *Social History of Medicine*, 5, 3, December, 369-388.
- PEREIRA, J. M. Esteves; RODRIGUES, Guilherme (1904-1912). *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico*. Lisboa: João Romano Torres.
- PINTO, Sandrine Martins; PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (2018). "Le vaccin de Jenner au Portugal (XVIIIème – XIXe siècles)". *Revue d'Histoire de la Pharmacie*, 105e année, 397, 31-44.
- PINTO, Yolanda; JOSÉ, João; FRAZÃO, Alberto; COSTA, Noémia; MIGUEL, Eduardo (1981). "O combate à varíola em Portugal". *História*, 32, junho, 72-79.
- PITA, João Rui (2021). "Ciência e experiência na formação de médicos, cirurgiões, e boticários no século XIX", in A. Simões e M.P. Diogo (org), *Ciência, Tecnologia, e Medicina na construção de Portugal*, vol. 3. Lisboa: Tinta da China, 363-384.
- PITKANEN, K.J.; MIELKE, J.H.; JORDE, L.B. (1989). "Smallpox and its eradication in Finland: Implications for disease control". *Population Studies: A Journal of Demography*, 43, 1, 95-11.
- PORTER, Dorothy (1999). *Health, civilization, and the state*. London: Routledge.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (1993). "A Regeneração e o seu significado", in J. Mattoso (org), *História de Portugal*, vol. V. Lisboa: Circulo de Leitores, 121-129.
- ROSEN, George (2015). *A History of Public Health*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- SANTOS, José Nuno Casanova Borja (2016). *A importância da Estatística na Emergência da Psiquiatria Portuguesa do Século XIX*. Tese de Doutoramento em História, Filosofia e Património das Ciências. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- SCHAMA, Simon (2024). *Corpos Estranhos, Pandemias Vacinas, e a Saúde das Nações*. Lisboa: Temas e Debates.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (2002). *Nova História de Por-*

- tugal: Portugal e a instauração do liberalismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. de Oliveira (2004). *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração*. Lisboa: Editorial Presença.
- SILVA, Inocêncio da (1858-1972). *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio da Silva, applicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVEIRA, Luis Nuno Espinha de (1997). *Território e Poder – Nas origens do estado contemporâneo*. Carnaxide: Patrimonia.
- SILVEIRA, Luis Nuno Espinha da (2001). *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849: edição crítica*. ISBN 972-673-491-6. Lisboa: INE.
- SNOWDEN, Frank M. (2020). *Epidemias e Sociedade – Da Peste Negra ao Presente*. Lisboa: Edições 70.
- SUBTIL, Carlos Lousada; VIEIRA, Margarida (2011). “Os primórdios da organização do Programa Nacional de Vacinação em Portugal”. *Referência - Revista de Enfermagem*, III, 4, 167-174.
- UKONAHÖ, Susanna; LUMMAA, Virpi; BRIGA, Michael (2022). “The Long-term success of Mandatory Vaccinations Laws After Implementing the First Vaccination Campaign in 19th Century Rural Finland”. *American Journal of Epidemiology*, 191, 7, 1180-1189.
- WOLFE, Robert M. (2002). “Anti-vaccinists past and present”. *The British Medical Journal*, 325, 7361, 430-432.

As associações de defesa do património nas políticas de salvaguarda do património cultural em Portugal entre 1974 e 1985

Heritage Defense Associations towards a model of Cultural Heritage Policy in Portugal between 1974 and 1985

SOFIA COSTA MACEDO

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, CIES-Iscte

sofia_costa_macedo@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3738-105X>

Texto recebido em / Text submitted on: 24/10/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 03/04/2025



Resumo. Analisa-se a ação das Associações de Defesa do Património (ADP) no período de afirmação do regime democrático em Portugal, entre 1974 e 1985, e a relação estabelecida com as entidades governativas, na prossecução de uma política para o património cultural. A partir da história do movimento associativo, demonstra-se uma atuação de continuidade, com a procura constante de integração nos órgãos e instrumentos de governação. Após 1974, o capital crítico associativo foi reconhecido pelos sucessivos governos, e este argumento foi utilizado pelas ADP para fundamentar a sua participação na definição de modelos e estratégias, assente na sua relação com as comunidades. Argumenta-se que a relação entre entidades governativas e ADP nem sempre foi consensual e concertada, marcada por práticas de centralização estatal. Neste processo, os contributos associativos foram apropriados pela administração do património em Portugal após 1974, mas o mesmo não favoreceu o movimento associativo, que se desvaneceu.

Palavras-chave. Património, Associações, Democracia Associativa, Políticas Públicas, Instituições governativas.

Abstract. Heritage Defense Associations (ADP) actions are analyzed during the affirmation of the democratic regime in Portugal, between 1974 and 1985, as well as the relationship between them and governmental entities, in the pursuit of a policy for cultural heritage in Portugal. An historical continuity of action is demonstrated in the search for an integration into the organs and instruments of governance. After 1974, the critical capital existing in the associations was recognized by the governments, and this argument was used by ADP to support their participation in the definition of models and strategies for heritage, based on their relationship with communities. It is argued that the relationship between government entities and ADP was not always consensual and concerted and marked by practices of state centralization. In this process the associative contributions were appropriated by the heritage administration in Portugal, but this did not favor the associative movement, which faded away.

Keywords. Cultural Heritage, Associations, Associative Democracy, Public Policies, Governmental institutions.

Introdução

A relevância do património cultural é consensualmente reconhecida e este constitui objeto das mais significativas ações, financeiras, legislativas, políticas, no sector da cultura (SILVA 2024).

A importância que o património havia ganho na sociedade após a II Guerra Mundial (BULLOCK; VERPOEST 2021) resultou numa assunção generalizada por parte dos Estados, com diferentes contornos à escala mundial, das tarefas de proteção e salvaguarda dos bens patrimoniais a partir das quais se desenvolveram os modelos de administração do património (DUPIN-MEYNARD; NÉGRIER 2020).

A par da definição destes modelos e formas de ação estatal, o património cultural foi também o motivo para uma mobilização social, para a qual contribuíram as associações do património (GLEVAREC 2006), mais marcada a partir do final da década de 1960. As Associações de Defesa do Património (ADP) advogaram o seu papel na definição das estratégias de proteção e salvaguarda do património uma vez que contribuíam para o desenvolvimento da consciência e integração cívica e política dos cidadãos utilizando um modelo assente de cooperação, partilha e confiança (PUTNAM 1993) e que lhes conferia uma capacidade de ação alargada (COHEN; ROGERS 1995). Entre as estratégias que as ADP utilizaram destaca-se a procura do estabelecimento de relações com as administrações públicas e a promoção de debates e consciencialização públicos alargados.

Em Portugal, uma relação entre a governação e a ação associativa foi ensaiada no contexto do património cultural no período após a revolução de 25 de abril de 1974 e de forma mais marcada no momento que decorreu entre 1976 e 1985, em etapas e com intervenientes diferentes. A presente análise termina em 1985, ano em que é publicada a Lei n.º 13/85, de 6 de julho, a Lei do Património Cultural que no seu articulado conferia às entidades associativas de defesa do património um papel de relevo na implementação do modelo patrimonial. Esta posição é resultado de um amadurecimento da atuação associativa ao longo do final da década de 1970 e 1980 e de um desenvolvimento das políticas públicas patrimoniais em Portugal.

As associações mobilizaram um conjunto de argumentos para justificar as suas pretensões: uma ação concertada e uma unidade interna do movimento que era reforçada através do crescimento do número de associações, com 656 entidades constituídas no espaço de uma geração (1974-1997), especialmente na década de 1980 (MACEDO 2018), e a representação que faziam dos interesses e identidades das comunidades.

Procura-se neste artigo caracterizar a forma como contribuíram as ADP para o modelo de administração do património nesse novo momento, como se define a relação entre estas e as entidades governativas no período da consolidação da democracia alcançada em 1974 e ainda a relação entre estas e as entidades governativas no período que decorre entre o ano da revolução, 1974, e 1985, ano da Lei do Património.

a. Método

O estudo da relação entre a administração pública do património e as ADP no período da consolidação da democracia após 1974 recorreu a um conjunto de fontes que permitem cruzar a ação das associações com as entidades governativas: documentação relativa a campanhas de políticas públicas, documentação da participação associativa nos órgãos da administração central, legislação publicada e documentação produzida no seio das próprias associações.

Está ainda disponível nos arquivos do extinto Instituto Português do Património Cultural (IPPC) documentação produzida pelas entidades governativas que relata a atividade que as ADP tiveram nas estruturas consultivas dos institutos do património. Denota-se uma certa polarização dos discursos, em que se reconhecem posições que poderão corresponder a uma situação de “lados opostos”, mas a investigação é sobretudo pautada por ausências de informação.

A análise documental foi complementada com os testemunhos dos intervenientes associativos no período que se analisa procurando uma explicação sobre a representatividade associativa na administração do património cultural no Portugal democrático.

A partir da história do movimento associativo em Portugal procura encontrar-se os principais eixos para a análise desta relação, marcada por posições nem sempre convergentes em relação aos benefícios que as associações podiam trazer para as práticas de defesa e salvaguarda do património cultural. A relação entre associações e a tutela governamental não foi clara, relativamente ao papel que as primeiras poderiam desempenhar. O que nos leva a questionar se quis o Estado português incorporar as entidades da sociedade civil neste processo, ou por outro lado, se a existência deste tipo de entidades causou perturbações no modelo que se queria implementar.

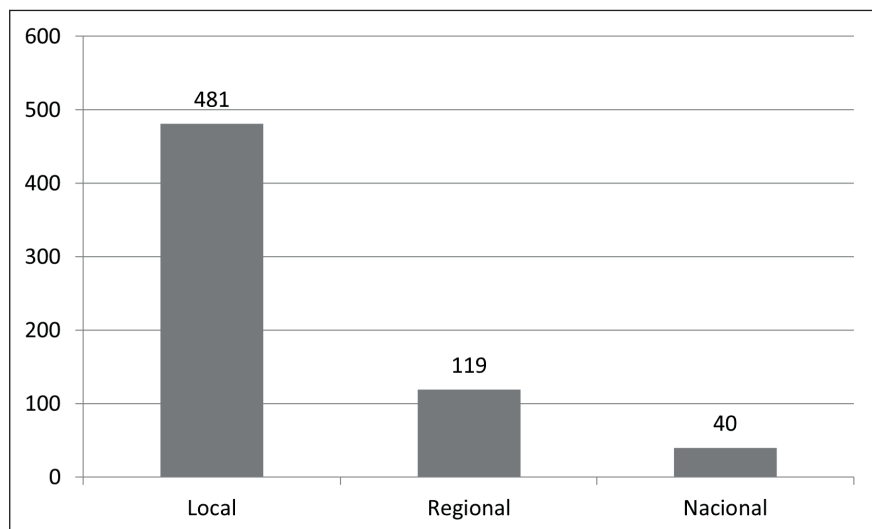
b. Revisão da literatura

Predominam na literatura os discursos e narrativas produzidos no interior do próprio movimento e que aconteciam em pleno momento do fervor associativo (CUSTÓDIO 1981) ou produzidos por autores cuja ligação favorável ao movimento associativo é clara e pública (CANINAS; CUSTÓDIO 2018; RAPOSO 2015). Este discurso interno é unânime quanto à relevância da existência e ação das ADP e à sua eficácia na definição das políticas patrimoniais em Portugal, após a revolução de 1974; este discurso é bastante homogêneo e contribuiu para validar as pretensões associativas na esfera da governação pública do património.

Alguns ensaios explicativos para o dinamismo associativo patrimonial foram propostos numa perspetiva da caracterização histórica do movimento (CANINAS 2010; MACEDO 2018), de caracterização da dimensão sociológica do mesmo (REIS 2016), na sua relação com a participação e democracia (MACEDO 2019a; VIEGAS 2004; 2014) ou ainda inseridos no grupo mais alargado do movimento associativo popular (LEITÃO et al. 2009; NEVES et al. 2023). O caso francês merece algum destaque com a produção, desde o final da década de 1990, de trabalhos sobre o movimento associativo do património que focam a sua evolução histórica (LAURENT 2003; POIRIER; VADELORGE 2003), a relação que o movimento estabeleceu na administração do património (GLEVAREC 2006; SAEZ 2005) ou ainda com a produção e divulgação de dados sistemáticos (GLEVAREC; SAEZ 2002).

A caracterização da relação entre as ADP e os órgãos da administração central do património tem ainda em conta o âmbito de ação daquelas. O facto destas associações desenvolverem uma ação essencialmente ao nível local (gráfico 1) faz questionar sobre as ambições associativas em integrar as estruturas nacionais e contribuir para a definição das políticas públicas ao nível nacional. Sobretudo se tivermos em consideração a prevalência da ligação do movimento associativo com as políticas locais (NORAS 2011; SILVA; BABO; GUERRA 2015) ou ainda as suas especificidades setoriais como por exemplo a arqueologia (OOSTERBECK 1997).

Gráfico 1. Âmbito geográfico das ADP constituídas entre 1974-1997, com preocupações na defesa do património.



N= 640

c. Dimensões de análise

Na identificação da ação das ADP no contexto da administração do património no período que sucedeu a revolução de 1974, salienta-se uma atuação orientada para a construção e consolidação de redes, para a definição de normas de ação (com a criação de instrumentos) e para o estabelecimento de relações de confiança com as entidades governativas.

O legado das estruturas da sociedade civil existentes em períodos precedentes foi apropriado pelas ADP que se criaram após 1974. Trabalhos realizados sobre os grupos da sociedade civil de períodos anteriores a 1974 (MACEDO 2018) demonstram a continuidade de alguns eixos de ação com destaque para a procura de uma relação mais consistente com o poder.

A relação de proximidade com as comunidades e com os territórios foram argumentos utilizados pelas ADP para argumentar as suas pretensões à participação na governação do património.

O capital social gerado pelas associações (PUTNAM 1993) foi estruturante no período que analisamos e permite-nos compreender a integração das ADP na formulação das políticas públicas do património. O lema da Federação de Associações de Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cul-

tural e Natural (FADEPA), “Nada de elites cultas, mas um povo cultivado”, demonstra bem o seu posicionamento e a centralidade destas no paradigma da democracia cultural (NEVES et al. 2023) com as associações a usar a sua ligação com as comunidades para reclamar a participação. A representatividade social era mobilizada pelas associações e assim apontavam as questões do património enquanto dimensão para a intervenção social num processo que foi mais tarde realizado na esfera ambiental (CARVALHO 2003).

O modelo de ação associativo que assentava em larga medida na liberdade de movimentos e no estabelecimento de relações interassociativas representa outro elemento que é definidor para a relação das ADP com a construção do “edifício” patrimonial após 1974. Procura-se também identificar e caracterizar os possíveis efeitos da intervenção na esfera pública das associações tais como propostos por Warren (2001) desde a sua contribuição para os debates na dimensão pública, nas deliberações e na implementação de políticas públicas.

No período em análise o Estado Português procurou a criação de estruturas administrativas complexas que aumentaram a máquina administrativa do Estado (central e regional) (RAPOSO 2014) na área da cultura. Estas estruturas, em concreto o IPPC, operavam numa visão integrada e holística do património cultural e assentavam numa atuação também ela integral, com algumas dificuldades de operacionalização, o que resultou na pouca funcionalidade do instituto (ALARCÃO 2014). A relação das entidades associativas com as entidades governamentais impactou nessa centralização e esse impacto veio a condicionar os instrumentos e estratégias para a integração das associações. Por um lado, o Governo reconhecia a existência de capital crítico e técnico relevante o suficiente para a integração das ADP em esferas decisórias. Por outro lado, a dimensão essencialmente local da ação associativa e o seu papel enquanto interlocutores privilegiados com as comunidades e populações locais poderia causar distúrbios na aglutinação administrativa do património cultural que a tutela queria implementar. Desta forma havia que repensar a inclusão das estruturas associativas. O modelo de centralização que as ADP desde 1978 vinham defendendo nunca contemplou a sua ausência do mesmo, bem pelo contrário, viam-se como agentes determinantes, sustentado pelo capital crítico existente nos meios associativos e num referencial teórico do património, mais em linha com as correntes europeias e que marcava uma nova forma de atuar no património.

1. As associações nas estruturas de administração do património antes de 1974

No século XIX, a integração das entidades associativas no sistema governamental português de proteção ao património foi diversa. No caso da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses (RAACAP), criada em 1863, a ligação com as entidades governativas foi indiscutível e a sua ação, especificamente do seu primeiro presidente Possidónio da Silva, associou-se muitas vezes à representação pública. Em algumas ocasiões confundiam-se os limites entre as posições oficial nacional e associativa. Por exemplo, em 1882, Possidónio da Silva tornou-se presidente da Comissão dos Monumentos Nacionais; em 1889 participou na Conferência Oficial Internacional para a Protecção de Obras de Arte e Monumentos, no âmbito da Exposição Internacional de Paris, como presidente da Comissão dos Monumentos Nacionais de Portugal e ainda como representante da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Na Iª República as associações assumiram um papel relevante nas políticas patrimoniais com a integração formal de algumas destas organizações no sistema patrimonial (Conselhos de Arte e Arqueologia e Circunscrições Artísticas) através de vogais correspondentes, no princípio individuais (normalmente o presidente) e a partir de 1917 coletivos. As associações foram utilizadas pelo Estado Republicano na prossecução da política nacional e de quem esperavam colaboração e articulação (CUSTÓDIO 2011). Para as associações esta integração ampliava a sua atuação e a rede de contactos no território e permitia que tivessem um papel importante na ligação entre a administração central e a local.

Durante o período de vigência do Estado Novo foi apenas a este nível local que se manteve uma representação associativa na governação do património a partir das Comissões Municipais de Arte e Arqueologia (CMAA). Apesar das atribuições muito limitadas destas Comissões com funções de apoio apenas em algumas ações, como o inventário do património nacional (Decreto 20:985 de 07-03-1932), a rede associativa localmente constituída, foi mobilizada no sentido de uma aceitação plena das novas linhas governativas.

Apesar da restrição à livre constituição de associações durante o Estado Novo, o modelo associativo era reconhecido como demonstra a criação de grupos de amigos. Enquadrados pelas CMAA estes grupos eram uteis para a mobilização das populações locais, para o financiamento para as intervenções de conservação e restauro ou para suprimir as necessidades de pessoal mais

técnico e informado sobre o património nas zonas fora dos centros urbanos. Com o Código Administrativo de 1940 (Decreto-Lei n.º 31:095, de 31-12-1940) a relevância destas entidades foi-se esbatendo com uma participação menor nas CMAA: dos três vogais indicados no Decreto 20:985, de 1932, passou-se apenas a um representante nos CMAA, em 1940. À medida que o Estado Novo consolidava a sua ação a representação da sociedade civil foi secundarizada. A existência e permanência no tempo destes grupos de amigos acabou por ter um efeito não totalmente controlado pelo Estado, constituindo-se como espaços de resistência ao regime (MELO 1999) e, mais importante, fomentadores de uma cultura coletiva nas localidades.

2. A relação entre associações e entidades governativas após 1974: o papel da Secretaria de Estado da Cultura

Nos anos da transição democrática a dinâmica da sociedade civil na defesa e proteção do património cultural era já uma realidade. Tal era já indicado nos relatórios do especialista da UNESCO que se deslocou a Portugal em 1977 a pedido do Governo português, onde refletia o potencial dos vários grupos associativos que existiam para a promoção das instituições culturais, no caso, os museus (AGREN 1977; 1979).

As entidades governativas que surgiram para a administração do património em Portugal após 1974 reconheciam a existência das entidades associativas. A Secretaria de Estado da Cultura (SEC) foi a interlocutora privilegiada do governo com as ADP¹. Desde 1977 que a SEC tinha como objetivo definir e orientar a política nacional de cultura com atribuições no âmbito da proteção e salvaguarda do património cultural, a utilização e fruição, a participação popular e ainda a capacitação de agentes e stakeholders do património cultural (Decreto-Lei n.º 340/77, de 19-08-1977). A SEC reconhecia a importância destas entidades sobretudo quando locais e a necessidade de trabalhar com elas, no sentido de uma maior democratização da cultura para a qual contribuía de forma marcada o património cultural (PINHO 2013).

Uma primeira formalização da relação entre governo e associações desenhava-se a partir de 1979, na sequência da reorganização da SEC (Decreto-Lei 498-C/79, de 21-12-1979) que transitara para o âmbito do Ministério da Cultura e da Ciência. Enunciava-se a formalização da integração das estruturas associativas de defesa do património especificamente integradas nas in-

¹ A SEC foi inicialmente criada no âmbito do Ministério da Educação e Cultura, em 1974, e conheceu várias alterações orgânicas no período que analisamos.

cumbências das delegações regionais de cultura – nível local. A participação associativa era matéria relevante para as políticas públicas da cultura, propostas pelo V Governo Constitucional (1 de agosto de 1979 a 3 de janeiro de 1980).

Em 1980 esta participação ganha mais destaque porque se adota uma perspetiva mais aglutinadora para a administração do património cultural e que correspondia a uma visão holística e integrada do património, que vinha sendo anunciada pelos vários órgãos europeus e internacionais que se dedicavam à causa patrimonial (BALLESTER 2001; FALSER; LIPP 2015; POIRRIER; VADELORGE 2003). Nesse âmbito a SEC conhece uma nova alteração e volta a estar na dependência da Presidência do Conselho de Ministros (Decreto-Lei n.º 59/80, de 3-04-1980).

A SEC esteve presente nos vários eventos promovidos pelo movimento associativo como o 1º Encontro das Associações de Defesa do Património em Santarém, em janeiro de 1980, ou ainda em 1978 no Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património, realizado entre 24 e 29 de maio no Mosteiro de Alcobaça – embora não sendo um encontro promovido pelas associações, estas estavam já representadas com bastante expressividade e realizaram mesmo uma sessão plenária à margem dos trabalhos do Congresso.

3. Os contributos das Associações para a construção de um modelo para a administração do património

Para intervir na definição das políticas públicas do património as associações muniram-se de um conjunto de competências que depois foram mobilizadas enquanto argumentos. Em primeiro lugar fizeram um trabalho de capacitação da sua ação em que destacavam o seu papel junto da comunidade e a sua inserção no território. Entre 1974 e 1997 verificou-se a existência de associações com preocupações de defesa do património em 217 concelhos, ou seja, em mais de 70% do território português (MACEDO 2018).

Tendo em conta a documentação disponível, um dos grandes contributos das ADP num novo modelo de administração do património foi a generalização de uma conceção patrimonial mais alargada. O conceito de património que se utilizava com mais regularidade – que referia sobretudo os grandes edifícios monumentais e vestígios arqueológicos –, deu lugar a uma visão muito mais ampla do património para a qual contribuiu a dimensão comunitária acompanhando os debates internacionais sobre este tema (GLEVAREC

2006; SAEZ 2005). As associações foram pioneiras na apropriação dos novos conceitos, em muitos casos com uma eficácia maior do que nas instâncias governamentais (LAURENT 2003).

Devido à sua proximidade com as populações as associações refletiram sobre os valores que as comunidades identificavam como sendo património e perceberam que os bens que contribuíam para as identidades coletivas locais, eram muito mais alargados do que a igreja matriz, o pelourinho, o castelo, a casa solar ou o palácio ou ainda as antiguidades arqueológicas. Eram também os bens pertencentes ao quotidiano, as práticas antigas dos saberes fazer, as tradições orais ou as formas de expressão cultural das comunidades. Eram ainda os centros históricos; enfim, para além dos monumentos, eram também os conjuntos e os sítios², no espírito da Carta de Veneza de 1964 (JOKILETHO 1998). No caso português, estes novos conceitos estavam já parcialmente presentes na orgânica do IPPC e em 1985, na Lei do Património, refletiam já o trabalho de longo tempo feito pelas associações sobretudo pela inclusão do património imaterial³.

Um outro contributo trazido pelas associações residia no seu modelo de trabalho em equipa incorporando e aproveitando as várias sensibilidades e valências técnicas das bases “aglutinadoras de energias, empenho e competência de cidadãos dos mais diversos sectores” (ALARCÃO 2014: 236). Este aspeto foi muito apreciado pelo IPPC que aproveitou essa lógica na sua estrutura organizativa baseada em departamentos intercomunicantes que apostava num elevado grau de especialização e qualificação dos seus quadros técnicos. Apesar de poucos dados existentes sobre os membros das associações, sobretudo na sua composição socioprofissional, mobilizam-se alguns dados. Um primeiro dá conta de uma formação superior dos militantes associativos que apesar de variada destaca as áreas ligadas à história, com professores a militar nas bases associativas, profissionais liberais – como advogados e médicos – e ainda estudantes universitários (MACEDO 2018).

O tipo de intervenção preconizado pelas associações de defesa do património (que se procuram diferenciar das demais coletividades de cultura através de formulações estatutárias mais direcionadas para objetivos concretos de defesa do património) era suportado por esta composição associativa mais especializada e académica e que permitia uma delimitação do trabalho e objetivos das associações. As ADP afastaram-se de estatutos com objetivos muito abrangentes que se observavam, por exemplo, nas coletividades de cultura,

² Monumentos, Conjuntos e Sítios, conceitos que a Carta de Veneza, de 1964, havia já definido e feito introduzir na prática patrimonial.

³ *Conclusões do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património* 1978.

recreio e desporto e procuraram uma especialização em relação ao seu objeto de ação, situação que se verificava noutros países, sobretudo em França (LAURENT 2003).

Um outro contributo que as associações trouxeram foi a construção de um discurso interno muito forte. Ao ler os textos produzidos no momento da maior constituição associativa – essencialmente entre 1980 e 1982, as associações procuraram falar a uma só voz a partir de discussões internas intensas. Tal evidencia-se na documentação produzida no âmbito do Encontro de Alcobaça de 1978, do Encontro Nacional de Santarém de 1980 ou mesmo nos de Braga em 1982 e Torres Vedras em 1983. Também na comunicação social esta narrativa prevalece. Os media foram mobilizados pelas associações que tinham aqui uma presença constante sobretudo na imprensa escrita, regional e nacional, diária e semanária e até mesmo na televisão. O movimento associativo encontrava na comunicação social um parceiro a considerar no estudo, defesa e divulgação do património, com um grande destaque para a imprensa escrita e sobretudo a regional (MACEDO 2019b).

Este trabalho interno das associações resultou na criação de instrumentos de ação que se revelaram ser um contributo interessante quando analisamos a evolução da governação do património em Portugal. Um dos instrumentos foi a realização de Encontros Nacionais das Associações de Defesa do Património (realizaram-se quatro: 1980, 1981, 1982 e 1986) onde se debatiam as matérias que estavam no centro do trabalho associativo como os novos conceitos do património. Neste âmbito eram distribuídos glossários e eram organizadas secções temáticas para os debates sobre o que era o património, que permitiam consolidar o léxico patrimonial entre as associações. Nestes encontros identificaram-se posições conjuntas que permitiram definir a política associativa nos seguintes aspetos: os âmbitos e aspirações; as relações com o poder central e local; a política de subsídios; a legislação do património e a necessidade de ações em prol da defesa do património; a defesa do ambiente, da natureza e da qualidade de vida; o património paisagístico e urbanístico; o património artístico e monumental; o património etnográfico; o património arqueológico, incluindo o património industrial; e também a relação do património com o turismo⁴.

Um outro instrumento de ação foi a criação de uma estrutura federativa:

⁴ *Carta Portuguesa do Património*, aprovada no Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património, decorrido em Santarém, em 1980, mas que apenas foi apresentada no ano seguinte no II Encontro Nacional, em Braga.

a FADEPA, entidade constituída em 1981⁵. Através desta, as associações pretenderam constituir-se enquanto parceiro governativo e intervir na definição das políticas públicas do património. O grande número de entidades constituídas entre 1974 e 1980 (104 associações com preocupações estatutárias relacionadas com o património cultural e natural, formalmente constituídas) bem como as diferentes formulações estatutárias dificultavam a sua ação concertada. O modelo federativo, aplicado com grande sucesso em França (GLEVAREC; SAEZ 2002), foi apropriado pelas associações portuguesas e nasceu da necessidade sentida no âmbito do movimento associativo, a partir de uma reflexão interna – que os Encontros Nacionais evidenciaram – e da procura de formas de atuação que representassem o movimento junto das entidades governativas.

Um modelo de centralização da administração do património foi também proposto pelas associações. No âmbito das reflexões feitas no Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património manifestavam-se preocupações com a dispersão, descoordenação, insuficiência e inadequação de grande parte dos instrumentos de regulação do património e as associações propuseram a implementação de um sistema mais eficaz, com a criação de um instituto central que operasse eficazmente na matéria da salvaguarda do património⁶. Esta posição foi reforçada ao longo da década de 1980 e logo em janeiro de 1980, por altura do I Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural, foi pedida a unificação dos instrumentos tendentes à defesa do património cultural e natural⁷.

Um outro contributo era um trabalho feito com base num plano de atividades regular e concertado em vários âmbitos desde a dinamização cultural até à ação junto dos órgãos de governo. Um dos exemplos mais emblemáticos neste sentido foi a ação da Associação para o Estudo e Defesa do Património Histórico e Cultural de Santarém (AEDPHCS), criada em 1979: conferências científicas, conferências abertas; exposições; encontros do tipo fórum; programas de comemorações de efemérides; visitas culturais aos locais patrimoniais de Santarém, para além do assento regular no órgão consultivo municipal.

Podemos encontrar no desenho da Campanha Nacional para a Defesa do Património (CNDP), que decorreu entre 1980 e 1981, a influência da ação

⁵ Em dezembro de 1980 foram aprovados os estatutos. A constituição formal aconteceu em 26 de fevereiro de 1981, com a escritura da associação no Cartório Notarial de Lisboa, e a publicação respetiva, e consequente formalização legal, em Diário da República, em 25 de maio de 1981 (DR, III Série, n.º 119, de 25-05-1981).

⁶ *Conclusões do Congresso. Actas do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património 1978.*

⁷ *Recomendações e Conclusões do I Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural 1980: 4.*

associativa. Nesta importante ação de política pública – a CNDP foi da responsabilidade da SEC –, a primeira no período após o 25 de abril de 1974 exclusivamente dedicada ao património cultural, as associações foram integradas na comissão de coordenação, reconhecendo-se o seu papel e intervenção:

A preservação do património cultural e natural é uma tarefa que não pode ser apenas desempenhada pelo Estado, sem o concurso dos cidadãos. Nos últimos tempos, e respondendo à preocupação crescente perante a sua destruição ou degradação constituíram-se muitos deles, em dezenas de associações de defesa do património cujo papel é não só necessário, mas insubstituível⁸.

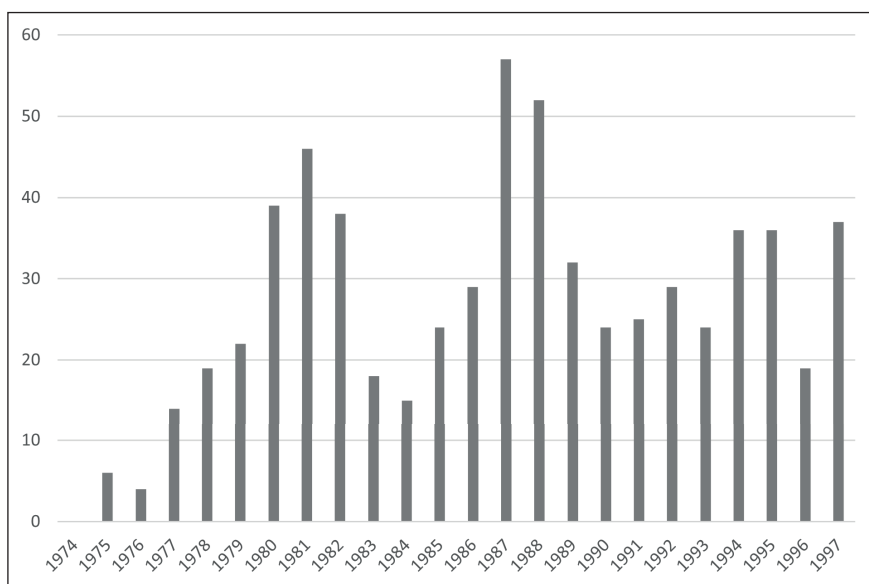
4. A participação das associações na governação: a FADEPA

A integração das entidades associativas nos órgãos de administração nacional do património cultural não aconteceu de forma imediata a seguir a 1974 e passou por várias experiências que procuravam mais dar resposta às ambições associativas, mas que não comprometiam uma ação governativa nacional para o património. Por exemplo, no Conselho Nacional do Património Cultural, órgão do IPPC, não estão representadas as associações. E mesmo no seu Conselho Consultivo abre-se espaço para a sua presença, embora tal não fosse especificamente indicado, mas apenas inferido a partir da leitura do decreto que fala em individualidades de reconhecida competência.

A ação associativa concertada no início da década de 1980 terá sido o maior impulsionador da inserção formal destas entidades nos órgãos da governação patrimonial; não foi por uma estratégia de inclusão por parte dos órgãos do poder. As dinâmicas que os encontros nacionais de 1980 e 1981 tiveram – a título de exemplo em Braga estiveram presentes 88 associações –, a atuação do movimento associativo junto da comunicação social e o seu papel Campanha Nacional para a Defesa do Património, granjearam a sua notoriedade junto do poder político, e o governo equacionou a incorporação das ADP nas instâncias decisórias. A partir de 1981 estas fizeram-se formalmente representar junto dos órgãos governativos nacionais, especificamente no Conselho Consultivo (CC) do IPPC, e participar desta forma na formulação das políticas nacionais para o património cultural. Esta participação foi sendo fortalecida ao mesmo tempo que o movimento ia ganhando expressão (gráfico 2).

⁸ Despacho 68/80 de 28 de abril que cria a Campanha Nacional para a Defesa do Património, assim como a sua Comissão Organizadora. DR, II série, n.º 71 de 25-03-1980.

Gráfico 2. Evolução da constituição formal de ADP entre 1974 e 1997.



N= 656.

Elaborado a partir dos decretos de constituição de associações, publicados em Diário da República entre 1974 e 1997.

Em 1981 estavam presentes em apenas três das nove secções do Conselho Consultivo, ao passo em que em 1985 tinham a possibilidade de estar representadas em todas as secções. Reflete-se até que ponto a participação num momento inicial da constituição dos novos modelos da administração do património trouxe vantagens essencialmente às associações que foram consolidando a sua relevância em direção a um reconhecimento bilateral.

A representação das associações nos órgãos da administração do património fez-se através da FADEPA e foi executada de forma regular entre 1981 e o final da vigência do IPPC em 1992. Apesar de uma visão positiva por parte da tutela da participação das associações, as atas do CC do IPPC sugerem que a sua participação não era eficaz e é o próprio IPPC que tem de insistir várias vezes com a FADEPA para que esta indique os seus representantes (MACEDO 2018). Tendo sido a sua presença neste órgão uma realidade, os seus contributos revelam-se mais difíceis de caracterizar. São escassas as referências específicas que dão conta de uma forma de atuação concertada dos representantes associativos em benefício das associações e a sua ação no CC não era uma representação efetiva: não se defenderam as tomadas de posições

das associações sobre a matéria patrimonial, havendo muito poucas situações em que tal aconteceu. Foram identificadas duas, no período que analisamos: a apresentação no IV Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património (1986) de um parecer referente ao Regime Jurídico do Património Cultural (Lei 13/85, de 6 de julho) mas que seria apenas distribuído pelos vogais da 9ª secção do CC e não a todos os conferencistas; e uma outra foi um parecer sobre a proposta de classificação da Igreja e Convento dos Capuchos, em Santarém, remetido para apreciação pela AEDPHCS e apreciado pelo representante nas ADP no CC que propôs a sua aprovação.

A ação dos membros da FADEPA no CC era em tudo semelhante à dos restantes membros do conselho e dizia respeito à aprovação, apreciação e avaliação de conjuntos diversificados de assuntos, desde pareceres sobre simples moradias até pareceres sobre planos de pormenor urbanísticos, vendas de imóveis, realização de obras ou escavações arqueológicas e em menor número procedimentos de classificação. As atas do CC sugerem uma burocratização dos representantes associativos e não é possível demonstrar uma efetiva ação da sua parte em prol da consolidação e reforço da posição associativa, enquanto stakeholders, junto da tutela. Por seu lado, o CC utilizou esta massa crítica para apresentar resultados, mas o sentido não foi o da capacitação das associações de defesa do património. A partir de 1986 a maior instrumentalização dos representantes associativos no CC decorre a par do enfraquecimento da FADEPA, questão que importaria esclarecer com a documentação da Comissão Executiva da FADEPA cujo paradeiro é desconhecido.

A FADEPA procurou uma posição de independência face aos organismos governamentais (locais, regionais ou nacionais) e esta atuação condicionou a evolução da estrutura federativa. Mas a FADEPA não resultou. Desde o início da sua atuação não foi uma estrutura consensual entre as diversas associações que não conseguiram, na diferença, encontrar as virtualidades comuns e avançar por um modelo de atuação mais abrangente. Talvez o insucesso da federação traduza um certo insucesso do movimento associativo que não conseguiu ultrapassar questões conceptuais e práticas que diferenciavam as entidades associativas e promover um mais amplo debate nacional; uma tradição isolacionista permanecia arraigada no espírito associativo. A FADEPA não impôs um padrão de atuação capaz de granjear entusiasmo: as suas mais relevantes ações foram a realização dos encontros nacionais e de um ou outro encontro de carácter regional. Há ainda que considerar a questão do controlo político do movimento que colidia com a afirmação total da independência política, ideológica ou religiosa das entidades associativas. Muito possivelmente, a FADEPA também não conseguiu resistir a esta colisão e no

seguimento de um compromisso mais politizado as associações perderam de vista a sua missão.

Em 1992 foi criado o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) no seguimento de um esvaziamento de competências do IPPC que se iniciou em 1987 com a autonomização do livro e da leitura e até 1991 com a autonomização da área dos museus, ficando o IPPC apenas com tutela sobre os palácios e monumentos nacionais de gestão pública central e sobre os sítios e estações arqueológicas. No seu Conselho Consultivo estavam os representantes das ADP nomeados já não pela FADEPA, mas pelo membro do governo responsável pela área da cultura sob proposta do presidente do IPPAR depois de ouvida a Federação. Esta alteração regulamentar testemunha, a nosso ver, um momento de desestruturação da FADEPA e da perda de importância das próprias associações de defesa do património com a diminuição da participação da sociedade civil organizada.

Conclusão

No final da década de 70 e início da década de 80 do século XX a defesa do património encontrou um caminho para percorrer junto dos portugueses, com os cidadãos a agregarem-se em função da salvaguarda dos valores históricos coletivos e a constituírem associações. A associação foi a melhor forma para a promoção de um debate coletivo relativamente à salvaguarda do património cultural e natural, cumprindo os anseios das comunidades, num exercício de democracia. As entidades associativas procuraram uma atuação concreta que visava uma integração na definição das estratégias e medidas de políticas públicas. Esta posição era consensual no movimento associativo, resultando numa maior amplitude de ação para o movimento, na superação de uma ação de fá-cies local e numa base associativa mais crítica e preparada para o debate teórico.

No seu modelo de ação, as associações retomaram algumas das propostas dos períodos antecedentes e, em alguns casos, manifestaram-se na continuação dos modelos anteriores sobretudo no grande objetivo de integração na governança do património. Essa integração era fundamentada na crença, traduzida em discurso, de que eram os legítimos representantes da opinião e aspirações da sociedade portuguesa e tal conferia-lhes legitimidade representativa. Através de uma estrutura federativa nacional, estiveram representadas junto da administração central cumprindo o seu objetivo, com uma presença que embora tenha sido efetiva não revelou uma atuação concreta em favor dos interesses associativos.

Ainda no final da década de 70 do século XX, a Secretaria de Estado da Cultura, apoiou as iniciativas que surgiram do esforço associativo, demonstrando uma concordância com o modo de ação e com os objetivos propostos.

A participação das ADP nas entidades governativas centrais não favoreceu o seu fortalecimento, apenas as instrumentalizou. Esta situação não foi de encontro ao que as associações advogaram em 1978: a ligação entre uma estrutura central de administração do património e a rede associativa estabelecida no território como a forma mais eficaz de fornecer uma cobertura em todo o país, ao nível da defesa, salvaguarda e conservação. Nesta ligação as associações entrariam como agentes fundamentais e operacionais para, em conjunto com as entidades governamentais, promover a efetiva salvaguarda dos valores patrimoniais. A fraca relação formal que se verificou durante a década de 1980 contribuiu para o esmorecimento das associações de defesa do património enquanto agentes para as políticas públicas e a estrutura federativa foi-se esvaindo de ação e de conteúdo, tendo assegurado a representatividade genérica do sector nos órgãos consultivos dos institutos da tutela até à criação da CPADA (Confederação Portuguesa das Associações de Defesa de Ambiente) e que representa uma nova fase de defesa do património.

Fontes

Fontes manuscritas

Arquivo privado, Actas do Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património, Alcobaça, 1978.

Arquivo privado, Recomendações e Conclusões do I Encontro Nacional das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural, Santarém, 1980.

Fontes impressas:

Agren, P-U (1977). “Les musées régionaux et locaux”. N.º de série FMR/CC/CH/77/166, UNESCO.

Agren, P-U (1979). “Les musées régionaux et locaux (Rapport N.º 2)”. N.º de série FMR/CC/CH/79/123. UNESCO.

Estatutos da FADEPA (1980). Diário da República, III Série, n.º 119, de 25-05-1981.

Legislação portuguesa

Lei n.º 13/85, de 6 de julho. Diário da República, I Série, n.º 153, de 06-07-1985, 1865-1874.

Decreto n.º 20:985. Diário do Governo, Série I, n.º 56, 07-03-1932, 431-436.

Decreto-Lei n.º 31:095. Diário do Governo, Série I, 1º Suplemento, n.º 303 de 31-12-1940, 1637-1740.

Decreto-Lei n.º 340/77, de 19 de agosto. Diário da República, I Série, n.º 191, de 19 de agosto de 1977, 2005-2008.

Decreto-Lei n.º 59/80, de 3 de abril. Diário da República, Série I, n.º 79, de 03 de abril de 1980, 638-642.

Decreto-Lei 498-C/79, de 21 de dezembro. Diário da República, Série I, 1º Suplemento, Série I, 21-12-1979, 3302-(9) - 3302-(15).

Despacho n.º 68/80. Diário da República, II série, n.º 71 de 25-03-1980.

Bibliografia

ALARCÃO, Adília (2014). “O Património como um todo. Contributos da democracia de Abril”. *Revista Ciências e Técnicas do Património*, XIII, 233-237.

BALLESTER, José Maria (dir.) (2001). *The Council of Europe and Cultural Heritage 1954-2000: intergovernmental work: basic texts*. Strasbourg: Council of Europe.

BULLOCK, Nicholas; VERPOEST, Luc (eds.) (2021). *Living with History, 1914-1964: Rebuilding Europe after the First and Second World Wars and the Role of Heritage Preservation*. Leuven: Leuven University Press.

CANINAS, João (2010). “Associativismo e Defesa do Património (1980-2010)”, in J. Custódio (coord.), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*. Lisboa: Instituto do Património Arquitectónico e Arqueológico, 281-294.

CANINAS, João; CUSTÓDIO, Jorge (2018). “O associativismo na construção da salvaguarda e conservação do património cultural/natural”. *Revista Património*, 5, 60-70.

CARVALHO, Nuno (2003). *A construção do ambiente como problema social em Portugal: anos 70-anos 90*. Tese de Doutoramento em Sociologia, Universidade Nova de Lisboa.

COHEN, Joshua; ROGERS, Joel (1995). “Secondary Associations and Democratic Governance”, in E. O. Wright (ed.), *Association and Democracy*. New York: Verso, 7-100d.

- CUSTÓDIO, Jorge (1981). “Associações de Defesa do Património”. *Arte/Opinião*, 14, 32-35.
- CUSTÓDIO, Jorge (2011). «*Renascença*» *Artística e práticas de conservação e restauro arquitectónico em Portugal durante a 1ª República*. Lisboa: Caleidoscópio.
- DUPIN-MEYNARD, Felix; NÉGRIER, Emmanuel (eds.) (2020). *Cultural Policies in Europe: a Participatory Turn?*. Toulouse: Éditions de l'Attribut.
- FALSER, Michael; LIPP, Wilfried (eds.) (2015). *A Future for our Past: The 40th anniversary of European Architectural Year (1975-2015)*. Heidelberg: arthistoricum.net-ART-Books.
- GLEVAREC, Hervé (2006). “Le nouveau régime d'historicité porté par les Associations du patrimoine”, in M. Crivello, P. Garcia; N. Offenstadt (eds.), *Concurrence des passés*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 23-26.
- GLEVAREC, Hervé; SAEZ, Guy (2002). *Le patrimoine saisi par les associations*. Paris: Ministère de la Culture/DEPS.
- JOKILETHO, Juka (1998). “The context of the Venice Charter (1964)”. *Conservation and Management of Archaeological Sites*, 2, 4, 229-233.
- LAURENT, Xavier (2003). *Grandeur et Misère du patrimoine: d'André Malraux à Jacques Duhamel. 1959-1973*. Paris: La Documentation Française.
- LEITÃO, Simão Cardoso; PEREIRA, Gustavo; RAMOS, Joaquim; SILVA, Alexandre (2009). *Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto: Uma caracterização do associativismo confederado em Portugal*. Lisboa: Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto.
- MACEDO, Sofia Costa (2018). *As associações de defesa do património em Portugal 1974-1997*. Lisboa: Caleidoscópio.
- MACEDO, Sofia Costa (2019a). “Associações e participação pública”. *Revista Pedra e Cal*, 67, 12-14.
- MACEDO, Sofia Costa (2019b). “Estruturas associativas e gestão do património cultural”. *Revista Al Madan*, 2ª série, 22, 16-124.
- MELO, Daniel (1999). “O Associativismo popular na resistência cultural ao salazarismo: a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto”. *Penélope*, 21, 95-130.
- NEVES, José Soares; LIMA, Maria João; SANTOS, Jorge; MACEDO, Sofia Costa; MARTINS, Artur; PRATAS, Sérgio; PEREIRA, Jéssica; NUNES, Nuno (2023). “Democracia popular e políticas públicas: o papel do associativismo popular”. *Análise Associativa*, 10, 14-42.
- NORAS, José (2011). *Contributos dos Municípios para a Salvaguarda do Pa-*

- trimónio. Tese de Doutoramento em História, Universidade de Lisboa.
- OOSTERBECK, Luís (1997). “Associativismo e património arqueológico”. *ARKEOS*, 1, 46-53.
- PINHO, Elsa (2013). *A evolução das coleções públicas em contexto democrático. Políticas de incorporação e vetores de crescimento nos Museus de Arte da Administração Central do Estado (1974-2010)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- POIRRIER, Philippe; VADELORGE, Loic (2003). *Pour une histoire des politiques du patrimoine*. Paris: Comité d’histoire du ministère de la culture/Fondation Maison des sciences de l’homme.
- PUTNAM, Robert (1993). *Make Democracy Work: Civic Traditions on Modern Italy*. Princeton: Princeton University Press.
- RAPOSO, Luís (2014). “O papel do associativismo na construção de uma política democrática de museus”. *Revista Ciências e Técnicas do Património*, XIII, 267-279.
- RAPOSO, Luís (2015). “Património Cultural e os Museus: Visão estratégica. 1: O Passado/Presente”. *ArteCapital*.
- REIS, Manuela (2016). *Cidadania e património. Os novos direitos de cidadania, o espaço público e os processos de patrimonialização na sociedade portuguesa*. Tese de Doutoramento, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
- SAEZ, Guy (2005). “Patrimoine et Associations. Espaces et Sociétés”, 23, 59-62.
- SILVA, Augusto Santos (2024). “The symbolic politics of Cultural Heritage. A view from Portugal”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 104, 9-21
- SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa; GUERRA, Paula (2015). “Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 78, 105-124.
- VIEGAS, José Manuel (2004). “Implicações democráticas das associações voluntárias. O caso português numa perspectiva comparativa europeia”. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 33-50.
- VIEGAS, José Manuel (2014). “Associativismo, Sociedade Civil e Democracia”. *Análise Associativa*, 1, 37 51.
- WARREN, Mark (2001). *Democracy and Associations*. Princeton: Princeton University Press.

Escola Camões, Entroncamento: um palimpsesto de arqueologia, arquitetura e memórias

Camões School, Entroncamento: a palimpsest of archaeology, architecture, and memories

LEONOR MEDEIROS

Universidade NOVA, FCSH

leonormedeiros@fcsb.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0001-6638-0905>

Texto recebido em / Text submitted on: 10/10/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 24/04/2025



Resumo. A Escola Camões é um emblemático exemplo da arquitetura escolar e ferroviária portuguesa do século XX. Inaugurada em 1928 e funcionando até 2008, a escola é também um testemunho da evolução urbana, industrial e social do Entroncamento. Mantendo a função educativa ao longo de quase um século, foi-se alterando e transformando de acordo com as diferentes necessidades formativas que cumpriu, até ser abandonada, sofrendo então perdas patrimoniais significativas. Este artigo apresenta o resumo dos trabalhos de prospeção e levantamento aí realizados para documentar e preservar o património material e imaterial da escola. Utilizando metodologias de arqueologia da arquitetura e análise estratigráfica, o estudo envolveu levantamento detalhado, história oral, pesquisa biobibliográfica e análise de transformações do edifício ao longo do tempo. Os resultados destacam seis fases-chave na história da escola, desde a sua construção até ao período de abandono, revelando as alterações estruturais e funcionais que ocorreram em cada uma, contribuindo para a compreensão do impacto do tempo e das mudanças sociais neste património.

Palavras-chave. Arquitetura Escolar, Património Ferroviário, Levantamento e Documentação, Salvaguarda Patrimonial.

Abstract. The Camões School is an emblematic example of Portuguese school and railway architecture from the 20th century. Opened in 1928 and operational until 2008, the school is also a testament to the urban, industrial, and social evolution of Entroncamento. Maintaining its educational function for nearly a century, it underwent changes and transformations to meet the various educational needs it served until it was abandoned, suffering significant heritage losses. This article presents a summary of the archaeological survey and investigation work carried out there to document and preserve the school's tangible and intangible heritage. Using methodologies from the archaeology of architecture and stratigraphic analysis, the study involved detailed surveying, oral history, bibliographic research, and analysis of the building's transformations over time. The results highlight six key phases in the school's history, from its construction to the period of abandonment, revealing the structural and functional changes that occurred in each, contributing to the understanding of the impact of time and social changes on architectural heritage.

Keywords. School Architecture, Railway Heritage, Survey and Documentation, Heritage Preservation.

Introdução

A Escola Camões, no Entroncamento, é ainda hoje um marco de referência tanto no património ferroviário como no arquitetónico, e especialmente no que concerne às instituições de ensino. Erguida no coração do bairro que partilha o seu nome, esta estrutura é um testemunho eloquente da relevância histórica e cultural da ferrovia em Portugal, bem como das comunidades que se formaram à sua volta.

Desde a sua inauguração em 1928 até ao abandono definitivo no século XXI, esta escola desempenhou um papel formativo e social, marcando as dinâmicas educativas, urbanísticas e laborais da cidade, espelhando os ideais pedagógicos da sua época. Contudo, apesar do seu valor histórico reconhecido, o edifício conheceu, nas últimas décadas, um processo contínuo de degradação física e desvalorização, consequência direta do abandono e da ausência de mecanismos de proteção legal e patrimonial. É neste contexto de alteração física acelerada e de vulnerabilidade que emergem as propostas centrais desta investigação. O presente estudo parte de um conjunto de questões que orientam a investigação e a leitura crítica do edifício: pretende-se compreender como se estabeleceu e transformou a materialidade da Escola Camões ao longo das diferentes fases da sua vida funcional, interrogando simultaneamente que camadas de significado histórico e social emergem das alterações arquitetónicas e de uso que o edifício foi sofrendo ao longo do tempo. Nesse sentido, procura-se ainda refletir de que modo o estudo arqueológico da arquitetura pode contribuir para o resgate da memória e do valor cultural de um espaço em risco, revelando narrativas ocultas na própria materialidade e ampliando as possibilidades de preservação e valorização do património construído.

É pressuposto base que os espaços da Escola Camões conservam estratigrafias materiais legíveis, capazes de documentar as sucessivas fases de uso, adaptação e resignificação a que o sítio foi sujeito. A arqueologia da arquitetura possibilitará assim a identificação de elementos que permanecem invisíveis às abordagens exclusivamente históricas ou arquitetónicas, permitindo compreender de que forma as ideias pedagógicas, sociais e arquitetónicas se corporificaram no espaço construído. Ademais, a leitura integrada do edificado – articulando fontes orais, gráficas, documentais e materiais – constitui uma via metodológica eficaz para reconstruir a biografia do edifício enquanto artefacto histórico e cultural.

Neste sentido, o presente artigo propõe-se apresentar os resultados do levantamento arqueológico e arquitetónico realizado em junho de 2019 na Escola Camões, no âmbito do projeto “Escola Camões: Passado, Presente e

Futuro”, sob o impulso da arquiteta Ana Rita Venda e do Grupo de Património Ferroviário da APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, e enquadra-se também no estudo “Contributo e Obra do Arquiteto Cottinelli Telmo na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses”, realizado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FA-UL). A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH) providenciou a coordenação dos trabalhos arqueológicos, contando com a participação dos alunos Rui Gil e Rafael Santiago e a coordenação da autora, numa aposta na formação em metodologias de Arqueologia.

O objetivo geral do trabalho foi documentar, interpretar e valorizar arqueologicamente o edifício da Escola Camões, utilizando a metodologia da arqueologia da arquitetura enquanto ferramenta de leitura e análise crítica do edificado, para a leitura das transformações espaciais, construtivas e funcionais do edifício ao longo do tempo. Entre os objetivos específicos deste estudo, destacam-se a identificação e o registo das alterações arquitetónicas ocorridas no edifício ao longo do tempo, bem como a compreensão dos diferentes usos e apropriações do espaço escolar, desde a sua construção até ao seu abandono. Procura-se igualmente promover a integração de dados materiais e imateriais, nomeadamente através da articulação com as recolhas através da história oral (MEDEIROS 2019), e com o contraponto com análises prévias à arquitetura do espaço (LEAL 2001, CUNHA e TELMO 1927), de modo a ampliar a leitura crítica do edifício. Por fim, este trabalho visa ainda fomentar uma reflexão crítica sobre a preservação e reutilização do património edificado desprovido de proteção legal, com especial enfoque no património ferroviário e escolar, frequentemente marginalizado nas políticas patrimoniais tradicionais.

Para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas ações sistemáticas de registo, centradas na documentação de objetos, espaços, estruturas construtivas e estratigrafias visíveis, entendidas como evidências materiais das sucessivas transformações do edifício ao longo do tempo. A metodologia aplicada durante os trabalhos de campo, que decorreram ao longo de uma semana de trabalho de campo em junho de 2019, seguiu as práticas disciplinares rigorosas da arqueologia, adaptadas à especificidade e complexidade do sítio. Este processo incluiu o mapeamento detalhado do lote, a divisão em sectores de análise, o registo fotográfico exaustivo e a elaboração de documentação gráfica detalhada, culminando na elaboração de um relatório final (MEDEIROS 2019), submetido à Câmara Municipal do Entroncamento.

Apostou-se na abordagem de preservação pelo registo, realizando o levantamento fotográfico detalhado, a elaboração de desenhos e plantas inter-

pretativas, a identificação de unidades construtivas distintas e a análise de marcas de uso, alterações e remendos estruturais, que testemunham os múltiplos momentos de adaptação funcional do edifício. O objetivo principal destas ações foi conhecer profundamente o sítio, não apenas na sua forma atual, mas enquanto testemunho acumulado de usos e significados, possibilitando a sua valorização futura enquanto elemento integrante do património cultural, educativo e ferroviário. O levantamento e o registo arqueológico permitem, assim, construir uma base empírica sólida para fundamentar eventuais propostas de reabilitação ou classificação patrimonial, identificando o estado atual, os pontos em risco e os elementos originais do edifício.

A escolha pela arqueologia da arquitetura assenta na sua capacidade de olhar o edifício como fonte primária de informação histórica (SCHULLER 2002; HARRIS, BROWN e BROWN 1993), operando através da análise das suas marcas físicas – como camadas de revestimento, vestígios de adaptação funcional e transformações estruturais – enquanto estratigrafias legíveis. Ao mesmo tempo, a aproximação interdisciplinar permitiu articular documentação histórica, desenhos técnicos, fontes orais e observação direta, estabelecendo um modelo de estudo que valoriza tanto a materialidade como a memória intangível.

Este artigo insere-se, assim, numa abordagem contemporânea ao estudo do património construído, em sintonia com propostas como as dos arqueólogos Beaudry (2004) ou Hicks e Horning (2015), que defendem a valorização das estruturas do quotidiano – como escolas, habitações operárias e oficinas – enquanto expressões materiais de sistemas ideológicos e práticas sociais. Ao deslocar o foco de análise, dos grandes monumentos para os edifícios da vida comum, pretende-se contribuir para uma arqueologia mais democrática, atenta às vozes das comunidades, às transformações dos espaços vividos e aos processos sociais que moldam a arquitetura.

1. A Escola Camões – arquitetura, ensino e ferrovia em sintonia

A Escola Camões, situada no bairro ferroviário do mesmo nome, corresponde a um exemplar icónico e representativo da sociedade industrial que aí se começa a formar, expressando a necessidade de infraestrutura educativa para os trabalhadores e suas famílias, neste caso ligado ao sector ferroviário. É fruto do crescimento do lugar do Entroncamento, a “cidade ferroviária”, que se instala e desenvolve no ponto de contacto entre a Linha do Norte (Lisboa-Porto) e a da Beira-Baixa (Entroncamento-Covilhã) – contacto esse realiza-

do em 1864, no entroncamento das duas linhas, dando nome à estação. De estação passou a freguesia em 1926, depois vila em 1932, concelho em 1945 e em 1991 constitui-se como cidade.

Este rápido crescimento do Entroncamento deveu-se em grande parte à sua definição enquanto polo ferroviário, com a necessária infraestrutura de manutenção das linhas e do material circulante. Para além de polo de circulação de pessoas e bens, tornou-se também lar e local de trabalho de muitos operários ligados ao caminho de ferro, que chegaram a constituir mais de metade da população nos anos de 1940 (LOPES 1996).

A escola entra a uso com a função de estabelecimento de ensino, no ano de 1928, função essa que sempre desempenhou ao longo dos seus quase 100 anos de existência. Mas a desindustrialização, que vai afetar fortemente os países ocidentais a partir das décadas de 70 e 80, sente-se também no Entroncamento, alterando a constituição da comunidade que a Escola Camões serviu (ROSÁRIO 1996), levando à sua desocupação em inícios do século XXI.

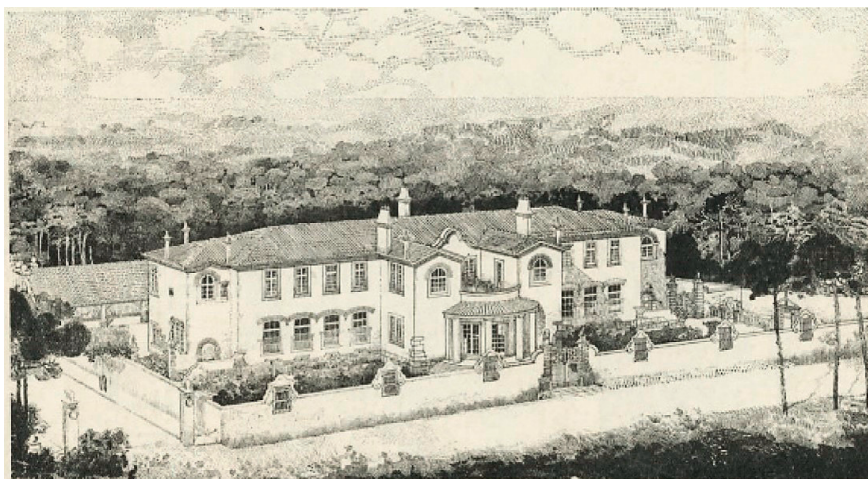


Fig. 1. “Perspectiva da Escola Camões, do Entroncamento” à época da construção, pelos arquitetos Luís Cunha e Cottinelli Telmo (Cunha e Telmo 1927: 55).

Esta terá sido construída para substituir a Escola Camões original do Entroncamento, também da Companhia dos Caminhos de Ferro (CP), construída em 1883 na Rua D. Afonso Henriques, e que coexistiu com a sua homónima até 1950, ano em que foi demolida. Esta nova escola herdou o nome da pré-existente, que deu também nome ao bairro: “bairro social de luxo, com jardins e mansardas, chafariz artístico e lampião exótico” (LEAL 2001:

98). Bairro e escola foram projetados pelos destacados arquitetos do modernismo em Portugal, Luís da Cunha e José Ângelo Cottinelli Telmo, inspirados pelos modelos da ‘cidade jardim’ de inícios do século (fig. 1). Terá sido “o primeiro bairro-jardim em Portugal” (LOPES 1996: 48) (embora haja dúvidas sobre a pertinência desse conceito neste caso (OLIVEIRA 2020)), onde se destaca “o airoso chafariz, não de calcário ou tijolo, materiais predominantes, mas de granito mandado vir pela Companhia para esta e outras construções” (LOPES 1996), hoje já desaparecido. Havia igualmente um lampião no cruzamento de ruas seguinte, também já desaparecido (ROSÁRIO 1996). Vê-se ainda clara a temática da ferrovia, impulsionadora e proprietária do bairro, no uso das secções de carril a decorar os pilares que dão entrada ao mesmo, ou até no padrão das cercaduras dos jardins das casas, comum em muitas estações ferroviárias do país.



Fig. 2. Vista da Escola a partir do Jardim Oeste, aquando dos trabalhos.

A escola terá sido, à época, considerada o melhor edifício escolar do país, devido à sua arquitetura e instalações (fig. 2). Os autores do projeto assim a descreviam aquando da sua construção:

A Escola Camões tem uma situação boa, pelo seu isolamento, independência e paisagem. Rodeada por um muro onde se abrem o portão principal e janelas gradeadas, com o seu sabor rústico, conventual mas não pesado tem, pela frente, um jardim e uma horta e por trás um recreio

vasto com alpendres, lavabos e W.C. Compõe-se de dois pavimentos: o primeiro é destinado propriamente aos trabalhos escolares; no segundo há habitações independentes para quatro professores. As entradas para estas estão nos extremos do edifício, e a comunicação entre os dois pavimentos pode ser cortada, evitando-se assim promiscuidades. A planta é de leitura fácil: um vestíbulo, ladeado por uma sala para os professores e outra de leitura, dá acesso a uma galeria bem iluminada para onde deitam as portas das quatro aulas; defronte do vestíbulo três salas comunicando por meio de arcos e constituindo um hall-vestiário; nos extremos da galeria, lavabos, W. C. e escadas para o andar superior. O hall poderá ser utilizado para exposições de qualquer natureza: conferências, projecções, exposições de trabalhos, etc. A planta do 2º pavimento tem um interesse menor (...): o andar foi dividido em quatro porções, por uma linha média transversal e dois corredores paralelos longitudinais, solução para a independência entre as duas habitações de cada lado, entre si, e as de um e outro lado. (CUNHA e TELMO 1927: 51-52).

O Professor Henrique Leal enfatizou, na sua análise da memória descritiva do projeto, que a abordagem higienista influenciou significativamente a estrutura e forma do edifício. Nessa perspectiva destacam-se a escolha do local devido à sua salubridade, a orientação do layout, as dimensões e quantidade de salas, a disposição dos espaços dentro das salas de aula, a quantidade e orientação das janelas, a ventilação, a conexão entre as salas por corredores e halls, as instalações sanitárias, e até mesmo o arranjo do espaço de recreio. (LEAL 2001).

Destacamos a análise minuciosa e detalhada que este autor realiza sobre a disposição espacial do edifício, proporcionando um entendimento aprofundado da sua distribuição interna e funcionalidades:

O edifício compõe-se de dois pisos, o primeiro destinado à escola propriamente dita e o segundo dividido em quatro habitações destinadas “ao pessoal”, isto é, aos professores. Se em relação ao segundo piso a memória é quase omissa, tendo em conta a natureza particular da ocupação prevista, no que toca ao primeiro é bastante cuidada [...]; a sua leitura faz-se facilmente. Subindo os cinco degraus que dão acesso ao alpendre apoiado em fortes colunas, e passando este, entramos no vestíbulo, flanqueado por uma sala para os professores e uma pequena biblioteca. Este vestíbulo dá para um corredor largo, onde se abrem as portas das aulas e nos topos do qual ficam os lavabos e W.C.. Em frente do vestíbulo existem três salas,

em comunicação por meio de arcos, que correspondem praticamente a uma sala única com a área de noventa e cinco metros quadrados, aproximadamente. Esta sala, que usualmente será frequentada pelos alunos nas horas de recreio e quando o tempo não lhes permitir fazer uso do terreno apropriado para esse fim, ao ar livre, nem mesmo do espaço coberto por telheiros – desempenhará uma função importante nas várias manifestações da vida escolar – exposições de trabalhos, palestras ou exibições de qualquer natureza... As aulas, que são quatro, ficam de um e de outro lado desta divisão [...] Também o espaço envolvente da escola é meticulosamente tratado. Para além do quadriculamento do território reservado para o recreio dos alunos, sempre de acordo com as melhores referências teóricas, demarca-se uma área de cerca de mil metros quadrados que “será ajardinada e dividida em talhões, para horta, prestando-se à execução, por parte dos alunos, de trabalhos de jardinagem” (LEAL 2001: 99-100).

Os primeiros alunos chegaram em 1928, mas só em 1932 “é possível a conclusão deste edifício, o melhor da península, segundo opiniões categorizadas, porque o terreno pantanoso obriga a uma técnica própria: os alicerces têm maior profundidade que a altura das paredes” (LOPES 1996: 58). Matriculam-se então 166 crianças, filhos, sobrinhos ou irmãos de empregados; mas recebia não só os filhos dos funcionários da C.P. – Comboios de Portugal como também os filhos de não ferroviários, lecionando também no período noturno, para os funcionários da companhia que desejassem completar a escolaridade elementar. Em 1931, “por iniciativa do pessoal das oficinas, inaugura-se junto à Escola Camões um parque de jogos, então o melhor da província, que abrange uma extensa área, com campos para foot-ball, ténis, basket -ball e patinagem” (LOPES 1996: 52).

A construção de várias escolas primárias oficiais (em 1939, 1948 e 1955) torna este espaço redundante na sua função, levando a que seja encerrada a escola, mas rapidamente a Escola de Aprendizes da CP, em expansão, se prepara para usar o espaço para instrução teórica e prática:

Tratou-se essencialmente de suprimir três das habitações do primeiro andar para assim aumentar o número de salas de aula e substituir alguns pavimentos do rés-do-chão, em madeira, provavelmente degradados, por pavimentos em mosaico. As obras foram realizadas no verão de 1959 e, desalojada dali a escola primária, a Escola de Aprendizes inaugurou as instalações no dia 1 de Outubro de 1959. Nas obras de adaptação não é feita referência à instalação de oficinas mas um ofício posterior, datado de 6 de

Novembro de 1959, fundamentando um pedido de criação de um posto de vigilância, refere que “na Escola há grande número de máquinas ferramentas, ferramentas, material diverso, etc., pelo que seria de aconselhar que se criasse ali um Posto de Polícia Privativa” (LEAL 2001:102).

Grandes transformações terão, portanto, ocorrido na Escola nesta época. Após a escola primária desocupar o edifício, as obras de adaptação incluíram a substituição do piso térreo e a transformação de duas residências no primeiro andar em salas de aula. Segundo o memorando que detalha as obras necessárias e os relatos de ex-alunos, o piso térreo, que tinha espaços maiores e mais acessíveis, foi organizado para abrigar as oficinas, incluindo uma de serralharia, com espaço para quatro turmas de vinte alunos cada, e uma oficina de máquinas e ferramentas para quatro grupos de dez aprendizes (LEAL 2001). No primeiro andar, duas residências foram removidas para criar salas para aulas teóricas; as outras salas, situadas nos antigos quartos residenciais, foram projetadas para acomodar turmas de vinte alunos, embora, por vezes, comportassem quase o dobro desse número. Segundo o autor, o aumento contínuo nas admissões havia tornado insuficiente as instalações da Central Elétrica e agora ameaçava superlotar também as instalações da Escola Camões. Ademais, esses quartos, ensolarados e agradáveis para descanso, teriam sido considerados inadequados para uso escolar segundo os princípios descritos por Cottinelli Telmo (LEAL 2001).

O mobiliário manteve-se o já presente na Escola, mas muitas vezes adaptado ao novo ensino: “Carteiras duplas que foram alteadas, estiradores na sala de desenho, mesa do professor sobrelevada num estrado, quadro preto, mapa de Portugal na parede”, mas sem “o crucifixo nem o retrato dos governantes.” (LEAL 2001:173).

Dado que neste período a cantina ficava distante, e também para poupar nos rendimentos, muitos aprendizes traziam de casa a sua própria refeição, que aqueciam no local, numa cantina improvisada. Segundo esta recolha de Henrique Leal, para além de uma sopa e sandes, complementavam a refeição com figos e pêsegos do quintal da Escola: “rapazes furtivamente empoleirados no coruto das figueiras, iludindo a guarda do contramestre que almejava guardar figos secos para o inverno” (LEAL 2001:185).

A ligação entre espaço exterior e interior no lote da Escola fazia parte das rotinas durante todo seu uso, e na Escola de Aprendizes da Escola Camões manteve-se o apreço pelo jardim e pela horta, já valorizados nas descrições do projeto e anteriormente cuidados pelos professores da escola primária. Segundo a recolha de Henrique Leal, o chefe de brigada Bagina Miranda, que

coordenava a escola, costumava recompensar com algumas horas de trabalho na horta os alunos que primeiro entregavam os exercícios práticos e que tinham melhores notas, momentos que se distinguiam das rotinas habituais das oficinas, que eram disputados pelos aprendizes e que ainda hoje são recordados com apreço (LEAL 2001).

Em 1969, com a saída Escola de Aprendizes, a Escola Camões tomou novos usos educativos que terão obrigado à reinstalação de divisões para retorno às 4 salas de aula do piso térreo, vindo a albergar uma secção do Liceu Sá da Bandeira, de Santarém. Ao dar-se a unificação do ensino secundário e com a abertura da nova escola secundária na cidade, o edifício da Escola Camões ficou então desocupado.

Nos anos de 1980 foi neste espaço instalado o Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento (CERE), que obrigou a novas adaptações do espaço às necessidades do ensino especial, destacando-se a instalação dos acessos de um novo portão, rampa e elevador, bem como algumas adaptações funcionais de ajuste e refuncionalização de espaços (fig. 3).



Fig. 3. Foto do álbum de fotografias do CERE, mostrando o portão e fachada da Escola Camões aquando da ocupação pela instituição, ainda com os mochos, mas já a demonstrar danos de infiltrações nas paredes.

Com a saída do CERE, entre 2001 e 2008, a Escola ficou abandonada, começando a ser vandalizada. Em 2002, logo após o abandono, o SIPA – Sis-

tema de Informação para o Património Arquitetónico faz um primeiro registo do imóvel (SIPA 2024). No entanto, este lugar chega aos dias de hoje com o seu património móvel delapidado e vandalizado, alguns problemas estruturais (especialmente a nível da cobertura e pavimentos do 1º piso), e uma história por contar. Estando atualmente ainda em discussão a refuncionalização do sítio, propôs-se assim a realização de um estudo e levantamento arqueológico com vista ao registo patrimonial e ao incentivo à sua salvaguarda, dado não se encontrar sob nenhuma forma de proteção de bem cultural, nem abrangido por áreas classificadas.

A Escola Camões é representativa da tendência global de escolas ferroviárias, que uniam à infraestrutura industrial elementos sociais, reforçando o papel do ensino na formação de comunidades industriais e no estabelecimento de uma identidade específica. O seu estudo contribui para ampliar a compreensão do património social da ferrovia, valorizando-o como fenómeno não apenas nacional, mas com ligações transversais à história da arquitetura, da educação e da industrialização.

Esta deve ser compreendida como parte integrante de um sistema ferroviário social complexo, onde o caminho de ferro não se limitava à circulação de comboios, mas constituía um modo de vida totalizante, com reflexos profundos na organização urbana, social e educativa da cidade (COULLS, DIVALL, LEE 1999; BORGES 2023). Coulls propõe que a ferrovia seja reconhecida como um sistema sócio-técnico, onde estações, oficinas, linhas e locomotivas coexistem com bairros operários, escolas, centros cívicos e práticas culturais específicas. Tal como defendido por Jorge Custódio (2012), o património ferroviário não se limita às linhas férreas, estações ou locomotivas, mas abrange igualmente um conjunto mais vasto de infraestruturas sociais – bairros operários, oficinas, escolas, espaços de convívio e equipamentos de apoio comunitário – que constituem o que o autor designa como “domínio público ferroviário”. Este conceito traduz uma visão integrada e funcional da ferrovia, que estruturou formas de vida, organizou o território e moldou identidades coletivas ao longo de mais de um século. Neste contexto, a Escola Camões inscreve-se claramente numa rede transnacional de infraestruturas sociais promovidas pelas companhias ferroviárias, concebidas não apenas para assegurar a qualificação e reprodução da força de trabalho, mas também para garantir a estabilidade, coesão e elevação moral das comunidades ferroviárias (BORGES 2023). Trata-se, portanto, de um elemento essencial na leitura do património ferroviário, cuja valorização deve ultrapassar a dimensão meramente técnica para incorporar as suas expressões sociais, educativas e simbólicas. À semelhança de outras experiências internacionais, a Escola Camões revela uma arquitetura higienista e funcionalista,

coerente com os princípios pedagógicos e sanitários do início do século XX (CUNHA e TELMO 1927). Mais do que um espaço escolar, a escola representava um núcleo de formação cívica e técnica, onde se ensinavam não apenas letras, mas também os valores fundamentais do universo ferroviário: disciplina, pontualidade, ordem, solidariedade e progresso (BORGES 2023).

Contudo, estas dimensões sociais do património ferroviário são frequentemente negligenciadas nos processos de patrimonialização, que privilegiam a monumentalidade das obras de engenharia (COULLS, DIVALL, LEE 1999). A Escola Camões, que se mantém em risco de desaparecimento, é um exemplo dessa omissão: um edifício com elevado valor simbólico e identitário para gerações de ferroviários e seus descendentes, mas que ainda não foi objeto de proteção legal e carece de ações concretas de salvaguarda.

2. Trabalhos Arqueológicos: abordagem transdisciplinar

No âmbito do projeto realizado na Escola Camões, os trabalhos distribuíram-se por três áreas fundamentais: investigação e pesquisa prévia, trabalho de campo, e redação de relatório. Inicialmente, efetuou-se um estudo preliminar, recorrendo a arquivos e bases de dados, para adquirir uma compreensão aprofundada do sítio, com foco particular na evolução arquitetónica do edifício e no seu histórico de ocupação. Este passo inicial foi crucial para estabelecer uma base sólida para as investigações subsequentes.

Salienta-se que o património documental relativo ao edifício (plantas, alçados e memórias descritivas) está disperso, com algumas existências no arquivo da Infraestruturas de Portugal e na posse de privados. Realce também para os antigos trabalhadores do CERE e antigos alunos da escola, que contribuem para compreender as alterações que foram sendo feitas ao edifício através da partilha das suas memórias.

Seguiu-se o trabalho de campo, realizado durante uma semana, que privilegiou o levantamento detalhado e a interpretação dos espaços, bem como das transformações ocorridas ao longo do tempo. Este trabalho incluiu a limpeza e análise cuidadosa das diversas áreas interiores e exteriores, com especial atenção ao piso térreo, com a remoção de entulho e lixo não pertencentes à estrutura original do edifício sempre que possível (fig. 4 e 5). As atividades no piso superior foram parcialmente restringidas, por questões de segurança, realizando-se apenas o registo fotográfico do existente e o mapeamento. Paralelamente, realizou-se um extenso registo gráfico e fotográfico dos vários espaços, assegurando a documentação sistemática e detalhada das caracte-

rísticas arquitetónicas relevantes. Complementarmente, efetuou-se o preenchimento de fichas de inventário para cada espaço identificado, incluindo desenhos e memórias descritivas sempre que pertinente (MEDEIROS 2019).



Fig. 4. Vista dos trabalhos de limpeza e desenho do empedrado de acesso à porta principal da Escola.

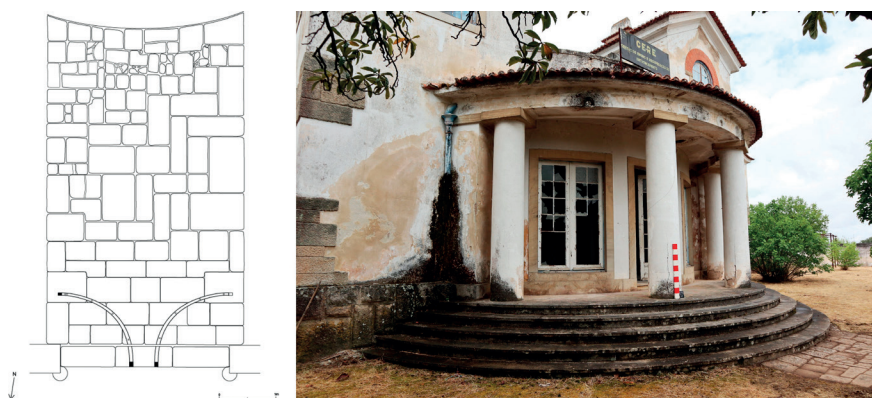


Fig. 5. À esquerda: desenho do lajeado que liga o portão à entrada do edifício (desenho de Rui Gil), evidenciando as áreas mais degradadas. À direita: vista da entrada da Escola após a limpeza.

Os trabalhos na escola iniciaram-se pelo registo do estado atual dos espaços, através de fotografia geral e de pormenor, com escala, norte e indicação de sector. O acrónimo de identificação do sítio foi estabelecido como EC19, e cada sector foi identificado pelo piso e pelo nº de sala, sendo que o Sector

O correspondia ao piso térreo (num total de 13 espaços, nomeados de S.0.1 a S.0.13), o Sector 1 ao primeiro piso (num total de 19 espaços, nomeados de S.1.1 a S.1.19), e o Sector 2 à cobertura (num total de 3 espaços, nomeados de S.2.1 a S.2.3). As áreas exteriores foram divididas em Entrada, Jardim Este, Jardim Oeste, Recreio Este, Recreio Oeste e Área Coberta. De acordo com a metodologia adequada (SCHULLER 2002; TICCIIH 2003; MEDEIROS 2020), passou-se seguidamente ao estudo de cada sector, preenchendo uma ficha de levantamento, onde eram apontados os elementos e materiais construtivos, as dimensões, o património móvel associado e o estado de conservação, entre outras informações de relevo. Sempre que necessário procedeu-se a trabalhos de limpeza e remoção de lixos, para compreender pavimentos e estruturas, mas sempre sem retirada de elementos ou alterações irreversíveis ao existente (fig. 7 e 8).

Além disso, foram conduzidas entrevistas e recolhidas histórias orais de antigos utilizadores do espaço, enriquecendo a pesquisa com perspetivas pessoais e experiências vividas. Realizaram-se visitas prévias ao local para preparação dos trabalhos de campo, bem como visitas acompanhadas, para compreensão dos usos dos espaços. A visita à Escola com a Dr^a Maria Manuela Batista foi particularmente relevante para compreender as alterações efetuadas aquando da ocupação pelo CERE. Foi ainda possível realizar uma sessão de história oral com antigos alunos e funcionários, no dia 20 de junho, com José Lopes Pereira Mirrado, Carlos Estriga, José Dias da Silva, Arnaldo Marques, M^a Donzília Lourenço, David Ramos e M^a Manuela Batista, que muito ajudaram a compreender os usos e mudanças realizadas ao longo de várias décadas (fig. 6).



Fig. 6. As sessões de história oral e visitas orientadas foram fundamentais para compreender os documentos históricos e as transformações sofridas pelo espaço ao longo do tempo.

Após a conclusão do trabalho de campo, procedeu-se ao processamento dos dados recolhidos, durante uma semana de trabalho de gabinete na NOVA FCSH, para processamento das fichas de campo, tratamento dos desenhos e elaboração de plantas, e redação de relatório final. Esta etapa envolveu o tratamento de desenhos e fichas, o cruzamento de informações e a interpretação dos dados, culminando na elaboração de relatório de trabalhos arqueológicos (MEDEIROS 2019) (fig. 7 e 8). A metodologia adotada para este estudo baseou-se nos procedimentos de levantamento e registo em arqueologia da arquitetura (SCHULLER 2002) e em abordagens da arqueologia industrial (DOUET 2012; PALMER e NEAVERSON 1998), bem como em normas internacionais (TICCIH 2003). Além disso, utilizaram-se princípios de análise estratigráfica em arqueologia (HARRIS, BROWN e BROWN 1993), para a interpretação das fases do edificado.

2.1 Fases de evolução do edificado

No seguimento dos trabalhos realizados, foram definidas seis fases-chave da história do edifício, resumidas em seguida:

Fase I: 1926-1928 – Construção

Estabeleceu-se como primeira fase o momento de construção, para diferenciar o momento caracterizado pela implementação de métodos construtivos e decorativos, bem como das fundações. Este período corresponde à construção original da Escola Camões, projetada pelos arquitetos Luís da Cunha e Cottinelli Telmo, inserida num plano urbanístico mais amplo do Bairro Ferroviário Camões. O edifício, de dois pisos, é construído segundo uma planta funcional, racionalista, orientada por princípios higienistas e pedagógicos modernos, com clara separação entre zonas administrativas, salas de aula, recreios e habitação dos professores. As fundações foram lançadas neste período, bem como a instalação dos elementos decorativos originais, como os azulejos, estuques em caixotão e candeeiros de ferro.

Fase II: 1928-1958 – Escola Primária

Nesta fase, a escola funcionou como escola primária oficial, com regime misto. O uso dos espaços manteve-se próximo do projeto original, com salas de aula organizadas em torno do vestíbulo principal, recreios separados por género e aproveitamento da horta escolar, de inspiração pedagógica e educativa. Não se registam grandes alterações estruturais, embora seja possível que já nesta fase se tenham efetuado pequenos ajustamentos de mobiliário,

incluindo instalação de quadros de ardósia, armários e bancos fixos. A presença de professoras residentes no piso superior, em duas habitações (ala Este), e professores do sexo masculino noutras duas (ala Oeste), foi característica distintiva desta fase.

Fase III: 1959-1969 – Escola de Aprendizes

Com a instalação da Escola de Aprendizes da CP, inicia-se uma fase de profundas alterações funcionais. Salas de aula foram convertidas em oficinas técnicas, com demolição de paredes e adaptação dos espaços do vestíbulo em vestiários e áreas de apoio técnico. No exterior, foi erguida uma estrutura de forja, usada para treino prático dos aprendizes. Esta fase está associada à introdução de novos equipamentos técnicos e reorganização interna do espaço. O piso superior começa a perder a sua função residencial, com demolição de várias paredes para criar espaços amplos.

Fase IV: 1971-1980 – Liceu

Durante esta fase, a escola é adaptada para funcionar como secção destacada do Liceu Sá da Bandeira de Santarém, correspondendo a um período de expansão do ensino secundário no país. Procedeu-se à reconfiguração de espaços, incluindo a reconstrução de paredes divisórias no piso térreo (reversão parcial das demolições feitas na fase anterior), instalação de bebedouros e sanitários no exterior e transformação da antiga forja em cafetaria. O uso formal volta a estar centrado no ensino teórico, com menor ênfase na formação técnica, refletindo-se numa nova organização funcional das salas e adaptação do mobiliário para ensino geral.

Fase V: 1980-2001 – CERE

Esta fase, correspondente ao período de funcionamento da Escola Camões como Centro de Ensino e Recuperação do Entroncamento (CERE), é ainda hoje a mais visível na configuração atual do edifício. O espaço foi profundamente adaptado para responder às exigências do ensino especial, com particular atenção à acessibilidade. Entre as intervenções estruturais mais relevantes destacam-se a instalação de um elevador exterior e a adição de uma rampa de acesso ao Recreio Este, facilitando a circulação de pessoas com mobilidade reduzida. Procedeu-se também à alteração dos sanitários e ao revestimento dos pavimentos das salas S.0.7 e S.0.8 com linóleo, por motivos de higiene e manutenção. Simultaneamente, diversos espaços foram reconfigurados para funcionar como secretaria, biblioteca ou refeitório.

Fase VI: 2008-presente – abandono

Com o encerramento da escola em 2001 e ausência de reocupação efetiva, iniciou-se um processo de abandono progressivo, intensificado a partir de 2008. A degradação manifesta-se na perda de elementos originais – como os mochos em pedra, os candeeiros de época, quadros e mobiliário fixo – por roubo, vandalismo e negligência. Tenha-se em conta janelas, portas, mosaicos, ou quadros, partidos e grafitados. As infiltrações, danos estruturais na cobertura e a destruição de revestimentos interiores são hoje visíveis em quase todos os compartimentos. Embora nos últimos anos, no âmbito dos trabalhos municipais de revalorização do bairro, tenha sido pintado o exterior do muro envolvente da escola, esta continua em estado de abandono.



Fig. 7. Vista do primeiro espaço de entrada da escola, Sector 0.1 (vestíbulo), aquando dos trabalhos de limpeza, evidenciando marcas de vandalismo e deterioração, bem como restauros prévios ao teto em caixotão.



Fig. 8. Exemplos do levantamento efetuado: vistas de alguns espaços interiores (Sector) do primeiro piso da Escola (Sector 1), por ordem de linha, começando no topo: S. 1.3, S. 1.12, S. 1.15, S. 1.17, S. 1.18b.

2.2 Transformações do espaço ao longo do tempo

Ao longo das várias ocupações as transformações efetuadas no espaço foram constantes, em termos de alteração das partições interiores (especialmente no Sector 1), sendo também marcantes as adições causadas por necessidades de acesso na Fase V.

Assim, o piso térreo (Sector 0) sofreu poucas alterações estruturais, com duas paredes originais entre salas removidas na Fase III, para criar uma grande oficina de Serralharia e uma Secção de Máquinas e Ferramentas, depois repostas na Fase IV. Na Fase V dá-se neste piso a alteração da casa de banho a oeste (S 0.4) para ser acessível a cadeira de rodas, com adição de base de chuveiro, e a alteração de função da casa de banho a este (S 0.9) para transformação em escritório da Direção, com necessidade de demolição dos compartimentos das sanitas. As alterações de função causaram também mudanças no mobiliário (remoção de equipamentos e adição de outros) que deixam algumas pequenas marcas nas paredes, sendo a apontar o cobrimento do chão das salas 0.7 e 0.8 com linóleo, na Fase V, por motivos de facilidade de limpeza das salas de atividades. Destaca-se ainda desta fase as adições de elevador (caixa de elevador e sala das máquinas) e de rampa de acesso ao Recreio Este, bem como a introdução de mobiliário lúdico (balancé, carrossel, escorrega e caixa de areia) nesse recreio, que era antes o 'Recreio para Meninas'. As mudanças de função do espaço, mesmo sem mudanças estruturais, acontecem também, como é visível nas salas laterais do vestíbulo, que são à vez Secretaria, Sala dos Professores e Biblioteca, ou Vestiários (fig. 9).

No exterior, destaque para a construção de estrutura de forja na Fase III, que depois será refuncionalizada como cafetaria nas fases seguintes. Serão aí também alteradas as casas de banho junto ao muro sul, na Fase IV, com alargamento das mesmas. Na Fase V, destaque para a abertura de vão no muro oeste. Outras alterações terão ocorrido na área nomeada Jardim Este, cuja cronologia não foi possível apurar.

Nos pisos superiores as alterações foram mais marcadas. No piso superior (Sector 1), originalmente dividido em quatro quadrantes, com duas habitações para professora no lado este e duas habitações para professor no lado oeste do edifício, as adaptações para Escola de Aprendizizes (Fase III) levaram à demolição de várias paredes de modo a abrir espaços para lecionar. Ao contrário do que aconteceu no piso térreo, essas paredes não terão voltado a ser levantadas em momentos posteriores. As cozinhas, uma por habitação, que se encontravam na zona central do edifício, serão reduzidas, mantendo-se as mais a sul, unidas e adaptadas, sendo uma das habitações (a NE) transformada num espaço amplo para refeitório (fig. 10).

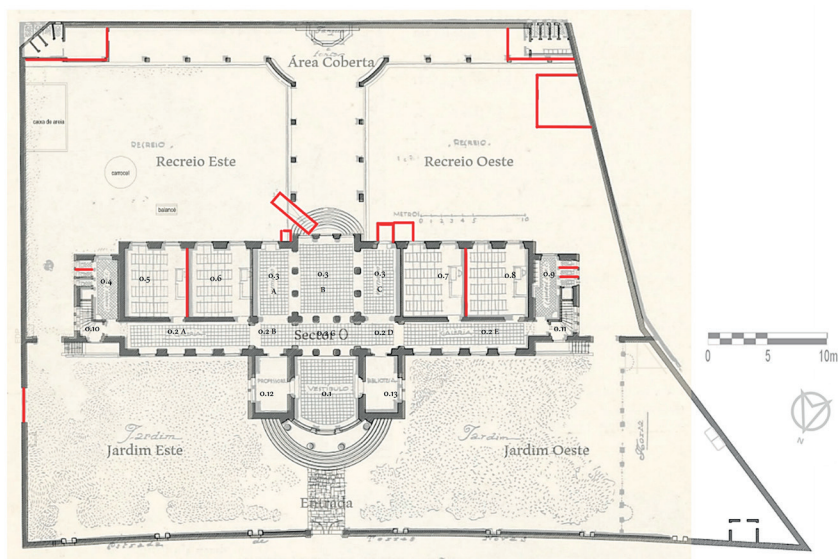


Fig. 9. Sobreposição da planta atual (MEDEIROS 2019) com a planta publicada em 1927 (CUNHA e TELMO 1927), com indicação a vermelho das principais alterações estruturais realizadas no espaço exterior e piso térreo ao longo da sua história.

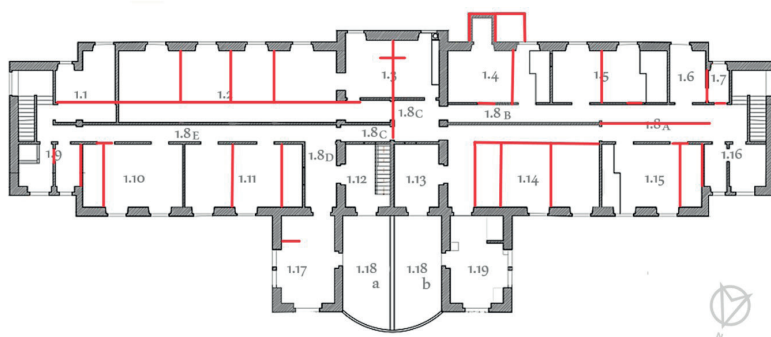


Fig. 10. Planta do piso superior, indicando a vermelho as alterações (remoções e adições) efetuadas ao longo da utilização do espaço (MEDEIROS 2019).

2.4 Resumo de alterações por fase

Fase III:

Criação de espaço de forja (utilizada para fazer materiais como o martelo e esquadro do equipamento dos aprendizes).

Fusão de duas salas de aula (S 0.5 e S 0.6), através da demolição de parede, para transformação em Oficina de Serralharia.

Fusão de duas salas de aula (S 0.7 e S 0.8), através da demolição de parede, para transformação em Secção de Máquinas Ferramentas.

Adaptação do mobiliário existente.

Utilização das salas (S 0.12 e S 0.13) laterais ao vestíbulo como vestiários.

Alteração da estrutura dos WC do piso superior – Sectores 1.1, 1.6, 1.7, 1.9, 1.16.

Transformação de espaços de “habitação de professora” (ala sudoeste) em Sala de Desenho – Sectores 1.2, 1.3.

Alteração dos espaços de corredor – S 1.8.

Alteração dos espaços de Habitação de Professor a nordeste, com remoção de paredes e abertura do espaço – S 1.14.

Fase IV:

Alargamento das instalações sanitárias no Exterior – área Coberta.

Adição de bebedouros junto à fonte – área Coberta.

Transformação do espaço de forja em cafetaria – Recreio Oeste.

Recolocação de paredes divisórias nas salas de aula do piso térreo – Sectores 0.5, 0.6, 0.7, 0.8.

Fase V:

Instalação de equipamento lúdico no Recreio Este.

Abertura de vão no muro – Jardim Este.

Alteração de compartimento em S 0.4 para alargamento de espaço sanitário e instalação de base de duche.

Alteração do Sector 0.9 para adaptação a escritório, com remoção de compartimentos e sanitários.

Revestimento dos pisos em S 0.7 e S 0.8 com linóleo.

Alteração da janela (transformação em vão) do Sector 0.3C para criação de acesso ao elevador exterior.

Alteração da janela (transformação em vão) do Sector 1.4 para criação de acesso ao elevador exterior.

Fase VI:

Desaparecimento dos mochos na Entrada.

Desaparecimento dos candeeiros do interior da Escola.

Vandalismo – quebra de elementos (vidros das janelas, portas, quadros, bebedouros, fonte, etc.), pintura a graffiti sobre paredes, remoção de elementos decorativos.

Danos estruturais generalizados, especialmente a nível da cobertura, mas também em diversas salas e no vestíbulo.



Fig. 11. Alguns dos elementos ainda presentes no edifício que remetem para uma história de 100 anos ao serviço do ensino.

O conjunto de trabalhos arqueológicos realizados na Escola Camões evidenciou a eficácia de uma abordagem transdisciplinar aplicada ao património escolar ferroviário edificado, que combinou investigação histórica, análise estratigráfica da arquitetura, história oral e levantamento gráfico sistemático. Através do cruzamento entre fontes documentais selecionadas, dados de campo e testemunhos de antigos utilizadores – nomeadamente professores e alunos do CERE e da antiga Escola de Aprendiz da CP – foi possível identificar e caracterizar seis fases distintas de ocupação e transformação funcional do edifício, desde a sua construção (1926-1928) até ao atual estado de abandono. As atividades de campo permitiram mapear com detalhe os espaços da escola, exteriores e interiores, incluindo três pisos, recreios e jardins, num total de 41 sectores. Documentaram-se as alterações estruturais e funcionais mais significativas, como a fusão de salas para oficinas técnicas na Fase III, a adição de equipamento lúdico e instalações de acessibilidade na Fase V, ou a degradação estrutural generalizada na Fase VI. A recolha de história oral, especialmente na sessão com antigos alunos e trabalhadores, forneceu informação única sobre o uso pedagógico, simbólico e quotidiano dos espaços, enriquecendo a análise com perspetivas vividas que não constam dos documentos escritos.

A aplicação da metodologia de arqueologia da arquitetura (segundo

HARRIS, BROWN e BROWN 1993; PALMER e NEAVERSON 1998; SCHULLER 2002; DOUET 2012; ou MEDEIROS 2020) foi determinante para ler o edifício como fonte primária de informação histórica, permitindo não só compreender as suas sucessivas transformações físicas, mas também os contextos sociais, educativos e institucionais que motivaram tais alterações. A Escola Camões revela-se, assim, um caso paradigmático de infraestrutura social ferroviária, profundamente enraizada na malha urbana e identitária do Entroncamento, cuja leitura patrimonial exige uma abordagem sensível à sua materialidade, usos históricos e memória comunitária.

Conclusão

Conforme amplamente defendido pela comunidade científica no campo da gestão de património, a preservação de locais históricos é mais eficazmente alcançada através do seu uso contínuo (TICCIH 2003). O caso da Escola Camões mostra como o edifício foi constantemente reaproveitado como espaço de educação e formação, deixando marcado nas paredes, pavimentos e outros espaços, as necessidades de adaptação funcional ao longo das décadas. Após 75 anos de adaptação e vivência, o seu prolongado abandono, aliado a danos estruturais e a uma manutenção limitada, resultou numa degradação significativa ao longo de mais de uma década. Este período de abandono conduziu ao roubo e destruição de elementos únicos e irrepetíveis, ao vandalismo que deteriorou a estrutura e os elementos decorativos e ao impacto do tempo e do clima, especialmente visível nos danos às coberturas, pavimentos e revestimentos. Uma comparação entre os levantamentos fotográficos do início dos anos 2000 (SIPA) e os de 2019 (MEDEIROS 2019) revela claramente a extensão dos danos, particularmente em termos estruturais, de sujidade e de abandono, bem como no desaparecimento de elementos estéticos fundamentais, como os candeeiros. A remoção do património móvel associado à escola, que faz parte da narrativa sobre os usos do espaço e também sobre o investimento na educação técnica e especializada, ou sobre a visão integrada do espaço educativo, constitui uma perda flagrante. Sendo inviável a sua preservação dentro do espaço físico, pela degradação do espaço, sujeito aos elementos e ao vandalismo, a preservação noutra local é uma opção legítima de salvaguarda. Isso foi testemunhado nas novas instalações do CERE, onde podemos encontrar, mantidos e cuidados, bancos e cadeiras recolhidas na escola aquando do seu encerramento (MEDEIROS 2019). A história do mobiliário escolar, enquanto intermediário direto do aluno e professor com

o espaço de ensino, visível seja nos quadros de ardósia seja nas mesas e cadeiras da aula, na iluminação ou no equipamento sanitário, tudo elementos móveis que mais rapidamente são vandalizados nestes espaços abandonados, merece aqui também uma abordagem mais profunda, que se exorta que seja realizada.

Adicionalmente, foram identificados danos significativos ao suporte estrutural do edifício, possivelmente resultantes de demolições de paredes que, com o passar do tempo, assumiram funções de suporte de carga. Esta alteração estrutural tem impacto direto na estabilidade dos pilares do vestíbulo, como indicado pela compressão excessiva destes pilares e consequente desprendimento de azulejos (MEDEIROS 2019). A contínua perda de elementos a que a Escola está sujeita, seja por motivos de ordem natural ou humana, é claramente acelerada. Como consequência, arriscamo-nos a perder um marco histórico que, apesar dos seus evidentes valores como património cultural, bem como atributos de autenticidade, integridade e valor histórico, arquitetónico e social, continua sem a necessária proteção e em risco de desaparecimento irreversível.

Apesar destes desafios, a Escola Camões mantém a sua identidade única e carácter distintivo. Como um edifício projetado especificamente para a educação, preservou a sua função ao longo de quase um século (fig. 11). Assim, a sua renovação deve visar a preservação do máximo de tecido original do edifício e a manutenção da sua função educativa. Durante a sua história, a escola ganhou uma dimensão que vai além da transmissão de conhecimento. Henrique Leal (2001) destaca que, enquanto Escola de Aprendiz da CP, a Escola Camões tornou-se um espaço de liberdade e um símbolo de identidade. Da mesma forma, entrevistas com ex-alunos do Liceu revelam experiências ligadas à Revolução de Abril de 1974, ancoradas nos espaços da Escola Camões.

Embora a análise do património construído seja tradicionalmente realizada por historiadores de arte, arquitetos ou historiadores locais, pretende-se com este caso de estudo evidenciar como a inclusão de abordagens arqueológicas, na análise e estudo do património construído, são fundamentais para identificar e salientar aspetos associados à cultura material e às suas transformações ao longo do tempo. Consegue-se assim focar o estudo nas relações espaço-temporais entre usos e alterações ao edifício e a sua envolvente, destacando as relações, poderosas e íntimas, entre pessoas e o espaço à sua volta, nomeadamente nos edifícios onde desenvolvem as suas atividades e espelham os seus ideais (HICKS e HORNING 2015). Trabalhar neste tipo de registos obriga também a arqueologia a desenvolver uma abordagem própria à análise documental e de outras fontes históricas, como foi neste caso,

relacionando os estudos sobre a história da escola, os projetos dos arquitetos que a construíram e as memórias de quem nos espaços viveu, trabalhou e aprendeu. A integração do estudo histórico com a arqueologia e o registo da memória intangível da comunidade, pretendem desvendar detalhes que esperamos contribuam para revitalizar a Escola Camões, preenchendo novamente com vozes os seus recreios e salas, agora silenciosos e abandonados. Embora o edifício seja a ‘âncora’ material da história que aqui ocorreu, a sua recuperação não deve limitar-se ao edifício físico, mas incluir a preservação da memória viva, a história do lugar e a experiência das comunidades que por lá passaram.

Essas conexões profundas com a comunidade, ainda muito vivas, evidenciam o apreço que as várias gerações têm pelo local. Este afeto é uma ferramenta crucial para reintegrar este elemento patrimonial na vida quotidiana das pessoas do Entroncamento. O levantamento arqueológico realizado ofereceu uma visão abrangente do espaço, da sua materialidade e seus significados históricos, sociais e técnicos. O seu valor patrimonial tangível encontra-se no valor arquitetónico e construtivo da escola, que reflete ainda elevada autenticidade, sendo original e exemplar. Concebido pelos reconhecidos arquitetos Luís da Cunha e Cottinelli Telmo, o edifício da Escola Camões é um notável exemplo de arquitetura escolar dos anos 1920, inspirado nos princípios da “cidade jardim” e no discurso higienista, destacando-se pela sua estrutura funcional, organizada, com ampla luz natural, ventilação cuidada e uma forte preocupação com a saúde e pedagogia – tendo sido considerado, à época, “o melhor edifício escolar do país”.

Mas esta escola encerra também valores intangíveis de profundo alcance histórico-social, educativo e identitário, que transcendem a sua materialidade. A Escola Camões é um exemplo emblemático do património escolar e ferroviário português, não apenas pela sua função enquanto espaço de ensino, mas também pelo papel que desempenhou na construção da identidade coletiva do Entroncamento. Ao longo de quase um século, foi palco de vivências de várias gerações – desde filhos de ferroviários a jovens em formação técnica ou alunos com necessidades educativas especiais – refletindo as transformações da sociedade e do ensino em Portugal. A sua memória está intrinsecamente ligada à comunidade local, às práticas educativas, às rotinas do quotidiano e aos laços afetivos que se formaram entre muros, agora em risco mas ainda carregados de significado.

Agradecimentos

Esta intervenção partiu de um desafio da arquiteta Ana Rita Venda, a quem agradecemos ter visto o potencial em unir o olhar arqueológico com a dimensão arquitetónica para olhar o futuro deste lugar. Um agradecimento também aos alunos de arqueologia da NOVA FCSH, Rafael Santiago e Rui Gil, que energeticamente participaram nos trabalhos arqueológicos.

Agradecemos ainda o fundamental suporte logístico da Câmara Municipal do Entroncamento, em particular à vereadora Dr.^a Tília Nunes. Agradecemos também à IP-Património, à CP Portugal e à Dr.^a Graça Serejo pelo seu apoio, bem como ao CERE e à Dr.^a Maria Manuela Batista. Um reconhecimento especial vai para a APAI, em particular à sua Direção e ao Grupo de Trabalho em Património Ferroviário, e à NOVA FCSH.

Bibliografia

- BEAUDRY, Mary C. (2004). “Doing the Housework: New Approaches to the Archaeology of Households”, in Kerri S. Barile e Jamie C. Brandon (eds.), *Household Chores and Household Choices: Theorizing the Domestic Sphere in Historical Archaeology*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 254-262.
- BORGES, B. (2023). *O Significado do Património Ferroviário*. Lisboa: Edições Colibri.
- COULLS, A.; DIVALL, C.; LEE, R. (1999). *Railways as World Heritage sites*. Technical Report. Paris, France: ICOMOS, 29p. Disponível em: <https://openarchive.icomos.org/id/eprint/3043/>
- CUNHA, L; TELMO, C. (1927). “Construções escolares e bairros operários: Escola e Bairro Camões no Entroncamento”. *Arquitectura: revista mensal*, 1, 4, 50-56.
- CUSTÓDIO, J. (2012). “Património ferroviário em risco: O caso do complexo do Barreiro”. *Revista P&C*, 53, Julho-Dezembro, 38-40. Disponível em: www.gecorpa.pt.
- DOUET, J. (ed.) (2012). *Industrial Heritage Retooled*. TICCIIH and Carnegie Publishing.
- HARRIS, E. C.; BROWN, M.; BROWN, G. (eds.) (1993). *Practices in Archaeological Stratigraphy*. London and San Diego: Academic Press.
- HICKS, D.; HORNING, A. (2015). “Historical archaeology and buildings”, in *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge: Cam-

- bridge University Press, 273-293.
- LEAL, H. R. (2001). *De aprendiz a cidadão: a escola de aprendizes da C.P. no Entroncamento 1943-1976*. Tese de mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- LOPES, M. M. (1996). *Entroncamento: o caminho de ferro, factor de povoamento e de urbanização* (3ª ed.). Câmara Municipal do Entroncamento.
- MEDEIROS, L. (2019). *Relatório Final - Levantamento e Arqueologia da Arquitectura - Escola Camões, Entroncamento – EC19*. Relatório, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.
- MEDEIROS, L. (2020). “La fábrica reutilizada: La contribución de la arqueología de la arquitectura al conocimiento y puesta en valor del patrimonio industrial”. *ERPH: Revista Electrónica de Patrimonio Histórico*, 27, 28-51. <https://doi.org/10.30827/e-rph.v0i27.17900>
- OLIVEIRA, P. (2020). *Caracterização das construções dos bairros ferroviários do Entroncamento*. Tese de mestrado em Reabilitação Urbana, Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.
- PALMER, M.; NEAVERSON, P. (1998). *Industrial Archaeology – Principles and Practice*. London and New York: Routledge.
- ROSÁRIO, P. (1996). *Entroncamento: do mito do progresso à realidade presente* (2ª ed.). Câmara Municipal do Entroncamento.
- SCHULLER, M. (2002). *Building archaeology - Monuments & Sites VII*. ICO-MOS.
- SIPA. (s.d.). “Escola Camões”, in *SIPA, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14294 (acesso em 2024-09-25).
- TICCIH (2003). *The Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage*. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage.

ENTREVISTA
INTERVIEW

Colonial intelligence and diplomatic relations between empires, or how to survive in a vast Indo-Persian world

JAIME RICARDO GOUVEIA

Universidade de Coimbra-CHSC, FLUC

jaime.gouveia@uc.pt

<http://orcid.org/0000-0002-2435-7384>



Jorge Manuel da Costa Silva Flores is one of the leading names for anyone who wants to study Portuguese Asia in the early modern period, not only because of his long academic career, but especially because of the international impact of his scientific work.

Professor Jorge Flores has a high level of academic experience. He holds a Degree in History from the University of Lisbon and a MA and a PhD from the New University of Lisbon. Prior to his current position at the University of Lisbon, he held Assistant and Lecturer Professorships at the University of Macau, the Lusíada University (Lisbon), and the University of Aveiro. He has been Associate Professor (with tenure) of Portuguese & Brazilian Studies and History at Brown University (Providence, RI) before moving to the European University Institute, in Florence, where he was Vasco da Gama Professor on European Colonial and Post-Colonial Systems, and Professor of Early Modern Global History.

Currently he is senior Researcher at the Interuniversity Centre for the History of Science and Technology (CIUHCT), University of Lisbon. Over the course of his career, Professor Flores has been a visiting scholar at several international scientific institutions, such as the International Open University of Asia; École Pratique des Hautes Études – IVE Section, Sorbonne; Leiden University; École des Hautes Études en Sciences Sociales; the University of Oxford (Torch International Fellow); and the University of Konstanz (Dr. K. H. Eberle Research Fellow).



The originality and high quality of Professor Flores's work is also explained by his involvement in competitively funded research projects. These include the project 'Microhistory and Global History' (with Maxine Berg and John-Paul Ghobrial), funded by the UK's Arts and Humanities Research Council (AHRC) and, more recently, the coordination of the project 'The Hidden Layer: In-Between Lives and Archives of the Early Modern Portuguese Empire', funded by the Foundation for Science and Technology (FCT).

His career has also been marked by his participation in the most prestigious international scientific societies and by his extensive involvement as a guest speaker at international conferences and seminars. On 6 December 2024, the University of Coimbra and the Center for the History of Society and Culture hosted Professor Jorge Flores for a well-attended lecture entitled: "Paper Ships: Maritime Asia as an Archive (1500-1800)". Taking a social history approach to the archive, the history of material culture, and the human history of maritime Asia, he reflected on how the Indian and Pacific Oceans operated as paper oceans, ships as archives or floating libraries, and ships as historical sources or sites of document production.

In this lecture, Professor Flores discussed how maritime routes, seen as axes of the circulation of paper, can help to clarify the imperial dynamics that he has been studying for many years. Here are some examples of his outstanding works in the historiographical field: *Os Portugueses e o Mar de Ceilão: Trato, Diplomacia e Guerra, 1498-1543* (Cosmos, 1998); *Os Olhos do rei. Desenhos e descrições portuguesas da ilha de Ceilão (1624-1638)* (Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001); *A Taprobana e a Ponte de Rama. Estudos sobre os Portugueses em Ceilão e na Índia do Sul* (Instituto Português do Oriente, 2004). More recently, he published *Nas margens do Hindustão. O Estado da Índia e a expansão mogol, ca. 1570-1640* (Coimbra University Press, 2015); *The Mughal Padshah: A Jesuit Treatise on Emperor Jahangir's Court and Household* (Brill, 2016; Manohar, 2024); and *Unwanted Neighbours: The Mughals, the Portuguese, and Their Frontier Zones* (Oxford University Press, 2018). He has also co-edited several volumes and written several articles of recognised importance (for more, see: <https://ciuhct.org/membros/jorge-flores>).

This interview seeks to explore some of the main arguments that Professor Jorge Flores has developed in the recent past, with a special focus on his latest book, *Empire of Contingency: How Portugal Entered the Indo-Persian World* (University of Pennsylvania Press, 2024).

Jaime Gouveia – *A book always reflects the time in which it was written, as well as certain ways of thinking and writing history. What impelled you to write it? Can you indicate the most important purposes of your enquiry?*

Jorge Flores – Curiously, the idea for this book started germinating in my mind a very long time ago, when I moved from Macau back to Lisbon in 1994. To have lived five years in this small Chinese city, by then under Portuguese administration, gave me an acute sense of how must have been like to rule a port city that integrated the *Estado da Índia* but was encircled by a continental giant, namely Ming-Qing China. So, my initial question was: how does a “disadvantaged” foreign community manage to safeguard its political autonomy, if not its actual survival, in such conditions? The problem, *mutatis mutandis*, also applied to the city of Goa – the capital of Portuguese Asia – vis-à-vis Mughal India. Founded in Delhi in 1526, the Mughal Empire rapidly expanded in several directions and eventually engulfed most of the Portuguese possessions in India. The book that influenced me most in the early stages of this project was C. A. Bayly’s *Empire of Information: Intelligence and Social Communication in India, 1780-1870* (1996). Of course, Bayly’s book concerns a different empire, a later epoch, and a markedly distinct context. It deals with the British conquest of India, whereas *Empire of Contingency* is about the Portuguese survival in India. But what Bayly offers with regard to indigenous surveillance, communicational structures, and interpenetration of the local stratum with the colonial apparatus was key to my project. As time went by, I refined my argument and the sub-questions to be tackled multiplied. I fostered several other historiographical conversations, many of them somewhat neglected by specialists of South Asia and/or historians of empire. This work was planned and written over a long period of time and thus reflects several developments of history as an academic discipline. Ultimately, I sought to write an early modern book, one that any early modernist – regardless of the cultural zones they work on – could read and, hopefully, engaged with. To some extent, the themes are more significant than the geographies.

JG – *There you express the idea that Portuguese India was always tiny, and that its survival in relation to the great Muslim and Persian-based societies that ruled the subcontinent was due to the invention of possible and improvised strategies. Could you tell us more about the key questions and issues behind this statement?*

JF – The *Estado da Índia*, we know it well, faced several challenges posed by different Asian polities, societies, and economies stretching from the Red Sea to the Sea of Japan, but also by significant European competitors that

came into this vast world from the late sixteenth century onwards. In *Empire of Contingency*, I focus specifically on Portuguese India vis-à-vis the Persianate sphere between the 1570s and the end of the seventeenth century. (By Persianate we do not mean Iran, but rather the cultural nexus that encompasses several regions and diverse multi-ethnic and multi-religious communities under the umbrella of Persian between the Middle Ages and the nineteenth century.) My book argues that the *Estado da Índia* anchored its continued Indo-Persian experience in particular forms of political information and communication and goes on to examine those forms. Goa could (and did) on occasion wage economic warfare in the maritime fringes of the Mughal Empire, yet open military confrontation was obviously out of the question. And so was the implementation of a sort of geopolitical monitor fully mastered by the Portuguese to watch the Hindustan and the Deccan. The solution was to adapt and fit in. Better said, to gather political news mostly through indigenous actors and networks, to rely on local interpreters-translators and scribes-clerks. The Portuguese eventually accessed some filaments of a rich and complex amalgamation of people and materials (oral and written) in constant movement on the Indian Peninsula. Many more filaments of this “Persianate cloud” were either unreachable or misunderstood. And not everything boiled down to collect intelligence. Goa had also to perform politically in front of, and communicate consistently with, the Persianate states of India. For instance, a Portuguese viceroy, or someone on his behalf, had to know how to handle a highly ritualized Mughal *farman* (imperial decree) and respond to it. When I say respond, I mean to do it in the Persian language and in Persianate manner.

JG – Can you elaborate on this question of colonial intelligence? Was there something historically specific about the Portuguese espionage that determined the survival of the Estado da Índia in a vast Indo-Persian world shaped by the influence and power of the Mughal Empire? If so, what? And why?

JF – It is impossible to know whether Goa’s grasp of the politico-military landscape of the Indo-Persian world throughout the period under consideration prevented the elimination of the *Estado da Índia*. Did good intelligence translate into the right decisions and ultimate success? This is a somewhat deterministic view and my book, as its title indicates, is about contingency. There was no such thing as a Mughal master plan to eradicate the Portuguese from the subcontinent, as there was no such thing as a flawless Portuguese espionage system geared towards the Mughals. Survival was more than to avoid straightfor-

ward annihilation. It meant pursuing consistently certain strategic objectives, such as the exploration of internal cracks in Mughal India (dynastic transitions, political struggles, regional rebellions, ethnic dissensions) and the use of the sultanates of the Western Deccan as buffer states between the *Mogor* and the *Estado*. It likewise required that the right persons cultivated effective ties with successive rulers and elite members in the Indo-Persian courts so that the enemy's decisions could (at least occasionally) be molded. On a more incorporeal level, to safeguard the *Estado's* political autonomy by contravening the symbolic power of Mughal words and gestures was of the essence. None of the above point towards the existence of a Portuguese "grand strategy".

JG – Was that intelligence apparatus a true system or something more fluid and improvised? Who could be entrusted with that kind of missions? Do we know who the spies were?

JF – Yes, it was a fluid apparatus, dependent on the ties and networks nurtured by a viceroy and other figures in a particular moment in time. The "intelligencers" (*inteligentes*) therefore changed periodically, although some have known long "careers" as informants and advisors. Ultimately, there was no permanent and cumulative structure, things had to be done and redone cyclically. The profile of those who spied for Goa in Persianate India was extremely varied. We find diplomatic envoys and Jesuit missionaries whose identities are well known, side by side with shadowy Portuguese (and other Europeans) who criss-crossed "borders" and lived between cities, allegiances, and religions. To these characters one may add Jews and Armenians – representatives of early modern "circulation societies" (Sebouh Aslanian) –, banias (*baneanos*), and Brahmins. The low tier of the Portuguese intelligence system corresponds to a host of mostly Muslim and Hindu messengers (*patamares*). These men and (some) women are frequently nameless in the imperial record, but they were of critical importance and often had agency. The hot spots for the collection of news were the court, the bazar, and the port. The information on Mughal India and the Deccan sultanates that reached Goa was not necessarily extracted. Some news was rather the outcome of conversations that took place in these locations or on the road. The book insists on the importance of movement and conversation with regard to the collection of intelligence. The reconstruction of these structures by the historian entails a very close and creative reading of the extant sources, since spies are invisible by definition and their patrons – viceroys of the *Estado* and captains of fortresses, for the most part – were careful enough not to disclose their identities or fully reveal their actions.

JG – *Recruiting local collaborators and making them agents of the empire involved negotiation, but also raised the problem of loyalties and trans-loyalties. How did the Estado da Índia manage this?*

JF – Surprisingly, the Portuguese documentation reveals little concern with the loyalty of these imperial agents. Conversion, or the sharing of the same belief system, was one way to secure allegiance. It occurred with native professionals of writing – scribes, clerks, and secretaries – who likewise acted as spies. They were mainly Brahmans from Goa converted to Christianity and identifiable by their Portuguese names. The recruitment of interpreters-translators of Goa belonging to the same family and across generations was another way. This is the story of those that served as *línguas do Estado* during the seventeenth century – Hindu Brahmans who never converted but held long and stable careers in the service of the Portuguese. Freelance spies were of course put to the test, sometimes in ingenious ways. My book opens with one such story: the tale of Manuel de Azevedo, who fled Goa to the neighboring sultanate of Bijapur, converted to Islam (although we do not know his Muslim name) and apparently had access to the sultan's inner circle. Azevedo worked for Viceroy Luís de Ataíde (g. 1568-1571) as a spy in a delicate moment of Portuguese Goa, specifically when the city was under siege by Bijapur (1570). Ataíde tasked Azevedo with several missions designed to assert his trustworthiness. One such mission was to poison the water supply of the capital of Bijapur, which he apparently did. But there is another striking phenomenon worth being noted. Some people could perform tasks for both sides with benefits for all parties involved. I came across several individuals who served two masters: Hari Vaisya, from Surat, Apaji, from Bijapur, and Diogo Saraiva in Ahmadnagar – all at the time of Viceroy count of Linhares (g. 1629-1635) – are cases in point. The lines were more blurred than one is ready to admit.

JG – *As you have consistently shown, the Portuguese Estado da Índia, based in Goa, dealt with its neighbours, especially the Mughal Empire, but also the nearby Deccan Sultanates. This meant that imperial powers with different linguistic and cultural spheres could communicate in the political arena. Why has pre-modern political information and communication been so absent from the study of European empires? Do you think that the Portuguese Empire was different from other empires in this respect?*

JF – The historiographical trajectories of empire are complex and would take us far. To go straight to your question: yes, our knowledge of the information, documentary, and communication regimes of early modern Europe-

an empire is still poor. Studies on these particular fields have thrived in the last decades for early modern Europe, but scholars of empire do not venture much beyond a sustained interest on cross-cultural diplomacy along the lines of the new diplomatic history. Besides, some of the extant works on imperial informational orders are problematic since they tend to convey a teleological tale: a European empire – in Asia or elsewhere – becomes gradually more proficient in using local information and transforming the imperial archive into a tool of subjugation. The Foucauldian power-knowledge association remains unquestioned, for the efficiency of the colonial machine, eventually resulting in colonial control, is taken for granted. My book stresses the flaws of such linear views, at least for the Portuguese case. It focuses on gaps, disruption, lapses of imperial memory, and even imperial ignorance. We certainly need more research on the informational, archival, and communicational systems of the Dutch, English, and French before we can really compare and reach better conclusions. Interestingly, the pathbreaking studies are coming from other imperial arenas, like the Ottoman, the Russian, and the Chinese.

JG – You have argued that the *Estado da Índia* fitted into a Persian mould, being a porous surface, somewhat permeable to a hostile political and cultural order. In other words, Portuguese India blended in to its surroundings, morphed into some sort of Persianate entity. Does this not clash with existing visions of what an empire is?

JF – It indeed clashes with visions that tend to essentialize empires, portraying them (sometimes unconsciously) as monolithic units. Older works on European empires in Asia insisted on the “medieval state – modern company” divide in order to explore the differences between the *Estado da Índia* and the English East India Company (EIC) or the Dutch *Vereenigde Oostindische Compagnie* (VOC). Fortunately, we are now far from such formula, but excessive distinctions between imperial formations still prevail. For instance, the study of comparisons and “contaminations” across European empires is favored, yet other coeval empires are commonly excluded from this exercise on the basis of clear-cut divisions with regard to belief (Islam-Christianity) and geography (Asia-Europe), if not civilization (“the West and the Rest,” still...). The same holds true of the binary classifications that systematically oppose the colonizer and the colonized, no matter space, time, and circumstance. Do historians interested in, say, European representations of land and people in imperial settings read Valerie Kivelson’s *Cartographies of Tsardom: The Land and Its Meanings in Seventeenth-Century Russia* (2006) or Laura Hostetler’s *Qing Colonial Enterprise: Ethnography and Cartography in Ear-*

ly *Modern China* (2005)? These and other works surely constitute a source of inspiration and a springboard for broader conversations. For instance, I sustain that for the Mughal Empire, and from certain angles, Goa must have resembled more of a Deccan state than a European trading company. Let me explain myself. Similarly to the sultanates of Bijapur or Ahmadnagar, the *Estado da Índia* controlled actual territory – Goa and the cities of the “Northern province” (Chaul, Bassein, Daman, and Diu) – and exerted political authority in it, whereas the EIC or the VOC counted on factories located in cities under Mughal rule, Surat being a good case in point. One of the cases I examine in chapter 9 (“(Un)Staging the Farman”), namely the complex reception in Goa of a decree issued by Emperor Shahjahan in 1630, has no parallel in the VOC or the EIC. And yet, it could be compared, sources permitting, to the reception of a Mughal decree in the ‘Adil Shahi or Nizam Shahi courts.

JG – Was the system devised by the Estado da India to deal with continental problems pivotal to relations with other parts of the empire? To what extent are the new approaches that you are proposing likely to change the way we understand the Portuguese empire?

JF – This is a very interesting question. The predominantly maritime nature of Portuguese Asia made its historians pay little attention to the continental factor for too long. And yet, land is critical to our understanding of particular areas and periods of the *Estado da Índia*. Think of the Zambezi River valley, the Northern province, the island of Ceylon, and rural Goa, not to mention the utopian schemes put forward by several *arbitristas* and projectors to conquer vast Asian territories and rule over them. Still, my book deals with a specific set of continental problems, which are geopolitical and epistemological at the same time. A maritime empire born in the southern tip of Europe, with privileged views of the Atlantic Ocean, eventually finds itself controlling a series of port-cities in Western India. When looking inland from these mostly fortified posts – the *arbitrista* Francisco Rodrigues Silveira calls them “cages” –, the newcomers saw several potentially hostile states. First and foremost, the Mughal Empire, a colossal power that forced the Portuguese to think in terms of war horses instead of warships and military manpower instead of pepper shipments. In order to understand the Mughals, the Portuguese ought to wear long-distance (continental) glasses and try to learn what was going on in cities like Delhi, Lahore, or Bukhara (where very few of them actually set foot). As I suggest in my answer to your first question, the enormous challenges Goa had to face in this regard are comparable to those put to Macau by the Chinese Empire. Much of what I write in *Empire*

of *Contingency* can also trigger a dialogue with historians of the Iberian presence in North Africa in the same period. But the hypotheses I explore in the book will not be of use to address the central role played by territory in Brazil or Angola since the mid-eighteenth century. The situations at stake are quite dissimilar.

JG – Your research revealed to be very sensitive to the new history of diplomacy, the social history of archives, scribal cultures and communities, global microhistory, and a renewed emphasis on textual hermeneutics. How do you see the future development of the field of imperial studies? What is still to be done?

JF – Yes, *Empire of Contingency* engages decisively with those fields, but also with others, like translation, correspondence, and political ethnography. The current research regarding early modern European empires goes in many different directions and talks to several historiographical traditions. But there is clearly a strong focus on a set of subjects, such as gender and sexuality, race and ethnicity, identities and identification, enslavement and enslaved people, labor and inequality, or the voices of the voiceless. A reflection about what is still to be done is very much tied to one's observation post. From where I stand, I see numerous lacunae. Some are specific to the Portuguese Empire, while others refer to broader geographies and issues. A couple of thoughts will suffice: (1) The label "imperial studies" can be problematic, for it might direct us to Eurocentric narratives and the neglect of Asian, African, and American histories; (2) We will profit immensely from addressing themes in comparative and connected modes across early modern empires. This is also a way to avoid the Portuguese empire's "splendid isolation".

JG – Can you share your plans for the near future? What can those interested in the history of Portugal in Asia expect from you?

JF – If I were given two lives, and decided to spend both as an historian, myriad projects would eventually materialize. Having only one (and already advanced) life, it is perhaps wise to be realistic and focus on reasonable goals. I am working on two main projects at the moment. One is a visual history of political discord in the early modern Iberian world written together with Giuseppe Marcocci (Oxford). The other is a critical biography of the mestizo polymath Manuel Godinho de Erédia, an intriguing yet insufficiently studied figure who was born in Malacca c. 1563 and died around sixty years later in Goa. Both projects have to do with the history of Portugal in Asia, but they also go much beyond the spatial and historiographical limits of the *Estado*

da Índia. The political dissent book nurtures comparisons and connections across the vast Iberian overseas domains of the sixteenth and seventeenth centuries, from Mexico City, Puebla, Lima, and Manila to Bahia, Luanda, Goa, and Malacca. The *Erédia* book, for its part, represents my first venture into biography studies and will take the reader back and forth both in space (between Asia and Europe) and time (between Antiquity and the late Renaissance).

JG – *Thank you very much for your kind willingness to share the results of your research with our readers.*

JF – Thank you, and the University of Coimbra’s Center for the History of Society and Culture, for your interest in my recent work and the kind invitation to give one of the prestigious “The Worlds of History” talks.



RECENSÕES

TODESCHINI, Giacomo (2017). *Les Marchands et le Temple: La société chrétienne et le cercle vertueux de la richesse du Moyen Âge à l'Époque moderne*. Paris: Albin Michel, 466 pp., ISBN: 978-2-226-32419-1.

Giacomo Todeschini é professor de história medieval na Universidade de Trieste e tem desenvolvido estudos nas áreas da teoria económica e linguística medieval, dinâmicas do(s) mercado(s) e o papel político dos judeus na transição entre a Idade Média e os tempos modernos. O livro em análise foi primeiramente publicado em italiano, no ano de 2002, com o título *I mercanti e il tempio. La società cristiana e il circolo virtuoso della ricchezza fra Medioevo ed Età Moderna*, sendo a versão escolhida para análise publicada posteriormente na França.

A obra é dividida em oito capítulos intitulados, cada um, com um par de conceitos siameses que foram objeto de discussão e problematização por parte dos sujeitos históricos em foco. De acordo com Thomas Piketty, professor de Economia na Escola de Ciências Económicas de Paris, que assinou o prefácio, o principal objetivo do autor é “efetuar um estudo aprofundado das formas de expressão (escrita) da economia entre a Idade Média e a época moderna” (p. 20). Noutras palavras, o autor procurou identificar os fatores especificamente morais, religiosos e éticos, que foram excluídos, ao longo da evolução da economia como ramo autónomo do saber, e quais foram os agentes responsáveis pelas sucessivas mutações no pensamento filosófico, teológico e social da economia tardo-medieval e pré-moderna.

A cronologia é ampla e não segue uma reta de sentido único. O autor faz dela uma grande espiral (que fica à disposição do mesmo para avançar e recuar no tempo) através da qual é analisada a evolução económica da cristandade medieval a partir das discussões eclesiásticas. Estas, por séculos, objetivaram a leitura cristã do mundo e das suas relações, criando leis e regras que deveriam assegurar o equilíbrio espiritual do rebanho do Senhor.

Para alcançar os propósitos estabelecidos, Todeschini utiliza um conjunto vasto e variado de fontes, tendo em vista a sua análise textual e hermenêutica (por vezes, debruça-se sobre a arquitetura, como na análise da Capela Scrovegni inserindo-a na lógica económica medieval (p. 150 e segs.)); passagens da Bíblia (Mercadores no templo (p. 152); Epístolas Paulinas (p. 26, 163, 181, 231, 248, 263); Provérbios (p. 26); Atos dos Apóstolos (p. 30, etc.)); textos canónicos; tratados teológicos; textos conciliares; e, sobretudo a partir do século XIII, fontes provenientes do mundo mendicante-escolástico.

Como aí fica evidente, é o espaço do mosteiro, por ser “visto como uma célula cristã capaz de iluminar a sociedade institucional dos fiéis e de dar-lhe um sentido no caminho da salvação” e pelo fato da “cidade ver no mosteiro uma imagem ideal de «racionalidade» econômica” (p. 30 e 31), a base que sustenta – e através da qual se desenvolvem – as análises do autor.

Os dois primeiros capítulos – *Ter: tocar; Possuir: trocar*, respetivamente –, correspondem à apresentação da sociedade medieval através do conceito de *caritas*: “grupo homogêneo e interdependente, unido por uma «caridade» que proíbe a separação dos interesses individuais dos da sociedade no seu conjunto” (p. 29); relacionando-a com as questões quotidianas dos fiéis acerca das relações entre indivíduos e bens. Na sociedade do ocidente medieval, o prisma da escatologia é sentido em diversas esferas e níveis. Assim, Todeschini parte da conotação inicialmente pejorativa do *ter*, como ato de possuir ou acumular coisas, excluindo a cristandade (sujeito coletivo) do correto aproveitamento das mesmas – e de como esta definição condicionava o estado futuro do indivíduo no Além cristão. Com isso objetiva demonstrar, através de análises políticas e hermenêuticas, como ao mosteiro foi reconhecida “a capacidade «alquímica» de transmutar a representação da riqueza privada em pública, de profana em sagrada” (p. 41). O processo eleito para investigação ao longo de todo o texto assenta, portanto, nas sucessivas mudanças das codificações económicas da realidade das trocas materiais entre leigos, mediadas pelos monges no perímetro sagrado do mosteiro.

Já no mundo externo aos muros da clausura – que espelhava as dinâmicas monásticas –, a génese do que seria o mercado moderno é vista “enquanto instituição capaz de codificar as transações económicas, como uma consequência da moral do mosteiro” (p. 46). Assim, Todeschini estabelece a relação dos conceitos de cariz cristão como *fidelitas* e *pietas*, por exemplo, que introduziram “a representação do comércio, do mercado e dos mercadores como elementos socialmente benéficos na própria sintaxe do domínio político cristão” (p. 64).

Para além destes níveis analíticos, as atenções são direcionadas para a apreciação das categorias constituintes das esferas acima mencionadas, como a de valor e a de riqueza. O ponto de partida para esta análise centra-se na figura da relíquia, que carrega consigo o surgimento de um “mercado do sagrado (...) considerado simultaneamente legal, enquanto forma de circulação que testemunha um valor transcendente, e útil, enquanto memória e presença viva da sacralidade” (p. 72). Há categorias como estas nos diversos setores da sociedade, independentemente da época, no relativo à moral e à ética. Todeschini preocupa-se, nos dois capítulos subseqüentes, em explorar

as formas pelas quais o uso dos bens materiais pela cristandade foi moldado e re(moldado) ao longo da cronologia proposta.

O período entre os séculos XI e XII correspondeu ao aumento da centralidade do poder em Roma e, concomitantemente, “fez do monge, do homem de Deus (*uir Dei*), uma figura cujas características podiam ser exportadas do círculo exclusivo do mosteiro, para serem assumidas por todos os verdadeiros cristãos” (p. 83). Nesta baliza temporal, o autor identifica que “a forma mais elevada de religiosidade e de identificação com Cristo tendia a ser representada por um uso total e totalmente desinteressado dos bens do mundo” (p. 87). A tónica era colocada, como se percebe, sobretudo a partir do Segundo Concílio de Leon, na intenção de quem usufruía das coisas mundanas, não tardando até o texto ressaltar o “parentesco argumentativo e lógico entre as regras contratuais [do mundo leigo] e o uso cristão das coisas” (p. 97).

Todeschini, não deixa de explicar como a revolução mendicante e escolástica (p. 369), com a sua racionalidade, constitui a base para a construção coletiva das (re)codificações teológico-económicas do quotidiano cristão. Estas englobavam esferas das relações sociais das mais diversas naturezas. A escola franciscana, por exemplo, foi tão protagonista do correto uso das coisas materiais (p. 99) quanto o foi no processo de legitimação e atribuição funcional do mercador na sociedade da *caritas* cristã (p. 285).

Imitar Cristo, na sua pobreza, conduzia ao conhecimento de Deus e do mundo através da experimentação dos usos, ou seja, das “essências e funções das coisas criadas, de modo a conhecer nelas a complexidade divina, graças ao reflexo enigmático que elas conservam” (p. 108). Como estudo essencialmente textual, das linguagens e as suas codificações, conceitos derivados do direito canónico, como *restitutio* e *invasio* (p. 123); *probus* e *probatus* (p. 136); *usurarii* e *nummularii* (p. 153), são alvo de análises a partir dos sujeitos históricos que trabalharam para a sua devida interpretação e prática.

Tomás de Aquino, Pedro *le Chantre*, Jean Buridan, Graciano, Pierre Jean de Olivi, Pedro Damião, São Jerónimo, Ambrósio de Milão, Tertuliano, São Boaventura, Pedro Lombardo, Pedro o Venerável, são exemplos de autores analisados por Todeschini, que mostra como “o pensamento económico medieval não nasceu como uma técnica de investigação abstrata. Pelo contrário, estava inteiramente enraizado na eclesiologia da qual emergiu” (p. 143). O estudo deixa, portanto, em evidência o importante papel das autoridades eclesiásticas, legitimadas pelo reconhecimento geral de cada indivíduo da cristandade, relativamente à gestão e administração do património económico – que para o período em apreço flutuava entre a esfera social e a privada.

Outra vertente explorada como meio de alcançar as dinâmicas económicas do fim da Idade Média e alvares da modernidade, reside no ato de doar. Desse modo, a estreita relação de dependência entre a existência dos pobres e o ato de caridade de quem tivesse condições para tal, formava “a estrutura de um esquema de economia social a partir das camadas mais desfavorecidas da comunidade” (p. 167). Todavia, os escassos grupos que não faziam parte do circuito económico de consagração social dos cristãos, como os judeus, também são alvo da análise de Todeschini tendo em vista que devido à existência de tais grupos, o mundo eclesiástico teve de, mais uma vez, adaptar, ou melhor, aprimorar as respetivas teorias económicas cristãs (que culminavam, quase sempre, na busca do equilíbrio entre produtividade, lucro, salvação e ética (p. 191)).

Aqui, como noutros pontos da obra, é feita uma crítica à historiografia relativa à inserção dos judeus no supracitado circuito, visto que a partir da leitura caritativa da jurisdição económica, é possível interpretar tal regularização “sem a reduzir à utilização sem escrúpulos do seu contributo ou à ténue imagem de uma feliz «coabitação» quotidiana” (p. 238).

Todeschini explica que quando os tempos medievais findaram e a aurora da modernidade já ia alta na abóbada do tempo, na “leitura dos escritos dos «humanistas» (...) torna-se claro que, apesar de um ponto de contacto, a sua visão de uma economia laica e humana estava em contradição com a visão ascética e disciplinada dos Frades Menores e Canonistas” (p. 254). Estão em apreço, mais uma vez na sua análise, as sucessivas (re)codificações das relações económicas em prol da solidificação de uma economia já com algum carácter laico, ainda que tímido.

Quando ao leitor são apresentadas as problemáticas tipicamente modernas do mundo ocidental, damo-nos conta de uma subtil transição temporal do estudo. Nesta parte final do livro, Todeschini analisa os processos de legitimação do crédito (p. 298); as (re)codificações de João Calvino e os intelectuais protestantes (p. 370); o surgimento da dívida pública (p. 334). É também nas secções finais da obra que o autor justifica a escolha do título – na tradução francesa. O estudo em apreço foi muito além da análise acerca dos mercadores na circunferência sagrada do templo. Não estaremos em falta com a verdade ao dizermos que a obra propõe uma alternativa às vias historiográficas que sustentam a história da evolução económica do mundo ocidental. Contudo, o título da edição italiana faz maior justiça ao cabedal da obra.

Assim sendo, a geografia do mercado entre os tempos medievais e modernos é elevada à categoria de criadora do “vínculo social constitutivo da

economia” (p. 307). Já o comerciante, ou antes, o autêntico comerciante, contribui para o aumento e manutenção da *caritas* por meio do sistema de reconhecimento e legitimação pública da *fides*.

Ambos os fatores são responsáveis pela construção de um “conceito de economia produtiva e útil que inclui ambigualmente tanto noções especificamente económicas (...), bem como noções claramente emprestadas dos vocabulários do direito canónico e da teologia” (p. 308). Tal economia faz parte das raízes históricas do mundo ocidental e a percepção mais completa do fenómeno económico nas diversas unidades epocais da história passa, necessariamente, pela investigação e interpretação que Giacomo Todeschini oferece aos leitores da sua obra. A pesquisa encetada nesta obra buscou, em suma, retirar do ostracismo historiográfico os fatores morais e éticos excluídos da esfera económica moderna, resultando, deste modo, senão numa história dos silêncios, pelo menos numa história dos hiatos estruturais da economia ocidental.

GABRIEL MARTINEZ BONORA

Universidade de Coimbra, CHSC

gabriel.m.bonora@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8751-253X>



DAVIES, Owen (ed.) (2023). *The Oxford History of Witchcraft and Magic*. Oxford: Oxford University Press, 325 pp., ISBN 978-0-19-288405-3.

Academic studies on magic and witchcraft cannot be said to be currently rare. Be it from the perspective of religious studies, history of art and iconography, contemporary media and political studies, magic has been recognized and a near-omnipresent and powerfully structuring aspect of western culture. *The Oxford History of Witchcraft and Magic* continues this expanding narrative by bringing together nine chapters by eight different authors, each focused on a different aspect of these complex historical objects.

While this work is noticeable in many respects, the first which should be mentioned is that, rather than a loose collection of chapters on different aspects of magic practice, what this offers is a coherent and systematic narrative of magic and its perception. Thus, the first chapter, “Magic in the Ancient World” by Peter Maxwell-Stuart, has probably one of the most essential jobs in this work by establishing the construction of the very concept of magic in the antient world. It would be fair to call this a methodological chapter due to its clear discussion of the relative value of concepts such as “magic”, “religion” and “science” (a necessity in any academic magic study). With the inevitable uncertainties and nomenclature ambiguities, this chapter tracks a group of ideas which we may empirically associate with magic throughout the cultures of Mesopotamia, Egypt, Judaism, Greece and finally Rome, with constant efforts of cultural contextualization and identification of continuities.

Given its broad scope and difficult task, should we wish to be contentious about it, one could mention that Maxwell-Stuart might, on occasion, break some of his own definitions and parameters for the identification of magic. However, this is likely not so much his fault as the very nature of the beast he is wrestling with. Joining Maxwell-Stuart in his honest and self-aware approach to magic, it should be stated that this chapter fulfills its purpose with competence and efficiency.

Chapter two, “Medieval Magic” by Sophie Page, picks up the narrative by addressing the early Christianization of Europe, the ambiguities of supernatural power in Christianity and the evolving definitions of magic. This leads headfirst into the construction of European learned magic in the medieval period and the Renaissance, and the intellectual and theological conflicts surrounding this. Along the way, Page offers a number of insights which are not often noted by scholars, such as the relation between the construction

of magic and the eleventh century heresies of the Cathars and Waldensians, making its own categorization as a heresy a result of specific medieval and early modern discourses.

Such argumentation is continued in chapter three, “The Demonologists” by James Sharpe. This chapter opens with a clear discussion of the complexity and vastness of the very discipline of demonology and an explicit and open foray into witchcraft itself (already introduced by Page). From here, Sharp follows a fairly logical exposition of the ideas surrounding witchcraft, the Devil, the witches’ Sabbat and the diabolical pact through various theologians and demonological treatises, offering clear and well formulated criticisms on their perceived influence and their continuators, with the *Malleus Maleficarum* (1486) taking somewhat of a center stage. In this, a criticism which can be placed on this chapter, is that this might be excessively focused on Protestant discourse, and in particular on the English side of this, which the author himself admits being of limited influence on the rest of Europe.

Chapter four, “The Witch Trials” by Rita Voltmer, sidesteps the theological and demonological debate and largely focusses on the various dynamics, distinctions, and variations present in, and extractable from, documents we may categorize as “witch trials” in the early modern period. This covers the existence of distinct legal codes, differences between secular and inquisitorial courts and underlying cultural variations on the notion of witchcraft. It would be fair to also categorize this as a methodological chapter, as one of its central purposes seems to be to lay down the great variety of difficulties, blindspots and pitfalls any contemporary historian might struggle with when dealing with witchcraft trial documentation. A truly valuable piece of writing that should feature in any graduate or post-graduate syllabus on the matter.

Chapter five, “The Witch and the Magician in European Art” by Charles Zika, steps back onto the demonological construction of witchcraft beliefs, but looks at these from the perspective of pictorial representation, from the fifteenth to the nineteenth century. Far from a detour of this work’s central narrative, Zika efficiently points out how artistic representations of witchcraft and magic were not only influenced by theological and demonological discourses, but themselves contributed to the construction, perpetuation and dissemination of these, be it among theologically informed audiences or not.

“Popular Magic” is addressed in chapter six by the editor of this work, Owen Davies. Starting from a legal perspective, Davies smoothly shifts the narrative from witchcraft as an intellectual construction of debatable existence, into that of the actual magic early modern individuals were known to practice. Addressed here is the common use of magic as counter-witchcraft,

which, in turn, could itself be prosecuted as witchcraft or diabolical magic by legal authorities. Besides this, a vast array of magic practices are described (with somewhat of an overfocus on Great Britain), which in turn allows for the introduction of the grimoires, or local magic literature.

The “literary turn” introduced in chapter six is eventually capitalized in chapter seven, also written by Davies and focused on “The Rise of Modern Magic”. By drawing from the previous discussions on learned magic, adding the Enlightenment and Christian mysticism (on which he might dally a bit too long), and the publication boom of occult-themed books, Davies arrives at contemporary magic. From here he presents the known and well-established genealogy of magic ideas and orders, from the masonic-inspired organizations, to spiritualism, the Theosophical Society, the Golden Dawn, Aleister Crowley and contemporary witchcraft. This is an efficient summary of this historical process, by which this chapter could also easily fit any graduate syllabus on the subject

Chapter eight, “Witchcraft and Magic in the Age of Anthropology” by Robert J. Wallis, returns to the historical construction of magic and witchcraft, but focuses on post-eighteenth century academic and anthropological culture. Once again this can be looked at as a valuable and concise methodological chapter, identifying the imperialist, ethno-, Christian- and Eurocentric positions of several of the founders of anthropology itself. Following this line, the chapter eventually leads to contemporary postmodern approaches to magic and witchcraft, where several currently active scholars are questioning the very validity or usefulness of the separation between observer and observed. Far from being a judgmental or validating chapter, Wallis effectively presents what is still an under-construction “state of the art”.

Closing this work, Willem de Blécourt discusses “Witches on Screen” in chapter nine. While this opens with some bothersome oversimplifications on historical witchcraft (which, given Blécourt’s body of work, are likely due editorial necessity), it eventually shifts to an informed tracking of contemporary portrayal of witches and witchcraft throughout various film and media. While undoubtedly efficient and clear in its purpose, be it as a standalone piece and as the closer of the current work, this chapter feels, at times, too narrow. Outside of English and American film and television portrayals (arguably, the most influential of the present age), barely any other media environment is analyzed.

Stepping back and looking upon *The Oxford History of Witchcraft and Magic* as a whole, there is an overarching criticism which can be leveled at the entire volume. Admittedly, this is, perhaps, a regional gripe of little macroscopic

consequence, but a legitimate one nonetheless. Starting at the very opening of this work, Davies acknowledges some of the awkwardness of talking about magic and witchcraft beliefs in countries which were not geopolitical realities before the nineteenth century, such as Germany and Italy. Moreover, several times in this work there is an acknowledgement of how the conception of magic and witchcraft and, consequently, their persecution, is dependent on regional legal codes and cultural idiosyncrasies. By and large, all authors are sensitive to these historical details when dealing with their areas of expertise, but unfortunately such is not the case when addressing other geographical areas, such as Spain/Iberia (non-avoidable when discussing the very construction of medieval learned magic). While, when dealing with the medieval and early modern period, speaking of 'Spain' is not necessarily an error – as this noun, during these periods, refers to the Iberian Peninsula as a whole –, when 'Spain' is mentioned side-by-side with 'Portugal' (as is often the case) what is implied is the geopolitical territory of the contemporary country called Spain; a country which did not exist before 1714.

Besides a historical anachronism, this seems to suggest a somewhat culturally, intellectually, politically and legally homogenous Spanish territory, instead of one which more closely resembled a multipolar tapestry of political and legal jurisdictions negotiated between several Iberian cultures. This was a territory where tribunals constantly struggled and competed over jurisdiction rights and where, between Portugal, Castile and Aragon, there were about fifteen different branches of the Inquisition, each with their own particularities and sometimes distinct legal codes. So, if while discussing the medieval and modern period, most historians have the tact of, for example, distinguishing between England, Wales and Scotland, perhaps the same courtesy could be extended to Leon, Castile, Aragon, Galicia or the many other politically or culturally distinct territories which have made up the Iberian Peninsula over the past thousand years.

Iberian frustrations aside, one could also say that more in-dept studies do exist on all the topics covered by this work. However, this is fully aware of that, as, concluding the volume, it also offers an extensive list of "Further Reading" (a valuable detail which should be more common in such volumes). Independently of this, it needs to be underlined that this work not only presents a surprisingly coherent overview and functional narrative of the history of magic and witchcraft, but its chapters are not simple republications of established information, and each, in its own way, offers something new to the current historiography of magic. While most experts will not be too surprised by most of the information contained here, this is an extremely well-balan-

ced and well-structured volume which can be taken as a reliable and in-dept academic introduction to the complex history of magic and witchcraft, be it inside or outside academia.

JOSÉ VIEIRA LEITÃO

University of Coimbra, Center for the History of Society and Culture

jose.cv.leitao@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7456-5045>



SKINNER, Quentin (2023). *As fundações do pensamento político moderno (vol. 2) – A era da Reforma* (trad. Judite Jóia). Coimbra: Edições 70, 428 pp., ISBN: 9789724424613.

Em boa hora a Edições 70 publicou um clássico da historiografia anglo-saxónica e mundial. A obra aqui recensada foi considerada uma das mais influentes dos últimos cinquenta anos por vários jornais e periódicos de topo. A sua primeira edição em inglês pela Cambridge University Press remonta a 1978. É de estranhar, portanto, a tardia tradução para português, contudo, é bem-vinda. O seu autor, Quentin Skinner, foi um dos principais nomes ligados à Escola de Cambridge, movimento que se interessou por estudar a evolução do pensamento político na diacronia, ou seja, tratar a evolução intelectual não como uma sucessão inevitável de grandes autores, que constituem no essencial a tradição filosófica, mas sim textos e atores que se enquadram em períodos cronológicos circunscritos e influenciados pela situação política, social e económica desses períodos. A obra *As fundações do pensamento político moderno*, constituída por dois volumes, trata-se essencialmente de uma obra seminal e um exercício ensaístico de história intelectual. O segundo volume, que aqui nos interessa, centra-se no pensamento político do século XVI, em especial, no tocante aos movimentos das reformas protestante e católica. Dividido em três partes e, por conseguinte, em nove capítulos, procura-se tratar em separado, respetivamente, o luteranismo (e a sua relação com o absolutismo), o tomismo e o constitucionalismo e, por fim, o calvinismo.

O primeiro capítulo – “Os princípios do luteranismo” – desenvolve, por um lado, as premissas teológicas que despertaram o movimento luterano e, por outro, as implicações políticas iniciais da atuação de Lutero. Centra-se na construção do pensamento luterano de matriz agostiniana e no percurso de Lutero. Seria oportuno comparar com maior clarividência Lutero e as reminiscências do pensamento medieval, em especial Agostinho de Hipona, porque Lutero não representou, em muitos aspetos, uma novidade no pensamento europeu. O autor refere-se também frequentemente ao “tráfico de indulgências”, o que não me parece uma referência correta. Bem mais adequada seria a expressão “venda de indulgências”, embora se possa tratar, como sucede noutras partes da obra, de um problema de tradução. Apesar disso, considero que este capítulo é indubitavelmente o melhor de toda a obra pelo seu carácter didático e de síntese, característica que os demais não possuem.

O segundo capítulo atenta aos precursores do luteranismo, nomeadamente, nos principados alemães, Inglaterra, Escócia e Escandinávia. A opção

do autor em privilegiar o tratamento do tema numa área circunscrita implicou deixar de fora, neste e nos restantes capítulos, o estudo da receção do luteranismo no sul da Europa. Além disso, a bibliografia citada a respeito da história da Península Ibérica cinge-se, grosso modo, a John Elliott, o que me parece notoriamente insuficiente, mesmo ponderando o ano de publicação deste livro. O que de mais substantivo reside neste capítulo tem a ver com o debate teológico e laico em torno dos poderes da Igreja. Foi explorado com consistência o tratado de Gerson *Sobre o Poder Eclesiástico* e a sua ligação com a tradição do conciliarismo, seguido do pensamento de Mair e Almain e as influências medievais de Ockam. Merece ressalva a ideia de que muitos governantes europeus não adotaram o luteranismo por convicção, mas somente “como um meio de promoverem egoisticamente os seus intuitos” (p. 79), os relativos à concentração do seu poder e de controlo da riqueza económica da Igreja.

No terceiro capítulo – “A disseminação do luteranismo” – Skinner desenvolve, de uma forma muito interessante, ainda que centrada quase unicamente no caso inglês, as ligações estabelecidas na tradição intelectual britânica entre a constituição da sociedade política e a providência divina, pugnando-se pela aceitação prevalecente da doutrina luterana da não-resistência e da imagem da Igreja como uma congregação de fiéis sem uma dimensão terrena (*congregatio fidelium*), quanto mais com autoridade jurisdicional. Ainda assim, o autor esclarece, e bem, que John Fisher e *sir* Thomas More se opuseram, desde cedo, à disseminação do luteranismo e às ideias heréticas de Tyndale que tiveram, como se sabe, muita influência junto do rei Henrique VIII. A reação ao anabatismo foi também um dos tópicos abordados, ficando muito esbatidas e impercetíveis as divergências ideológicas entre Lutero e Zuínglio, devido ao facto do autor os ter incluído na conceção de uma reforma “magisterial” (p. 94).

Quanto ao quarto capítulo, a versar sobre o constitucionalismo, o autor estabelece, inicialmente, uma ligação entre o luteranismo e o absolutismo. Repete algumas ideias e autores que já tinham sido abordados nos capítulos anteriores. Identifica na tradição conciliarista e na tradição jurídica os argumentos da limitação do poder régio e papal e, por isso, constitucionalistas. As referências breves a Tomás de Aquino não têm grande pertinência para o assunto e, por sua vez, as implicações políticas da argumentação de Marsílio de Pádua a respeito do poder coercivo (forçosamente secular) não foram devidamente exploradas.

No quinto capítulo – “O ressurgimento do tomismo” – explora-se o pensamento da contrarreforma, nomeadamente, Francisco de Vitória, Luís de

Molina e Francisco Suárez. A refutação aos luteranos prendia-se, no essencial, com a doutrina conciliarista e antipapal e com alguns pressupostos teológicos, inclusive a doutrina da salvação. Além disso, a refutação aos humanistas, nos quais se inclui Erasmo, prendia-se com a insistência erasmiana numa “depurada tradução da Bíblia” (p. 164) e no ideal de educação religiosa. A ideia de razão de estado defendida por Maquiavel foi também amplamente atacada pelos tomistas por “rejeitar a ideia da lei da natureza como uma base moral adequada à vida política” (p. 166). O autor recorre, de forma abundante, a citações diretas, o que devia ser evitado.

Em relação ao sexto capítulo, relativamente curto, Skinner apresenta, por um lado, a perspectiva “radical” e, por outro lado, a perspectiva absolutista a respeito dos limites do constitucionalismo. Parece-me relevante a antecipação de algumas tendências evolutivas no pensamento político operadas por Hobbes e Locke. A teoria do poder papal indireto defendida por Suárez e Vitoria foi pouco explorada, sendo que seria oportuno fazer a distinção entre ambos nessa matéria.

Segue-se um capítulo que aborda a questão do dever de resistência, as suas origens no radicalismo luterano e as suas derivações no calvinismo. O autor esclareceu que foi no seio do movimento luterano, e não no calvinista, que se formulou a ideia de dever de resistência, consagrado por força das circunstâncias. A atuação de Carlos V no cenário europeu precipitou essa formulação. Skinner advoga que Calvino não teria certamente um posicionamento categórico em relação à resistência ao “magistrado” por serem dúbias as interpretações relativas à não-resistência e ao ofício do magistrado por si propostas. Não me parece ser convincente essa ideia, porque desembocará, em última instância, no pressuposto incorreto, ou a isso tenderá, de que Calvino recuou na formulação do dever de resistência a favor do posicionamento original de Lutero. A extensão deste capítulo, como aliás do seguinte, é excessiva, ultrapassando as sessenta páginas.

No penúltimo capítulo – “O contexto da revolução huguenote” – o autor introduz alguns dos aspetos históricos relativos aos huguenotes e aos governos de Catarina de Médici e de L’Hôpital. Considero imprecisa a expressão “revolução huguenote”, fazendo mais sentido utilizar os termos “revolta” e “rebelião”, ou mesmo guerras religiosas. Ao prenúncio da tolerância religiosa Skinner contrapõe o avanço do absolutismo, em particular no caso francês. Desenvolve de forma detalhada o pensamento de Bodin e as suas implicações políticas. Acresce o facto de abordar em tópico separado a presença do estoicismo no pensamento de Montaigne, uma inclusão discutível, mas de grande mérito porque se demarca de alguns dos tópicos tradicionalmente aborda-

dos. Por fim, o último capítulo aborda o direito de resistência, focando a transição da ideia de resistência política como um dever para um direito. Todavia, Skinner poderia ter explorado melhor as bases intelectuais dessa transição na tradição europeia, o que fez de forma parcial na conclusão.

Esta é uma obra de consulta obrigatória para compreender a *Reforma* em sentido lato e, mais amplamente, a evolução do pensamento político na transição da Época Medieval para a modernidade. Apesar de circunscrita ao século XVI, fornece pistas importantes para compreender o pensamento moderno pré-iluminista. Trabalhos como este não são estranhos à historiografia europeia, Pierre Chaunnu foi um dos precursores do estudo do pensamento político tardo-medieval e moderno com a sua obra *Le temps des reformes* (1975). Falta pensar até que ponto Skinner, que publicou esta obra em 1978, é devedor de Chaunnu ou dele se procurou distanciar. Em todo o caso, o seu contributo e influência na área foi assinalável e continua a sê-lo. A obra carece de uma lista final da bibliografia consultada, o que seria útil.

TIAGO MOURA GONÇALVES

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

tiagogoncalves024@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-0350-6515>



OKA, Mihoko (ed.) (2022). *War and Trade in Maritime East Asia*. Singapura: Palgrave, 282 pp., ISBN: 978-981-16-7368-9.

Nos últimos anos, investigações em torno da história marítima asiática têm vindo a ganhar uma maior predominância. Especialmente inseridas no contexto de estudos imperiais, outrora dominados por uma historiografia eurocêntrica, devido a uma crescente ênfase em metodologias interdisciplinares e transnacionais, tem-se assistido a desenvolvimentos significativos neste campo. Resultado do projeto de investigação internacional “Conflict and Diplomacy in Maritime East Asia During the 16th and 17th Centuries”, desenvolvido entre 2017 e 2021, que teve como investigador principal Gakusho Nakajima, a obra *War and Trade in Maritime East Asia*, editada pela historiadora japonesa Mihoko Oka, insere-se neste contexto.

Tal como apontado pela editora na introdução, os estudos da história marítima da Ásia Oriental desenvolvidos em torno de um poder não europeu não são propriamente revolucionários. Todavia, estes progressos viram muitas vezes a sua publicação limitada à língua japonesa, tampouco seguindo as tendências historiográficas que surgiam fora das ilhas nipónicas. Numa tentativa de alterar este paradigma nasceu a obra em análise. Num louvável esforço de investigação em perspetiva global, e na consequente publicação das conclusões em língua inglesa, são reunidos neste volume um total de 9 estudos, da autoria de 9 historiadores distintos. A repartição destes textos pode ser essencialmente feita entre o antes e o pós invasão da Península da Coreia no contexto das campanhas militares do daimio japonês Toyotomi Hideyoshi, iniciadas em 1592.

A obra abre com uma consideração sobre o estudo da história marítima asiática nas escolas japonesas da autoria de Momoki Shiro, um conceituado historiador japonês que defende a importância de uma reforma educativa da disciplina de história nas escolas japonesas, afirmando ainda a necessidade de uma integração dos estudos globais nas mesmas. O seu argumento é claro e bem estruturado, ficando evidente a persistente análise ocidental do estudo da história no Japão, combinada com o particularismo historiográfico nipónico, mesmo quando se trata de análises globais, isto é, procura-se conhecer os contactos japoneses com os continentes europeu e americano, ignorando-se as relações estabelecidas com os poderes asiáticos. Não se tratando de um estudo de história político-económica do oriente asiático moderno, entende-se o interesse em figurar como abertura deste volume, uma vez que os seguintes capítulos claramente procuraram colmatar a principal crítica apontada por Shiro.

O primeiro artigo da obra propõe uma análise do papel dos dáimios do Oeste japonês como embaixadores e mercadores em contacto com a China Ming, entre meados do século XV e finais do século XVI. Toshio Kage, autor do texto, é um reconhecido especialista das relações externas do Japão pré-moderno, atualmente vinculado à Universidade de Nagoya Gakuin, no Japão. Dada a inexistência de um governo centralizado no Japão da época, Kage entendeu a importância de perceber o papel destes poderosos senhores fundiários, as suas limitações e, inclusive, a concorrência que surgiu entre as distintas fações no desenvolvimento das relações diplomáticas e comerciais que se formaram entre os territórios chinês e nipónico. Desta forma, o autor conseguiu importantes contribuições para a percepção da relevância do papel destes senhores no comércio marítimo, defendendo, inclusive, que alguns destes clãs tornaram-se verdadeiros “senhores do mar”.

A historiadora Mihoko Oka, especialista nas relações comerciais luso-nipónicas, atualmente vinculada à Universidade de Tóquio, propõe uma análise da origem do comércio do período *Nanban*, e a importância da cidade portuária de Macau para o mesmo. A proposta não é necessariamente original, todavia, e como a autora reconhece, um dos aspetos mais interessantes deste estudo baseia-se no seu foco em torno dos comerciantes privados portugueses. Oka recorre com bastante frequência à famosa “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto como fonte histórica. É certo que a própria autora reconhece as imprecisões e incongruências históricas que se perpetuam ao longo da peça literária. Todavia, comprova que, quando cruzada com diversas outras fontes da época, nomeadamente jesuítas e chinesas, surgem novas perspectivas de interpretação para um tema que se tem mantido relevante e amplamente discutido nos estudos do mundo imperial português.

O artigo de James Fujitani, da Universidade Particular em Azusa, EUA, propõe uma nova interpretação sobre o estabelecimento português em Macau, e, numa escala mais ampla, nas conexões, formais e informais, estabelecidas entre os portugueses e a China Ming. Devido à escassez documental portuguesa e jesuíta em torno deste período e geografia, poucos estudos foram publicados sobre o assunto. Fujitani, todavia, com recurso a fontes chinesas, conseguiu construir um argumento coeso com interessantes conclusões até então ignoradas pela historiografia ocidental. Não omitindo as pretensões imperialistas portuguesas no território, o autor questiona se apenas isso justifica o facto de os portugueses não se terem submetido como vassallos da corte Ming, ou se, por outro lado, interessava aos órgãos de poder local em Macau perpetuar o estatuto destes homens como mercadores regionalmente dependentes.

Akiyoshi Fujita, da Universidade de Tenri, propõe no capítulo seguinte uma análise detalhada dos mapa-múndi do século XVII, com especial atenção para as áreas onde navios comerciais japoneses do período efetuavam o seu trato. O trabalho do autor passou pela localização destes mapas, dispersos e perdidos no pós segunda guerra mundial, e uma consequente análise exaustiva dos mesmos. Fica clara a importância destas fontes para o estudo do comércio asiático do século XVII, e urge levar a cabo uma abordagem interdisciplinar no seu estudo, procurando retirar o máximo de informação possível.

A segunda parte do livro, enquadrada no pós invasão da Coreia por parte do Japão, abre com um artigo da autoria de Gakusho Nakajima da Universidade de Quiuxu, onde este propõe abordar os contactos comerciais Ming-Japão antes e após a primeira invasão da península coreana, à época um reino vassalo da China Ming. O autor especifica as tentativas de reacender o comércio tributário, fomentadas tanto por membros da corte chinesa como pela própria corte japonesa. As sucessivas tentativas de ambas as partes neste sentido são aqui apontadas. A natureza complicada deste processo político é clarificada e acompanhada pelo autor até ao seu desmoronamento que resultou numa rutura diplomática entre ambas as partes que perduraria até ao fim da governação de Hideyoshi.

De seguida Wing Kin Puk, da Universidade Chinesa de Hong Kong, examina em detalhe os conflitos internos que surgiram dentro do aparelho militar Ming no contexto da guerra que perdurava na península coreana contra as forças japonesas, que culminaria numa rebelião em grande escala dentro do próprio exército. O artigo analisa, não tanto os conflitos entre japoneses e chineses, mas, sobretudo, os conflitos entre os soldados Ming, provocados pela reivindicação das cabeças dos soldados inimigos mortos – estas representavam a base do sistema de recompensa e ascensão militar Ming. Apresenta interessantes pontos em torno dos conflitos internos que proliferam num Estado em guerra, bem como episódios de violência fora do campo de batalha, quer entre soldados aliados, quer contra civis.

Takashi Kuba, da Universidade Seinan Gakuin, num artigo intrinsecamente conectado com o anterior, clarifica um aspeto pouco estudado neste contexto militar: a captura, por parte do exército Ming, de dispositivos bélicos bem como de soldados inimigos e o papel que estes auferiram na repressão da Revolta de Yang Yinlong (1594-1600). Os intercâmbios culturais e tecnológicos apontados pelo autor refletem um contexto geopolítico em progressivo estado de globalização. Os arcabuzes, introduzidos no mundo japonês devido aos contactos políticos e comerciais com o ocidente europeu, encontravam-se em rápida disseminação na península coreana e no território

chinês, e os efetivos treinados no manuseamento destas peças eram integrados no próprio aparelho militar Ming.

Por fim, Hitoshi Yonetani da Universidade de Waseda, num artigo previamente publicado em língua japonesa, introduz outro aspeto trágico deste conflito. Propõe uma análise em torno do repatriamento de prisioneiros coreanos forçosamente levados para o Japão durante as campanhas militares mencionadas. Explica que, como tentativa de reativar as boas relações diplomáticas com a China Ming, vários esforços de repatriamento são fomentados num sentido bilateral. O autor conseguiu acompanhar e reconstruir os processos de vários destes prisioneiros, concluindo que alguns conseguiram alcançar a sua liberdade por meios próprios, enquanto outros mostraram interesse em permanecer no território nipónico, isto após décadas afastados das suas terras de origem. Mais ainda, aponta que muitos outros viajaram entre distintas partes dos continentes asiático e europeu sob a condição de escravizados, reforçando a ideia deste conflito e das suas consequências num contexto global.

Em suma, *War and Trade in Maritime East Asia* é uma obra com uma proposta ambiciosa, conseguindo promover conclusões reflexivas e inteligíveis. Através de diversas metodologias de investigação que cruzam distintas cronologias, geografias e barreiras linguísticas, os autores conseguem uma análise à escala global da realidade de diversos poderes asiáticos entre os séculos XVI e XVII, os contactos comerciais praticados entre estes e o mundo ocidental, bem como os conflitos militares, as revoluções sociais e culturais, e ainda os desenvolvimentos tecnológicos. A utilização de fontes de diversas proveniências e línguas enriquece enormemente os argumentos dos autores. Ainda que o frequente recurso a longas citações destas fontes possa tornar a leitura menos fluída, não se pode afirmar que a exposição e argumentação final destas seja decisivamente prejudicada. O leitor está na presença de uma obra de grande valor para o conhecimento da Ásia Oriental dos séculos XVI e XVII, bem como do potencial das abordagens interdisciplinares no desenvolvimento dos estudos imperiais, sobretudo enquadrados num contexto global.

CARLOS EDUARDO DA MOTA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e de Cultura

carlos.edu.chambel@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-0100-8624>



BLANCHARD, Jean-Vincent (2023). *Eminência. Richelieu e a ascensão de França*. Porto Salvo: Edições Saída de Emergência, 336 pp., ISBN: 978-989-9138-44-5.

Quando um investigador aborda uma personagem histórica da envergadura do Cardeal Richelieu (1585-1642), num período que foi particularmente conturbado na história de Europa, uma das dificuldades que enfrenta na hora de escrever sobre ela é a de discernir qual será a forma mais eficaz de conduzir a narrativa, de modo a não se perder no marasmo de acontecimentos encadeados que circundaram a vida política e pessoal do Cardeal e das figuras históricas com quem esteve diretamente relacionado. Nesse sentido, Jean-Vincent Blanchard consegue manter ao longo de toda a obra um fio condutor bastante coerente e equilibrado, centrado na biografia política de Richelieu, na sua articulação com os momentos cruciais da história de França durante o reinado de Luís XVIII, assim como das circunstâncias que os desencadearam. Deste modo, o autor de origem canadiana, formado na Universidade de Yale e professor adjunto de literatura e política francesa na Universidade de Swarthmore, na Pensilvânia, consegue traçar uma biografia política do cardeal que permite ao leitor compreender melhor as atitudes e as decisões tomadas por esta figura histórica, controversa e paradoxal. Ao mesmo tempo, permite conhecer melhor alguns aspetos da personalidade do Cardeal, que antes de se tornar Duque de Richelieu dava pelo nome de Armand-Jean de Plessis.

Considerado o pai do sistema estatal moderno, o Cardeal, segundo Blanchard, “era um pragmático, que pensava que as decisões políticas racionais e o «direito natural» eram conciliáveis com os desígnios de Deus” (p. 11). Segundo o próprio Richelieu “a luz natural do pensamento torna óbvio para qualquer um que o homem, tendo sido criado razoável, é obrigado a agir usando esse poder. Caso contrário ele agiria contra a sua própria natureza e, por conseguinte, contra o seu Criador” (p. 12). O uso da razão tornou o Cardeal num orador brilhante, com grandes capacidades persuasivas, que analisava sempre metodicamente os problemas.

Esta obra de Blanchard está dividida em três partes cronológicas, divididas em outros tantos subcapítulos. Na primeira, “A ascensão (1617-1624)”, Richelieu é confrontado com as dramáticas circunstâncias que rodearam a ascensão de Luís XVIII ao trono de França, com apenas 16 anos, e que pôs fim à regência da sua mãe, Maria de Medicis, dando origem a uma série de conflitos entre mãe e filho, nos quais Richelieu se manteve sempre partidário da

rainha, o que não evitou, porém, problemas de confiança entre ambos. Esta foi uma fase turbulenta, na qual o futuro Cardeal se manteve sempre firme (p. 38). Apesar da sua pouca experiência, aproximou-se do poder quando foi nomeado Secretário de Estado e Assuntos Militares, facto que aproveitou, entre outras coisas, para colocar os seus parentes em cargos de responsabilidade. Foi nesta fase que Richelieu se tornou cardeal (p. 74), mais concretamente, em 1622. No entanto, a sua carreira não estava a evoluir da forma desejada.

Blanchard faz sempre questão de contrabalançar os aspetos positivos e negativos desta figura histórica. Nesse sentido, alude aos seus detratores, referindo as diversas tentativas de o matar, porque acreditavam que Richelieu “usava a sua autoridade moral para encobrir crimes políticos e pessoais” (p. 13). Na verdade, o Cardeal possuía uma vasta rede de espões e polícia secreta, aplicando castigos violentos quando os considerava necessários, baseado no lema pelo qual quem não estivesse com ele, estava contra ele (p. 95). Estes atentados contra a sua vida deixavam-no num estado de profunda tristeza e desamparo, chegando a confidenciar ao núncio Spada: “De que serve esgotar-se em nome da França se a morte é a recompensa” (p. 97-98).

Na segunda parte: “Os testes (1624-1630)”, Blanchard faz questão de realçar o lado bélico do Cardeal, que nessa altura enfrentava os conflitos da guerra entre a França e a Inglaterra e os resistentes protestantes de La Rochelle. Vemos aqui o Richelieu militar “a cavalo e vestido com a sua melhor armadura” (p. 115), “elegante, em trenó, com chapéu de castor” (p. 129), durante o confronto nos Alpes contra o Conde-Duque de Olivares. Nestes capítulos, Blanchard refere a importância do sucesso militar de Richelieu, que provavelmente alcançou mais fama como estratégia militar do que como Cardeal e homem da Igreja.

Na terceira parte: “A paixão (1631-1642)”, Blanchard permite ao leitor vislumbrar alguns aspetos pessoais da vida do Cardeal, talvez menos conhecidos, nomeadamente, o gosto pela arte, pelo teatro e pelos projetos urbanos e de decoração, numa época em que em Paris proliferavam inúmeras construções urbanas de estilo sumptuoso e requintado. Entre elas incluía-se o novo teatro de Richelieu (p. 217), onde se representavam diversas peças teatrais, com decorados e adereços luxuosos e sumptuosos. Algumas destas peças foram escritas pelo próprio Cardeal, como por exemplo, *La Grande Pastoral*, com uma extensão de 500 versos.

Relativamente às convicções religiosas, uma das grandes questões que preocupavam Richelieu, cujo excesso de trabalho e escassas horas de sono começavam a minar a sua saúde, era discernir sobre como viver na presença de Deus e saber se havia pessoas que tinham autoridade para mediar essa rela-

ção, o que não deixava de ser paradoxal, tratando-se de um homem da Igreja. A este respeito, Blanchard recupera testemunhos documentais para mostrar, ou pelo menos vislumbrar, o pensamento do Cardeal sobre essas questões. Um desses testemunhos é o do seu primeiro biógrafo, Antoine Aubery, que nos revela o sentimento de tristeza de Richelieu “por não experimentar tão profundamente quanto queria o remorso pelos seus erros e o amor de Deus” (p. 196). Com estas interpolações dos factos mais importantes em torno da personalidade do Cardeal, Blanchard insta o leitor a refletir melhor sobre as ações e atitudes tomadas por esta extraordinária figura histórica, de modo que, no fim, nos perguntamos: foi realmente tão cruel e implacável? Até que ponto as complexas circunstâncias em que viveu moldaram o seu carácter político e condicionaram a sua atitude frente aos outros e perante si próprio?

Esta obra finaliza com uma excelente conclusão, que evidencia uma extraordinária capacidade de síntese, de maneira que, em poucos traços, esboça na perfeição a personalidade política do Cardeal. De modo geral, o estilo narrativo fluido do autor torna a leitura agradável, apesar das constantes e necessárias referências históricas, o que merece uma palavra de louvor. O livro inclui também uma extensa bibliografia, fontes documentais bem selecionadas, uma lista de personagens principais e uma tabela cronológica. As notas de rodapé aparecem no fim, por serem numerosas, embora possa tornar a leitura algo desconfortável. Também inclui uma coleção de retratos das principais personagens referidas, que aparecem publicadas a preto e branco, o que é de lamentar.

ROSA MARIA SÁNCHEZ SÁNCHEZ

Universidade do Porto, Centro de Investigação Interdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras.

rosabx@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9794-761X>



SCHULTZ, Kirsten (2023). *From Conquest to Colony: Empire, Wealth & Difference in Eighteenth-century Brazil*. New Haven: Yale University Press, 355 pp., ISBN: 978-0300-25140-1.

Kirsten Schultz é doutora em História pela New York University e, atualmente, leciona História da América Latina em Seton Hall University. Na qualidade de especialista no mundo ibérico entre 1500 e 1800, Schultz produziu extensa bibliografia nessa área, como a obra *Tropical Versailles* (2001). O seu mais recente livro, *From Conquest to Colony: Empire, Wealth & Difference in Eighteenth-century Brazil*, publicada pela Yale University Press, é uma prova da sua competência como pesquisadora. A complexa obra estuda os debates dos agentes da Coroa portuguesa acerca da governação das suas colónias na América e as respetivas ações nos territórios durante o século XVIII. Além disso, Schultz analisa as políticas de fiscalização dos recursos e das populações, com especial foco na região das Minas Gerais. O título da obra delimita a cronologia, entretanto a autora procura entender as causas e consequências da conjuntura, assim expandindo a sua análise para os séculos XVI, XVII e XIX. Schultz também alarga o seu objeto de estudo para entender as elites locais em territórios como o de Rio de Janeiro e a Baía. Ao longo da obra, a autora demonstra a fluidez inerente às relações entre a metrópole e a colónia por meio de uma análise do trânsito de bens materiais, ideias e pessoas entre os dois lados do Atlântico.

O livro possui cinco capítulos e um epílogo, divididos pelos três reinados portugueses do século. Os três primeiros capítulos focam-se na administração joanina, enquanto o quarto e o quinto são relativos a D. José I. Por fim, o epílogo circunscreve-se o reinado de D. Maria I. Essa divisão fornece uma completa observação dos séculos e das particularidades de cada reinado, proporcionando uma leitura fluida. O primeiro capítulo observa como diversas academias e intelectuais pensavam a “conquista” – denominação então utilizada para se referir aos territórios dominados –, baseada nos sucessos e fracassos administrativos dos séculos passados. As políticas de controlo das riquezas, dos locais e dos escravizados de Minas Gerais por meio dos impostos da captação e do manuseio, são o foco do segundo e terceiro capítulos. As tentativas de austeridade e controlo sobre o excesso de luxo são as principais temáticas do quarto capítulo, que interpreta como o ouro – e, eventualmente, a sua escassez – impactou as finanças do reino. O quinto capítulo debruça-se sobre a gestão de pessoas e territórios da América Portuguesa no contexto global do império português. O epílogo acompanha uma nova geração de in-

telectuais na administração régia e as ruturas e continuidades da governação.

Intitulado “Conquests and Histories: Brazil in the Portuguese Empire”, o primeiro capítulo procura entender a relação entre o conhecimento histórico e geográfico sobre a expansão portuguesa e a exploração do território das Américas portuguesas. O que sobressai no capítulo é a maneira como a autora analisa a utilização da história e do passado como argumentos para medidas de natureza política e administrativa por parte dos intelectuais, que visavam explorar as riquezas do Brasil de diversas formas. Após uma contextualização das perdas territoriais de Portugal durante a administração filipina e as concessões dos reinados após o estabelecimento da dinastia dos Bragança, Schultz demonstra como os reinados de D. Pedro II e D. João V procuraram reaver o prestígio do sistema imperial português. A hipótese da autora é justificada pela criação da Academia Real da História e pela produção de conhecimento historiográfico de figuras como Rodrigues da Costa, Manuel de Campos e Alexandre de Gusmão. Schultz explora um fascinante paralelo com a Academia Brasileira dos Esquecidos, com sede na Baía, e como a retórica exploratória e colonialista estava presente em ambas academias. Obras como *História da América Portuguesa* (1730), da autoria de Rocha Pita – um dos “esquecidos” –, visavam combater o desconhecimento histórico e geográfico do território. Existiam, como a autora elucida, divergências no pensamento dos autores analisados, principalmente no quesito da natureza dos indígenas como seres livres e educados, além da sua capacidade de aderir ao cristianismo. Pensadores como Barbosa Machado, que defendiam que os indígenas eram selvagens e que deturpavam a expedição de Pedro Álvares Cabral, conviviam com intelectuais como Soares da Franca, que argumentavam que os indígenas haviam sido, originalmente, cristãos educados por São Tomé e tão capazes quanto os nativos das conquistas portuguesas na Ásia. A autora, no entanto, foca-se nos pontos de convergência dos intelectuais e não nas divergências de pensamento.

“Reason and Experience: Royal Authority in a Golden Age” é o título do segundo capítulo. Ele tem como âmbito entender as políticas de controlo do ouro e de bens preciosos por parte da Coroa, além das respostas das comunidades locais da América portuguesa. A análise de Schultz não explora os meandros das revoltas populares, interpretando somente as insatisfações dos revoltosos contra as medidas fiscais da Coroa, numa lógica reacionária às suas providências. A autora não desconstrói as revoltas, nem procura entender os seus participantes, as suas ambições e nem a participação de diversos estratos sociais. Essa superficialidade prejudica a análise da relação dialética entre a metrópole e a colónia, ou seja, o âmbito principal do capítulo e um dos temas prin-

cipais da obra. O capítulo desenvolve as diversas medidas dos governadores das capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, face à pressão das elites locais que estavam descontentes com o imposto do “quinto” (que ditava que 1/5 do ouro minerado deveria ser enviado para a Coroa). Entender a implantação de novas formas de taxaço, nomeadamente a capitaço e o maneio, é o ponto principal do capítulo. Os impostos foram promovidos por Alexandre de Gusmão com argumentos financeiros, aceites pela Coroa baseado em dados empíricos e efetivados pelo membro da Academia Real da História, Martinho de Mendonça. A autora explora com enorme profundidade os argumentos contrários e favoráveis às medidas, tal como a sua execução no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais. Schultz observa como a monarquia implementou essas reformas com agentes régios, afastando-se das elites locais. Além disso, a autora demonstra como os agentes deveriam emitir “bilhetes” anuais que comprovavam o pagamento dos impostos e realizar censos demográficos para as cidades, atitude que revoltou as populaçoes locais. Em resposta às revoltas locais, Mendonça foi chamado de volta para Lisboa e a reforma desmoralizada. Com a morte de D. João V e a ascensão de D. José, o sistema de Gusmão seria substituído pelo quinto e pela derrama – visando continuar a capitaço de 100 arrobas por ano –, além do retorno às elites locais dos cargos de coletores de impostos.

O terceiro capítulo da obra, denominado “Taxing Gold and Taxing Slaves: American Social Order and Empire”, tem como intuito entender como o modelo de taxaço de Gusmão afetou direta e indiretamente os escravizados. A sobreposiço temática com o capítulo anterior é justificada pelas novas facetas que a autora apresenta, ao analisar o sistema socioeconómico da escravidão que existia nas Minas Gerais. A burocracia imposta pela Coroa taxava diretamente os senhores de escravizados, obrigando-os a guardar documentos que comprovavam a quantidade de escravizados para os agentes da Coroa depois os taxarem. Schultz analisa as tentativas de os senhores contornarem o sistema. Neste seguimento, uma das análises mais interessantes do capítulo é a exclusão de foros pobres da região, defendido por Gusmão com a lógica de que eram “improdutivos” para a mineraço. A autora também explora a adaptaço dos escravizados à nova realidade e os abusos que eles sofriam, demonstrando o constante estado de pânico dos seus senhores com a possibilidade da sua fuga e respetiva formaço de quilombos (comunidades de escravizados fugidos dos seus senhores).

“Colonies and Commerce: Wealth, Difference, and Empire”, o quarto capítulo, analisa como o excesso de ouro alterou a sociedade da “conquista” e de Portugal. A autora transporta o leitor para os diversos rituais fúnebres de D. João V, ainda que não ofereça uma descriço particularmente vívida.

Retornando aos finais do século XVIII, constata como o conceito de “luxo” foi atacado pela Coroa portuguesa. Nesse ponto, as leis pragmáticas de 1668, 1677 e 1686 procuraram restringir o excesso de luxo dos estratos sociais que imitavam a corte régia. A autora promove uma inovadora análise de como essas leis exerceram impacto no “luxo” dos negros, que usavam algodão nas roupas, e dos reinóis, que “queimavam” o ouro, além de associar essa pompa com práticas negativas de feminilidade. A autora observa ainda como as ideias protecionistas e, paradoxalmente, liberais, do Conde de Oeiras e de António Ribeiro Sanches foram postas em prática na transição entre os reinados de D. João V e D. José. Medidas como a criação do Erário Régio e a tentativa de aproximação com a França, por exemplo, visavam escapar da dependência inglesa e do Tratado de Methuen. Neste aspeto, a autora peca ao não analisar a contradição entre as medidas protecionistas e o livre-cambismo pombalino. Schultz argumenta que o fluxo de riqueza das Minas Gerais redefiniu o conceito de “conquista” e o sistema imperial português, intensificando a tentativa de a Coroa drenar a riqueza material e intelectual do Brasil, impedindo o território de possuir imprensa e universidades. Essas medidas visavam domesticar o território, agora denominado “colónia”.

O quinto capítulo tem como título “Peoples and Colonies: Settlement, Labor, and the Geography of Empire”. O âmbito principal desta parte é entender como o império geriu e organizou a sua população nas colónias, especialmente no Brasil. Schultz começa por esquematizar uma cativante história de um naufrágio no rio Amazonas, transitando assim para as tentativas sociais de controlar as populações no império. A começar pelo transporte de mulheres, a autora analisa a convivência feminina na colónia americana e as tentativas de proibir a viagem de mulheres de estratos sociais altos, ao mesmo tempo que incentivavam a ida de mulheres dos setores mais baixos. Os colonos cônjuges também eram controlados, com a emissão de documentos como “mapa dos casais”, enquanto os casamentos de portugueses com indígenas e escravizados eram regulados. Neste aspeto, Schultz aprofunda a querela de Rodrigues da Costa, contrário aos casamentos mestiços, e de Sebastião José de Carvalho e Melo, defensor da miscigenação para a ocupação do território. Num último ponto, Schultz reinterpreta os alvarás de 1761, 1767 e 1773 que tinham o intuito, segundo a mesma, de impedir a vinda de sujeitos escravizados para Portugal. Ao entender a importância desses documentos para a reconfiguração do império português numa perspetiva global, Schultz promove uma nova interpretação dos alvarás pombalinos que contrasta com a estabelecida pela historiografia, focada na utilização dos documentos pela metrópole portuguesa e desconectada do sistema imperial.

O epílogo analisa o reinado de D. Maria I e a governação da colónia brasileira. Schultz demonstra as continuidades da administração régia, apoiada por uma elite marcada pelas reformas pombalinas e por figuras como Domenico Vandelli e Rodrigo da Sousa Coutinho. A tentativa de regulamentar os opulentos gastos e o contínuo desconhecimento geográfico e cartográfico são marcas de continuidade de D. Maria I e temas de capítulos ao longo do livro. Essa querela evidencia a importância das temáticas na longa duração. A autora demonstra como a nova elite administrativa – centrada na Real Academia das Ciências e guiada pelo iluminismo – navegou as novas conjunturas do mundo Atlântico, a independência dos Estados Unidos e a crescente insatisfação de revolucionários franceses. Kirsten Schultz escreve um epílogo intrigante, focado em desconstruir a reação antipombalina denominada “Viradeira”, além de entrelaçar todos os temas e capítulos da obra de maneira sublime.

Em conclusão, o livro *From Conquest to Colony: Empire, Wealth & Difference in Eighteenth-Century Brazil* é uma obra multifacetada que analisa o sistema imperial português no século XVIII. Kirsten Schultz capta com profundidade as ligações entre as riquezas minerais exportadas do Brasil e as mudanças da governação régia. A autora cruza com perfeição o pensamento complexo das elites do reino e a sua relação com os locais. Ainda que Schultz não contemple a perspectiva dos estratos sociais dos colonos que se rebelavam com a Coroa, ela tem sucesso em demonstrar a relação dialética entre a metrópole e a conquista/colónia. Devido à densidade do tema e da análise da autora, a obra é, nalguns momentos, demasiado longa e pode ser cansativa para o leitor. Entretanto, as suas limitações não diminuem a sua validade científica como leitura inspiradora e obrigatória para especialistas do império português e da Época Moderna.

PEDRO TEIXEIRA

Universidade de Coimbra

pedroateixeira@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-9993-5628>



BETHENCOURT, Francisco (2024). *Estranhos na sua terra. Ascensão e queda da elite mercantil cristã-nova (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Temas e Debates, 671 pp., ISBN: 978-989-644-860-8. Tradução de Artur Lopes Cardoso a partir da edição original: *Strangers Within. The Rise and Fall of the New Christian Trading Elite*. Princeton: Princeton University Press, 2024.

Estamos perante um livro grandioso, de uma envergadura e qualidade raras. Não está ao alcance de todos conceber e produzir um estudo de História deste nível. A escala e abrangência de perspectivas da análise, a que se alia um profundíssimo conhecimento dos assuntos abordados, conferem-lhe uma solidez de resultados difícil de alcançar. O modo como aqui se concilia, explora e faz a simbiose de perspectivas tributárias da História, Sociologia, Antropologia, Direito, Literatura, Arte, oferece uma perspectiva holística e comparativa de complexos e dinâmicos processos históricos. Só com uma longa vida de intensas pesquisas, num ambiente institucional de excelência – que propicie tempo para refletir e realizar investigação em arquivos e bibliotecas, o que está a desaparecer do mundo universitário –, é viável compor uma obra deste quilate. Augura-se que ela não seja um prenúncio da “queda” do modelo de universidade Humboldtiana que, tal como o grupo de mercadores e financeiros estudado por Bethencourt neste livro, também pode ter tido um ciclo de ascensão e declínio.

O autor, português, após o seu doutoramento no Instituto Universitário Europeu, em Florença, no ano de 1992, cujo resultado foi um admirável e profundamente inovador estudo comparativo das Inquisições espanhola, romana e portuguesa (BETHENCOURT 1994 e 2009), realizou a maior parte do seu brilhante percurso académico no estrangeiro, nomeadamente em Paris e Londres. Nesta cidade britânica é atualmente professor da cátedra Charles Boxer, no King’s College. Tal como os protagonistas deste *Estranhos na sua terra*, encontrou fora de Portugal condições ideais para realizar o seu *métier*. Por vezes, infelizmente, vai parecendo que historiadores do nível de Francisco Bethencourt se transformam, tal como no passado sucedeu com os cristãos-novos, numa espécie de alienígenas no seu país.

A expressão que dá título à obra, o qual, na versão portuguesa, é mais preciso do que na original inglesa (BETHENCOURT 2024), não é inédita. Em 1997, Diogo Ramada Curto utilizara-a, num artigo que Bethencourt cita, para se focar num ator singular coetâneo de D. Quixote (CURTO 1997). Neste livro não foi um mas milhares de atores históricos que estiveram sob

escrutínio. Este é um traço da obra historiográfica de Bethencourt: o arrojo e ousadia para enfrentar objetos com um recorte de grande amplitude e elevada complexidade (BETHENCOURT 1998 e 2013). Note-se ainda, sempre no plano dos grandes desafios, que se está diante do estudo de um problema na longa duração, captando dinâmicas evolutivas essenciais para compreender a questão central que foi suscitada.

A Introdução é metodologicamente irrepreensível e denota, desde logo, a densidade do livro. Enuncia os problemas a resolver, explicita o quadro conceitual, este suficientemente amadurecido pela reflexão pessoal do autor, clarifica o enquadramento historiográfico. Este é um estudo de história global. Porém, o seu cariz global não se confina à aplicação de pressupostos de abordagem preconizados por esta tendência historiográfica, a qual, desde finais do século passado, tem alterado e renovado o campo historiográfico. É global porque o objeto do livro (a elite mercantil e financeira cristã-nova) e a muito bem recortada questão principal (qual o peso desta elite no comércio intercontinental entre os séculos XV-XVII e como se processaram a sua afirmação e declínio) têm uma natureza imanentemente transnacional/mundial.

Impressiona e esmaga o leitor a abrangência da abordagem, que se expande pela história institucional, económica, política, religiosa, combinando-se com a arte, a literatura, a genealogia, a medicina, a filosofia natural, a cartografia, a matemática, a cultura mercantil, a cultura religiosa. Esta visão poliédrica, a sua profundidade, a maturação dos argumentos, a sua fundamentação, baseada em criteriosa e ampla recolha de imensos dados empíricos inéditos resgatados em muitos arquivos europeus, são de enorme solidez.

A estrutura pensada para apresentar este impressionante panorama de cerca de três séculos de história é densa e engenhosa. Demasiado extensa. Enleia quatro *Partes* (as quais demarcam ritmos e cronologias), 16 Capítulos (4 por parte, que sugerem uma palavra gazua que resume cada conteúdo) e, por fim, uma longuíssima série de 62 subcapítulos (com composição e forma variadas, difíceis de definir). É um desafio iniciar a leitura do livro tentando compreender a organicidade e detalhe da estrutura, ainda que ela se afigure globalmente inteligível. Tal como não é fácil para o leitor acompanhar, sem se desorientar, os milhares de atores individuais que foram identificados, inseridos em redes e famílias, alguns seguidos através de várias gerações nesta profundíssima investigação.

Transparece alguma dificuldade em explicitar com exatidão os limites cronológicos de cada parte. Por exemplo, a segunda, denominada *Expansão*, consoante o sumário da obra, estender-se-ia entre 1550 a 1600. Porém, o próprio autor, na Introdução, ao indicar a cronologia desta parte refere que

cobrirá questões desde o século XV até 1600 (p. 38, uma gralha face à edição inglesa onde está “meados de XVI”), ou, noutro local, até 1604-05. Ou seja, a ser assim, esta sobrepor-se-ia à cronologia da primeira parte (1490-1540). No fundo, estas cronologias têm alguma oscilação entre a estrutura das 4 partes e a definição que, no texto, é apresentada dessa estrutura. Não compartilho com o autor a ideia de que “as divisões temporais são sempre arbitrárias” (p. 37). Cumpre aos historiadores zelar pelas periodizações, entre outras razões, precisamente para impedir o uso arbitrário dessas divisões temporais. Que há múltiplas temporalidades e que elas se podem sobrepor formando imbrincados segmentos/estratos de tempo que se entrelaçam e entretecem mutuamente é outra questão.

Por outro lado, se, na generalidade, foi possível encaixar bem toda a narrativa, nem sempre todos os conteúdos me pareceram bem arrumados nesta grande e fragmentada estrutura. Por que razão os aspetos relacionados com a cultura material dos cristãos-novos ligados à finança entre 1600-1650, surge interpolada no ponto intitulado *Europa* (p. 384-387), do capítulo 11 – *Negócios*? Não ficaria melhor no capítulo 12 – *Identidades*? Alguns subtítulos são suscetíveis de criar ambiguidades. Veja-se a denominação escolhida para o capítulo 13 – *Perseguição*, que se insere na cronologia 1650-1750, como se até esta altura a história dos cristãos-novos não estivesse violentamente marcada por esta “perseguição”, o que já se pressente na titulação de capítulo anterior a este, ou seja, o 10 – *Repressão*. Matizes de títulos que não são fáceis de alcançar.

Para orientar o leitor neste denso enredo, Bethencourt apresenta oportunos sumários iniciais e pequenas sinopses em cada parte e em cada capítulo. Esta estratégia, bem como os utilíssimos mapas (nomeadamente o mapa 1), genealogias, ilustrações, um glossário e um imprescindível índice remissivo são excelentes auxiliares da leitura.

Conforme já explicado, o livro estrutura-se em quatro grandes partes. Na primeira, *Transições*, explora-se a situação vivida na Península Ibérica antes e depois da criação dos processos de expulsão e conversão forçadas dos judeus. A partir do capítulo 2, através de densa e original análise de arquivo, na qual abundam novas informações, mostra-se como uma elite cristã-nova foi protegida por D. Manuel I após o decreto de expulsão de judeus e muçulmanos em 1497, situação que se manteve nas primeiras décadas do reinado de D. João III. Esta elite assumiu papel crucial nos assuntos financeiros e na atividade mercantil em que a Coroa portuguesa estava envolvida, tanto no reino, como no norte da Europa, na costa ocidental africana, na Ásia ou no Brasil. Situação semelhante viveu-se em Castela e Aragão, apesar de aí, desde finais

de XV, ter havido forte perseguição aos cristãos-novos por parte do tribunal da Inquisição, o que levou Bethencourt a sustentar que, na Península Ibérica, houve “continuidades de padrões económicos e sociais antes e depois da conversão forçada” dos judeus nos anos 1492-1497 (p. 93). Aliás, a influência destes atores e das suas redes, muitas com feição familiar, alargou-se para espaços e tipos de negócios que, até ao século XV, tinham sido inexplorados. Isto apesar de também ter havido fugas de várias famílias de judeus e de cristãos-novos ibéricos para diversos pontos do mundo, com dinâmicas que não foram síncronas em todos os territórios da Península Ibérica.

Nesta primeira parte, é especialmente original o capítulo 4 – *Criatividades*. Aqui se explica como, apesar da perseguição e repressão dos cristãos-novos, muitos adotaram estratégias criativas que visaram manter o seu poder. A saber, a adesão a novas formas de religiosidade que se desenvolviam no universo cristão (como as ligações à corrente espiritual dos “alumbrados”), ou o seu envolvimento na arte e literatura, ainda que, neste último plano, restringindo o universo de casos analisados a Castela e Aragão. Portugal ficou ausente. Este foi um equilíbrio difícil de manter em todo o livro: a dimensão das incursões pelo caso português e pelos casos de Castela, Aragão, Navarra, Leão, enfim, os outros reinos ibéricos.

Nesta primeira parte, teria sido útil saber como é que a elite cristã-nova se posicionou perante as tentativas de criação de uma Inquisição em Portugal. Conhece-se, desde os estudos de Herculano (HERCULANO 1854-1859), a resistência em Roma protagonizada por Duarte de Paz. Todavia, muitos dos cristãos-novos que tinham relações económicas com a Coroa e que foram protegidos pelos reis não parece terem mostrado qualquer oposição. Por pragmatismo? Sentiam-se protegidos? Tinham deixado de lado traços da sua ancestral identidade? Além de que eu não sigo as teses simplificadoras e discutíveis de Herculano a respeito do processo de fundação da Inquisição portuguesa, nomeadamente, a ideia de um D. João III “obcecado” como a razão principal para a criação do Tribunal em Portugal (p. 121).

Ao enfrentar desafios com a magnitude dos que Bethencourt se propôs, correm-se riscos. Nesta parte, foi limitada a atenção conferida às políticas de catequização e integração religiosa dos recém-convertidos e à atuação dos tribunais episcopais (p. 120). Estes também tiveram o seu peso nas dinâmicas de incorporação/discriminação dos antigos judeus constrangidos a receber o batismo, sobretudo antes da criação da Inquisição em Portugal. Hoje, conhece-se melhor o papel do episcopado sobre a conversão forçada, as políticas de catequização seguidas, a aplicação da justiça episcopal (MARCOCCI 2006; PAIVA 2011a e 2011b).

Na segunda parte, *Expansão*, o argumento é o de que, apesar das dificuldades provocadas pela criação das Inquisições na Península Ibérica, os mercados “relativamente abertos e desconexos” que se abriram no mundo extraeuropeu, durante a segunda metade do século XVI, permitiram o florescimento económico de uma elite mercantil cristã-nova numa alargada geografia pluricontinental. Esta elite revelou uma enorme capacidade de adaptação a distintas condições políticas, económicas e religiosas. Abundam novidades no capítulo dedicado ao estudo dessas relações comerciais. Igualmente impressionante, ainda que antes este cenário tivesse sido revelado em estudos dispersos, o mapeamento dos espaços por onde alguns destes cristãos-novos se estabeleceram e/ou para onde fugiram: Alepo, Amesterdão, Ancona, Antuérpia, Baiona, Baía, Bordéus, Cabo Verde, Cochim, Congo, Constantinopla, Ferrara, Goa, Guiné, Hamburgo, Lima, Macau, Madrid, Manila, México, Nagasáqui, Olinda, Ormuz, Paraíba, Pisa, Roma, Ruão, Salónica, Sevilha, S. Tomé, Veneza, etc. Aqui se lembra, e bem, como apesar de vítimas de discriminação nas sociedades ibéricas, muitos cristãos-novos também se envolveram na violência do tráfico de pessoas escravizadas e utilizaram o trabalho de africanos nas plantações de cana de açúcar no Brasil (p. 200). Vítimas de uns e algozes de outros.

Muito relevante o capítulo sobre o modo como os cristãos-novos investiam o capital que ganhavam. Parte dele, aplicado em estratégias para “lavar o seu sangue”, misturando-se com famílias cristãs-velhas, encomendando arte religiosa católica, fundando capelas de missas que exigiam a vinculação de bens, apoiando conventos, recolhimentos de órfãos, etc. Do ponto de vista económico, algumas destas famílias, foram deixando os negócios comerciais, instituíram vínculos e investiram em propriedades e juros régios, faceta que, em simultâneo, os colocou à mercê da “extorsão por parte dos reis ibéricos” (p. 236). A riqueza de muitos e a sua situação de liminaridade, como muito bem demonstrado ao longo do livro para várias conjunturas, criou o ambiente que foi permitindo essa extorsão. Como corolário, aqui se encontram excelentes e inéditas incursões a respeito de inovações religiosas, artísticas e do conhecimento nas quais uma elite mercantil e letrada cristã-nova se envolveu. As dúvidas interiores, as múltiplas vias novas de pensar, sentir e praticar a religião, fosse ela cristã ou judaica, que muitos mercadores e letrados cristãos-novos experimentaram. Esta viagem alargou os horizontes da pesquisa, não amarrando a avaliação da ascensão e queda da elite cristã-nova às dimensões da história económica ou da perseguição inquisitorial.

A parte sobre o perdão-geral concedido aos cristãos-novos portugueses pelo papa (1604-1605), não trazendo novidades ao que já se sabia sobre esta grande crise da Inquisição portuguesa, conhecimentos que o autor muito

bem incorporou, sublinha como os cristãos-novos não formavam um corpo coeso e homogêneo. Ao invés, entre eles havia divergências, conflitos, estratégias diversas (p. 274-75), o que põe em causa a ideia de que formavam uma “comunidade”, como o autor bem notou desde o princípio da obra.

Na terceira parte, *Resistência*, Francisco Bethencourt centra o olhar na defesa de uma elite cristã-nova ao aumento de repressão que sobre ela se abateu na primeira metade do século XVII, numa dinâmica “radicalizada”, isto é, intensificada, no ciclo em que o Tribunal da Inquisição teve à sua frente Fernão Martins Mascarenhas (1616-1628). Não foram apenas os cristãos-novos as vítimas desta assanhada repressão inquisitorial, o que merecia ter sido notado, pois não é possível perceber esta poderosa instituição focando apenas o modo como se relacionou com a perseguição aos descendentes dos judeus, tal como foi feito em livro muito relevante de Lúcio de AZEVEDO (1921).

Nesta secção da obra, para além da violência da repressão inquisitorial, é conferida especial atenção a diversas dimensões que também tiveram consequências nas dinâmicas de atuação da elite cristã-nova no plano económico e social, como foram, entre outros aspetos, a conturbada política internacional europeia no âmbito da Guerra dos Trinta Anos, o aparecimento de novos atores nos mercados interoceânicos e intercontinentais (Holanda e Inglaterra) ou crises políticas, como a separação da Coroa portuguesa da monarquia hispânica (1640). Não obstante, alguns dos contextos apreciados contêm interpretações debatíveis. Tal é o caso da ideia de que a conspiração de 1641 para matar o rei de Portugal criou uma clivagem entre o rei e o inquisidor-geral (p. 339). Diversos factos demonstram que essa relação só se tornou insustentável depois da norma régia de 1649 que impedia o confisco de bens de investidores na Companhia de Comércio do Brasil (MARCOCCI e PAIVA 2013).

O questionário de que o autor parte nesta secção do livro é muito pertinente e claro (p. 284). O exemplo dado pela perseguição à família de Henrique Dias de Milão, mostra a iniquidade e cariz vingativo do procedimento inquisitorial e como a repressão que se abateu sobre os cristãos-novos se intensificou bastante a partir da reorganização do Santo Ofício sob o comando do inquisidor-geral Pedro de Castilho. O que era sabido (LÓPEZ-SALAZAR CODES 2010, 2011). Processo similar é observável na Inquisição de Castela, por exemplo no caso da condenação do banqueiro de Felipe IV Juan Nuñez Sarabia (Saraiva). Este, no dizer de Bethencourt, mostra como poucos o “nível de ódio” e os atropelos ao procedimento que o direito inquisitorial impunha para permitir condenações (p. 318). E nesta fase a repressão intensificou-se para lá da Europa, alcançando cristãos-novos de origem portuguesa em Lima, Cartagena ou México. Para Bethencourt, a análise de “muitas

centenas de julgamentos inquisitoriais não consegue mostrar exemplos sistemáticos de acusações claramente irrefutáveis [contra cristãos-novos]" (p. 396). Será? Foi assim com todos os processados por todo o tipo de delitos sob alçada inquisitorial? Foi assim apenas com a elite cristã-nova que tinha inteligência, meios financeiros, estratégias múltiplas para escapar melhor ao procedimento inquisitorial?

Reforça-se ainda como, neste ciclo de "resistência", a continuação da diáspora dos mercadores e financeiros, também alavancada pela abertura e integração de mercados propiciada pela União Ibérica, confirmou a sua projeção mundial, a qual, todavia, já era bem evidente no ciclo anterior (1550-1600). É impressionante a riqueza que alguns destes cristãos-novos, apesar de tudo, concentraram. Em 1637 o rei Felipe IV devia a Pedro Baeça da Silveira cerca de 500.000 cruzados. Uma soma astronómica. E Bethencourt não olvida a resistência, mesmo neste ciclo de feroz repressão, lembrando a redação de textos de violenta crítica à Inquisição, com destaque para o caso de Antonio Enríquez Gómez (p. 411-413). As centenas, senão milhares de exemplos de atores concretos – cujos percursos foram resgatados, em grande parte a partir de uma inteligente pesquisa nos arquivos inquisitoriais, explorando com atenção as genealogias, os inventários de bens, os depoimentos de testemunhas e acusados, não se circunscrevendo às sentenças dos inquisidores –, são uma das grandes forças deste livro. Por esta via, o autor revelou estar atento a contextos estruturais, conjunturas de variada índole e à atuação estratégica de indivíduos, famílias, redes.

A quarta parte, *Declínio*, explica a fase de queda da elite mercantil. Bethencourt sublinha que o final da década de 50 do século XVII até 1674 foi o ponto culminante da repressão aos cristãos-novos (p. 427). Nesta parte, sobretudo no cap. 14.1 (*Alvos*) é feita uma original e densa reconstituição dos que foram apanhados neste ciclo. É certo que foram anos de violenta repressão, mas que se situou no mesmo volume repressivo que já se verificara na década de 30. Na Inquisição de Coimbra, por exemplo, para a qual há dados anuais, o ciclo com maior número de condenados foi 1621-1635 com 1810 processados (120/ano), seguido de 1661-1675 com 1665 (111/ano). E no século XVI, entre 1566-1570, já tinha havido um ciclo fortíssimo de repressão (112/ano) (TORRES 1978 e 1986). Mais uma vez, não foram apenas os casos contra cristãos-novos que cresceram. Muitos outros tipos de delitos conheceram agora o acme da repressão, o que obriga a questionar se o que se sucedeu com os cristãos-novos foi o resultado da intensificação da repressão inquisitorial em geral, ou uma especificidade da relação da Inquisição face a este setor da sociedade.

É também proposto que a suspensão da Inquisição portuguesa entre 1674-1681, episódio a que foi dada especial atenção, foi o resultado da reação dos cristãos-novos a décadas de feroz repressão contra eles e ao debilitamento económico a que os estava a conduzir, além de que nesta jornada contra a ofensiva inquisitorial não estiveram sozinhos, antes combateram aliados aos jesuítas (p. 467). Eu optaria antes por dizer articulação com alguns setores jesuíticos, pois também estes, como Bourdieu (1971) explicou ao tratar da noção de “campo religioso”, eram um corpo atravessado por dissensões e disputas. É inquestionável que houve jesuítas que se empenharam nesta causa, mas não houve um envolvimento institucional da Companhia e menos de todos os seus membros. Alguns, aliás, continuaram a colaborar com o Santo Ofício em diversas funções, incluindo depois de 1681.

O restabelecimento da atuação plena da Inquisição, em 1681, como sabido, criou um novo enquadramento jurídico para a sua ação, o qual “não foi estudado profundamente até agora” (p. 428). Depois de explicar os poucos limites com que o Tribunal voltou a atuar, a parte final e corolário desta secção do livro explica o processo que ditou o “desaparecimento” de um poderoso e economicamente relevante grupo de mercadores e financeiros cristãos-novos, durante o século XVIII. Todavia, por vezes, há afirmações que parecem matizar ou negar esta interpretação: “na segunda metade do século XVII várias casas comerciais cristãs-novas importantes sobreviveram à perseguição inquisitorial e conservaram as suas posições de líderes no comércio e na finança” (p. 438), tanto mais que, como diz, alguns conseguiram, mesmo depois de condenações inquisitoriais, a “nobilitação de suas casas” (p. 438).

Aceitando a tese de Jonathan Israel, que já sustentara que a queda dos judeus sefarditas na vida económica mundial teve como ponto de viragem a Guerra da Sucessão de Espanha (1702-1713), pelo apoio que deram ao candidato derrotado Habsburgo (p. 531-32), Bethencourt tentou mostrar que a leitura de Israel é “útil mas precisa de ser matizada” e superada. Acabará por concluir que, entre finais do século XVII e a primeira metade da centúria seguinte, os cristãos-novos de origem ibérica foram sendo substituídos por mercadores franceses, ingleses, alemães e flamengos, os quais foram aumentando a sua influência no mundo ibérico em geral.

A tese conclusiva deste impressionante livro é a de que a criação e subsequente perseguição de uma minoria judaica, forçada a converter-se ao cristianismo no mundo ibérico a partir de 1391 – minoria que foi discriminada ao longo de vários séculos pela aplicação de mecanismos de “limpeza de sangue” e pela perseguição de que foram vítimas pelo Santo Ofício, constitui “um dos primeiros casos de racismo institucional” na Europa (p. 589-94). Esta perse-

guição e preconceitos discriminatórios estimularam entre este grupo solidariedades, identidades e dinâmicas de reação e proteção que incluíram grande criatividade e inovação em vários planos, que não apenas o económico, e até mecanismos que permitiram ultrapassar estas barreiras, isto é, processos de “lavagem de sangue”. Este padrão mudou na segunda metade do século XVIII (p. 605). Então, os cristãos-novos “deixaram de existir”, devido a várias alterações sociais e políticas no mundo ibérico, novas condições do comércio internacional e ao surgimento de um novo sistema de valores. Apesar das similitudes, as dinâmicas deste processo tiveram especificidades/distinções nos casos espanhol e portugueses.

Não é possível escrever uma obra com esta justificada ambição sem incorrer em pontuais deslizes. Dou três exemplos. Não havia “monges dominicanos” (p. 76); a proibição papal de entrada de quem não tinha “sangue limpo” no clero é um breve de Clemente VIII, de 1600, e não apenas uma decisão de Paulo V, em 1612 (p. 287); não é aceitável o uso de “auto de fé” em vez de “auto da fé”, como se deve dizer em português, e o autor muito bem sabe. Porventura, tratou-se de decisão editorial que escapou, numa tradução que, em geral, é de nímia qualidade. Mas também ela, naturalmente, tem pontuais falhas: “nasceu na cidade portuguesa do Porto” (p. 21), quando na versão portuguesa bastaria “nasceu no Porto”; ou usar “Tory” em vez de “conservador” como seria preferível numa versão em Portugal (p. 542 e 543).

Um comentário crítico dirigido à editora. Apesar do papel relevantíssimo que tem tido na vida cultural portuguesa, ao permitir a difusão social de estudos de grande qualidade científica, não é aceitável, num livro com este rigor científico, que as notas não surjam em rodapé. Pior, que apareçam amalgamadas no final do livro e com um tamanho de letra quase ilegível. Urge rever este critério.

Em conclusão, a magnitude da investigação proposta neste livro jamais foi assim ensaiada. A partir deste olhar poliédrico o argumento que Bethencourt procurou defender é inquestionável e está explicitado com cristalina clareza na sua intrincada complexidade de fatores (p. 25-26). O meu ponto é que, não a esta escala, sem este volume de informação, sem esta consistência, sem a teorização geral, sem a impressionante demonstração com base em dados empíricos sólidos e grande parte deles novos, a ideia da ascensão e queda dos mercadores e financeiros cristãos novos – dada a perseguição inquisitorial, os mecanismos discriminatórios que tiveram que enfrentar e as oscilações da cena económica e política internacional –, a intervenção fulcral que tiveram nas economias imperiais sobretudo ibéricas, as consequências de tudo isto na vida e religiosidade pessoal deste grupo e nas sociedades ibéricas e em

muitos dos espaços para onde a diáspora os projetou, parece-me que já era conhecimento existente. O que não retira valor a este notável livro que será, seguramente, um marco da historiografia sobre o mundo ibérico durante décadas. Jamais se fez nada parecido com esta abrangência e solidez.

Bibliografia

- AZEVEDO, João Lúcio de (1921). *História dos Cristãos-Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- BETHENCOURT, Francisco (1994). *História das Inquisições Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- BETHENCOURT, Francisco (1998). *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- BETHENCOURT, Francisco (2009). *The Inquisition: A Global History, 1478-1834*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.
- BETHENCOURT, Francisco (2013). *Racisms: from the Crusades to the Twentieth Century*. Princeton: Princeton University Press.
- BETHENCOURT, Francisco (2024). *Strangers Within. The Rise and Fall of the New Christian Trading Elite*. Princeton: Princeton University Press.
- BOURDIEU, Pierre (1971). “Génese et structure du champ religieux”. *Revue Française de Sociologie*, XII, 295-334.
- CURTO, Diogo Ramada (1997). “Stranger Within at the time of Quixote”. *Portuguese Studies*, 13, 180-197.
- HERCULANO, Alexandre (1854-1859). *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- LÓPEZ-SALAZAR CODES, Ana Isabel (2010). *Inquisición portuguesa y monarquía hispánica en tiempos del perdón general de 1605*. Lisboa: Edições Colibri; CIDEHUS/UE.
- LÓPEZ-SALAZAR CODES, Ana Isabel (2011). *Inquisición y Política. El gobierno del Santo Oficio en el Portugal de los Austrias (1578-1653)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Centro de Estudos de História Religiosa.
- MARCOCCI, Giuseppe (2006). “«...per capelli adductos ad pillam»: Il dibattito cinquecentesco sulla validità del battesimo forzato degli ebrei in Portogallo (1496-1497)”, in Adriano Prosperi (a cura di), *Salvezza delle anime, disciplina dei corpi: Un seminario sulla storia del battesimo*. Pisa: Edizioni della Normale, 341-423.
- MARCOCCI, Giuseppe e PAIVA, José Pedro (2013). *História da Inquisição*

- Portuguesa (1536-1821)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- PAIVA, José Pedro (2011a). *Baluartes da fé e da disciplina. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PAIVA, José Pedro (2011b). “Vescovi ed ebrei/nuovi cristiani nel Cinquecento portoghese”, in Vincenzo Lavenia, Giovanna Paolin (a cura di), *Per Adriano Prosperi*, vol. 3, *Riti di passaggio, storie di giustizia*. Pisa: Edizioni della Normale, 67-85.
- TORRES, José Veiga (1978). “Uma longa guerra social: os ritmos da repressão inquisitorial em Portugal”. *Revista de História Económica e Social*, 1, 55-68.
- TORRES, José Veiga (1986). “Uma longa guerra social. Novas perspectivas para o estudo da Inquisição portuguesa. A Inquisição de Coimbra”. *Revista de História das Ideias*, 8/1, 59-70.

JOSÉ PEDRO PAIVA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

lejpaiva@fl.uc.pt

<http://orcid.org/0000-0001-5312-1138>



DOLADER, Miguel Ángel Motis (2024). *Procesos Inquisitoriales de Judeoconversas en Aragón (1484-1492)*. Madrid: Editorial Dykinson, 437pp., ISBN: 978-84-1070-467-1.

A documentação produzida pelo Santo Ofício espanhol é um tesouro que os ventos da história espalharam por toda a Europa. Esta dispersão precisa ser vencida por qualquer investigador que almeje abordar a Inquisição de forma aprofundada, seja para produzir uma história da instituição, seja para resgatar as vivências daqueles que ela perseguiu. E, uma vez na posse destes documentos, é requerida do historiador uma capacitação teórica que extraia, através da análise cuidadosa das palavras deixadas por inquisidores e réus, aspetos da realidade multifacetada em que o Tribunal da Fé existiu e atuou.

Por venturosa sorte, o livro *Procesos Inquisitoriales de Judeoconversas en Aragón (1484-1492)* combina numa só obra estas duas exigências. Sendo, essencialmente, uma compilação esmerada de vinte e cinco processos de viúvas conversas aragonesas, ela originou-se da tese de doutoramento em Antropologia Social e Cultural de Miguel Ángel Motis Dolader na Universidad Complutense de Madrid, intitulada *Vivencias, emociones y perfiles femeninos. Judeoconversas e Inquisición en Aragón en el siglo XV*. Medievalista, professor catedrático na Universidad San Jorge de Zaragoza, com uma produção académica colossal e amplo domínio teórico de um vasto conjunto de campos historiográficos como a História Social, a História Cultural, História das Mentalidades e História do Direito, comprova-se a sua extraordinária aptidão pela acumulação de três títulos doutorais ao longo de três décadas de estudos, somando-se ao de Antropologia os de História e Direito, ambos pela Universidad de Zaragoza.

Não é de admirar, portanto, que o autor tenha logrado destilar de forma magistral uma riquíssima reflexão sobre teoria da história, análise de fontes, história e historiografia da Inquisição e dos *judeoconversos* em Aragão no reduzido espaço de 46 páginas – as restantes páginas são a transcrição paleográfica dos processos. Dividido em cinco “capítulos”, que melhor seriam categorizados como tópicos, pela sua brevidade, Motis Dolader guia-nos pelo percurso do ofício do historiador, começando pela recolha de fontes e aprontamento do arsenal teórico-metodológico, passando para o afunilamento do tema, gradativamente estreitando o enfoque do quadro geral sociocultural e geohistórico do Santo Ofício em Aragão até ao átomo epistemológico da análise, isto é, as vivências femininas de *judeoconversas* viúvas aragonesas em finais do século XV. O medievalista conclui a sua intervenção com um apa-

nhado da historiografia mais recente sobre os assuntos abordados. É ao trilhar este caminho, pavimentado por Motis Dolader, que a coleção de fontes que o sucede se torna em uma ferramenta valiosa para resgatar as vozes de mulheres triplamente marginalizadas: pela sua condição feminina, por serem viúvas e ainda conversas.

De todas as armas teóricas à disposição, o autor propõe no primeiro tópico a microhistória como forma de aceder a um passado dinâmico, sempre tendo em consideração que, inevitavelmente, haverá obstáculos na captura total do seu significado, pela natureza da fonte, fruto de um contexto histórico e intencionalidade específicos, e da sua relação com o historiador, cuja sina inescapável é tentar analisar o passado a partir de um “lugar” que impinge na interpretação final as delimitações epistémicas do referencial explicativo utilizado. Não obstante, Motis Dolader defende que o esforço de reconstruir as biografias destas mulheres *judeoconversas*, quase sempre silenciadas pelas forças patriarcais dominantes da época, outorga-lhe autoridade de discurso para se desvelar, com todas as nuances que seja possível detetar, um sistema de relações e redes que se interconecta com outras escalas maiores da realidade, permitindo uma visão macro dos fatores socioculturais que influenciam as suas identidades, memórias e emoções.

Conquanto que as protagonistas destas biografias hão de ser as viúvas *judeoconversas*, é incontornável estabelecer o contexto histórico no qual elas estão imersas, e sobre isto trata o segundo tópico, embora seja muito mais do que simplesmente uma concisa recapitulação do processo de fundação e estabelecimento do Santo Ofício em Espanha, e em Aragão em particular, com foco nos tribunais de Saragoça e Teruel. Os dados apresentados por Motis Dolader procuram mensurar não apenas o impacto demográfico da Inquisição nas comunidades conversas, mas também o efeito psicológico que a instituição produziu, e pretendeu produzir, no imaginário daqueles que perseguiu. Um ponto interessante levantado pelo autor foi que o medo, principal emoção que os inquisidores queriam provocar, não era o único sentimento que se verificou, uma vez que a conjugação do castigo com a prática do perdão ou absolvição dava resquícios de esperança aos processados, o que potencializava o efeito de disciplinamento social e espiritual.

O terceiro tópico retoma questões do primeiro, desta vez tratando as fontes e a microhistória com um olhar marcadamente mais antropológico. Motis Dolader discute com maior profundidade a legitimidade das fontes inquisitoriais, problemática em que tenta responder até que ponto os processos são testemunhos confiáveis das crenças ou mesmo das palavras das mulheres que foram perseguidas, enquanto sustém a abordagem microhistórica, exaltan-

do as suas semelhanças com a descrição densa e as suas potencialidades no campo da antropologia. É com este trecho da obra que se justifica o trabalho paleográfico de transcrição de processos, sempre com a advertência de que a sua leitura literal tem pouca utilidade: o que está plasmado no papel é uma representação verosímil, porém não idêntica, do que foi dito durante os interrogatórios e ainda menos das conversas referidas nos testemunhos, que ocorreram anos, às vezes décadas atrás. A marca da oralidade (ou a perda dela) quando o notário do Santo Ofício regista as respostas de testemunhas e rés é, como chama a atenção Motis Dolader, um aspeto muito pouco considerado, com estudos sobre o tema ainda bastante recentes.

O penúltimo “capítulo” da obra chega ao cerne da questão, qual seja, as principais personagens dos vinte e cinco processos compilados pelo medievalista. O autor, uma vez mais, demonstra destro domínio de um leque de abordagens historiográficas distintas, costurando-as para formar um instrumento analítico poderoso e multifacetado, que combina História das Mulheres e das Mentalidades com historiografia de crenças judaicas e práticas jurídicas inquisitoriais, somadas ao olhar antropológico sobre a condição social feminina. Estas viúvas *judeoconversas*, a geração imediatamente posterior àquela que foi forçada a se converter ao cristianismo, encontram-se numa complexa encruzilhada de identidades e de marginalizações. Já não mais judias, tampouco eram bem recebidas no seio da cristandade, que as encarava com desconfiança e desprezo. Seus costumes, herdados dos pais, e mais especificamente da mãe, que levaram com que elas caíssem nas malhas da Inquisição, tanto podiam ser uma aderência total ou parcial à crença da chamada Lei de Moisés, como podiam ser resquícios de uma religiosidade com a qual já não havia mais conexão devocional, mas apenas a perpetuação transgeracional de hábitos familiares que, após décadas de prática, muitas destas mulheres com idade avançada já sequer se lembravam de onde os haviam adquirido (ou assim o dizem). São estes os diversos aspetos dos seus testemunhos, a partir dos quais é possível laborar uma reconstrução do ato de “rememorar”, já que os seus depoimentos são resultado de uma indagação acerca de seu passado, muitas vezes longínquo, e que a maneira de o expressar – tanto a descrição de detalhes quanto os sentimentos associados a eles – denuncia a sua vivência numa sociedade patriarcal, social e espiritualmente intolerante.

As últimas páginas da autoria de Motis Dolader consistem num estado da arte acerca do tema Inquisição e *judeoconvertos* em Aragão. Esperar-se-ia, nesta fase do livro, a mesma erudição multidisciplinar demonstrada nos tópicos anteriores. É exatamente isso, com efeito, com o que o leitor se depara nesta derradeira secção da obra, antes de entrar nas fontes transcritas. Aproxí-

mando-se da tarefa metodicamente, o historiador menciona primeiro como se encontra a produção sobre Santo Ofício espanhol, e o que há ainda a fazer, nomeadamente acerca de um cômputo da repressão inquisitorial para certos tribunais de distrito que ainda carecem deste tratamento estatístico. Em seguida, lista as reflexões e contribuições de estudiosos sobre os vários perfis sociorreligiosos dos *judeoconversos*, chamando atenção para a omnipresente polémica da veracidade do “perigo converso”, isto é, se a prática e a crença no judaísmo eram tão prevalentes quanto se dizia ser, ou se foi uma fabricação de uma Inquisição que nasceu de uma sociedade racista e imputava nos conversos culpas para justificar sua existência. As diferentes concepções encontram-se num espectro, e dificilmente se encontrará uma resposta definitiva. Para finalizar, Motis Dolader referencia o que existe de mais informativo sobre os tribunais e *judeoconversos* aragoneses em particular, e orienta novos caminhos de investigações sobre a temática.

Assim, termina a reflexão teórico-metodológica de Dolader, deixando-a como ferramenta para a análise da sua cuidadosa seleção de processos. Todavia, como dito anteriormente, esta relativamente curta intervenção possui subsídios gigantescos para qualquer investigação que queira abordar um assunto que envolva direta ou indiretamente as questões levantadas nesta obra. Esta riqueza teórica em tão poucas páginas é, sem dúvida, prova cabal dos méritos académicos deste autor.

V. ALEJANDRO MORALES

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

va.borgesmorales@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5464-2688>



CAHEN, Michel; SILVA, Cristina Nogueira da; e XAVIER, Ângela Barreto (eds.) (2024). *Slave Subjectivities in the Iberian Worlds (16th-20th centuries)*. Leiden, Boston: Brill, 322 pp., ISBN: 978-90-04-68715-8.

Publicado no início do ano de 2024, o décimo quinto volume da série “Studies in Global Slavery”, *Slave Subjectivities in the Iberian Worlds (16th-20th centuries)*, é fascinante desde o título. Contando com 14 capítulos, a obra coletiva, escrita a partir das comunicações apresentadas no colóquio internacional “Subjetividades escravas nos mundos ibéricos”, propõe-se a enquadrar a Península Ibérica e os seus territórios ultramarinos na História Global da Escravidão e a compreender este fenómeno a partir do olhar das pessoas escravizadas.

A inclusão do que os editores do livro definiram por “mundos ibéricos” na História da Escravidão não é inédita. Em termos historiográficos, a participação dos portugueses e dos espanhóis no tráfico transatlântico de escravizados é uma realidade consolidada. O Brasil destaca-se pelos estudos no campo da escravatura e, mesmo dentro da coleção que integra, a publicação não é a única a tratar do assunto da escravidão em territórios ibéricos. A originalidade da proposta e, conseqüentemente, de cada um dos textos do volume, está no estudo das subjetividades. A ambição dos autores e editores é reconstituir, mediante a análise das fontes ibéricas e sob uma diversidade marcante de abordagens, a visão que os escravizados tinham de si, dos outros e do próprio sistema escravagista, que não só integraram forçadamente, como vivenciaram diretamente.

O principal problema que os autores enfrentam é logo exposto no prólogo. Este é um problema de fontes. Afinal, as fontes disponíveis para o estudo da escravidão no mundo ibérico foram, na sua maioria, produzidas por senhores de escravizados e por autoridades seculares e religiosas, dificultando o acesso às subjetividades das pessoas escravizadas. Conseqüentemente, o livro aponta para novas formas de análise documental, focadas na compreensão da consciência, dos desejos e, também, da capacidade de agência dos escravizados.

No entanto, importa lembrar que o trabalho dos autores se apoia em correntes já muito bem desenvolvidas, como a *History from below*, a Micro-História, as Histórias das Mulheres e do Género e a História das Mentalidades, e que o potencial de muitas das fontes selecionadas para o estudo da escravidão, como processos da Inquisição, petições a tribunais e documentação

produzida pelas confrarias de negros, já foi reconhecido. A obra vai mais no sentido de reforçar e divulgar as fontes disponíveis e as novas maneiras de lê-las, criadas por uma História da Escravidão que tem vindo, há já algum tempo, a recusar a lógica quantitativa e comercial a favor do estudo das vidas dos escravizados. Além disso, o estudo das subjetividades dos escravizados não deixa de ser bastante original, além de muito relevante. Entre os objetivos do livro, destaca-se, precisamente, a necessidade de superar as dificuldades metodológicas e acessar a voz das pessoas que foram escravizadas no mundo ibérico, um desafio que, apesar dos contributos anteriores, ainda não foi ultrapassado.

Os objetivos da obra são perfeitamente localizados na introdução, que, assim como o prólogo, enriquece a leitura dos capítulos a partir de reflexões teóricas, indispensáveis na compreensão do atual estado da historiografia sobre a escravidão. Resta saber se os objetivos propostos foram cumpridos.

A primeira parte trata das subjetividades dos escravizados na Ásia. Tomando por base não o continente asiático, mas as vidas e trajetórias de escravizados de origem asiática, os autores constroem três capítulos muito diferentes, tanto em termos de fontes e metodologia quanto de objetivos e conclusões, ainda que sempre sob a alçada das subjetividades. São abordados temas que vão desde a construção étnica e identitária dos asiáticos nos mundos ibéricos às interpretações, mediante o encontro de culturas, que alguns escravizados asiáticos tiraram do sistema escravagista europeu, do qual tentaram escapar ou ao qual se resignaram. Há uma proposta ambiciosa, subentendida em todos os três textos, mas explicitada como o principal objetivo do terceiro, de compreender, de forma geral, quem foram aquelas pessoas a partir do modo como elas próprias se viam, esforço que se repete, também, noutras partes do livro.

Além disso, se o cenário das Américas, da África e do tráfico transatlântico de escravizados africanos é uma construção sólida no campo da História da Escravidão, o caso asiático ainda não foi muito estudado. Os próprios editores assumem que procuravam, para a obra, trabalhos que tratassem de realidades novas, menos exploradas historicamente, e a primeira parte do livro é uma excelente contribuição nesse sentido, não só pelas análises mais gerais, mas também a partir dos marcantes estudos de caso incluídos ao longo dos textos.

A segunda parte, composta por cinco capítulos, propõe-se a estudar as subjetividades dos escravizados nos contextos do trabalho e da religião, duas fortes componentes da vida moderna e contemporânea. A partir daqui, os estudos incidem sobre os escravizados de origem e ascendência africana e a sua

interpretação da escravatura. São analisadas as confrarias de negros, os escravizados donos de escravos, os arquétipos de género impostos às populações escravizadas e as expressões de luto e revolta face à morte e à imposição de uma vida em escravidão. Também surgem, daqui para a frente, algumas biografias e capítulos de carácter micro-histórico, circunscritos a casos específicos e ao seu significado a nível global, configurando um grande acerto metodológico no estudo das subjetividades. Destacam-se, ainda que a segunda parte do livro não tenha como objetivo último tratar de movimentos de emancipação propriamente ditos, os estudos sobre a subversão da lógica escravagista e da identidade de “escravo”, desafiada, de uma miríade de maneiras diferentes, algumas já trabalhadas no caso asiático, pelos próprios escravizados, e o estudo de uma cultura nascida da diáspora, temas que se estendem, e muito bem, para a terceira parte.

Nos últimos seis capítulos, a emancipação dos escravizados é o tema central, tanto por meio do estudo de revoltas, como a liderada por Zumbi dos Palmares, no século XVII, e de guerrilhas operadas por trabalhadores de São Tomé, no século XX, quanto por meio da análise de negociações e de embates judiciais, de que são exemplo os casos de Gana Zumba, antecessor de Zumbi, do capitão Henrique Dias, do Regimento dos Pretos, das irmandades de Lisboa e de Nazarí, Francisca Sebastiana e María Maza, mulheres completamente excluídas de qualquer posição de poder tradicional. Nesta parte, chamam a atenção não só as questões levantadas em relação às emoções e à componente racial da escravatura, especialmente no pós-facto e nos dois últimos capítulos, ambos circunscritos aos séculos XIX e XX, mas também as diferentes ações e interpretações das pessoas escravizadas sobre a sua própria condição, que incluem não só fugas e lutas, como negociações, apelações, aceitação e até movimentos de suicídio coletivo. A prática de recorrer ao tribunal e às autoridades, por exemplo, também é um dos destaques dessa parte e do livro, e representa uma face importante da experiência dos escravizados no mundo ibérico e das suas tentativas de, no mínimo, contornar sua condição de escravidão.

Slave Subjectivities in the Iberian Worlds é um livro historiograficamente atual, original, e extremamente interessante. O estudo das subjetividades é um campo impressionante, mas muito delicado, em que um autor menos atento pode perder-se com facilidade em suposições e em anacronismos. Pior ainda, num contexto em que muito se fala em agência, as subjetividades, muitas vezes lidas, nas fontes ibéricas, nas entrelinhas das ações, acabam esquecidas ao longo do texto. Enquanto isso, ao propor analisar subjetividades, o livro não perde nem seu foco, nem o rigor histórico, cumprindo com os

objetivos expostos no início, ainda que as subjetividades analisadas fiquem mais evidentes em alguns capítulos.

Não obstante o exposto, fica ao leitor a sensação de que o tema segue em aberto para novos estudos. Há também algumas pequenas faltas que importa assinalar. Numa obra cuja proposta consiste em procurar novas realidades sobre o tema da escravidão e encaixá-las num panorama global, certamente que os indígenas americanos merecem mais que a aparição como personagens secundários numa ou noutra história de escravizados de origem e ascendência africana e asiática. O estudo da escravidão ameríndia, especialmente sob a vertente das subjetividades, é um campo com muitas e inúmeras dificuldades, mas com ainda mais lacunas por preencher. Seria expectável que esta obra viesse preencher algumas.

Cumpre ainda referir a impossibilidade de se ler um livro desta importância na língua nativa de boa parte dos seus autores. Por mais que a publicação em língua inglesa seja compreensível, considerando os paradigmas que dominam hoje o panorama científico internacional, relativos sobretudo à necessidade de internacionalização da produção académica, é uma pena que a nossa historiografia tenha de se render a outro idioma para obter o reconhecimento que merece.

Resta reconhecer, por fim, que este livro merece todo o reconhecimento possível. Na minha ótica, o livro permite ao leitor romper com a desumanização característica das primeiras fases da História da Escravidão, uma vez que trata das consciências e atitudes de pessoas complexas, exercício imensuravelmente útil para aqueles que, como eu, não querem cometer o erro de contar a História da Escravidão de maneira impessoal, ignorando não só a capacidade de agência, mas, especialmente, as subjetividades dos escravizados.

JÚLIA RESENDE DE PAOLI

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

julia.depaoli.uni@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-1064-6941>



OLIVEIRA, Ana Rodrigues (2024). *Portugal – Uma História no Feminino*. Lisboa: Casa das Letras, 648 pp., ISBN: 978-989-661-939-8.

O livro aqui em análise apresenta-se como um trabalho de leitura minucioso e inequívoco da história das mulheres em Portugal. O livro é composto por estudos baseados nas vidas de mulheres de diferentes origens políticas, culturais e territoriais, bem como nas suas relações com os homens com quem conviveram. O que a autora propõe é mais do que uma coletânea de biografias. Apresenta um retrato da evolução histórica de Portugal através de mulheres de diferentes dinastias e épocas. Ana Oliveira pretende demonstrar que essas mulheres não eram apenas destinadas à reprodução. Essas mulheres têm uma história, são agentes históricos.

A introdução fornece o enquadramento global da obra, relativo ao contexto sociocultural e político-económico de cada momento histórico em que as mulheres representadas na obra se inseriram, destacando os fundamentos em torno dos seus percursos e objetivos, assim como das suas influências e atuações. Cada um dos 34 capítulos que compõem o livro explora a vivência política e social de determinadas mulheres, contada sob a perspetiva feminina. Apesar de não existir uma referência descrita no índice da obra, há uma clara divisão entre as mulheres retratadas nos capítulos 1 a 25 e nos capítulos 26 a 34. Nos primeiros 25 capítulos, as figuras femininas da realeza portuguesa adquirem particular relevância, assumindo papéis tradicionalmente atribuídos aos homens e inserindo-se num jogo de interesses e de alianças políticas entre linhagens e reinos. Sem menosprezo de outros, podemos destacar o capítulo 6, dedicado a D. Beatriz de Gusmão, infanta de Castela e rainha de Portugal entre 1253 e 1279, além de rainha-mãe de 1279 até 1303. Como parte de uma estratégia para resolver a disputa sobre a soberania do Algarve, o matrimónio da filha do rei D. Afonso X de Castela com o rei D. Afonso III de Portugal permitiria concretizar um acordo entre os dois monarcas. No contexto desse acordo, D. Afonso III concordava em ceder temporariamente o usufruto do Algarve ao seu futuro sogro, enquanto D. Afonso X se comprometia a devolver todos os direitos sobre o Algarve ao primeiro filho do casal, assim que este atingisse os sete anos de idade. O matrimónio entre D. Beatriz de Gusmão e o rei D. Afonso III aconteceu em 1253, tendo sido consumado cinco anos depois, em 1258. Como informam as fontes históricas, D. Beatriz cumpriu a função que lhe foi atribuída e pela qual o rei tanto aguardava, uma prole numerosa e também masculina. Como demonstração de afeto e confiança, o rei D. Afonso III nomeou-a como sua testamenteira, juntamente

com alguns privados do rei. Durante o reinado de D. Afonso III, que durou até à sua morte, em 1279, D. Beatriz exerceu grande influência na Corte Régia e apoiou a aproximação entre os reinos de Portugal e Castela, sendo vista como uma rainha promotora da paz e “recordada como zeladora da sua régia honra e dignidade familiar” (p. 100).

Não é possível reconstituir as trajetórias destas mulheres sem considerar os homens que viveram na sua época e que fizeram parte das suas vidas. Todavia, como se argumenta neste livro, é fundamental analisar o seu olhar, pois ele distingue-se do masculino. Ambos contribuem para a construção do tecido histórico, e até se complementam, ajudando a desnudar a realidade histórica. Essas mulheres viveram numa época em que o trono, os bens, as terras e os títulos eram transmitidos de forma hereditária ao primogénito varão. No entanto, a maioria dessas mulheres conseguiu exercer a sua influência e poder, impactando as pessoas ao seu redor e desempenhando um papel fundamental no fortalecimento de pactos e alianças.

Os últimos capítulos do livro retratam outras mulheres que contribuíram para o devir histórico. Foram mulheres que lutaram por mais direitos e por aquilo que acreditavam apesar da imposição masculina e das obrigações a que estavam sujeitas. A história de Carolina Beatriz Ângelo (1879-1911), retratada no capítulo 26, é um claro exemplo da resiliência feminina durante uma época opressora e preconceituosa. Carolina Beatriz Ângelo formou-se em medicina e fez história ao se tornar a primeira mulher em Portugal a realizar uma cirurgia e a votar em eleições, utilizando um lapso na legislação eleitoral da época. Embora fosse amplamente entendido que o voto era destinado exclusivamente aos homens, a lei não especificava claramente esse ponto. Com formação superior e sendo viúva, ou seja, chefe de família, Carolina Beatriz Ângelo considerou que atendia aos requisitos para votar e solicitou para ser incluída nos cadernos eleitorais. Tanto a Comissão de Recenseamento como o Ministério do Interior recusaram o seu pedido, mas uma decisão judicial acabou sendo-lhe favorável. Assim, Carolina Beatriz Ângelo tornou-se na primeira mulher portuguesa a votar nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, um feito amplamente noticiado pela imprensa europeia da época, tornando-a “um nome emblemático do feminismo e do republicanismo da primeira década do século XX” (p. 548). Este caso demonstra a importância da perseverança de determinadas figuras femininas na história de Portugal que souberam lutar por um pensamento próprio e por um mundo melhor.

Em última análise, verifica-se uma ausência nos estudos relacionados com a vida e memória de muitas destas mulheres. Existem lacunas nos registos historiográficos, não só pela História, maioritariamente escrita por homens,

cujos focos incidem sobretudo na dimensão político-militar em detrimento dos aspetos socioculturais em que essas mulheres se inseriram. Não obstante tenha surgido, nos finais do século XX, um desenvolvimento investigacional da história das mulheres, continuam a ser poucos os estudos que “abrem portas” à história das mulheres de forma criteriosa e documentada. Verifica-se uma carência na abordagem desta temática numa perspetiva não romantizada, onde as lacunas continuam a ser abundantes. A obra aqui em apreciação constitui, portanto, um estudo de caso relevante e interessante. Apresenta dados significativos e suscita uma reflexão apelativa de âmbito historiográfico.

O livro abordado oferece, em suma, uma contribuição essencial para um tema que ainda apresenta amplo espaço para exploração. A obra reúne uma série de artigos de grande relevância, não apenas para o estudo individual de cada caso, mas também para proporcionar uma visão abrangente do assunto sobre os diversos e complexos aspetos que marcaram a vida de mulheres, e que desempenharam um papel crucial na História de Portugal. Como afirma a autora, é necessário relembrar “que a sociedade atual é fruto de tudo aquilo que já existiu, e que essa sociedade foi, e será sempre, feita de Homens e Mulheres” (p. 13).

CÁTIA TEIXEIRA

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

catia.teixeira90@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8445-3060>



LÁZARO, João (2024). *Na Teia da Aranha. Debate público, mobilização e internacionalismo no movimento operário português (1865-1877)*. Porto: Edições Afrontamento, 329 pp., ISBN: 9789723620160.

Como refere Fátima Sá e Melo Ferreira, ao abrir o prefácio, esta obra “fazia falta”. Resultado da investigação de doutoramento de João Lázaro¹, defendida em setembro de 2021, são múltiplas as razões que justificam a sua originalidade e pertinência: na sociedade portuguesa e fora dela, é um período de várias revoluções políticas, científicas e culturais, pouco estudado sobretudo em comparação ao século XX, embora existam excelentes obras². A historiografia do movimento operário e anarquista em Portugal tendeu a privilegiar o estudo das principais organizações, personalidades e ideias. Esta obra vem dar um precioso contributo concedendo-lhe uma perspetiva internacionalista.

Situando a sua análise no período que medeia entre 1865 e 1877, o estudo prolonga a cronologia utilizada pelo autor na sua dissertação de mestrado, do Congresso Social de 1865-1866 até ao I Congresso dos Operários Socialistas em Portugal (1877). Demonstrando como o movimento operário fez parte do “espaço público” português e internacional na segunda metade do século XIX, dinamizando debates e criando organizações, foca o debate público, dentro do e sobre o movimento operário, inserindo-o no contexto do aparecimento da Primeira Internacional em Portugal e dos diálogos e polémicas com o socialismo e republicanismo que se iam formando enquanto movimentos e partidos políticos. O livro convoca ainda conceitos da sociologia histórica, como a “esfera pública” (burguesa) de Jürgen Habermas, a “esfera pública” popular de E. P. Thompson e o “espaço público” proletário de Oskar Negt e Alexander Kluge. É um trabalho que beneficia de uma análise em múltiplas escalas e dimensões para compreender como se construiu uma “teia de aranha” pela Europa com ramificações em Portugal (p. 11-13), enriquecido por uma investigação exaustiva, em arquivos nacionais e internacionais, colocando em confronto várias fontes, como correspondência internacional, privada e institucional, algumas inéditas, mostrando como universos sociais e institucionais distintos, mas interligados, debatiam as mesmas questões.

¹ Disponível em documento eletrónico: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23353/1/phd_joao_diz_carvalho.pdf.

² Em Portugal, destaquem-se os estudos, de diferente sentido e profundidade, de Maria Antónia Lopes, Vítor de Sá, Maria de Fátima Bonifácio, José Miguel Sardica, Pedro Tavares de Almeida, entre outros. Fora de Portugal, a título de exemplo, veja-se a excelente obra de OSTERHAMMEL 2014 e, ainda, a de BAYLY 2004.

A obra organiza-se em 13 capítulos. Depois de uma introdução de 3 páginas, Lázaro começa com o Congresso Social de 1865 promovido pelo Centro Promotor, cuja história trata nos capítulos 2, 3 e 4. Como aí se demonstra, as divisões e debates internos e públicos, no final da década de 1860 e inícios de 1870, culminaram na saída (e entrada) de vários sócios, levando à imploração do Centro (p. 31-45), tratada no capítulo 4. Lázaro mostra como alguns membros criaram grupos mais ou menos secretos (p. 51-56), concluindo que a morte do Centro se explica pelo abandono quase simultâneo das duas forças que o criaram: os movimentos socialista e liberal (p. 64). Os vários socialismos iriam divergir e tentar ocupar o espaço deixado vago, assistindo-se à emergência de uma nova geração socialista, imbuída no espírito de 1848 e da Comuna (1871), com José Fontana, Antero de Quental, João Bonança, Eduardo Maia, Nobre França e Azedo Gneco. A imagem do Centro denota os conflitos internos “entre o novo e o velho” (p. 296), emergindo um novo tipo de associativismo internacional, conferindo um caráter político e social ao movimento operário, a par com novas organizações de “transição”, abordadas no capítulo 5, que, embora rivais, se iriam fundir, iniciando um processo de onde sairia o Partido Socialista Português (p. 58-66).

Ao longo de toda a obra, Lázaro demonstra as ligações ao movimento internacional e a Engels e Marx. A análise da correspondência entre Nobre França e Engels, José Maria Tedeschi e Paul Lafargue, da imprensa da época, de relatos de Nobre França, José Maria Tedeschi, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, José Fontana, Eduardo Maia e João Bonança, de historiadores contemporâneos, como Max Nettlau, e bibliografia sobre o período, permitem a Lázaro descrever as informações escassas, confusas e contraditórias sobre a secção portuguesa da Internacional e a Aliança da Democracia Socialista em Portugal (p. 79-102). O capítulo 6 (o mais extenso) trata da criação da Federação Regional Portuguesa e da chegada da Internacional a Portugal, por intermédio de internacionalistas espanhóis, através dos “fios de uma teia de aranha” europeia (p. 84), inserindo o movimento português no movimento socialista europeu (p. 86). Destaca ainda a importante influência de Antero de Quental, visto como o “chefe do socialismo em Portugal” (p. 106-107), e demonstra uma crescente preocupação na esfera pública e no parlamento, servindo a figura de Marx como uma personificação do perigo revolucionário que supostamente entrava em Portugal (p. 122-132).

No capítulo 7 trata da primeira participação da secção portuguesa, representada por Paul Lafargue (genro de Marx), no Congresso de Haia, de 1872 (p. 135-145). No capítulo 8 explora o impacto da revolta na cidade de Alcoy, em Alicante, em julho de 1873, considerando-a uma das principais re-

voltas operárias do século XIX, mas ausente na historiografia portuguesa (p. 149-158). No capítulo 9, aborda a missão de um agente francês em Portugal, em 1873, em cujos relatórios e cartas para França, assinava como “Latour”, referindo José Fontana como o “ator principal” (cit. p. 178) da Internacional em Portugal e como “Karl Marx português”³ (p. 171-179). O capítulo 10 foca a vida e importância de José Fontana (p. 181-188). Lázaro posiciona-se no debate historiográfico em torno da sua dupla identidade. Depois de, segundo o autor, alguma historiografia ter reproduzido este tópico acriticamente⁴, a tese é questionada (SANTOS 1983). Lázaro debruça-se sobre os argumentos (p. 181-207), considerando a ideia romântica e atrativa (p. 191), mas apenas “uma curiosidade histórica” que serve “para romantizar e perpetuar a imagem de um herói” (p. 207).

A obra considera ainda o movimento grevista de 1872-1873, tratado no capítulo 11, como a “primeira tentativa de desencadear um movimento grevista abrangente e pujante” (p. 241), destacando que a Fraternidade Operária dinamiza o debate público enquanto comunica com o Conselho Geral da Internacional, através dos “fios da vasta teia” (p. 220). Como se demonstra no capítulo 12, este movimento levaria a uma crise, propondo-se a criação do Partido Socialista, o que acontece em 10 de janeiro de 1875, após ter enfrentado um processo de resistência inicial. O Partido veio introduzir a dinâmica eleitoral no movimento operário, embora sem trabalhadores nas listas, não tendo conseguido conquistar uma posição política significativa. Criou-se o jornal *O Protesto*, a 7 de agosto de 1875, para dinamizar a opinião pública, então considerada em “degradação” (cit. p. 270). Lázaro dedica duas páginas ao conceito de “operário-escritor”, de Jacques Rancière (p. 272-273), embora merecesse mais análise pela dualidade interessante e pouco desenvolvida entre operários e intelectuais. O Congresso Socialista de 1877, tema do último capítulo, permite transmitir uma imagem de união do movimento, que perdeu a sua fraca influência perante a criação do Partido Republicano, em 1876. Apesar disto, consagrou a existência de um Partido Socialista em Portugal, aprovando o seu programa e regulamento, e recebeu felicitações no espaço público nacional e internacional (p. 287-292). Lázaro conclui que o movimento socialista, mais que pelas alterações materiais, foi transformado pelos debates ideológicos na esfera pública e pelas tentativas de mobilização e organização, que resultaram no aparecimento de uma “opinião pública” por-

³ Veja-se um texto que Lázaro escreve, noutro lugar, sobre este capítulo: <https://www.esquerda.net/dossier/os-internacionalistas-portugueses-sob-vigilancia/93513>.

⁴ Lázaro refere-se aos estudos de Carlos da Fonseca, César Oliveira, Jacinto Rodrigues ou Maria Filomena Mónica.

tuguesa sobre o movimento operário, dinamizada por grupos que estabeleceram contactos com uma “teia de aranha internacionalista”, permitindo ao movimento desenvolver, a partir da década de 1870, uma mobilização política, social e económica.

De modo geral, é uma obra original e densa, refletindo a complexidade do período e a sua curta duração, e por isso não é de leitura fácil. Cada aspeto é esmiuçado detalhadamente, o que tem tanto de enriquecedor como de desafiante, mesmo para um leitor iniciado no tema. Tratando-se de um período confuso e pouco estudado, que só valoriza o trabalho, este teria beneficiado de mais explicações sobre as numerosas organizações e militantes que, ao serem mencionados sem contextualização, podem deixar o leitor pouco preparado, afetando a clareza e o encadeamento. O livro organiza-se em 13 capítulos com tamanhos desproporcionais, sendo que esta desigualdade não é inteiramente inteligível⁵. Não comprometendo a compreensão, o livro beneficiaria de uma revisão editorial, contando algumas gralhas. Alguns conceitos mereciam também uma explicação prévia. Por exemplo, lê-se sobre “esfera pública” e “espaço público”, mas a primeira referência a Habermas surge na página 49, e os conceitos de Thompson, Negt e Kluge não são mencionados, ou desenvolvidos. Do ponto de vista da sociologia histórica, teoriza-se pouco um conteúdo que, pelo internacionalismo e pelas redes informais, o merecia, esperando-se um diálogo entre uma bibliografia estrangeira focada nas redes internacionais. Contudo, a excelente pesquisa em arquivos estrangeiros eclipsa a falta de teorização. Trata-se, por isso, de uma obra mais expositiva e descritiva que analítica e explicativa.

Todavia, estes reparos não invalidam o enorme mérito desta investigação: ter encontrado os “fios” entre as personalidades portuguesas e europeias e ter mostrado como o movimento é trazido para Portugal e aqui se desenvolve paralelamente a um debate na “esfera pública”. Através da análise da “esfera pública” portuguesa, Lázaro explora a formação, os conflitos e os desenvolvimentos da mobilização no movimento operário, enquanto mostra como tudo se desenvolveu sob o pano de fundo de uma “teia de aranha internacionalista”. Com esta obra faz-se luz neste período historiograficamente obscuro, o que não é pouco. É um excelente contributo para a história deste movimento.

⁵ Sem contar com o Capítulo 1, que se trata de uma introdução de três páginas, o capítulo mais pequeno, o terceiro, conta com oito páginas, e o maior, o sexto, conta com 56 páginas.

Bibliografia:

- BAYLY, Christoher (2004). *The Birth of the Modern World, 1780-1914: Global Connections and Comparisons*. Maiden, MA: Blackwell Publishing.
- OSTERHAMMEL, Jürgen (2014). *The Transformation of the World. A Global History of the Nineteenth Century*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- SANTOS, Fernando Piteira (1983). “Marx e o movimento operário português (algumas notas)”. *Vértice*, 453, 28-40.

JOSÉ EDUARDO GAMA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

e23gama@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-6186-0871>



ELTIS, David (2025). *Atlantic Cataclysm. Rethinking the Atlantic Slave Trades*. Atlanta: Emory University, 442 pp., ISBN: 9781009518970.

David Eltis's *Atlantic Cataclysm* is a landmark work that synthesizes decades of research into the transatlantic slave trade, by overturning conventional narratives to present a nuanced analysis of its historical context. Unlike many contemporary treatments of the subject, Eltis eschews the political correctness that has often colored discussions of slavery, opting instead for a rigorous and dispassionate examination of the evidence. His book situates the transatlantic slave trade within the broader history of global slavery, demonstrating that the forced movement of human beings was not a unique feature of the Atlantic world but part of a much older and more extensive phenomenon.

One of the book's most striking contributions is its comparative approach. Eltis places the transatlantic slave trade alongside other historical instances of enslavement, such as the Roman Empire's massive traffic in enslaved peoples, which at its peak saw the importation of 300,000 to 400,000 individuals annually—three times the highest annual total recorded for the transatlantic slave trade in 1829. He also highlights the persistence of slavery within Europe itself, noting that Icelandic children were sold in the Bristol region as late as the early fifteenth century and that English captives taken by Irish raiders were sold into Mediterranean slave markets before 1100. Additionally, he explores the exploitation of women in European slave markets to illustrate that the oppression associated with slavery was widespread and deeply ingrained institution across multiple societies, rather than a liability which uniquely affected blacks.

Further Eltis contends that the Atlantic slave trade was not an aberration but rather a maritime extension of longstanding land-based slave systems which was more thoroughly documented than other historical episodes. He undercuts the common perception that African captives brought to the Americas were experiencing slavery for the first time. By 1865, at least 10 million people had lived under slavery in North America, with over 90 percent of them being born into bondage rather than captured and sold. This reality reinforces the understated fact that black enslavement predates chattel slavery in the *New World*. Instead, Eltis explains that blacks experienced various forms of enslavement prior to the transatlantic slave trade.

A crucial aspect of *Atlantic Cataclysm* is its thorough debunking of the idea that Africans played a passive role in the trade. Eltis presents compelling evidence that African rulers and traders exercised tremendous agency in

determining eligibility for enslavement. European merchants had to respect these rules or risk losing access to the trade. The Royal African Company, for example, was sometimes required to return captives who had been taken in violation of African norms. This dynamic contradicts the simplistic notion that Europeans imposed the trade unilaterally on Africa; rather, it was a negotiated and regulated enterprise in which African elites were active participants. Failure to comply with African rules could even result in the imprisonment of Europeans,

Eltis also dismantles the argument advanced by Walter Rodney that European merchants used the slave trade to dump inferior goods on the African market. Instead, he offers evidence that Africans were discerning consumers who rejected subpar goods. Moreover, the terms of trade were often favorable to African sellers. The Industrial Revolution, by driving down the costs of manufactured goods, improved African purchasing power rather than diminishing it. Toby Green's neo-Rodneyian claim that European traders extracted capital and surplus value from Africa through the trade is similarly refuted. Eltis argues that the transatlantic slave trade was no more profitable than other branches of long-distance trade. While some individual merchants and planters amassed great wealth, overall profits from the trade were comparable to other high-risk ventures in Europe's expanding economies.

Eltis provides striking economic data to support his argument that the transatlantic slave trade did not play a decisive role in European economic development. Africa accounted for only 3.6 percent of British exports between 1784 and 1786, and by 1824-1826, this figure had declined to less than 1 percent. Even when including exports to the West Indies as part of the broader "slave sector," the total share of British exports linked to slavery was 14 percent in the earlier period and 11 percent in the later period. Moreover, the timing of economic growth in Europe does not align with the supposed benefits of the slave trade. France's domestic economic productivity surged after plantation activity in the Caribbean collapsed following the Haitian Revolution. Likewise, Portugal, despite its extensive involvement in the slave trade, remained an economic backwater by 1850, with sluggish per capita GDP growth.

Another myth that Eltis decisively eviscerates is the claim that the transatlantic slave trade fundamentally transformed African slavery. He notes that West Central Africa had the longest association with the external slave trade, supplying 45.7 percent of all captives sent to Atlantic destinations over nearly three centuries. If the trade had dramatically altered African societies, its effects should have been most visible in this region. However, Eltis finds little evidence

that the nature of slavery in West Central Africa changed significantly during or after the transatlantic trade. Even after the end of the trade, there is minimal evidence of captives being widely employed in commodity production. Coffee production in Angola, for example, expanded only gradually.

With equal passion, he rebuffs the popular argument enunciated by economist Nathan Nunn that diminished trust in African societies is a pervasive legacy of slavery. He points out that most captives were acquired through warfare rather than raids, as Nunn suggests. Further, the very structure of the trade depended on trust: African and European traders had to maintain stable relationships to ensure the continuous exchange of captives for goods. Additionally, the benefits of the trade were not concentrated solely among African elites. Trade records show that non-elite Africans also profited, with many receiving payments for small groups of captives—sometimes just one or two at a time. The sheer number of Africans involved in buying and selling captives suggests that participation in the trade was far more widespread than typically acknowledged.

Embracing controversy, he addresses the contentious issue of compensation for slave owners following abolition. Modern critics often condemn the British government for compensating planters but fail to recognize the pragmatic reasoning behind this decision. Planters had legally recognized property rights in enslaved individuals and compensating them was a way to secure their cooperation in the abolition process. Even some free black communities, such as the Accompong Town Maroons in Jamaica, petitioned the British colonial government for compensation for their freed slaves, though their request was ultimately denied. Unlike planters, however, the Maroons lacked a powerful lobbying presence in British politics, and their interests were largely ignored.

Finally, *Atlantic Cataclysm* sheds light on the fate of Liberated Africans—individuals rescued by British anti-slavery squadrons from illegal slave ships. Many of these individuals were transported to the West Indies, where they worked as indentured laborers. Eltis examines their experiences, highlighting the complexities of post-abolition labor systems and the challenges faced by formerly enslaved people in integrating into new societies.

Throughout the book, Eltis underscores the role of rising literacy and the absence of a censorious press in fostering widespread awareness of the horrors of the slave trade. Public morality shifted as more people became informed about the brutality of the trade, ultimately leading to abolitionist movements that succeeded in ending first the transatlantic slave trade and then slavery itself.

In sum, *Atlantic Cataclysm* is a masterful synthesis of historical scholarship that overturns many entrenched myths about the transatlantic slave trade. Eltis's meticulous research and balanced analysis make this book an essential contribution to the field. By placing the transatlantic trade in its global and historical context, he not only deepens our understanding of the past but also challenges us to reconsider simplistic narratives about the role of slavery in shaping the modern world.

LIPTON MATTHEWS

Independent researcher

lo_matthews@yahoo.com

<https://orcid.org/0009-0002-2126-6847>



Caderno Temático

The Uses of the Middle Ages in the Construction of European Regional and National Identities (Nineteenth and Twentieth Centuries)

PEDRO ALEXANDRE GUERREIRO MARTINS AND MARIA AMÉLIA CAMPOS

Alexandre Herculano's "A abóbada (1401)": a parodied forgery and coarse replicas of a patriotic narrative about Batalha

PEDRO REDOL

Costume studies as a method of approaching the Middle Ages: the case of Josep Puiggarí i Llobet (1821-1903) and his Estudios de Indumentaria Española

ESTEFANÍA PIÑOL ÁLVAREZ

A Road to The North: Italy, the Lombards and the Barbarians Between National Historiography, Archaeology and Policy

FRANCESCO BORRI AND ANNAMARIA PAZIENZA

Sicilian Mediaevalism: The Refashioning of the Sicilian Vespers during the Risorgimento and the Modern and Contemporary Age

NICOLÒ MAGGIO

Approaches to Byzantine Heritage of Istanbul in Early Republican Turkish Newspapers

BİLGE AR AND SABAHAT NAĞME BAŞARAN

Conclusion: Medievalism and the South: Reflections to Conclude a Thematic Issue and Continue Research

TOMMASO DI CARPEGNA FALCONIERI

Artigos

"Making treasure in heaven": family chapels as a manifestation of the social power of urban elites (Portugal, 14th-17th centuries)

ANA RITA ROCHA

A prevenção da varíola em Portugal nos meados do século XIX (1834-1851)

JOAQUIM MELON SIMÕES

As associações de defesa do património nas políticas de salvaguarda do património cultural em Portugal entre 1974 e 1985

SOFIA COSTA MACEDO

Escola Camões, Entroncamento: um palimpsesto de arqueologia, arquitetura e memórias

LEONOR MEDEIROS

Entrevista

Colonial intelligence and diplomatic relations between empires, or how to survive in a vast Indo-Persian world. Interview with Jorge Flores

JAIME RICARDO GOUVEIA



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

UIDB/00311/2025

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



Governo da República
Portuguesa

